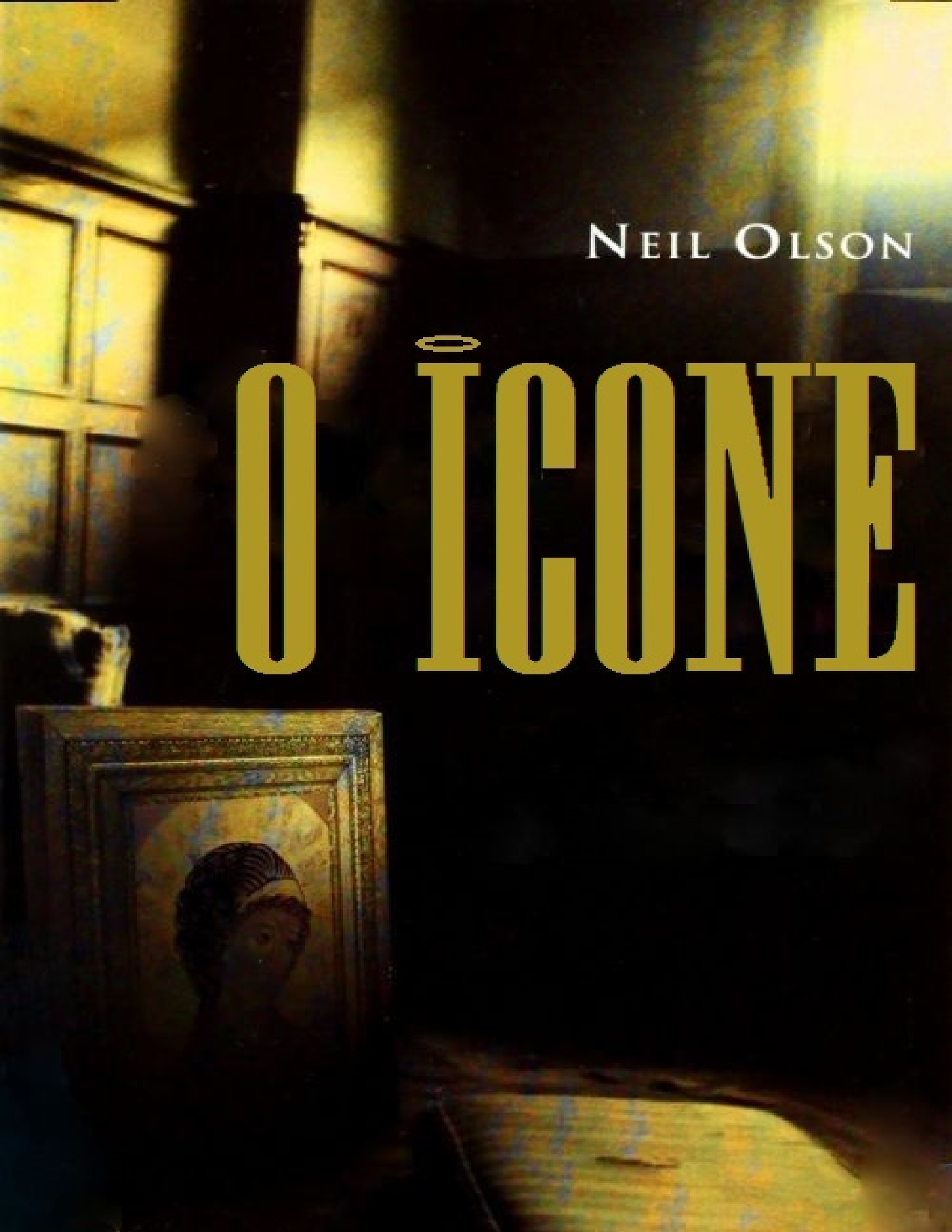

NEIL OLSON
O ÍCONE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

O Ícone

Neil Olson

Tradução: Denis Mattar

Neil Olson
O Ícone
Tradução: Denis Mattar
Copyright© 2005 by Neil Olson
Título original: The icon
Publicado em conformidade com a Harper Collins Publishers, mc.
Projeto gráfico e diagramação: CASA DE IDEIAS
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)
Olson, Neil, 1964
O Ícone / Neil Olson
Tradução Denis Mattar. - São Paulo : Editora Landscape, 2005.
Título original: The icon ISBN 85-88647-87-7
1. Romance americano 1. Título. 05-1610
CDD-813.5
Índices para catálogo sistemático:
1. Romances : Literatura americana 813.5.2005

Para Caroline

Agradecimentos

Meu agente, Sloan Harris, me forneceu inúmeras idéias para resolver os problemas que prejudicavam as primeiras versões deste trabalho e provou ser uma inesgotável fonte de paciência, perseverança e bom-humor. Dan Conaway, meu editor, leu e releu cada linha, esforçando-se para que este romance realizasse plenamente suas potencialidades, e sua compreensão dos segredos para se contar uma boa história é um talento de causar inveja a qualquer escritor. Jill Schwartzman, Kristin Ventry e Liz Farrell, todas superaram em muito o que se esperava de suas funções.

Entre as muitas pessoas cujas leituras atentas e conselhos valiosos me foram de grande valia, incluo Katharine Cluverius, Jesse Dorris, Jake Morrissey, Mary Ann Naples, Marcia Olson, Rose Olson e Olga Vezeris. Sou grato a Cameron Olson por me fornecer informações críticas sobre história militar e a Sean Hemingway por me permitir uma visita aos bastidores do Metropolitan Museum. Uma das minhas primeiras inspirações para este trabalho foram as memórias de Vasili Andreopoulos sobre a invasão nazista em sua cidadezinha em Kozani. O apoio dado ao meu esforço de escrever por toda a minha família, incluindo Brad, Laura e Big Neil, foi o que sustentou a minha fé.

Sou profundamente grato às obras de inúmeros autores, entre eles Helen C. Evans, Dan Hofstadter, John Lowden, John Juliuis Norwich, David Talbot Rice, Steven Runciman, C. M. Woodhouse e especialmente Mark Mazower. Evidentemente, todos os erros e desvios da verdade dos fatos, por razões dramáticas, devem-se à minha cabeça.

Muitos agradecimentos e o mais profundo amor a Caroline Sutton, que foi minha primeira leitora, editora, caixa de ressonância, fornecedora de nomes e cores e aliviadora de tensões - e que me acordava todos os dias às seis da manhã.

Prólogo

Verão de 1944

Épiros, Grécia.

Do topo da cumeeira do monte que tinha o nome de Adelphos, por sobre os cedros torcidos pelo vento que cobriam as cavernas, ele podia ver as Montanhas Pindos se erguendo como uma nuvem cinzenta ao leste, as cordilheiras marrons correndo para o norte em direção a Konitza e a fronteira da Albânia, e quase podia imaginar estar vendo o clarão do sol, emergindo do Mar Jônico, a oeste. Embaixo, íngremes vales verdejantes e cidadezinhas de pedra, claramente destacadas pelas altas torres de suas igrejas. O monte era um local que o capitão Elias freqüentara bastante quando criança, tempo em que sonhava com uma vida além dos limites destas montanhas: em Atenas, mais ao sul; ou além-mar nos Estados Unidos, para onde seu tio imigrara. Ele poderia vir a ser um soldado, um médico, um músico itinerante, ou um espião - a profissão não importava muito. Todos os sonhos eram sonhos de fuga. Mas, em nenhum deles ele se via voltando para estes morros, um homem caçado em seu próprio país.

Já era mais de meia-noite quando o padre Mikalis chegou à Caverna de Constantino. Mesmo que suas visitas às guerrilhas tivessem rareado nos últimos tempos, ele sabia onde encontrá-las. Elias, que praticamente já perdera o hábito de dormir, chamou o jovem padre para junto do canto em que estava, iluminado por uma lanterna. Semanas atrás, o capitão prevenira Mikalis que os alemães o estavam vigiando bem de perto e portanto todos entendiam que sua visita, naquele momento, tinha de estar relacionada a algum assunto muito urgente.

"Abençoe-nos, padre".

Mãos sujas davam tapinhas na batina negra que passava, esvoaçante, entre elas, pedindo perdão pelas coisas que tinham feito - e que continuariam a fazer -

nos dias que se seguiriam, aos alemães e também aos seus compatriotas. Como crianças, pensou Elias, observando seus homens. Brutais e homicidas até que seu padre, um homem austero, aparecesse diante deles quando, imediatamente, ficavam humildes e arrependidos. Naquele momento não era o jovem clérigo que eles viam, mas o próprio Deus, para alguns a primeira visita do Todo-Poderoso em meses, e a escuridão da caverna só fazia ressaltar este efeito. Bênçãos sussurradas foram dirigidas a eles, mas as palavras não chegavam aos ouvidos de Elias, e ele agradecia por isso. Era o único que não estava surpreso com a visita do padre.

"Seja bem-vindo, padre", disse o capitão, quando o rosto alongado e generoso de Mikalis surgiu de dentro das trevas. "Você veio para me fazer um sermão ou me acompanhar numa bebida?”

"Não banque o idiota. Trago notícias.

Elias notou, não pela primeira vez, quantas marcas profundas uma dura experiência de três anos tinha talhado nas feições do padre. Na verdade, sempre houve um traço de ancianidade em Mikalis, alguma coisa não causada por vivências terrenas, um espírito pristino que se revelava nos seus olhos negros nos momentos mais estranhos. Elias já percebera estes sinais quando ambos eram crianças. E eles continuavam lá, denotando a avidez do jovem, seu sentido de missão. Mikalis tinha presenciado verdadeiras atrocidades, tinha absolvido os envolvidos nestas atrocidades e nunca perdera a esperança. Isso requeria uma certa espécie de força, do tipo que, o capitão sabia, ele mesmo nunca tivera. E, apesar disso, o padre jamais cometera um único ato violento, jamais, com suas próprias mãos, tirara a vida de um irmão. Certamente, isso fazia toda a diferença. Padres deveriam ser assassinos. De que outra maneira poderiam compreender?

"Então, me conte estas tuas notícias", — disse Elias finalmente.

"Amanhã, os alemães vão incendiar a vila".

No meio das sombras, Spiro xingou; mas os oito se mantiveram calados.

Mais uma vez, o capitão ficou cismando o que responder. Era muito importante que ele parecesse levar a ameaça a sério, que ao mesmo tempo tinha de parecer circunspecto, manter Mikalis falando. Acima de tudo, era preciso segurá-lo lá.

"Quem te contou?".

"O que importa isso? O que é que nós vamos fazer?”

"Importa muito. Alguns nomes vão me convencer de que é verdade, outros, de que tudo não passa de rumores".

"Há poucas horas, chegaram quatro caminhões carregados de soldados. Você

deve ter visto".

"Vimos mesmo".

"Quarenta ou cinqüenta homens. Eles estão aqui por alguma razão".

"Talvez estejam procurando pela gente", sugeriu alguém.

"Não", disse Elias. "Para isso, eles trariam mais homens. Ultimamente, eles não entram nesses morros com menos de um batalhão".

"Desde que nós explodimos o depósito de combustível", comentou Spiro.

"Você se orgulha daquele ataque?", perguntou o padre. "No dia seguinte, eles fuzilaram quarenta e três pessoas na praça de Prasinohorion".

"Eu sei disso", respondeu o capitão.

"Quarenta gregos por um alemão. Você acha que foi bom negócio?”

"Um alemão e um depósito de combustível. O que importava era o combustível; eu não teria matado ninguém se pudesse catar. O pior ainda vem por aí. No Peloponeso, eles estão atacando homens armados em plena luz do dia, matando dezenas de alemães".

Elias estava consciente da inveja que transparecia em sua voz. Se ao menos ele tivesse o material humano e os recursos das guerrilhas comunistas, não teria de ficar fazendo aqueles joguinhos sujos que seus superiores inventavam.

"Tenho certeza de que isso deixa os teus amiguinhos ingleses felizes da vida", disse o padre, desdenhosamente. "Mas isso só está fazendo com que morra um monte de gente simples".

"Isto é uma guerra, Milkalis. Muito mais gente vai morrer".

"Muitos vão morrer amanhã, se você não ajudar. Os velhos vão tentar defender as suas casas".

"Isso seria uma estupidez", cortou Elias. "Mas olha, você não está entendendo. Eles vão incendiar a vila de qualquer maneira. Eles vão incendiar todas as vilas que puderem, não importa se a gente os enfrenta ou simplesmente deixa barato, mas só vão fazer isto quando estiverem prontos para sair da região, e esta hora ainda não chegou".

"Quem te disse isso? Os teus amiguinhos ingleses?”

"É assim que os alemães fazem as coisas. Enquanto nós não fizermos nenhuma operação por aqui, eles não terão razões para incendiar a vila. Senão, já teriam feito isso".

Eles se encararam através da luz da lanterna. Dois jovens, nenhum deles com mais de vinte e cinco anos, forçados a desempenhar funções que seriam mais condizentes com almas mais experimentadas. Mikalis voltara do seminário três anos atrás, dias antes da chegada dos alemães, para ajudar o já adoentado padre

Pantelis. Seis meses depois, enterrava o velho sacerdote e assumia suas funções. Os contratempos causados pela guerra impediram o bispo de nomear um novo padre e Mikalis, que crescera na vila de Katarini, tomou-se seu pastor espiritual aos vinte e um anos. Quando a guerra explodiu, Elias estava na academia militar. Era um observador de artilharia quando o exército expulsou os italianos, mas já estava de volta a Atenas quando os alemães lançaram a "Manta", um ataque devastador que envolveu e destruiu o exército grego em questão de dias. Quando o governo fez as malas e se refugiou em Creta, ele cavalgou para as montanhas do norte para ajudar a organizar a resistência. "Os velhos são fracos", dissera sua avó, antes que ele saísse de Atenas.

"Todos os homens bons estão mortos".

"As pessoas estão morrendo de fome lá embaixo", insistiu o padre.

"Eu sei muito bem disso".

"Claro que você sabe, os seus homens levaram tudo embora. Essas pessoas deram tudo para você, a comida que tinham, seus filhos, suas vidas, O que você pretende fazer por eles?”

"Não desperdiçar o sacrifício que fizeram".

"Em outras palavras, nada".

"Eu só tenho vinte homens aqui".

"Onde estão os outros? Todos os garotos das quatro vilas se juntaram a você mesmo que tenha sido somente pela comida. Você deveria ter o dobro de homens".

"Eles estão numa operação".

"Sem você?”

"Quem te disse que os alemães vão incendiar a vila?”

O padre, desgostoso, balançou a cabeça.

"Você só quer saber o nome dele. Se estiver errado, executem-no como agitador. Se estiver certo, matem-no por ser colaborador. De um jeito ou de outro, você não vai fazer nada".

O fato de que a verdade era ainda mais aterradora do que as insinuações do padre não impedia que suas palavras ferissem. Antes que Elias assumisse o comando deste grupo de andartes1 - um bando heterogêneo de republicanos, fazendeiros monarquistas e ex-soldados -, eles tinham passado mais tempo1 combatendo as guerrilhas comunistas locais do que cada uma das facções combatera os alemães. Fora necessária a intervenção dos comandos ingleses para reconciliar em parte os diferentes partidos e fazer com que eles atuassem de maneira eficaz. Apesar da profunda suspeita com que encarava os estrangeiros e

da vergonha que sentia por ter de ser instruídos por eles, Elias tinha de concordar que aprendera muito com os ingleses. Como colocar bombas. Como matar silenciosamente. Como trabalhar lado a lado com homens que poderiam ser, no dia seguinte, seus inimigos. Talvez tivesse aprendido algumas das lições bem demais. Ele vira o quanto os comunistas eram mais fortes e bem organizados; agora os italianos tinham se rendido e era apenas uma questão de tempo até que os alemães evacuassem a área. Não podia mais ignorar os avisos de seus superiores alertando-o sobre de onde viria a ameaça ao seu país, a longo prazo. Daí o detestável subterfúgio ao qual tinha de recorrer naquele momento.

"Capitão". A voz de Kosta chegou até ele vinda da boca da caverna, num tom que demandava atenção. Elias, Mikalis e os outros homens se arrastaram através da escuridão agarrando, na passagem, seus rifles velhos e muito usados. "Lá em cima. O Leftheris viu alguma coisa".

A entrada da caverna era coberta por um grupo de cedros, mas o topo dela permitia uma ampla visão de todo o vale. Leftheris agarrou a manga da camisa do capitão quando este subia e apontou para o topo de um morro a cerca de um quilômetro de distância. Elias reconheceu a silhueta negra de uma torre de igreja recortada contra o céu de um azul já escuro e depois percebeu o estranho clarão alaranjado que parecia vir de baixo. Chamas, vistas através dos vitrais. Alguma coisa correra mal.

"Parece que eles começaram mais cedo do que o senhor previa, padre", disse Kosta. "E pela sua igreja".

"Cala a boca, seu imbecil", exclamou Spiro.

Elias agarrou o ombro de Mikalis, quando o padre já começava a descer a encosta em desabalada carreira.

"Não adianta. A igreja estará totalmente tomada pelo fogo antes de você chegar lá".

"A Nossa Senhora", sussurrou Mikalis, e muitos dos homens fizeram o sinal da cruz na escuridão.

Muitos ignoravam, até aquele momento, que sua protetora ainda estava na igreja, escondida atrás de uma parede falsa. Mentalmente, Elias reviu as luzes das velas brilhando nas placas de ouro, os tristes olhos negros destacando-se na madeira quando a peça era trazida para fora, a igreja cheia de homens brutos e cínicos que se punham imediatamente de joelhos, prostrando-se num silêncio reverente. Viu que até o Cobra estava hipnotizado pela beleza dela. O amor pelo ícone poderia deitar todos os seus planos por água abaixo.

"Onde está ela?", perguntou Leftheris. "Será que alguém lá embaixo não

pode ir buscá-la?”

"Não. Ninguém sabe onde ela está".

"O que é que nós vamos fazer?”

"Deixa", disse o capitão, mas, naquele momento, todos falavam ao mesmo tempo. O incêndio não fazia parte do plano, todavia poderia servir para justificar o desaparecimento do ícone, desde que o Príncipe agisse rápido o suficiente para retirá-lo a tempo.

"Ouçam!", berrou Mikalis. "Se não da para apagar o incêndio, pelo menos me deixem salvar a Nossa Senhora. Me soltem".

"Vamos todos", exclamou Spiro.

"Não", ordenou Elias, mas sentia que seus homens não entendiam sua resistência. Raramente eles desobedeciam suas ordens e nunca o enfrentavam cara a cara mas, no caso, ele estava lutando contra um poder maior e arriscava perder o controle. Além do que, alguma coisa correra mal e ele tinha de ver o que poderia ser salvo. Agarrou o padre pelos ombros e empurrou-o na direção de Leftheris.

"Cuida deste aí", ordenou ao sentinela. "Kosta, Spiro, vocês vêm comigo".

"Mas, como é que nós vamos achar a Nossa Senhora sem ele?”

"Eu sei onde ela está".

Os protestos do padre acompanharam-nos no começo da descida pela encosta; depois o silêncio foi total. Árvores assomavam e desapareciam nas sombras. Eles cruzaram um muro de pedra baixo. Não havia uma trilha clara entre a caverna e a igreja, mas todos eles sabiam perfeitamente o caminho, mesmo na noite sem lua. Elias podia ouvir os passos decididos de Spiro atrás de si, mas Kosta era impossível de localizar, mesmo o garoto estando a poucos metros de distância. Todos tinham dito que Elias enlouquecera ao assumir a tutela de Kosta, mas ele sabia o que estava fazendo. Poucos homens conseguiam aprender a se mover rápida e silenciosamente, a entregar mensagens complicadas e codificadas, a matar sem hesitação.

Elias sentira-se um tanto inseguro ao ensinar essas técnicas pouco depois de tê-las aprendido, mas Kosta se mostrara um aluno excepcional. Eram sempre os fora da lei que melhor sabiam jogar o jogo.

O principal comerciante de Katarini era Stamatis Mavroudas, um negociante que atuava no mercado negro e era suspeito de colaborar com os alemães. Seu filho, Kosta, apesar de tolerado pelo seu bom-humor, não merecia a confiança de ninguém. Para Elias, isso não queria dizer absolutamente nada; o trabalho de resistência era cheio de transigências. E o garoto o aceitara instantaneamente,

quanto mais que o pai praticamente o renegara: que coisa mais idiota juntar-se às guerrilhas quando a guerra era uma fonte inesgotável de lucros. Agora, era difícil ver Elias sem o garoto por perto. E o capitão se perguntava o verdadeiro custo daquela amizade. Separado da família, sem outros amigos, Kosta parecia não ligar para as ocasionais mortes de seus camaradas e, quando chegava a ocasião, estava sempre ansioso por matar. Mas ele era absolutamente confiável, apto a desempenhar as mais difíceis missões com rapidez e criatividade. Elias gostaria de ter mais uns dez como ele.

Em pouco tempo, eles chegaram ao pé da encosta atrás da igreja e rastejaram até o muro ao norte do pátio fronteiro. A velha construção de pedra estava iluminada por dentro; labaredas furiosas dançavam atrás dos vitrais cobertos de fuligem. Ouvia-se claramente o estalar das madeiras queimando e o ar frio cheirava fortemente a fumaça. Através do pátio, um grupo de soldados alemães andava a roda, alguns ainda prendendo os capacetes e verificando seus rifles, aparentemente tendo chegado poucos minutos depois dos guerrilheiros e, até então, não percebendo a presença deles. Um oficial bloqueava a entrada da igreja, de onde saíam nuvens de fumaça negra. Deve ser o Müller, o homem da SS, pensou Elias, mas era difícil ter certeza naquela luz estranha. Não havia nada nas mãos do oficial; nenhum tesouro tirado de dentro. Teria ele chegado tarde demais?

O capitão xingou baixinho. O plano estava dando em merda. Desde o começo, fora uma idéia de jerico. Maldito Cobra que o convencera a entrar nessa!

"Spiro, vai até lá e veja se a entrada da cripta está livre".

O velho andarte se esgueirou silenciosamente.

Agora, o oficial alemão - definitivamente era mesmo o Müller, o Príncipe, como era chamado -

estava indo embora, caminhando pelo lado sul da igreja, acompanhado pela maioria dos soldados. Houve uma rápida troca de olhares entre o capitão e Kosta, e o garoto desviou rapidamente os olhos. Estaria com vergonha do seu capitão, envergonhado do que ele mesmo sabia? Kosta era a única pessoa, além do Cobra e de Müller, a conhecer os planos do capitão, porque fora o mensageiro encarregado de levar os recados quando Elias estava ausente. Talvez este segredo fosse grande demais para ele...

Ouviu-se um estalar de galhos na base da encosta atrás deles e os dois guerrilheiros levantaram seus rifles, prontos para disparar.

"Parado!", exclamou o capitão.

Mikalis emergiu do meio das árvores, correndo desabalado, com Leftheris nos seus calcanhares.

Kosta agarrou o padre, jogando-o no chão.

"Desculpe", sussurrou Leftheris, incapaz de olhar o capitão nos olhos.

"Ele disse que, se não o soltasse, eu iria para o inferno".

Elias não perdeu tempo recriminando seu homem, mas olhou para o padre com a cara fechada.

"Ameaçando com a perdição para conseguir seus objetivos! Você me surpreende, padre!”

"Irmão, eu preciso entrar naquela igreja!”

"Está vendo aqueles soldados?”

"Eles não vão atirar em mim".

"A porta da frente está tomada pelo fogo. Não dá para passar".

"Então vamos por trás. Ou pela cripta".

Como se em resposta, Spiro apareceu por trás do capitão.

"Pela cripta não vai dar. Está cheio de alemães por ali".

"Então vamos por trás", insistiu Mikalis. "Pelo meio das árvores, ninguém nos verá".

Novamente, os homens estavam loucos para fazer alguma coisa e o capitão não tinha como justificar sua inanição. E também não podia largar o abalado padre na mão de mais ninguém.

"Venham atrás de mim. Do meu lado esquerdo, e coladinhos comigo, entendido?”

"Certo".

Eles contornaram a linha de árvores pelo lado norte e chegaram aos fundos da velha construção de pedra, onde ficava a entrada privativa do clérigo, escondida nas sombras. O fogo tinha realmente começado na frente, mas eles podiam ver seu progresso através das altas janelas sombrias. Era evidente que boa parte do interior da igreja já estava tomado pelo fogo.

"Tarde demais", Comentou Leftheris, lamentoso.

"Não". O padre começou a tentar passar à frente do capitão, que o agarrou.

"O Leftheris tem razão".

"Me deixa pelo menos tentar. O ícone...".

"É só madeira e tinta, Mikalis. Desista!”

O rosto alongado virou-se para Elias, testa contra testa, sussurrando.

"Você não sabe de nada. Têm coisas que você não pode ver".

"O quê?”

"Mas mesmo que você tivesse razão, a fé pode instilar poder nos objetos. Há séculos, a Nossa Senhora cura os doentes desta região; ela significa tudo para esta gente".

O capitão não tinha uma resposta pronta. O culto pelo ícone sempre lhe parecera uma obsessão de velha carola, uma coisa que seu pai ridicularizara, como ridicularizara todas as religiões, uma coisa que os jovens das vilas locais aprenderiam a rejeitar, ou simplesmente ignorar. Elias não era comunista, mas era um homem com visão mais ampla e uma idéia mais aberta do mundo, onde a ciência triunfava sobre a superstição e a adoração à Mãe de Deus não governava as ações dos homens. Atenas lhe fizera sentir o gosto por aquele novo mundo, mas talvez ele tivesse ficado lá tempo demais. Ou talvez tivesse cometido um erro ao voltar para aquele lugar. Seus jovens combatentes confiavam nos padres até menos do que ele, mas, nos momentos de medo, não se voltavam Uns para os outros, como seus irmãos com os comunistas, mas para Deus, para a Panayia2, a Mãe que tudo perdoa. Como podia ser? Se os padres e as velhas carolas não tinham ascendência sobre eles, de onde surgia esta crença? De onde Mikalis, cujo próprio pai era um completo ateu, tirara sua fé? E como poderia Elias encarar tamanha fé depois de ter-se envolvido naquela tremenda tramóia?

"Escuta aqui".

Não havia nada a dizer. De um jeito ou de outro, suas palavras não fariam o menor sentido, mas naquele momento o capitão percebeu sombras se movendo entre as sepulturas, do outro lado da igreja.

Eram Müller e seis ou oito soldados procurando pela entrada dos fundos. Eles tinham vindo pelo caminho mais longo, mas chegariam aos andartes em poucos momentos. Distraído, Elias reduziu a força com que agarrava o padre. Foi o que bastou; Mikalis escapou e saiu em disparada, escalando o muro arrebentado e se dirigindo para a porta nas sombras. O capitão gelou; não havia mais o que fazer. Aparentemente, os alemães reconheceram a batina negra e não atiraram, mas um dos soldados deu um passo à frente para interceptar o clérigo.

"Alto! Alto!”

Ouviu-se um disparo de rifle à esquerda do capitão - o velho Mãnnlicher de Spiro - e o soldado caiu pesadamente, estendendo-se no chão. Um segundo depois, rajadas vieram do outro lado, arrancando lascas do muro de pedra e os guerrilheiros se jogaram no chão enquanto os alemães buscavam se proteger.

Mikalis cambaleou sobre o corpo do soldado caído, mas conseguiu se pôr de pé e desapareceu pela entrada.

Elias, acalmado pela interrupção do tiroteio, imediatamente deu ordens para

que seus homens se espalhassem ao longo do muro e atirassem tão incessantemente quanto pudessem, parando apenas para recarregar. Pontaria não era um fator importante. As cruzes e as lápides estreitas não davam aos alemães proteção suficiente; sua única esperança era a própria parede da igreja - e como somente um ou dois homens por vez poderiam disparar daquela posição, os guerrilheiros facilmente conseguiriam mantê-los sob fogo constante, disfarçando assim seu pequeno número. Quando o resto dos alemães chegasse, provavelmente em poucos minutos, seriam quatro homens contra cinqüenta, mas talvez o padre aparecesse antes disso.

Então, subitamente, uma segunda figura estava escalando o muro e correndo para a porta. Uma camisa e um lenço preto, correndo abaixado e silenciosamente. Kosta. Que diabos o garoto estava pretendendo? Ele não tinha nenhum amor por padres ou ícones, mas fazer o quê? A decisão já estava tomada e executada. Como recarregar seu Enfield era um processo lento, o capitão jogou o rifle de lado, sacou sua pistola e atirou às cegas apontando para as sombras, um desperdício de valiosa munição. Spiro e Leftheris também aumentaram a freqüência de seus disparos, e Kosta entrou correndo pela porta.

O capitão Elias inclinou-se para recarregar sua pistola e pensou na sua posição. Estava em palpos de aranha, e não havia como sair da enrascada. Spiro não devia ter atirado, mas provavelmente pensou que Mikalis estivesse em perigo. O soldado alemão morto custaria muito caro à vila, a não ser que Elias conseguisse ajeitar as coisas com Müller. O mesmo Müller com quem agora estava trocando tiros, um mal começo para uma tentativa de negociação. Para o diabo com tudo! Se ele tivesse os homens que o Cobra convocara para reaver as armas, ele poderia mandar a porcaria do plano para as favas e matar o maior número de alemães que conseguisse! Não, isso seria uma outra besteira, outro ato impensado, outra vez culpa sua.

Não importa. Dos bosques ao norte, quase atrás deles, ele pode discernir o som de rifles sendo engatilhados. Da alameda atrás da igreja, o bater de botas no chão. Em poucos minutos, eles estariam cercados.

"Retirada!”

Correu ao longo do muro até onde estavam Leftheris e Spiro e, como eles não parecessem escutar, ele agarrou o cano dos seus rifles e ergueu-os para o céu.

"Retirada, porra! Não para a caverna, caralho, para o velho monastério!”

Uma corrida de oito quilômetros, empreitada difícil para o velho Spiro, mas os alemães não os perseguiriam até tão longe no meio da noite e eles não

podiam, em nenhuma hipótese, expor a caverna.

Lentamente, seus homens obedeceram, desaparecendo no meio das árvores e deixando o capitão sozinho. Ele correu de volta para a posição, numa abertura do muro quebrado, que era mais próxima da frente da igreja, esperando não ser visto. Uma pesada rajada de metralhadora, partindo de um ponto entre as sepulturas, devastou o ponto onde Elias e seus homens tinham estado meio minuto antes. Rastejando, ele foi até a lateral da igreja e ergueu-se, colado à parede. O alto vitral sobre sua cabeça já tinha se estraçalhado com o calor. Pressionando o lenço contra o rosto, Elias deu uma olhada no interior da igreja. O fogo já começava a diminuir na parte frontal, tendo consumido tudo o que podia, mas ainda era intenso no fundo da igreja. O altar e o velho iconóstase estavam perdidos no meio da fumaça. Veneráveis bancos de madeira estavam envoltos em chamas, traves da madeira do teto estalavam ameaçadoramente. A igreja era antiga, muito do que continha era de séculos atrás e, mesmo sendo ateu, o capitão sentia a perda. Ele não podia ver o local onde o ícone estava escondido, e não havia o menor sinal de presença humana.

Jogou-se no chão novamente. Ouviu vozes e passos apressados nos bosques em volta. Uma lanterna balançou violentamente. Eles estariam ali a qualquer momento e não haveria mais ninguém a não ser seus companheiros alemães, escondidos no meio das sepulturas. Com alguma sorte, os miseráveis atirariam uns nos outros. Elias rastejou até a frente da igreja.

Os poucos soldados que tinham estado entre as lápides já haviam abandonado seus postos, presumivelmente juntando-se às tropas que chegavam. Isso tinha deixado a entrada da frente livre, caso os homens que estiveram dentro da igreja tivessem conseguido escapar do fogo. Mas a passagem para a cripta ainda parecia ser a rota mais provável. A uma distância segura do inimigo, o capitão voltou a entrar no meio dos bosques onde, rapidamente,jogou seu rifle e sua cartucheira na cavidade do tronco de uma árvore.

Depois, enfiou sua pistola embaixo do colete. Qualquer pessoa que enxergasse bem, com a ajuda de um pouco de luz, poderia identificá-lo como um andarte, mas, nas circunstâncias, aquilo era o máximo que podia fazer. Ele precisava chegar até a vila. Em sua mente, as terríveis possibilidades daquela noite já se agitavam, tenebrosas. Tinha três lugares a investigar, quatro homens a encontrar e algumas perguntas bem difíceis a responder. Então, teria de acertar as coisas com o Príncipe.

Pela manhã, tudo estaria mais claro, mas algumas dúvidas persistiriam por toda a vida. Seis semanas depois, ao abandonar a região, os alemães

incendiariam Katarini completamente, não deixando pedra sobre pedra.

---

(1) Em grego no original. Em português, “guerrilheiros" (N. T.).
2 Em grego no original. Em português, "Nossa Senhora" (N. T.).

Parte 1

Primavera de 2000

Cidade de Nova York

1

O céu abertamente azul que o oprimira por dias a fio se fora, substituído por uma sólida capa de um cinza plúmbeo e pelo som de chuva no quintal. Ele ainda conseguia ver a gigantesca massa marrom, silhueta dos fundos de um velho hotel, mas as folhas molhadas e os galhos da enorme árvore estavam agora fora do campo da sua visão deficiente. A enfermeira asseverava constantemente que a árvore continuava lá e ele aceitava a palavra dela. Afinal de contas, ela estivera lá por quarenta anos ou mais, muito antes que ele se mudasse para essas cabines assombradas. Continuaria lá depois que ele se fosse, O que era tranqüilizador.

Ele aprendera a ser grato pelas coisas comuns que podiam ser mantidas nesta cidade desatenciosa.

Já não mais era necessário que estas coisas durassem indefinidamente. Uns poucos anos mais, talvez até menos, já estaria bom. Melhor não pensar muito nessas coisas, era o que sua neta lhe dizia sempre. Absurdo.

Aquilo era o único assunto que ele tinha para pensar; era a única coisa que fazia algum sentido pensar a respeito. Sua esposa e filhos tinham partido, antes dele. Ele não falava com ninguém a não ser a enfermeira e a garota, quando ela tinha um tempinho para ele, quando não estava em Londres ou na Califórnia, gastando o dinheiro dele. Podia imaginá-la naquele exato momento, examinando cuidadosamente as paredes de alguma elegante galeria de arte em Santa Mônica, vasculhando todas as salas amplamente iluminadas, tomando decisões precipitadas, das quais se arrependeria facilmente. Um Hockney ou um Thiebaud sendo embrulhado, ou talvez algum novo artista, ainda menos talentoso, que ela acabara de descobrir. Abominável.

Por que ela tinha de ter herdado seu interesse, mas não seu gosto? E onde diabos ela colocava todas as peças que comprava? Naquela altura, ela já deveria

ter enchido as paredes de todos os seus flats. Seria possível que estivesse pendurando-as nas paredes em volta dele, escarnecendo da sua cegueira cada vez mais completa?

Não, ele não achava que ela o detestasse a este ponto, mas, mesmo assim, perguntaria para a enfermeira.

Claro que não teria como saber se a enfermeira lhe diria a verdade. Afinal de contas, ela estava roubando seus livros. Mas, tudo bem; ela podia ficar com eles.

Os livros tinham sido seu consolo desde a infância. Era um amor mais antigo e, ele percebia agora, muito mais gratificante que as pinturas, que se tinham tornado uma triste obsessão, uma chama brilhante que consumira as décadas intermediárias da sua vida, Os livros jamais o desapontaram. Ele nunca se preocupara em adquirir primeiras edições, mas provavelmente tinha muitas. Não tentara manter os volumes intactos, nunca os tratara como objetos de arte. Eles eram para ser usados, preferivelmente muitas vezes. Muitos de seus livros tinham sido manuseados muitas vezes e estavam orgulhosamente puídos. Ele amava o que eles continham. Não exatamente conhecimento, ou mesmo sabedoria - só um tolo busca encontrar sabedoria nos livros, meu Deus, que idiotice! Histórias, querendo dizer o caos da vida tornado coerente, era isso que o impelia. Seu pai chamava de mentiras os romances que ele lera quando garoto. Certo, mas que belas mentiras, que mentiras úteis num mundo de verdades duras e vergonhosas. Até mesmo as biografias, as memórias, os ensaios: Boswell, Augustine, Montaigne, todos grandes mentirosos. Quem se importa? Eles chegavam a um âmago verdadeiro.

Seria possível que, sessenta, setenta anos atrás, ele havia se envolvido com as pinturas com expectativas semelhantes, com tanta necessidade? Já não se lembrava, mas era de todo possível. De alguma forma, os valores determinados pelo mundo, por homens como o seu pai, a filosofia do entesouramento, do amealhar tudo o que fosse possível, tinha obscurecido sua mente. Ele se tornara um especialista, um grande mestre no jogo de comprar barato, esquecendo-se da razão pela qual decidira jogar. Estava cheio de histórias das quais se lembrava de ter contado repetidas vezes, cheio de orgulho, nos clubes de Zurich ou daqui mesmo, em Nova York. Contos cheios de triunfo, trocando tal pintura por aquela outra, conseguindo comprar um quadro bem debaixo do nariz de outro interessado. E seus oponentes, derrotados tantas vezes, estavam sentados na mesma mesa que ele, rindo com ele. O diletante, o banqueiro que conseguia ludibriar o mais experiente marchand. E as histórias eram sempre sobre os negócios, nunca sobre as pinturas.

Bem, isso não era exatamente verdade. Era uma simplificação exagerada. As conversas no clube não influenciavam suas decisões pessoais; eram duas coisas diferentes. Ele amara as peças que colecionara, claro que amara. Não havia outra explicação para as escolhas que fizera. Tinha sido amor, e não ambição, o que motivara as opções que fizera. Esta era a única explicação lógica. Sua única esperança de perdão, era que tinha agido movido pelo amor.

Ele apertou o botão familiar, no braço da cadeira e ouviu a campainha soando nas dependências da enfermeira no andar de baixo. Ela poderia ao menos lhe dizer que livros estava levando, mas claro, isso já seria uma confissão. Como fazê-la saber que ele não se importava? Ele poderia até mesmo recomendar a ela os livros mais condizentes com sua inteligência limitada. Isto, se ela os estava lendo ou dando para amigos.

Meu Deus, e se ela os estivesse vendendo? Isto seria indesculpável! Não, se ela os estivesse vendendo, tinha de ser impedida.

Os livros. Ele já não era capaz de enxergar as letras a ponto de poder ler, nem mesmo nas edições de corpo grande. Era sua neta quem lia para ele, basicamente poesia. Ela lia de maneira afetada, um pouco falsa, mas ele suportava aquilo, compensado pela linda voz dela; uma voz deliciosa. Recentemente, no entanto, o tom da voz dela se tornara distraído, ela hesitava quando ele lhe pedia que lesse esta ou aquela passagem, e ele lhe dissera para parar. Ela protestara, mas ele sabia que estava aliviada. De qualquer maneira, atualmente ele raramente a via. Alguma coisa tinha mudado, ela já não podia mais ser a velha e boa garotinha. A enfermeira era uma péssima leitora; só a Bíblia a inspirava. Ele tentara os livros em áudio, mas era impossível, aqueles atores abomináveis, interpretando textos dos quais não entendiam patavina. Portanto, fim dos livros. Era o golpe mais cruel que ele recebera desde a morte do filho. Um golpe mortal, ele suspeitava. E a garota ainda se perguntava porque ele estava obcecado com a idéia da morte! O que mais restava?

Apertou o botão novamente e, de repente, a mulher estava na frente dele bloqueando a luz da janela, o rosto na sombra. Vista daquele ponto de vista, ela parecia mais inteligente.

"Estou bem aqui, Sr. Kessler".

"Já percebi". Há quanto tempo ela estivera lá, lendo os pensamentos refletidos na expressão dele?

Ou pior ainda, lendo seus lábios? Aparentemente - era o que algumas pessoas lhe tinham dito - ele adquirira o hábito de verbalizar suas elucubrações.

"O senhor quer alguma coisa para comer? O senhor ainda não comeu nada

hoje".

Sempre a droga da comida. Ele entendia que estas atividades básicas poderiam ser negligenciadas sem as contínuas lembranças dela, mas mesmo assim detestava a insistência. Ele tinha de manter sempre as rédeas da conversa, ser sempre o primeiro a falar, fazer com que ela obedecesse seus comandos, do contrário sofreria sempre as intermináveis séries de perguntas sobre sua dieta, sua digestão, sua higiene. Mas o diabo era que ele nem conseguia lembrar-se do nome dela.

"Quer que eu peça para o André preparar alguma coisa para o senhor? Uma canjinha, ou um sanduíche leve?”

"Diana". Era isto! O mesmo nome da deusa, ou da princesa morta. Tinha de se acostumar a usar o nome dela quando pensava sobre ela, parar de pensar nela como "enfermeira". "Diana, quero ir para a capela".

Ele ouviu o suspiro dela e o ignorou. As manipulações dela já não o sensibilizavam; ele sabia o que queria. Contemplação, não comida. Afinal de contas, ela era empregada dele, porra! Ele ficou calado, sem repetir o pedido, determinado a não deixar transparecer seu desespero. Então, de repente, ela estava atrás dele e eles estavam se movendo. Teoricamente, ele podia fazer aquilo sozinho. A cadeira era motorizada e ele instalara o elevador há muitos anos, depois de ter despencado da escada estreita. Mas, com sua visão cada vez pior, até mesmo encontrar o caminho por entre os móveis era perigoso e ele morria de medo de ter um ataque no elevador, incapaz de pedir socorro, morrendo sozinho naquele caixão mecanizado. Poderia levar horas até que o encontrassem.

As portas do elevador se fecharam enquanto desciam e Kessler agarrou nos braços da cadeira. Ele nunca conseguira aprender a gostar daquela engenhoca, mas ela permitia que ele se movimentasse livremente dentro de casa, não ficando preso a um único andar, com todas as limitações de mente e espírito que aquilo acarretaria. Na verdade, na maior parte dos dias, ele não se sentia com vontade nem de levantar da cama, mas alguma coisa sempre o impelia a se mexer, mudar de lugar, respirar ar puro. Algumas vezes, ele chegava até mesmo a ir ao parque, se conseguisse convencer a garota - não, a garota não, como é mesmo o nome dela? Christiana. Chris, para seus colegas de escola, apelido tão engraçadinho, bem americano. Para ele, ela era Ana. Ele ficara tão afeiçoado à criança antes da morte de Richard e, aparentemente, ela sentia a mesma coisa por ele. Visitava-o freqüentemente, acompanhava-o nos seus passeios diários, uma honra que ele não permitira a ninguém, antes dela. Levando-a a todos os museus e galerias,

conversando sobre arte, o expressionismo alemão, o surrealismo. Ela queria conhecer tudo.

Então os jornais estamparam as histórias, negócios sujos realizados durante a guerra. Claro que seu nome não fora mencionado, mas o nome do seu banco aparecia e ele era bastante conhecido. Incômodas perguntas foram levantadas dentro da família, raramente verbalizadas, mas sempre suspensas no ar. E depois a sua primeira doença séria, o filho assumindo o comando dos negócios, o controle interrompido pela morte dele. Aí, a mãe de Ana proibira as visitas da filha. Ninguém lhe dissera isso, mas ele sabia que só podia ser assim. A mulher de Richard o odiava, achava que ele era culpado pela morte do marido. Ele achava a mesma coisa. Depois de formada, Ana voltara a procurá-lo e eles viveram anos maravilhosos. Ele fez a sua primeira viagem a Londres com ela, apresentou-a a marchands e donos de galeria, comprou peças para a crescente coleção dela. Em algum momento, entre o primeiro ataque dele e o casamento curto e infeliz dela, Ana parou de visitá-lo com tanta assiduidade. Havia uma porção de razões possíveis, mas ele achou que a garota se cansara dos seus freqüentes acessos de depressão, seu desinteresse mental e físico. Uma coisa da qual ela não se cansara fora o seu dinheiro, isso era certo. Era sua última arma para mantê-la próxima.

Eles percorreram o andar térreo da mansão de pedra, até chegar a uma passagem em arco nos fundos da casa. Diana não entraria. Isso, para ele, estava ótimo. Ele resolvera parar de tentar descobrir se ela se ofendia com seus gostos religiosos um tanto ecléticos, simplesmente se assombrava com o lugar ou, de alguma maneira, intuíra que a construção fora paga com sangue alheio. Não importava. Há muito tempo seu refúgio privativo, a capela passara a ser ainda mais do que isso, um lugar destacado do resto do mundo, um lugar onde não era permitida a entrada de ninguém, mesmo que alguma pessoa chegasse a querer entrar, coisa improvável. Na verdade, ele não se lembrava da última vez em que a capela fora visitada por outra alma que não a dele. Os passos de Diana estancaram. Ele agarrou os controles do motor e cruzou o arco da entrada.

Décadas atrás, o lugar fora uma espécie de solarium, mas ele percebera prontamente como aproveitá-lo. As paredes tinham sido reforçadas, um teto oval, em forma de domo, fora instalado, um projeto mais bizantino que ocidental. Os seis vitrais tinham vindo de uma igreja bombardeada da Alsácia.

Havia uma dúzia de painéis de madeira, originários da Hungria, retratando os estágios da Via Crucis. Havia também alguns candelabros italianos ricamente decorados, se bem que enegrecidos, que ele raramente se dava ao trabalho de

acender. Nenhuma dessas peças era muito valiosa, se comparada com as outras obras que ele possuía, mas todas elas lhe davam um prazer e um conforto que nenhuma de suas demais obras era capaz.

Na parede do fundo, ligeiramente mais alto e servindo de retábulo, ficava o painel bizantino. Mil anos mais antigo do que qualquer outra peça do local, era seu tesouro maior, mesmo que não tivesse correspondido às grandes expectativas criadas no momento da sua aquisição. A face e as mãos da Virgem tinham desbotado ainda antes que ele tivesse adquirido a obra. Agora, com exceção daqueles olhos negros ele, com sua visão deficiente, mal conseguia ver algum detalhe. O que enxergava lhe parecia ser um manto de um marrom profundo, envolvendo uma espécie de ser espectral. Não o que o artista pretendera, mas mesmo assim bastante eficiente. Kessler conduziu sua cadeira motorizada por toda a extensão da capela, até se colocar em frente da imagem.

Müller nunca tivera a intenção de desistir daquela peça. Inicialmente, Kessler a conseguira apenas em custódia, mas, quando a situação se tornou irreversível, em 1945, Müller precisava de dinheiro para escapulir. Dinheiro, uma identidade suíça, um salvo conduto. E Kessler arranjara tudo, com seus próprios recursos, não do banco. Não tinha sido, nem de longe, o único tesouro a passar por suas mãos e o banco e seus diretores tinham se apossado de muitos quando os legítimos donos tiveram de sumir na efervescência da guerra, mas aquela era a única obra que ele guardara para si. Ao contrário das insinuações maliciosas que, ele sabia muito bem, tinham circulado, ele tinha pago por todas as outras peças daquela capela e da casa, de maneira legal e às claras. Verdade que se aproveitara de sacerdotes emocionalmente arrasados e aristocratas falidos, cujas necessidades temporárias eram maiores que o amor à arte. Não se orgulhava disso, mas negócios são sempre uma questão de oportunidade. Alguém sempre levava vantagem, e antes uma pessoa como ele, capaz de reverenciar as obras apropriadamente.

Ninguém sabia a verdadeira história do ícone; ao menos Kessler nunca ouvira nada a respeito.

Alguns diziam que ele estivera na igreja daquela vila por séculos. Outros, que fora propriedade de uma longa série de déspotas gregos e muçulmanos, sacerdotes, ladrões, desde Ali Pasha e, seguindo uma linha que se perdia no passado, até Constantino XI, Palailogos, o último imperador bizantino. Quase certamente, o ícone estivera em Constantinopla, muito antes da queda da cidade, até mesmo antes da primeira iconoclasia. Uma história cercada de rumores, impregnada de mistério.

Sua visão deficiente tornou-se ainda mais borrada quando seus olhos se umedeceram. Não por devoção, ou amor a Deus. Era simplesmente o medo que o levava às lágrimas, medo do seu fim iminente e do que o esperava depois, tristeza por tudo o que seria perdido, os entes queridos, os amigos, um mundo que ele entendia, sua juventude e vigor, sua visão e inteligência, tudo acabado, irremediavelmente. Fechou os olhos. Rezar, como sempre, era impossível. Ele não era tolo a ponto de pedir alguma coisa aos céus - nem mesmo uma explicação -, portanto por que razão rezaria, e para quem? O melhor que podia fazer era ficar em contemplação, uma meditação sobre seu passado e seus pecados e, diante dele, a Virgem, a mais clemente entre os governantes do céu, para testemunhar sua alma completamente exposta, para conceder, se achasse apropriado, o perdão que ele não podia pedir. Era um ato patético, como chorar na esquina até que mamãe fosse buscá-lo em vez de confessar seus erros ao pai, mas era o maximo que ele podia fazer. O céu tinha de vir apanhá-lo no meio do caminho, ou abandoná-lo aqui embaixo.

Ele quase chegara a confessar para Ana, no delírio de uma de suas febres. O peso de sua culpa em relação a Richard era imenso; premia toda a extensão de sua vida, esmagando tudo. Não havia ninguém a quem contar e nenhuma esperança de conforto sobre aquele assunto, mesmo que pudesse se abrir com alguém. O que fora mesmo que dissera para a garota? Ele não se lembrava, mas não podia ser muita coisa; ele nunca mais voltara a falar do assunto. Mas havia aquele distanciamento da parte dela, aparecendo cada vez menos. Será que a retração acontecera na mesma época? Novamente, ele não conseguia se lembrar.

Todos os últimos acontecimentos da sua vida pareciam indistintos. Sua memória estava como que fragmentada, as pequenas lembranças que vinham à tona eram sempre indesejáveis - um primeiro amor não correspondido no qual ele não pensara por setenta anos, terrores infantis, a figura ameaçadora do pai, o rosto contorcido pela cólera, um instante antes de lhe bater. Sua mãe, cujo rosto já não conseguia recompor, somente a suavidade das mãos, da voz dela.

Talvez tivesse dormido; não tinha certeza. Quando voltou a abrir os olhos, a capela parecia mais escura e o ícone brilhava com uma radiação da qual já ouvira falar, mas nunca testemunhara. Um sorriso irrompeu pelos músculos rígidos do seu rosto e ele sentiu uma presença atrás de si. Esta não era uma sensação nova, nem inesperada, mas era rara, era apenas a terceira ou quarta vez que a experimentava e, somada à estranha aura que cercava o ícone, devia ser o presságio de alguma coisa. Sentiu um tremor no topo da cabeça e podia jurar que todas as suas extremidades estavam se aquecendo, até mesmo os pés, perfeitos

estranhos para ele nos últimos dez anos. Moveu os controles com a mão direita e a cadeira fez uma curva de noventa graus, fazendo com que ele ficasse de frente para o vitral que retratava, em vermelho e dourado, a figura de Cristo carregando a cruz no ombro. Dentro da capela, as sombras pareciam ter-se aprofundado, mas ainda entrava alguma luminosidade pelo arco da porta de entrada e, recortada contra esta luz, no canto mais extremo da sua visão periférica, havia uma figura.

Um velho sacerdote grego, a quem Kessler permitira ver a obra anos atrás, lhe dissera que o ícone tinha perdido sua força mágica. Claro que ele não usara a palavra "mágica". "Energia", talvez, ou "espírito", isto, o espírito tinha deixado a imagem, dissera o velho, tão próximo do ícone que podia beijá-lo, os cabelos longos e cinzentos balançando no ar. Aparentemente, ele conhecera o ícone no tempo anterior à guerra, tinha rezado na frente dele na sagrada igreja de pedra daquela pequena vilazinha em Épiros. Sabia que ele era muito mais antigo do que acreditavam os habitantes locais e possuía poderes ainda mais ancestrais. Tinha sentido - como era mesmo que ele dissera? - uma presença viva na madeira. Mesmo sendo quem era, Kessler sentira sua respiração suspensa ao ouvir aquelas palavras. Mas agora o espírito se fora, insistira o sacerdote, desmanchando, num instante, a atmosfera de encanto que criara. Alguma coisa acontecera, alguma dessacralização, um estranho esvaziamento, talvez conseqüência da remoção do ícone de seu solo natal - aquela maldita Grécia. De uma maneira ou de outra, o poder desaparecera. O valor da obra era, agora, estritamente artístico, evidentemente restando ainda a capacidade que a arte tinha de inspirar os crentes.

Kessler suspeitara que aquilo pudesse ter sido uma tentativa de desvalorizar o ícone aos seus olhos e se impôs esquecer o assunto. Mas, mesmo assim, aquilo o ferira tão fortemente que ele não gostava nem de pensar no que ouvira. Talvez, em algum sentido, ele chegara a acreditar no que o velho dissera. Mas coisas tinham acontecido, coisas do passado que tiveram lugar na sua vida e que tinham consolidado sua fé sempre vacilante. Ele vivera muito tempo, tempo demais talvez, e sobrevivera a incontáveis perigos, doenças e injúrias. Longevidade era um dos poderes atribuídos ao ícone. Existiam histórias que contavam que os homens que o tinham possuído, ou venerado, viveram cento e vinte anos, tendo tido filhos aos oitenta. No caso de Kessler, a vida longa parecia uma espécie de piada de mau gosto. Ele vencera as doenças, mas nunca se livrara completamente delas. Tivera apenas uma única criança, o filho que perdera. Qual era o propósito, qual a vantagem de viver tanto tempo?

Em determinada época, chegara a pensar que a recompensa viria no outro

mundo, no que viria a seguir, e esta mudança de filosofia se provou difícil de aceitar. Como não tinha certeza de acreditar num mundo vindouro, não tinha nem mesmo certeza de acreditar em Deus. Podia conceber a existência de uma entidade destas ou de um lugar assim, mas uma pessoa não chegava lá sem uma fé profunda e persistente.

Para os outros, não havia necessidade de danação eterna. A idéia de um abismo negro, de um nada absoluto, já era suficientemente aterradora. Então, ele começara a ver a Virgem. E que alegria insuspeita isso provocara. E medo, claro, porque ela não poderia estar lá sem um propósito, mas ele tinha esperanças de que ela lhe desejava algum bem. Ela sempre fora, em todas as histórias que ele conhecia, fonte de misericórdia e, se não pudesse salvar seu corpo debilitado, talvez pudesse salvar aquilo que, caso existisse, era mais importante: sua alma. Pensou em todas essas coisas num átimo, enquanto a figura pairava na extremidade da sua visão, esperando. Sentiu-se tomado, subitamente, por uma vergonha devastadora. A crença vinha do coração, não dos olhos. Ele não tinha direito de exigir provas, ele, o maior pecador que jamais pisara neste mundo. No entanto, não fora assim com São Paulo? Com todos os discípulos? E muitos outros desde então? Não poderiam os olhos persuadir o coração? Quem era ele para saber?

Ele nunca fora capaz de encarar a figura. Tendo tentado na primeira vez em que ela aparecera, anos antes, e tendo dado de cara com a porta vazia, ele resolvera que o momento ainda não havia chegado.

Desde então, se contentara simplesmente em sentir a presença perto de si. Ficava mais contente, suspeitava, do que se pudesse realmente deitar os olhos na visão, porque haveria uma razão para aquela presença quando chegasse o momento apropriado e seu coração covarde temia esta razão. Mas isso estava errado, ele tinha de se revestir de coragem; não podia escapar de seu próprio destino, era preciso enfrentá-lo de peito e coração abertos. Ele nunca fora intrépido na vida; era chegado o momento. Ela era perdão. Seus dedos moveram-se sobre os controles da cadeira.

Ela era perdão. Como sua mãe, que o protegera de seu pai. Um gabinete de trabalho escuro, pancadas de chuva batendo na janela, o homem com sua roupa de sempre, seu cheiro inconfundível de tabaco e loção após-barba, mais alto que Deus, o sorriso do demônio, a mão pesada, batendo, batendo. Ele odiava seu pai, um pecado mortal, estava condenado. Novas lágrimas assomaram aos seus olhos cegos. Ele balançou a cabeça. Não, ela entenderia, ela era perdão. Ele hesitou.

E se estivesse completamente enganado? Se o que sentia não fosse mais que

a presença de Diana ali de pé, não querendo entrar no seu santuário, esperando que ele acabasse de fazer suas orações aos falsos deuses? E se o seu intelecto descrente tivesse estado certo o tempo todo? O Padre, o Filho, o Espírito Santo e a Mãe de Misericórdia, todos se afastando dele, perdendo-se no vazio, uma fantasia, não existia a salvação.

A mãe, a esposa e o filho traído, todos se afastando, sem comunhão, sem perdão. A mão batia, batia. Toda a vida ele temera a punição por seus erros. Agora, no fim, ele temia muito menos o julgamento do que o nada.

E se o fim fosse o fim de tudo? Ele não podia aceitar isso.

Chega. Sua visão flutuou. A chuva crescera, furiosa. Chega, seja homem, olhe. Seus dedos amortecidos manipularam os controles e a cadeira fez uma pequena curva em direção à entrada.

Uma dor intensa e paralisante, no peito e no braço, interrompeu seu processo mental por um momento. Ou ele não conseguia enxergar ou não conseguia entender o que estava vendo, e a pequena parcela da sua consciência que não estava com medo nem sentia dor foi capaz de olhar para a situação com curiosidade. Então alguma coisa estalou na sua cabeça e a dor se tornou difusa, mesmo que seu coração ainda tivesse a sensação de estar sendo apertado por um punho fechado e sua visão estivesse embaçada demais para captar alguma coisa. A figura continuava na porta, mas ele não conseguiu vê-la direito antes que sua visão entrasse em colapso. Não, para dizer a verdade, ele a vira por um instante. Era um homem, não uma mulher. Não o seu pai, nem seu filho, mas um jovem magro e barbudo, o rosto pálido, os olhos esbugalhados de temor ou êxtase. Não era raiva; Kessler achava que não era raiva. Um homem, não uma mulher. O Filho, não a Mãe. Adorado Deus, ajude-me, o juiz mais severo. Ele sentiu seu corpo mole caindo para frente enquanto a figura se aproximava. O terror, que tinha acalmado dentro dele, sofreu nova agitação e então, subitamente, se transformou em outra coisa, uma emoção nova, difícil de compreender. Tristeza, talvez, ampla e profunda, mas isso também foi transitório porque a tristeza mudou-se em assombro, o assombro em entendimento, e então tudo era luz.

2

Andreas agarrou os braços estreitos da poltrona e rezou para que a terra subisse e o amparasse. O avião parecia ter perdido a sustentação e caído, sugando seus Órgãos internos com ele e deixando seu corpo, agora transformado numa concha vazia, flutuando no éter. Mas, quando abriu os olhos, viu que continuava intacto, ainda afundado no assento da poltrona, o corredor à sua direita, o executivo gordo, que não parava de se mexer, à esquerda. Ele tinha pela frente um mundo de problemas e poderia ter usado as horas inúteis que passara cruzando o Atlântico para ordenar sua mente, mas fora impossível se concentrar. Há anos ele não voava e descobrira, com desgosto, o que a idade avançada lhe causara. Seus ouvidos zumbiam, o pescoço doía, suas pernas estavam dormentes. Não conseguia se distrair. Não importa. Só tomaria pleno conhecimento da situação quando estivesse em terra e, de um jeito ou de outro, sempre obtivera mais sucesso quando confiara apenas nos seus sentidos.

O avião fez um novo mergulho e a Jamaica Bay apareceu embaixo. Vinte segundos depois, eles aterrissaram no Aeroporto Kennedy. O executivo sorriu para Andreas.

"Bem-vindo à Gomorra".

Sua mala foi a primeira a aparecer na esteira - sem dúvida, um presságio. Ele a pegou e foi para a área de chegada, procurar Matthew. Seus olhos, espertos, vasculhavam todos os rostos, tentando descobrir potenciais perigos. Velhos hábitos. Há tempos ele já não valia nada, ninguém mais se incomodava.

"Padre?”

Ele virou-se, atento. A voz, claramente, se dirigia a ele. A três metros, estava um jovem, rosto quadrado, compleição vigorosa. A jaqueta barata caía-lhe de modo estranho e Andreas sentiu, mais do que viu, uma arma escondida.

"Andreas Spyridis?", perguntou o jovem,já incerto.

Seria agora? Quantos momentos como aquele ele vivera nos últimos cinqüenta anos, achando que alguma velha dívida viria finalmente ser cobrada? Seu corpo se retesou, mas a mente continuou tranqüila, pronta para qualquer coisa.

"Eu sou Spyridis".

"O Sr. Dragoumis mandou que eu viesse buscá-lo".

Andreas sentiu-se um pouco aliviado. Duvidava que Fotis o mandasse matar

no aeroporto.

"Como você se chama?”

Era sempre a última pergunta que eles esperavam, esses estafetas. Era importante surpreendê-los e, ao mesmo tempo, não demonstrar nenhuma surpresa com o encontro. Ele não avisara Dragoumis da sua vinda, mas isso não queria dizer nada. Fotis simplesmente sabia das coisas.

"Nicholas. Eu trabalho para o Sr. Dragoumis. Ele está esperando pelo senhor". Um inglês passável. Nenhum dos dois estava usando a sua língua materna, mas Andreas não conseguia identificar o sotaque do outro. Não era grego, mas era uma língua que ele conhecia. "Devo levar o senhor diretamente para lá. Para jantar".

"Tenho de encontrar uma pessoa".

"O Sr. Dragoumis já telefonou para o neto do senhor. Ele também estará lá".

Era russo, quase certamente.

"Entendo. Bem, parece que está tudo arranjado".

Nicholas assentiu de cabeça, apressado.

"Por favor, venha comigo".

Quando se encaminhavam pelo estacionamento em direção a um carro azul enorme, evidentemente americano, um jato passou por sobre a cabeça deles, fazendo um barulho horroroso.

Nicholas abriu a porta traseira, mas Andreas hesitou.

"Eu preferia ir na frente".

O russo fechou a cara. O pedido nitidamente ofendia o seu senso de profissionalismo, mas, decidido, ele fechou a porta traseira, abrindo a do passageiro. Andreas tirou seu chapéu de feltro e deslizou, lentamente, pelo confortável banco de couro. O bairro de Queens sempre o deprimia. O imenso emaranhado de vias expressas, prédios de apartamentos e depósitos; os carros rodando pelas ruas esburacadas, tudo muito feio. Somente a estação ajudava; o ar limpo e as flores amarelas nas cercas ao longo dos quarteirões das casas de tijolinho aparente eram bem mais agradáveis do que a imunda lama derretida e o ar poluído da sua última visita.

"Você mora por aqui perto?", perguntou Andreas.

"Um pouco à frente. Num lugar chamado Little Odessa".

"E gosta deste país?”

Nicholas deu de ombros. "É melhor do que de onde eu vim".

"Há quanto tempo você está aqui?”

"Dois anos".

"E já falava inglês antes de vir?”

"Só um pouquinho. Aprendi aqui".

"Você fala grego?”

"Não muito bem". Ele entrou no Astoria Boulevard. "Na verdade, não. Não falo".

"O Sr. Dragoumis acha melhor que você não fale grego, não é?”

Nicholas deixou escapar um sorrisinho.

Eles chegaram à Rua 2, fizeram uma curva à esquerda e o carro parou em frente a uma casa de madeira branca. O lugar não tinha nada que o destacasse, a não ser pela profusão de roseiras que cobria a estreita faixa de terra em frente dele. A casa parecia pequena, mas na verdade era bastante comprida. Era cercada, num dos lados, por um armazém e do outro por um restaurante relativamente famoso. Fotis era dono dos dois. Andreas já estivera no lugar. Examinou as rosas, que ainda não haviam desabrochado, e acompanhou Nicholas, subindo os degraus de concreto que levavam à entrada. No hall estreito, um homem de peito largo apareceu, obrigando Andreas a se cozer contra a parede. Trocou algumas palavras com Nicholas na língua materna deles e depois conduziu Andreas pelo corredor escuro. Era um tipo de barba negra e olhos fundos, cheio de violência reprimida. Com aquele, não havia possibilidade de uma conversa agradável. Uma batida na porta, uma palavra, e eles estavam no estúdio, o santuário íntimo de Fotis. O homem, cinza como um fantasma e expondo seu enorme bigode branco, levantou-se para cumprimentá-los, vindo até eles caminhando sobre um valioso tapete persa. O movimento lhe causava algum esforço, percebeu Andreas instantaneamente.

"Meu amigo", exclamou Fotis, com calor verdadeiro, "meu velho e querido amigo". Eles se deram as mãos, as direitas sobre as esquerdas, balançando seus pulsos entrelaçados como crianças felizes, como velhos compadres. Andreas sempre se surpreendia com o afeto que recebia de seu antigo patrão, aliado, adversário. Os olhos de Fotis estavam úmidos e seu largo sorriso punha à mostra caríssimos dentes postiços, enquanto ele examinava seu camarada de cima abaixo. Então, sua expressão se fechou e ele lançou um olhar furioso para o jovem russo. "Seu macaco, você não serve nem para pegar o casaco do meu amigo?”

Barbanegra murmurou uma desculpa e ajudou Andreas a se livrar de seu capotão cinza. Fotis elogiou o terno escuro e a camisa branca fechada no pescoço e sorriu exalando um som curto e rouco.

"Você parece um padre".

"Seu cupincha também achou".

"Bem, não é de se espantar, vestido deste jeito. Senta, senta. Café? Connhaque?”

"Só água".

Sem esperar instruções, Barbanegra saiu pela porta de trás do escritório.

Fotis entrelaçou os dedos e reclinou-se na poltrona tendo uma expressão satisfeita no rosto.

Andreas pôde estudá-lo melhor. Um paletó esporte bem cortado e costurado com desenhos abstratos, para disfarçar o corpo muito magro. Chinelos nos pés compridos, um maço de cigarros turcos na mesinha ao lado do seu cotovelo. Atrás dele, uma pilha de telas emolduradas, viradas de costas, contra a parede. Na verdade, aparentemente, havia mais pinturas espalhadas pela sala do que Andreas se lembrava de ter visto anteriormente e, apesar da luz fraca e do seu parco conhecimento sobre arte, ele apostava que algumas eram bastante valiosas. Uma paisagem hibernal. Um pequeno quadro de tema religioso, a Anunciação ou algo do gênero, parecendo antiqüíssimo. Num canto escuro, folhas de ouro do que só podia ser um ícone da Igreja Ortodoxa, refletiam a luz. Seu velho amigo tinha diversas identidades, diferentes papéis que gostava de representar. Fotis, o espião. Fotis, o político exilado. Fotis, o respeitável homem de negócios. Agora, ele era Fotis, o colecionador.

"Como foi o seu vôo?", perguntou Dragoumis, passando a falar não mais em inglês, mas na língua materna deles.

Andreas deu de ombros. "Consegui chegar".

"É difícil para os velhos e você é mais novo do que eu. Para mim, mesmo uma vez por ano já é muito. Acho que não vou ver a Grécia nesta primavera".

"Ah, você vai acabar indo".

Barbanegra voltou com um copo de água tépida, como Andreas preferia.

"Isto é tudo, Anton", disse Fotis, e o russo saiu da sala.

"Como vai o restaurante?", perguntou Andreas.

"O restaurante? Fazendo sucesso. Você sabe, nós temos nossos fregueses habituais que moram na vizinhança, e agora temos conseguido atrair gente jovem que vem de Manhattan. Pelo jeito, apareceu em algum lugar que nós temos a melhor comida grega de Astoria".

"Parabéns!”

Fotis fez um gesto de mão, depreciativo. "Que diabos esta gente entende de comida? De qualquer maneira, eu já não me meto muito no restaurante".

"Não?”

"Arranjei um gerente excelente, que nem sequer me rouba. E eu tenho outras preocupações".

Era um convite, mas Andreas não estava interessado. Ele conhecia a múltiplas atividades do amigo e, se havia negócios novos, não importava. Ambição era uma coisa que não o atraía, nem tinha o arrojo necessário para correr atrás de montes de dinheiro. Havia uma espécie de triste desesperança nas transações ilegais de Fotis - o desespero de um homem moribundo que tenta afugentar o destino com suas realizações.

"O meu filho está doente", disse Andreas.

Fotis encarou-o fixamente, a simpatia filtrando-se por entre o aborrecimento com a mudança de assunto.

"Eu sei".

Claro que ele sabia. Matthew, o neto de Andreas, era afilhado de Foti, Irini, a mãe de Matthew, era sobrinha de Fotis. Os dois velhos estavam irremediavelmente ligados. Não havia como um escapar do outro.

"O Matthew me disse que é um caso ruim", continuou Andreas, tendo de continuar falando. "O Alekos não está conseguindo responder ao tratamento".

"Talvez ele precise de médicos melhores".

"Eles são considerados os melhores daquele lugar, o Monte Sinai".

"Têm melhores em Boston. Mas, de qualquer jeito, a ciência só vai até um certo ponto".

"Nós não temos este tipo de doença na nossa família".

"Você tem de ter f3é".

O que era aquilo? Um escárnio? Dito assim, em tom tão gentil, parecia mais um descuido de velho esclerosado.

"Eu não acho que, na minha idade, conseguirei começar a acreditar".

Fotis encarou-o com expressão ilegível, as sempre presentes contas de jade do seu komboloi4 correndo por seus dedos.

"Meu pobre Andreou".

Ficaram sentados em silêncio por um ou dois minutos, confortáveis assim. Andreas tomou sua água e finalmente resolveu satisfazer o outro.

"Alguns desses quadros são novos".

Os olhos de Fotis iluminaram-se. "Nos últimos anos, tenho me interessado muito por coleções de arte", disse ele, entusiasmado. "Acho que é minha verdadeira vocação".

"Sei".

"Eu sei o que você está pensando, mas não ligo. Só um idiota colecionaria

obras de arte para ganhar dinheiro, não é? O mercado é muito instável. Mas eu gosto. Acho uma delícia comprar de acordo com o meu próprio gosto, e adoro estar cercado por coisas bonitas".

"Esta paisagem?”

Fotis virou o corpo para olhar. "Holandesa. Um discípulo de Bruegel, foi o que disseram. Linda, não é?”

"Muito bonita. E eu vi que você tem um ícone".

"Alguns. Não muito antigos, nem valiosos. Andaram fazendo uma porção deles, nos últimos séculos. Aquele lá é russo".

"Você certamente gostaria de colecionar algumas peças bizantinas autênticas, certo?”

Dragoumis voltou-se para o amigo, um sorriso ao mesmo tempo frio e satisfeito no seu rosto alongado e nobre.

"Não existe um mercado de verdade para ícones bizantinos. Não há peças suficientes em mãos de particulares. Estão todas nos museus e igrejas, então é muito difícil estabelecer um preço. O verdadeiro valor delas é espiritual". Fotis, o devoto.

"Você sabe que o Kessler morreu".

Andreas suspirou. Tinha ocorrido a ele, desde o primeiro momento, que Kessler e o ícone eram as verdadeiras razões desta visita forçada.

"Me disseram".

"Mantendo seus contatos. Ótimo".

Andreas deu de ombros. Para que ter o trabalho de dizer que lera a notícia no New York Times?

Fotis partia do princípio de que todas as informações vinham por canais particulares. Ele que continuasse a pensar que Andreas ainda estava conectado a esse tipo de rede.

"E então?", continuou Fotis. "O que o nosso magnífico governo grego acha desse acontecimento?”

"O que poderiam achar? Tudo o que eles sabem sobre Kessler foi o que você lhes contou".

"Você acredita nisto? Nesse caso, a pasta está vazia, porque eu não lhes contei nada sobre o Kessler. Por que deveria?”

"Nem eu. Talvez eles tenham outras fontes. Eu não sei de nada".

Eles voltaram a ficar quietos. Andreas se perguntou onde seria o banheiro.

"A neta é a executora". Dragoumis puxou um longo cigarro marrom de dentro do maço e acendeu-o. "Ela está tentando avaliar toda a coleção".

"Você lhe ofereceu seus serviços?”

Fotis riu, soprando bolas rodopiantes de fumaça.

"Eu sou um colecionador diletante. Presumo que ela vá a alguma casa de leilões".

"Seria o mais lógico".

"Mas, pelo jeito, ela almeja vôos mais altos. O advogado dela andou conversando com alguns dos principais museus. Eu já consigo até ver, a Ala Kessler do Metropolitan".

O radar de Andreas soou.

"Por que o Metropolitan?”

"É só um exemplo, mas eu acho que é a escolha mais óbvia. O Kessler se concentrava na Idade Média. Não há muitos lugares neste país, que merecem uma coleção medieval. Nenhum outro museu de Nova York".

"Por que Nova York? Por que não a Europa?”

"Talvez eles tentem a Europa. Mas Nova York era o lar dele. Um histórico ruim do outro lado do Atlântico. Os suíços não iriam querer nem ouvir falar. Os alemães provavelmente também não. De qualquer maneira, adivinhe quem o Met está mandando para dar uma olhada nas peças?”

Ele nem precisava adivinhar.

"O seu neto", continuou Fotis. "O mundo é uma ervilha, você não acha, meu caro amigo?”

Andreas conseguiu não mostrar sua preocupação, mas estava alarmado. Dragoumis era mais velho e estava mais doente, mais desenganado e, por isso mesmo, era melhor nesse tipo de jogo. Era incansável e sempre dava um jeito de arrumar uma nova maneira de tirar o controle do adversário.

"Fotis", disse ele baixinho, num tom de voz que não carregava nem ameaça nem súplica. "deixe o Matthew fora disso.

"Meu queridíssimo Andreaou, o que é que eu tenho a ver com isso? Você acha que eles vão me perguntar alguma coisa?”

"Como é que você sabe da história?”

"O Matthew me contou. Olha aqui, o principal medievalista é um velho, não tem nem a juventude nem a elegância do nosso garoto. A arte bizantina é a especialidade do Matthew; e isso é culpa sua, não minha. Foi você quem levou o menino, todos estes anos, para museus e igrejas. É evidente que eles mandariam o Matthew. A garota vai adorá-lo, os museus vão conseguir o ícone e o nosso garoto levará a fama. Qual é o problema?”

"Nenhum problema. Se a história é somente esta".

"Sinceramente? Eu começo a duvidar". O velho fez um gesto de mão, casual, traçando uma curva com o cigarro. "Afinal de contas, você está aqui".

"O meu filho está doente".

"O seu filho está já doente há meses. Mas faz somente dez dias que o Kessler morreu".

Andreas recostou-se na poltrona, desejando desesperadamente não estar ali, estar em qualquer outro lugar que não fosse a toca desta criatura triste e manipuladora. "Você viveu tempo demais, Fotis, e vê armações em todo lugar. Eu só vim para ver meu filho, por nenhuma outra razão". Levantou-se. "Peça para o seu cupincha me levar para o meu hotel. É impossível arrumar um táxi neste bairro".

Dragoumis apagou o cigarro e levantou os olhos para seu velho amigo. Olhos muito grandes, mareados, aparentemente prestes a derramar lágrimas. Como se ele fosse a parte ofendida! Apesar do que sentia, Andreas quase bateu palmas, aplaudindo a performance. Fotis, o enganador.

"Eu te ofendi, desculpe-me. Por favor, sente-se. Por favor, meu amigo, não vamos nos separar cheios de mágoas".

Andreas sentou-se, mas já estava resolvido a partir.

"Retiro o que disse", continuou Fotis. "Se eu expressei minhas dúvidas, foi porque tinha minhas razões. Devo acreditar que você também tem suas razões para não me revelar seus planos. Agora que você já sabe que o Matthews está envolvido, você pode replanejar suas intenções de maneira a não prejudicar os interesses dele".

"Que diabos você pensa que eu estou pretendendo? Você acha que o governo grego quer o ícone?

Você acha que eles me mandariam aqui para consegui-lo?”

"O que você ouviu sobre o Müller?”

Agora, o Müller. O cara não tinha vergonha na cara.

"Só que ele está morto".

"Verdade? Eu soube que ele está aqui em Nova York".

Desconfortável, Andreas remexeu-se na poltrona, fazendo um esforço, que resultou inútil, para não responder. "Quem te disse?”

"Admito que foi uma fonte não confiável. Mas, mesmo assim, é uma coisa que eu achei que você devia saber. Faz todo o sentido ele aparecer por aqui. Ninguém nunca acreditou que ele estivesse morto".

"Eu não quero discutir o Müller. Preciso ir ver o Alex".

"Eu sei. Eu mesmo estive no hospital duas vezes. Na primeira, ele recusou-se

a me ver".

"Lamento saber disso".

"Mas não é de se espantar. Ele pode ter restrições quanto a ver você, também. Você está preparado para isso?”

Preparado para isso. Como alguém pode se preparar para ser rejeitado por um filho doente, possivelmente moribundo? Andreas já passara por muitas experiências terríveis, mas não podia imaginar nada pior do que uma rejeição dessas, e não permitiria que sua mente aceitasse a hipótese.

"Eu espero superar a resistência, com o apoio do Matthew".

"Excelente. Olha, vamos fazer o seguinte: vamos esquecer essa conversa lúgubre, por uma hora.

Vamos até a sala de estar tomar um conhaque".

"Eu tenho de ir ver o Alekos, imediatamente".

"As horas de visita são mais tarde. Vamos todos, depois de comer".

"Não, eu vou com o Matthew".

"Mas, claro. Ele vai jantar com a gente. Depois, nós dois vamos ver o Alex".

O manipulador tinha pensado em tudo. De qualquer maneira, a comida seria boa e a presença de Matthew tornaria a noite tolerável. Andreas não bebia, mas podia tomar um conhaque com Fotis.

Aparentemente, era exatamente o que ele estava precisando.

"Você tem um bom Metaxa?”

"Melhor. Um Remy Martin XO".

---

4 Komboloi: Contas presas por um cordão que gregos e árabes costumam levar sempre consigo, usando-as para aliviar a tensão. Em árabe, é "masbaha" (N. T.).

3

Na noite anterior, Matthew tivera o mesmo sonho novamente. Uma pintura desaparecia, a obra-prima da coleção que se esperava que ele encontrasse, mas ele não conseguia se lembrar de como ela era.

Um grupo postava-se em frente da parede vazia, elogiando a beleza do quadro perdido, os lábios, os olhos, a coloração sobrenatural da pele, e ele tentava montar uma imagem na sua mente, mas ela lhe escapava, desvanecia como os rostos costumam fazer nos sonhos. O museu, que ele conhecia como a palma da mão, se transformava num labirinto impenetrável, sem que nenhuma Ariadne5 viesse em seu socorro. A escuridão baixava. Estranhos sons vinham de todas as partes. A busca continuava, ele procurava e era procurado.

Numa pequena e mal iluminada câmara do porão ele viu o que devia ser a imagem pendurada na parede dos fundos, mas o caminho até lá era incerto e ele não conseguia percorrê-lo. Sem ajuda, estava sozinho. E, de repente, não mais sozinho, uma terrível presença preenchia sua consciência. Era neste ponto que sempre acordava.

Eles dirigiam em silêncio, Matthew guiando o Taurus emprestado de sua colega Carol e Andreas afundado no banco de passageiros. A animação desaparecera do semblante do velho assim que eles cruzaram a porta de saída da casa de Fotis entrando no ar frio da noite, o que deixava claro que a disposição que ele demonstrara durante o jantar era apenas uma encenação, uma performance para Fotis. Eles estavam sempre encenando, um para o outro. Saindo da Ponte Triboro, Matthew pagou o pedágio e acelerou, lançando um rápido olhar para seu avô, O chapéu e o colarinho alto cobriam parte do rosto do velho, iluminado apenas pelas fracas luzes rosadas dos postes da rua. Matthew vira Andreas em Atenas, dois anos atrás, e ficara novamente impressionado com o pouco que ele envelhecera. Ainda tinha os olhos vivos e espertos, a mente clara e a mão forte como um torno. Com setenta e sete anos, poderia perfeitamente passar por um vigoroso senhor de sessenta. Nesta noite, ele parecia acabado, os ombros caídos, os movimentos pesados e lentos.

Seus olhos pareciam perdidos e a mente também. Claro que poderia ser apenas o cansaço da viagem.

O carro entrou na rampa que dava na FDR Drive e Matthew virou, logo depois, na Rua 116.

Gritos e o som metálico de uma bola batendo numa tabela chegaram até eles, vindos de uma quadra de basquete parcamente iluminada. Estavam cercados de altos edifícios de tijolinhos aparentes.

"Estamos no Harlem?", perguntou Andreas.

"No Harlem espanhol, eu acho".

"Lugarzinho feio".

"Esta cidade é horrível".

"Atenas, também".

"Mas que comparação! Será que eu ofendi o seu orgulho de cidadão?”

"Cidades modernas são feias. Mas Nova York tem alguns lugares bonitos.”

"Atenas tem história".

"História demais".

"É verdade. Quer dizer, é verdade que os gregos são socavados por sua própria história; este é um fenômeno comum na Europa. Os americanos são mais dispostos a arriscar. Esta é a força deles, mas é também o que os leva a fazer uma porção de idiotices. Estão sempre trocando de amigos, abandonando os antigos aliados. É por isso que o mundo inteiro desconfia dos Estados Unidos".

Matthew já ouvira o mesmo discurso anteriormente, mas estava feliz em ver que o velho voltava a ser ele mesmo.

"Quais são as últimas notícias?", perguntou Andreas.

O vulto indistinto e ameaçador do monolito negro do Monte Sinai apareceu à esquerda, enxadrezado por pequenos quadradinhos de luz. Ao vê-lo, Matthew sentiu-se oprimido, sua mente ficou opaca, como se tivesse sido anestesiada.

"Aparentemente a contagem de suas células no sangue está estável, mas eles não sabem por que e ela pode cair a qualquer momento. As transfusões já não parecem estar adiantando".

"Então, eles não podem fazer nada por ele?”

Matthew torceu o nariz, erguendo os ombros. Uma pessoa podia viver o dia-a-dia sem ficar fazendo esse tipo de perguntas. Sua mãe nunca quisera saber quais eram os prognósticos, a longo prazo.

Simplesmente rezava a Deus, o Pai, o Cristo, a Panayísa, todo o inútil time. No entanto, era uma pergunta justa e o pai de seu pai tinha todo o direito de fazê-la.

"Eles fizeram alguns progressos, mas a carga que o corpo dele está sofrendo tem sido pesada.

Depois de cada um desses tratamentos, ele simplesmente... eu começo a me perguntar se vale a pena".

"Eles deviam mandá-lo para casa. Um homem deve estar na própria casa para enfrentar uma coisa dessas".

"Não é tão simples Papou6". A pungência da sua voz o surpreendeu. "Nós não podemos perder a esperança de que ele melhore. E eu nem tenho certeza de que ele esteja forte o suficiente para poder ir para casa. A “Mamá vai ter de fazer tudo para ele, quer dizer, vai tentar, mas ela não está nada bem, também".

Andreas deu um tapinha no ombro dele.

"Não pense demais nas coisas até que chegue o momento de enfrentá-las".

Naquela hora, a parte norte da Quinta Avenida estava quase vazia e eles conseguiram estacionar bem perto da entrada do hospital. Os galhos longos e entrelaçados dos olmos balançavam sobre suas cabeças, estalando baixinho. Andreas olhou para eles por alguns momentos. Então, Matthew pegou-o pelo braço e entraram juntos.

Eles o tinham escanhoado, mas uma sombra de barba cerrada já começava a aparecer. Onde antes havia longas melenas de cabelo negro, agora restavam apenas ralos tufos cinzentos. O rosto estava chupado e o corpo, debaixo dos lençóis, parecia ter perdido muita massa. Dizer que Andreas não reconheceu seu filho seria mentira. A testa, o nariz afilado, a boca taciturna e a pequena cicatriz no queixo continuavam perfeitamente familiares, mas o aspecto geral do corpo sofrera terríveis alterações. Quanto, cinqüenta e três agora? Seus antepassados tinham vivido muito bem até os noventa anos, que era o que o próprio Andreas esperava fazer. O filho não deveria ir antes do pai.

O velho ficou parado, imóvel, na porta. Se Alekos estivesse acordado, Andreas teria marchado para dentro do quarto, decidido, disposto a tudo, mas, como o garoto estava dormindo, ele se concedeu um pouco de tempo. Não via o filho dormindo, desde que o rapaz era criança. Nos últimos cinco anos não vira Alekos uma única vez. No último encontro, ambos tinham conseguido superar parte dos dolorosos traumas do passado comum, tinham chegado a algum entendimento sobre as tristezas compartilhadas. Mas uma trégua não significava amizade. Eles jamais tinham feito um esforço para se conhecer e era impossível construir uma ponte numa primeira tentativa. Quando o oceano voltou a separá-los, eles novamente se acostumaram com a distância. Talvez tivesse havido, por parte de Fotis, ou de Irini, a esposa, uma nova revelação de alguma vergonha do passado. Talvez fosse simplesmente uma velha ferida que tivesse voltado a abrir e se infeccionara.

Matthew deu a volta no leito e colocou-se junto à janela. Andreas não podia ver o que o garoto estava vendo, mas sabia, pelo caminho que tinham percorrido,

que ele olhava para o leste, em direção ao rio.

Visto de trás, seu neto - ombros largos, cabeça redonda, cabelos negros - parecia seu pai. Na verdade, a semelhança, de qualquer outro ângulo, era pequena, e Matthew também não lembrava a mãe. Sua avó, pensou Andreas, não pela primeira vez: minha esposa. O garoto lembrava perfeitamente a querida Maria, que já se fora.

"Babás" 7. Um murmúrio baixo, vindo do leito. O velho virou-se para encarar os olhos semicerrados do filho. Estaria ele acordado o tempo todo?

"Ne" 8 respondeu Andreas. Não se sentia capaz de mover-se rapidamente, então arrastou-se, com um inválido, até a cama.

Alex tentou endireitar-se nos travesseiros. Louco para ajudar, o velho hesitou, temendo uma admoestação. Matthew veio depressa, segurando o corpo do pai. Andreas reposicionou os travesseiros achatados e Matthew recostou novamente o corpo de Alex. O doente indicou um copo colocado sobre uma mesa lateral e Matthew encheu-o da água que estava numa vasilha branca de plástico. Alekos pegou o copo

7 Em grego no original. Em português, "Papai".

8 Em grego no original. Em português, "Sim".

com mão firme e bebeu lentamente, sem olhar para os outros, sem pressa de continuar falando. As pernas de Andreas tremiam, mas ele não queria sentar.

"Como vai aquela minha irmã desaparecida?", perguntou, finalmente, Alex, em inglês por causa de Matthew, se bem que o grego do garoto fosse bom.

"Bem. Ela está sempre ocupada com as crianças, você sabe, e o marido não presta para nada".

"Sempre defendendo ela". Mas Alex sorriu, os cantos dos lábios erguendo-se ligeiramente.

"Quando estou com ela, é você que eu defendo". E depois, como se tivesse acabado de se lembrar, "Ela virá te visitar em breve".

"Eu sei, assim que você lhe contar sobre o meu estado. Não tenho dúvida nenhuma de que todos estarão na minha cabeceira, trazendo água benta e um padre. Eu conto com você para não deixar o padre entrar". Andreas sabia que era melhor ficar de boca fechada, e Alex voltou-se para o próprio filho. "Você o pegou no aeroporto?"

"Foi o Fotis", respondeu Matthew.

"Mas, claro. Os conspiradores".

"Ele te mandou um abraço".

"Não se esqueça, na próxima reunião conspiratória, de dizer que eu retribuo".

Matthew riu. "O que é que nós estamos tramando?”

"Só Deus sabe", respondeu Alex, rouco. Pergunte ao seu Papou.

"Ele mandou um cupincha me buscar no aeroporto", disse Andreas. "Eu não estava esperando ninguém. Faz anos que eu não via o Fotis".

"Como foi hoje?", perguntou Matthew, baixinho.

O pai fez um movimento erguendo a palma da mão e depois baixando-a, um gesto que ambos entenderam.

"O de sempre. Os médicos fizeram uns testes. Dizem que é possível que eu volte para casa logo.

Babás, sente-se".

Andreas quase caiu na cadeira dura. Abriu o casaco e colocou o chapéu no colo.

"Isso são ótimas notícias", respondeu Matthew "Quer dizer que o seu sangue está melhor?”

"Um pouco. Pelo menos, não piorou".

"Mas, nesse caso, eles não deveriam continuar com o tratamento? Como é que eles sabem que a melhora não vai continuar?”

"Pode continuar. Eles me dizem que pode, mas não acreditam nisso, e eu não acredito neles". Alex falava sem nenhuma raiva. Um profundo cansaço parecia regular o tom da sua voz. "De qualquer maneira, eu não posso continuar o tratamento agora. Preciso de um descanso. E não dá para descansar neste lugar".

"Claro que não", reafirmou Andreas. "Você devia ir para casa".

"Bem, agora eu acho que quem precisa de um descanso é você, velho. Você parece pior do que eu".

A única coisa que Andreas conseguiu fazer foi encarar seu filho - como quando não se consegue desviar os olhos de um acidente de automóvel -, consciente de que sua expressão revelava as suas mais profundas emoções, mas incapaz de disfarçá-las.

"Eu estou bem. É o avião. Eu nunca me acostumei com estas viagens". A expressão no rosto de Alex refletia mais carinho do que Andreas vira desde que seu filho era uma criança e a lembrança do passado tomou-o naquele momento, como uma onda anestesiante. Estendendo a mão para abrir o casaco percebeu que já tinha feito isso; resolveu então desabotoar o colarinho de sua camisa branca de padre.

"Matthew, arranja um copo de água para o seu Papou", ordenou Alex.

"Não precisa", disse Andreas. "Nós passamos por uma máquina de café no corredor, lembra-se?”

"Você tem certeza de que quer café a esta hora?" A preocupação do garoto era justificada, mas, instantaneamente, o rosto de Andreas ficou vermelho de cólera.

"O que é que você está pensando? Que eu sou um velho caduco? Deixa que eu mesmo vou buscar".

"Não, tudo bem, eu pego".

"Puro, sem açúcar", disse Alex, do seu leito.

"Isso mesmo", concordou Andreas. "O seu pai sabe como é. Obrigado, meu filho".

Então Matthew saiu, os dois se viram sozinhos e Andreas não mais se lembrava por que tinha armado essa situação, o que tencionara dizer.

"O Fotis me contou que você não o recebeu na primeira vez". Ele agora falava em grego.

"E você se espanta com isso?”

"Já passou tanto tempo. Por que você continua remoendo sua raiva?”

"Você acha que essas coisas desaparecem só porque o tempo passou? Você até que gostaria que fosse assim, não é? Que existisse uma espécie de relógio para os nossos pecados, e quando um certo tempo tivesse passado...".

"Não estamos discutindo os meus pecados". Andreas ouviu o tom duro da sua voz, mesmo que involuntário.

"Não? Então, o que estamos discutindo? A minha mente agora vagueia, sabia?”

"Sorte sua".

"Sorte minha, mesmo. Você sempre quis que eu tivesse sorte, não é? De um jeito ou de outro, eu o vi, não foi? Então por que ficar pegando no meu pé?”

"A Rini te convenceu".

"Eu me cansei de discutir o assunto, do mesmo jeito como estou cansado de discutir com você agora".

"Eu não quero discutir. Eu te agradeço por ter me recebido".

Alekos pareceu chocado, ou fingiu estar.

"Você é o meu pai. É da família".

"O Fotis também é da família".

"O Fotis é um agregado. Você tem o nosso sangue. E, de qualquer jeito, o que eu ia dizer para o Matthew? "Diga ao seu avô para esperar no corredor?"".

"Houve um tempo em que você poderia ter dito isso".

"Naquele tempo eu tinha forças".

"Então, é por isso que eu estou aqui? Por causa do Matthew?”

"Você sabe que não é com você, meu velho. Não tem nada a ver com o seu perdão. Tem a ver comigo. Você veio me ver, Deus sabe por quê. Eu nem quero saber quais são as suas razões. Você está aqui.

Acho que está certo que você esteja. Deixe as coisas como estão, não me pergunte mais nada".

Alex afundou-se nos travesseiros. Idiota, xingou-se Andreas, cretino filho da puta, cansando-o desta maneira. Deixe as coisas como estão, é exatamente isso.

"O Fotis está envolvendo o Matthew em alguma coisa", disse Alex. "Alguma coisa a ver com a porra daquele ícone. Você sabia?”

"Soube hoje".

"E você não tem nada com esta história?”

"Não".

"Como diabos eu vou saber que você está dizendo a verdade?”

"É verdade".

"Não meta o garoto nisso. Deixe o meu filho em paz. Diga ao manipulador para deixar o meu filho em paz".

"Ele está trabalhando para o museu. Eu não vejo mal nenhum nisso".

"E você acha que o Fotis não andou mexendo seus pauzinhos? O sujeito está metido em tudo quanto é coisa!”

"Eu não vejo o que ele vai ganhar com isso. Se o museu conseguir o ícone, ele nunca mais vai conseguir botar as mãos nele".

"Como é que você sabe que é tão simples assim? Quem te contou que o Matthew estava envolvido?”

"O Fotis".

"E o que é que ele acha disso? Você acha que ele gostou da história?”

Alex tinha uma mente científica, destreinada para tratar com informações deliberadamente enganosas. Esta era, sem dúvida, uma das razões pelas quais não confiava no pai e no tio: não apenas porque a duplicidade fazia parte integrante da vida deles, mas porque ele sabia que era muito fácil de ser tapeado.

"Acho que gostou", respondeu Andreas.

"Eu não tenho nenhum talento para espião, você sabe disso, mas quando um homem como aquele fica contente, eu me preocupo. Deixa o meu filho fora desta história".

"É o trabalho dele". Para Andreas, trabalho era a coisa mais sagrada que existia.

Ouviram a voz de Matthew no corredor, conversando baixinho com a enfermeira. Alex voltou a soerguer-se nos travesseiros, tenso.

"Ao menos, fale com o Matthew. Conte a história para ele".

A boca de Andreas estava seca. Quanto da história Alex saberia? Quem lhe teria contado? Fotis, certamente, não. Maria? Ele mesmo, em alguma noite perdida no tempo? Seu filho estava com os olhos cravados nele.

"Não, você não pode fazer isto, não é? Então, simplesmente diga ao Matthew para não se meter nisso. Faça isso por mim. Ele não vai ouvir o próprio pai, mas a você ele ouve".

"Eu não tenho tanta certeza".

Matthew entrou no quarto.

"Você vai fazer isso por mim, meu velho?”

Um milhão de possibilidades colidiam na mente de Andreas, todas elas insatisfatórias com o filho encarando-o daquele jeito.

"Eu falo com ele".

Matthew pôs a mão no ombro dele e, quando Andreas se virou, estendeu-lhe um copo plástico de café. O estômago do velho retesou-se e ele sentiu um gosto azedo na garganta. Colocou o copo no braço da cadeira, aquecendo com ele seus dedos enrijecidos.

"O seu Papou me deixou esgotado", anunciou Alex. "Vocês terão de ir embora logo".

"Nós voltamos amanhã".

"A sua mãe estará aqui amanhã. Ela conseguirá umas respostas bem diretas. Quem sabe, talvez da próxima vez que você me vir, eu estarei em casa".

"Isto seria maravilhoso".

Andreas levantou-se rápido demais, e teve de se apoiar no leito para não cair.

"Estou preocupado com você, Babás", disse Alekos, baixinho. Andreas agarrou a mão do filho, com inesperada força, e apertou-a. A expressão do enfermo continuou indiferente, mas a mão retribuiu o aperto. O velho equilibrou-se e se endireitou.

"Eu sou a única pessoa aqui que não deve ser causa de nenhuma preocupação".

"Eu devia ter ligado para o hotel", disse Andreas, finalmente. "Espero que eles tenham segurado o quarto".

Matthew acelerou na avenida vazia.

"É um absurdo você ficar num hotel, quando a Ma está sozinha naquela casa enorme. Ela ficaria feliz em te hospedar".

"Ela não me poria para fora, mas seria esquisito".

"Então, você podia ficar comigo. O apartamento não é muito grande, mas

cabe. E você ficaria bem mais perto do hospital".

"Você terá de se conformar, porque eu prefiro assim. E agora, por favor, me conta o que a enfermeira te disse".

"Você não perde uma, não é?" Um semáforo fez com que eles parassem na esquina da Rua 86.

"Ela não fez nenhum prognóstico, só os médicos sabem como está o caso. Mas ela me confirmou que ele deve ir para casa logo. E me preveniu que em pouco tempo, talvez em uma semana, ele teria de voltar para o hospital".

Isto tem de ser evitado, pensou Andreas. Mas a decisão caberia a Alekos. Eles estavam rodando novamente, passando em frente ao colossal edifício do Museu Metropolitan, com suas colunas e crenas, a estrutura de pedra branca e as faixas imensas e coloridas, tudo profusamente iluminado. O museu de Matthew.

"Nós temos de conseguir um pouco de morfina para ele", comentou Andreas.

"Eles mesmos vão ministrar, tenho certeza. Até agora, ele não sentiu muita dor".

"Mas isso pode mudar e nós não podemos confiar na compaixão dos médicos. O que eu quero dizer é que nós temos de arrumar a nossa própria morfina. Só para o caso". Ele sentiu, pelo silêncio que se seguiu, que as suas palavras tinham causado forte efeito.

"O Fotis pode arrumar", disse Matthew.

"Sem dúvida. Se não tivermos outra alternativa, vamos pedir para ele".

"Você não gosta de pedir favores para ele".

"Nós temos um relacionamento complicado, o seu padrinho e eu. Eu tento fazer com que os negócios não interfiram na amizade, mas para ele não existe nenhuma distinção".

"Você sabe que o papai não gosta dele".

"O que eu sei é que os sentimentos do seu pai são complicados, também. Acho que ele não confia nem um pouquinho no Fotis. Ele acha que o teu padrinho vai tentar te envolver numa das maquinações dele".

Entraram na Rua 72, sentido leste. Matthew não respondeu imediatamente, mas Andreas calou-se, esperando que o neto se manifestasse.

"Eu não acho que o Fotis esteja armando muita coisa nos últimos tempos", disse, finalmente, o jovem. "Ele sabe, sente que não vai viver para sempre. Quer fazer coisas que lhe dêem prazer, quer ficar com a família, que somos, basicamente, nós. Eu não acho que ele esteja a fim de arrumar encrenca".

"Talvez não". Ele tinha de ser cuidadoso; o garoto era muito chegado ao padrinho. "Mas a encrenca está sempre no caminho do Fotis".

Matthew achou engraçado.

"É exatamente isso o que ele acha de você".

"É mesmo? Bem, eu não nego. Nós dois temos dificuldade em nos manter fora de enrascadas.

Quando éramos jovens, procuramos tanta encrenca, que agora ela virou nossa amiga. Mas eu te digo uma coisa. Eu sempre fui um amador. O Fotis é que era o profissional".

A expressão de Matthew era ilegível. Havia incerteza ou aborrecimento na sua testa e nos músculos ao redor dos olhos, ou talvez ele estivesse simplesmente concentrado para não passar pela rua que deveriam entrar para pegar a Avenida Lexington. Estavam, agora, bem perto do hotel.

"Fica do lado esquerdo", disse Andreas. "Um pouco mais à frente".

"Onde é que você descobre esses lugares?”

"Amigos me recomendam".

"Não devem ser recomendações muito boas, porque você nunca fica duas vezes no mesmo lugar".

"É só uma das minhas velhas manias. Acho que é logo ali. Aquele toldo verde". Andreas endireitou-se no banco, observando Matthew fazer a manobra e estacionar na entrada do que parecia ser um agradável hotel de segunda classe. "Espero que não tenha te ofendido. Você sabe que eu gosto do seu padrinho, mas sei perfeitamente bem quem ele é. Não é uma pessoa fácil de se entender. Seria melhor para você e para a paz de espírito do seu pai, se você não se envolvesse em nenhum dos negócios do Fotis. Nem mesmo se for uma simples troca de favores".

Matthew estava calado, olhando fixamente para a frente. Ele nunca seria mal-educado, mas era evidente que a conversa o deixara desconfortável. Matthew poderia ter progredido mais do que Andreas imaginara. Talvez fosse necessário falar mais abertamente, mas não naquele momento.

"Você tem algum tempo livre esta semana, meu garoto? Talvez, amanhã?”

"Amanhã é difícil. Eu te ligo assim que ajeitar a minha agenda dos próximos dias".

"Está ótimo".

"Vamos lá, vou te ajudar a fazer o registro".

---

5 Personagem da mitologia grega - O Rei Minos, de Creta, após vencer uma guerra contra Atenas, obriga os cidadãos da cidade a lhe mandarem, a cada

nove anos, sete jovens e sete donzelas como alimento para o Minotauro, um ser meio touro, meio homem, que mora num labirinto. Teseu resolve acabar com esta servidão e se apresenta para ser mandado sabendo que, caso matasse o monstro, seria libertado. Chegando a Creta, Teseu é visto por uma das filhas de Minos, Ariadne, que se apaixona por ele. Ela lhe entrega um rolo de fio que o herói vai desenrolando desde que entra no labirinto, o que lhe permite encontrar a saída após matar o Minotauro (N. T.).

6¨Em grego no original. Em português, "Avô" (N. T.).

4

No começo, era a palavra. No final, as palavras já não valiam grande coisa. Nas missas, às quais comparecia sub-repticiamente, Matthew perdia rapidamente o fio das palavras pronunciadas, cantadas; perdia seu conhecimento da língua grega, tudo se transformava em pura música, puro som. Som misturado com o aroma do incenso, com o lampejo de lâmpadas pálidas nas folhas de ouro, os olhos negros dos santos no iconóstase. Em alguns dias, bastava invocar uma espécie de transe, que acarinhava a alma ou, ao menos, a psique. Era isso a fé? Ele sabia que, se acompanhasse as palavras, se tentasse seguir o curso daquela jornada intelectualmente, tudo pareceria ridículo. Ele tinha de se abandonar, se deixar levar. Robin, sua ex-namorada, uma católica relapsa, sentia a mesma coisa que ele. Cristo Hipnotizador, era como ela chamava aquilo.

Na Grécia, na vila de seu avô, um velho sacerdote mostrara a Matthew uma fotografia em branco e preto, um pouco desfocada, da Nossa Senhora de Katarini, tirada antes da guerra, antes do desaparecimento do ícone. As descrições de seu avô, os textos que lera numa série de livros, todas as palavras, tudo aquilo resultara inútil diante de um simples olhar para uma fotografia de doze por dezoito centímetros, de sessenta anos atrás. Num átimo, descobrira tudo. A esperança, o anelo, o desespero, estava tudo lá, no turbilhão daquele cinza-escuro, naqueles olhos negros. Agora, se o seu padrinho estivesse certo, ele estava a poucos minutos de ver a verdadeira obra. E todas as palavras resultariam, novamente, inúteis.

A casa, com sua fachada de pedra, era parecida com todas as outras daquela rua, a não ser pelas barras de ferro nas janelas e pela discreta câmera de segurança na porta. A campainha não fez nenhum som audível do lado de fora, mas Matthew esperou. Quando a porta foi aberta, estava com a atenção focada na tela do auto-falante.

Uma coisa era certa, ela não era a empregada. Cerca de trinta anos, atraente, cabelos de um loiro-escuro, círculos em torno dos olhos de um azul-pálido e um terninho bege muito caro. A neta. Ela pareceu surpresa em vê-lo, mas disse seu nome.

"Sr. Spear?”

"Sim. Senhorita Kessler?”

"Eu mesma. O senhor parece surpreso em me ver".

"Eu ia dizer a mesma coisa".

Ela riu, uma risada curta, forte e desinibida.

"Entre". Ele deu um passo para a frente e viu-se num hall apertado, muito próximo dela, que dizia, "Preconceitos são uma coisa engraçada. Quem o senhor esperava encontrar?”

"Não sei. Uma empregada, talvez".

"Não tenho empregada".

Do lado direito, havia uma biblioteca escura revestida de lambris de madeira, mas o resto da casa era fartamente iluminado. Ele a seguiu por um corredor estreito e acolhedor. Gravuras emolduradas cobriam as paredes, mapas de cidades medievais; o gosto do falecido, sem dúvida. Ela não tinha redecorado o lugar com o seu próprio gosto, pensou ele, e depois lembrou-se de que não fazia a menor idéia de qual fosse o gosto dela. Como Robin teria comentado, ele estava tentando construir uma personalidade antes de conhecer a pessoa. Era um dos seus maus hábitos.

"A cozinheira é surda e não está, no momento. Eu dispensei a enfermeira depois da morte do meu avô, então estou sozinha. Aceita um café?”

A cozinha era clara, as janelas deixando entrar tanta luz quanto permitia o colossal olmo que ficava no quintal. Matthew hesitou. Era a primeira vez que fazia uma consulta em domicílio, e não conhecia muito bem o protocolo.

"Só se a senhorita também tomar".

"Qualquer desculpa serve para uma xícara de café. Por favor, sente-se".

Pegando uma garrafa térmica plástica barata de cima do balcão, ela serviu um café velho - dava para saber pelo cheiro - em duas xícaras de porcelana chinesa azul.

"Leite, açúcar?”

"Puro, está ótimo, obrigado".

"Ainda bem, porque eu não tenho leite e não sei onde está o açúcar".

Ele deu um golinho e pôs a xícara de lado. Na sua família, ninguém serviria um café daqueles nem para o pior inimigo. Qual será a dos ricos com a comida?

"Então, quem a senhorita estava esperando?”

"Ah, sei lá".

"Um terno xadrez? Cabelos grisalhos e óculos pendurados na ponta do nariz?”

"É isso aí. E talvez um cachimbo, também".

"Não nesta profissão. Ninguém vai querer soprar baforadas de fumo nessas delicadas superfícies".

"Claro. Na verdade, eu só estava achando que seria alguém mais velho".

"Estou ficando mais velho, todos os dias".

Ela riu de novo e ele percebeu que teria de começar a resistir ao impulso de ficar provocando as deliciosas risadas dela.

"O senhor está trabalhando no museu há muito tempo?", perguntou ela.

"Não muito. Há três anos. Uma pessoa pode estar lá há dez anos e ainda ser um novato".

"Mas o senhor é um curador?”

"Curador assistente".

"Isso é bem impressionante para alguém da sua idade, não?”

Ele, finalmente, entendeu. Aquilo não era conversa mole, ele estava sendo interrogado. Teria ele competência para avaliar as obras do avô dela?

"Na verdade, não. Eles precisavam de alguém que conhecesse arte bizantina ortodoxa, e este é o meu principal interesse. Antes de vir para cá, eu trabalhei por dois anos no Museu Bizantino, em Atenas".

"Interessante". Ela pareceu se cansar rapidamente do próprio interrogatório. "Este café está horrível. Vou fazer um novo".

"Não se preocupe, eu já tomei bastante café de manhã".

"O senhor quer começar a trabalhar e eu o estou segurando".

"Não há pressa". Ele tinha de ser cuidadoso. "Eu sei que não é uma coisa fácil de se fazer. Quer dizer, expor a um perfeito estranho obras que têm um alto valor sentimental. Uma coisa é simplesmente contemplar a obra, outra é ver uma pessoa, teoricamente especialista, avaliando as peças, reduzindo-as a simples mercadorias".

"É isso que o senhor faz?”

"Espero que não. Estou tentando ver a coisa do seu ponto de vista".

"O senhor é muito compreensivo. Deve fazer sempre esse tipo de trabalho".

"Na verdade, não".

Ela pareceu se convencer.

"A coisa é que o ícone está lá embaixo, numa espécie de capela que meu avô construiu. É um lugar muito reservado. Ninguém entrava lá, a não ser ele".

"Entendo. Bem, nós, ou a senhorita, pode trazê-lo para cá, e eu o examino aqui mesmo. Acho que, de qualquer maneira, a luz seria provavelmente melhor".

"Desculpe-me, eu nem pensei no problema da luz. Eu nem posso imaginar vê-lo em qualquer outro local que não seja no que está agora, naquele estranho lugar. Acho que foi por isso que eu nem mexi nele".

"Agora, a senhorita me deixou curioso".

"Acho que eu estou exagerando. É só uma pequena capela, o deleite de um velho. Quero dizer, quem é que constrói uma capela na própria casa, nos dias de hoje?”

"Seu avô, evidentemente, era um medievalista apaixonado".

"É, ele era".

"Posso ver?”

Por um momento, ela olhou para ele, com expressão vazia. Estava cansada, talvez sem dormir, e os pensamentos custavam a formar-se na sua mente.

"A capela? Mas claro, eu quero que o senhor a veja. Depois podemos levar o ícone para algum lugar com luz melhor, para que o senhor o examine apropriadamente".

"Ótimo".

"Muito bem". Ela levantou-se, mas fez uma nova pausa. "Acho que o que eu estou tentando explicar é que, para o meu avô, o ícone não era uma obra de arte valiosa. Era um objeto sagrado, para ser idolatrado".

Matthew sentiu uma comichão atrás da cabeça e, num impulso contrário à sua natureza, revelou uma parte de si mesmo.

"Este era o propósito original", disse ele, baixinho. "Foi para isto que ele foi criado".

Eram as palavras certas. Ela parecia calma, mas continuava parada no lugar.

"É estranho. Ele foi educado numa família católica, mas preferia a arte ortodoxa. Era como se seu gosto estético o impelisse em direção a uma crença religiosa diferente. O que pode fazer com que se duvide da sinceridade dele, mas eu acho que para ele toda arte, até mesmo a arte secular, era espiritual".

Ele sorriu, consciente de que não havia necessidade de uma resposta.

"Eu espero", disse ela, hesitante, "que essa conversa sobre religião não ofenda o senhor".

"De jeito nenhum. Eu venho de família grega, a religião está no nosso sangue".

"Eu deveria saber. O meu advogado conhece o seu padrinho, não é?”

"É verdade".

"Então o nome Spear é...

"Spyridis. Meu avô até hoje não perdoa o meu pai por isso".

"Entendo". Ela voltou a sentar-se, mas ele sentiu que fizera progressos. "Então o senhor é grego ortodoxo?”

"Sim, quer dizer, se é que sou alguma coisa. Meu pai não é uma pessoa religiosa e minha formação não foi exatamente composta por aulas de religião".

"E sua mãe?”

"Ela é crente, basicamente, ela e meu avô. Sabe aquelas contas que eles têm sempre nos dedos?

Chama-se komboloi, eles estão sempre com aquilo. E calendários de santos nas paredes, toda essa coisa.

Eles nos levavam para a igreja na Páscoa, queriam ter certeza de que nós entendêssemos o que tudo aquilo significava".

"Nós’ é quem?”

"Eu e a minha irmã".

"Sua irmã é religiosa?”

Onde diabos ela queria chegar com aquela conversa?

"Não. Ela tem a mente científica do meu pai".

"E o senhor? Sua mente é científica ou espiritual?”

"Eu tento misturar as duas. Minha formação é científica, mas uma pessoa não consegue entender verdadeiramente o trabalho que eu faço, se não compreender os propósitos religiosos".

"Mas que resposta cuidadosa!”

"Eu as escrevo nas minhas mangas para poder consultar a qualquer momento".

"Para o caso de se ver torturado pelas perguntas rudes de alguém como eu", riu ela. "Desculpe-me.

Eu estou tentando conhecê-lo melhor. Mas acho que empaquei".

"Se a senhorita não se sente confortável em ver o ícone agora, nós podemos marcar um outro encontro. Eu confesso que ficarei um pouco decepcionado, mas...”

"Não, não tem problema. O senhor foi inacreditavelmente paciente".

"Por falar nisso, por favor, me chame de Matthew".

"Matthew. Ótimo. Normalmente, eu me chamo Chris".

"Normalmente, é?”

"Normalmente".

"É assim que eu devo te chamar?”

Ele podia interpretar o demorado olhar que ela lhe lançou de muitas maneiras, mas resolveu ignorá-lo. Ela levou as duas xícaras para a pia e ficou um instante parada lá, de costas para ele.

"Não, acho que não. Me chame de Ana".

"Ana. Está bem".

"Vem comigo, Matthew".

A câmara não era grande, talvez uns sete metros de comprimento por quatro de largura. A escuridão dentro dela era acentuada pela luminosidade do resto da casa. A única iluminação vinha de seis pequenos vitrais decorados em azul, vermelho e amarelo. Matthew conseguiu ver um banco, um candelabro e alguns painéis quadrados nas paredes. De perto, podia ver os detalhes dos painéis, figuras numa cena de multidão, uma cruz inclinada contra um céu azul-acinzentado. Do painel maior, diretamente oposto à entrada em arco, ele não pôde divisar nada até que sua acompanhante apertou um interruptor e a Nossa Senhora de Katarini emergiu das sombras.

O ícone, medindo uns sessenta por setenta e cinco centímetros, estava bastante danificado e, à primeira vista, parecia quase um abstrato: um campo dourado luminoso e uma espécie de mancha amarronzada emergindo de baixo e cobrindo quase todo o painel. A mancha acabou mostrando ser um manto envolvendo o torso e a cabeça de uma mulher. Seus antebraços estavam levantados em frente do peito, suas mãos longas erguidas em suplicante prece. O contorno do capuz era claramente visível, mas os detalhes do rosto estavam obscurecidos. Com exceção dos olhos. Os olhos eram sedutores e Matthew percebeu que já tinha atravessado metade da capela, sem nem notar que estava andando. Nem mesmo a fotografia o tinha preparado para aqueles olhos flutuando debaixo do capelo. Grandes, castanho-escuros, quase pretos, em forma de amêndoas, num estilo claramente oriental. Penetrantes, oniscientes, dementes, prontos a perdoar, mas esperando que você tomasse a iniciativa. Matthew cravou seu olhar neles pelo maior tempo que conseguiu, e depois teve de desviar o olhar.

"Você está bem?" A pergunta dela veio em surdina, atrás dele.

"Estou".

"Eles mexem com você, não é? Os olhos. Eu nunca consegui olhar para eles por muito tempo".

"Eles são muito expressivos".

"Um pouco assustadores, eu acho. Lindos, mas julgadores. Como você sente a própria religião, quando é jovem.

"Acho que a religião era uma experiência bem mais primordial quando ele foi pintado".

"Fico pensando em todas aquelas obras-primas da Renascença". Agora, ela estava ao seu lado, falando baixinho, quase no ouvido dele. "Esteticamente, elas são impecáveis. Maria está sempre serena. Mas tem alguma coisa tão mais poderosa. mais vital, neste aqui. Ela parece forte. Divina. Não que, tecnicamente,

Maria seja uma espécie de deus".

"Para os gregos, ela é".

"Me desculpe, eu estou tagarelando. Poderia culpar o café, mas a verdade é que eu sempre fico nervosa, aqui dentro".

"Consciência culpada?”

"Pode ser. É que acho a obra muito perturbadora. Meu avô podia ficar sentado na frente dela por horas, não sei como". Ele sentia a respiração dela no seu pescoço quando ela exalava fundo, tentando acalmar-se. "Na verdade, ele morreu aqui".

"Sei".

"Teve um ataque cardíaco e um derrame, tudo ao mesmo tempo. Diana, a enfermeira dele, o encontrou exatamente aí onde você está".

Ele resistiu ao impulso de se mexer.

"Não é de espantar que te incomode".

"E então, é um bom trabalho, Matthew?”

"É uma pena a quantidade de danos, se bem que isto aumente a mística. Eu diria que é um excelente trabalho e muito antigo. Possivelmente, pré-iconoclasta, o que faria dele uma autêntica raridade.

Vou saber mais quando o examinar de perto".

"Acho melhor nós o tirarmos da parede".

"Posso fazer isso, se você quiser. Tenho experiência em mexer com estas coisas.”

Ela puxou o cabelo para trás com as duas mãos e assentiu.

"É possível que isto viole as condições do seguro, mas eu acho que prefiro assim. Só temos de desligar o alarme".

"Como fazemos isso?”

"Não tenho muita certeza. Venha me ajudar a descobrir".

Na noite anterior, Andreas deixara um recado para Morrison em Washington, e o agente ligara para ele no hotel, na manhã seguinte.

"O que te trouxe para os Estados Unidos, meu amigo?”

"Meu filho está doente".

"Nossa! Lamento muito".

Não restava dúvida de que ele lamentava, mas o tom da sua voz indicava claramente que ele tinha mais coisas a fazer do que ficar batendo papo com um antigo espião grego aposentado. Andreas podia imaginar a figura. Magro, cabelo curto e aquele olhar nervoso, que nunca se fixava em coisa nenhuma, determinado a não perder nada, enquanto perdia tudo. Impaciência. Esta era a

razão, a pesar de todos os recursos financeiros dos Estados Unidos, pela qual a inteligência americana sempre entendia as coisas errado. Eles eram muito bons em interpretar as fotos via satélite, mas não sabiam ler as expressões das pessoas. Não eram capazes de entender os sentimentos de um povo, ou mesmo de um único homem.

"Tenho um pedido", continuou Andreas. "Mas o assunto é bastante delicado".

"Esta linha é segura".

"Eu preferia marcar um encontro. Acho que você está aqui em Nova York, não?”

"Por que você diz isso?”

"Simples palpite". Uma pessoa, se não tinha recursos, tinha de se especializar em adivinhar certo.

"Você vem sempre para cá. Além do que, eu sei muito bem que, em Washington, não existem linhas telefônicas seguras".

Morrison riu. "Bem, lá isso é verdade. Muito bem, mas terá de ser breve e logo. Como agora mesmo, hoje de manhã".

"Para mim, está ótimo".

Morrison escolheu uma cafeteria comum perto da Herald Square, o tipo de lugar em que ele sempre se sentia à vontade, O homem tinha um conhecimento enciclopédico de todas as casas de pasto absolutamente sem personalidade, sem nada que as destacasse, em todas as cidades do nordeste dos Estados Unidos. Dill Brader, o antecessor de Morrison, levara Andreas para magníficos restaurantes, onde eles comiam, bebiam, contavam histórias e trocavam informações quase casualmente, como se nada daquilo fosse na verdade um negócio. Mas Barber não seguia rigidamente o protocolo e Andreas fora, então, muito útil.

Chegou cedo e escolheu uma cabine nos fundos, bem perto da chapa quente e engordurada.

Morrison chegou poucos minutos depois, envergando seus tradicionais terno azul e capa cinza, seu uniforme de todos os dias que naquele, casualmente, era apropriado - ventava e ameaçava chover.

"Você me parece bem".

"Eu não estou bem, e nem você", sapecou Andreas em resposta, não só para tirar a segurança do homem, mas também porque era verdade. A última vez que eles tinham se encontrado fora anos atrás, e o tempo não fora gentil com Morrison. Ele engordara, seu cabelo ficara branco nas têmporas e seu olhar já

não ficava pulando de um canto a outro, mas parecia adormecido. Talvez conseqüência de missões bastante desagradáveis. Talvez problemas familiares. Andreas poderia perguntar, mas o outro, com certeza, não falaria do assunto.

"Estou bem, sim, só sinto falta de mais horas de sono. Lamento sobre o seu garoto. É Alex, não?”

"Você se deu ao trabalho de ler a minha ficha. Sinto-me honrado".

"Meu Deus, Andy, eu só me lembrei! Você sempre insulta as pessoas antes de lhes pedir um favor?”

"Sempre. É um costume grego. Nós detestamos ficar devendo alguma coisa para alguém, então já os ofendemos de cara, para deixar claro que eles não mandam na gente".

Aplacado e divertido, Morrison balançou a cabeça.

"É mesmo?”

"Não. Eu é que sou um velho mal-educado. Desculpa. Ele se chama Alex, sim".

"O que é que ele tem?”

"Uma doença no sangue. Você saberia o que é, se eu me lembrasse do nome. Essas doenças são raras na minha família, ainda mais para alguém tão jovem... eu não entendo".

"Ninguém entende essas coisas. Deus trabalha de maneiras misteriosas, que droga!".

Andreas decidiu que gostava mais do velho e alquebrado Morrison do que do jovem arrogante e insolente que conhecera antes. Uma garçonete cansada, com os cabelos pintados de loiro, olhou com um silencioso, mas mal disfarçado desagrado, para o pedido de dois cafés simples, e o agente sentiu-se na obrigação de acrescentar ovos e torradas.

"Ainda não tomei meu café da manhã".

"Você deve tomar sempre seu café, Robert".

"Eu sei, minha mulher me diz isso todos os dias".

"Eu, por ruim, não tomaria meu café aqui. Sou sempre muito cuidadoso com a comida".

"Na verdade, eu não pretendia comer".

"Ela te deixou intimidado. Ela é uma peloponesa, aquela tipa, uma selvagem. O cozinheiro também não tem cara de ser muito limpo. E o lavador de pratos, o mexicano lá no canto, está resfriado.

Não, eu não vou comer aqui".

"Eu tomo um suco de laranja para matar os germes".

"Suco de laranja! Melhor comer alho".

"Alho nos ovos!?”

"É melhor do que no café. Estou procurando um homem".

"Coisa oficial?”

"Eu já não trabalho em coisas oficiais. isto aqui é o que vocês chamam de favor. Quero saber se este homem entrou no país nas últimas duas semanas. Provavelmente teria entrado por algum lugar próximo a Nova York, mas pode ser que não. Eu posso te dar todos os apelidos conhecidos que ele usa".

"Ainda assim é muito vago. De onde ele teria vindo?”

"Da América do Sul. Da Argentina, mas é bem possível que tenha passado por algum outro país antes".

"Então, o cara sabe o que está fazendo".

"Sabe, mas eu acredito que, nesta altura, ele já tenha baixado um pouco a guarda. Ele não está esperando ser seguido e certamente está com muita pressa".

"Descrição física?”

"Altura média, olhos azuis. Velho, deve estar com uns oitenta anos".

"Por acaso, este sujeito não seria alemão? Morto há uns trinta anos?”

Andreas recostou-se no banco de napa, desapontado com o desenvolvimento da conversa. Ele tinha contado com a relativa juventude de Morrison, crente de que ele não soubesse de nada.

"Nós nunca falamos disso antes".

"Ora, vamos lá, Andy", disse, rindo, o homem do governo. "Todo mundo sabe que era a sua obsessão. Está tudo na sua pasta. Mas, pelo que se sabe, o cara está morto".

"Eles me mostraram uma sepultura. Uma cruz de madeira e um pouco de terra revirada, atrás da última casa onde ele morou. Eu nunca vi nenhum corpo".

"Quem te mostrou foi o serviço secreto argentino?”

"A sepultura era nova. Não tinha mais do que um ou dois dias. Eles podem tê-la cavado uma hora antes de eu chegar ao local".

"As pessoas morrem, sabia, caro amigo? Uma porção desses velhos nazistas acabou morrendo de morte natural".

"Foi tudo muito conveniente. Eles estavam protegendo o sujeito. Ainda estão, tenho certeza.

Talvez você também esteja".

"Eu?!" Morrison riu, inocentemente.

"A maravilhosa organização para a qual você trabalha. É interessante saber que a minha caçada ao Müller esteja tão detalhadamente descrita na minha ficha,

principalmente sabendo que vocês não me deram ajuda nenhuma na ocasião".

"Os recursos eram parcos. Ele era um peixe pequeno, um major ou um coronel, se não me engano.

Nem ao menos um general, quanto mais um arquiteto do Reich. Você deveria ter procurado os israelitas".

"Ele era um peixe pequeno para eles, também. Mas, no final, acabaram me dando algumas pistas.

Foi assim que eu descobri a casa".

"Mas os argentinos te interceptaram".

"Assim que eu desci do ônibus numa cidade próxima. Eles sabiam exatamente quem eu era. Foram muito educados, disseram que tinham notícias que me fariam muito feliz. Me levaram para cima do morro, onde ficava a casa, e me mostraram a sepultura".

"Tudo parece muito bem armado".

"Você vai me ajudar, Robert?”

Morrison espetou seu garfo numa pilha de ovos fritos que tinham acabado de pôr na frente dele.

Então, estacou, parecendo perplexo, ou talvez nauseado.

"Troço grudento".

"Mande de volta".

"A situação é que é grudenta. Se houve alguma razão para nós não termos te ajudado no passado, eu não sei qual foi, e eu não acho que seria uma boa mexer nesse vespeiro agora".

"Depois de todos esses anos, quem é que vai se importar? Faça as vontades de um velho".

"De um jeito ou de outro, acabo dando com os burros n'água. Se ele estiver morto, eu perdi tempo. Se estiver vivo, e eu te puser na cola dele, as coisas podem ficar pretas. Não posso deixar você acabar com este cara em solo americano".

"Quem é que falou nisso?”

"Não era isso que você estava pretendendo, naquela época? Por que mais você quereria encontrá-

lo?”

"Tenho perguntas a lhe fazer. E, mais importante, tenho de ficar de olho nele para proteger outras pessoas".

"Você acha que ele pretende tentar alguma coisa? Se você acha, terá de me contar".

"Não tenho a menor idéia do que ele pretende. Entenda, Robert", e Andreas se inclinou sobre a mesa de fórmica barata, cravando seus olhos nos do outro homem, "só o que eu quero saber é se ele entrou no país. Mesmo tendo esta informação, eu ainda terei de encontrá-lo, o que, provavelmente, acabará sendo impossível mas, ao menos, eu estarei prevenido. É a mim que você estará protegendo com esta informação, percebe?”

"O que eu percebo é que você é um velho malandro, cheio de lábia".

"Manda me seguir".

"Não posso me dar a esse luxo".

Andreas pôs a mão no bolso do seu casaco e tirou de lá um pedaço de papel, que colocou sobre a mesa. Morrison ficou olhando para ele, enquanto mastigava sua torrada.

"Os apelidos?”

"Todos os que eu conheço".

"Ele pode ter arranjado mais uns vinte, nos últimos trinta anos".

"É verdade. Mas, como não tinha ninguém atrás dele, eu duvido que ele tenha se dado a esse trabalho. Não é uma coisa tão simples, criar novas identidades. De qualquer maneira, pelo menos um desses foi usado nos últimos dez anos, na Europa Oriental. Assinalei qual deles. Claro que pode não ter sido ele".

Já estava começando a ser informação demais para o agente, que viera para a grande metrópole com outras prioridades, e agora se remexia, desconfortável, no banco. Andreas estava contente. Era melhor que o velho e cansado burocrata se lembrasse o mínimo possível do que fora dito naquela conversa.

"Se eu pegar este papel", disse Morrison, indicando a folha com um gesto de cabeça, "isso não quer dizer que eu esteja me comprometendo a nada. Eu posso fazer a busca e, mesmo assim, me decidir a não usar os resultados. Pode ser que você não receba nenhuma resposta minha".

"Eu entendo".

O agente suspirou e tirou sua carteira do bolso do paletó, sacando uma nota de vinte e colocando dentro da carteira a folha de papel.

"A não ser que este sujeito esteja numa lista de procurados, vai ser muito difícil que eu o localize.

Não me liga para falar deste assunto. Eu ligo para o teu hotel se tiver alguma informação a dar".

"Você nunca me deixa pagar".

"Aqui é o meu país. Você pode me pagar o jantar em Atenas".

"Você sempre diz isso, mas não aparece nunca".
"Um dia destes".

5

Fotis estava no seu banco predileto, colocado de maneira a ficar parcialmente exposto à luz do sol, com seu casaco cinza, o chapéu de feltro e o bigodão branco, parecendo uma placa de estrada. Manchas de um rosa brilhante se destacavam nas proeminentes maçãs do rosto e ele olhava, distraidamente, para o nada, enquanto jogava pequenas côdeas de pão para um bando de pombas que ciscava aos seus pés. Fotis ocupava um lugar tão importante no imaginário de Matthew, que este freqüentemente se surpreendia em ver no que seu padrinho, um velho de aparência tão delicada, se transformara. E por que não? Ele estava próximo dos noventa. Mas havia fatores ainda mais importantes do que a idade, alguma profunda mudança estava ocorrendo, algo só perceptível para quem o visse semanalmente. Fotis estava doente. O velho enfeitiçador — ou manipulador, como Alekos o chamava - nunca daria o braço a torcer, mas não estava bem, e sua doença parecia acrescentar um sentido de emergência a todos os seus últimos esforços. Matthew sentou-se.

"Kalimera, Theio".9.

Fotis virou-se lentamente e sorriu para ele.

"Está uma bela manhã. Eu consigo sentir o sol. Acho que sobrevivemos a mais um inverno".

"O inverno já terminou há semanas".

"Nunca se sabe. Março é sempre o pior mês. Ele te tapeia com suas flores e temperaturas amenas e, de repente, te enterra embaixo de montanhas de neve. Eu prefiro abril; acho que estamos seguros, agora.

Como vai o teu pai?”

"Melhor. Talvez eles o mandem para casa".

"Excelente. E como foram as coisas entre ele e o teu avô?”

"Mais ou menos. Um pouco tensas. A certa altura, eles arranjaram uma desculpa para me mandar para fora do quarto, então eu não sei de tudo o que aconteceu, mas eles pareciam estar se entendendo quando eu voltei".

Fotis balançou a cabeça. "Pobre homem".

"E você? Como vai?”

"Na mesma, sempre na mesma". Ele deu um tapinha no joelho do afilhado. "Este é o meu segredo. Vamos dar uma volta".

Eles caminharam em sentido norte, com o sol às costas. O caminho largo,

que serpenteava entre os jardins do zoológico, estava cheio de crianças que não paravam de emitir gritinhos estridentes e Matthew segurou, protetoramente, o braço do seu padrinho. Fotis sorriu, benévolo, para a horda que ziguezagueava, chegando mesmo a dar uma risadinha cansada quando um menino, cheio de energia e em desabalada carreira, colidiu com suas pernas. Foram ver as focas na sua ilha artificial e deram uma olhada no urso polar, que dava voltas preguiçosas no seu laguinho.

"Você fechou o negócio com a casa?", perguntou Matthew. Fotis falara de um lugar em Armonk, que lhe interessava comprar, e imediatamente Matthew e Robin, que crescera nas imediações, resolveram dar um pulo até lá para conhecer o lugar. Isso foi há poucas semanas, dias antes de ela acabar com a relação deles.

"A casa". Fotis parecia surpreso. "Eu não me lembro de ter falado com você sobre o assunto. Não, eu acabei resolvendo não comprá-la. Achei muito cara só para me satisfazer um capricho".

Isso era curioso. Quando tinham discutido o assunto pela última vez, seu padrinho parecia estar bastante entusiasmado com o imóvel e Matthew ficara com a impressão de que o negócio estava praticamente fechado.

Outro dos pequenos mistérios do velho. Dando de ombros mentalmente, Matthew achou que era chegado o momento e que cabia a ele trazer à baila o assunto que estava na mente de ambos.

"Ontem, eu vi o ícone do Kessler".

"Me conta".

"É maravilhoso. Quer dizer, está bastante danificado, mas tem alguma coisa muito poderosa na obra. Alguma coisa muito emocionante".

"Então, você diria que o valor dela é mais espiritual do que artístico?”

"Não necessariamente. Quer dizer, valor para quem?”

"Este é justamente o ponto". O velho fez uma pausa, antes de encetar uma longa subida por onde o caminho seguia. "Você vai recomendar a compra da obra aos seus superiores?”

"O chefe do meu departamento vai precisar vê-la. Provavelmente, o diretor também. A decisão será tomada num nível superior".

"Ora, vamos lá, você não terá nenhuma influência?”

"Eu sou o especialista em arte bizantina, então com certeza serei ouvido. Se fosse somente por sua antigüidade, acho que nós deveríamos comprar o ícone, e ele é também uma grande obra de arte. Pode ser o creme do creme das novas galerias".

"Certamente".

"Mas há tantas outras possibilidades. O museu não tem como comprar tudo o que deveria".

"Mas, você gostaria que eles a comprassem?”

"Egoisticamente, eu adoraria tê-la por perto, para poder estudá-la sempre que me desse na telha.

Nós temos poucos ícones e nenhum como este".

"Eu diria que não existe nenhum como ele. Mas ele seria exposto numa sala do museu para que todos pudessem ver, ou ficaria trancado num porão com temperatura maravilhosamente bem controlada, exclusivamente para os olhos dos especialistas?”

"Confesso que esta é uma das preocupações".

"Eu já imaginava. Você é um garoto muito consciencioso. Mas, agora", ele pegou o braço de Matthew e começou novamente a andar, "conte-me sobre o ícone em si".

Matthew descreveu a obra enquanto eles continuavam a caminhada, passando por um canteiro de narcisos amarelos e brancos e através de um pequeno campo de árvores frutíferas, os galhos pesados de frutos recém-brotados. Tentou manter uma linguagem técnica, mas estava temeroso de que a repercussão emocional que o ícone causara nele transparecesse. Parecia impossível usar o jargão acadêmico, manter a distância profissional recomendada ao falar, ou mesmo pensar, naquela obra específica e ele ainda nem se conscientizara inteiramente do que aquilo poderia significar. O velho ouvia calado, a expressão imutável, até que eles chegaram ao cruzamento da Rua 72.

"Maravilhoso. Eu gostaria imensamente de vê-lo outra vez, um dia destes".

"Tenho certeza de que posso dar um jeito, mesmo que não compremos o ícone".

Fotis olhou para ele com olhos úmidos, talvez uma simples conseqüência do vento.

"Eu sabia que você era a pessoa certa para examinar aquele ícone".

"Eu deveria te agradecer por ter me recomendado ao advogado deles. Foi uma feliz coincidência que você o conhecesse".

"Pertencemos ao mesmo clube, mas não há nada para agradecer. O museu teria mandado você, de um jeito ou de outro".

"Talvez, se você não tivesse mencionado, a família nem pensasse no museu. Mas, não importa o que aconteça agora, eu tive a oportunidade de estudá-lo e estou muito satisfeito".

"Me disseram que você causou uma ótima impressão na senhorita Kessler".

"O advogado te disse isso?”

"Por que deveria ser segredo? Na verdade, é possível que ela queira que você volte para fazer uma segunda avaliação. Desta vez, só para ela".

Matthew deu de ombros, desconfortável.

"Acho que isto não seria desonesto, enquanto o museu está estudando o caso".

Eles atravessaram a rua e começaram a descer a íngreme ladeira que dava no lago.

"A não ser que eu esteja enganado, será ela, e não o museu, quem decidirá o destino do ícone".

"Claro".

"Ela vai precisar de ajuda para tomar esta decisão. E ela já confia em você".

"Estranho, não?”

"Você está presumindo que será colocado numa posição contrária aos seus princípios. Mas, existe uma outra maneira de encarar o caso. Talvez seja preciso que alguém diga para a senhorita Kessler o que ela deve fazer".

"Não sei se estou entendendo".

"Você não está. Ainda".

Não trocaram mais nenhuma palavra até chegarem ao fim da ladeira. Então, Fotis agarrou o braço do afilhado com força, e Matthew percebeu que o velho tinha uma expressão de dor no rosto, dor física, provavelmente forte. Fotis travou os dentes e fechou os olhos, respirando com dificuldade e parecendo perder o equilíbrio.

"Theio, você está bem?”

O velho não respondeu, mas, passados poucos instantes, a serenidade voltou ao seu rosto.

"Esta brisa está uma delícia, não está, meu querido garoto?”

"Quer se sentar?”

"Uns poucos minutos, talvez".

Eles se acomodaram num banco na beira da água, um pouco depois do posto onde os observadores de gaviões assestavam seus telescópios. Fotis sentou-se pesadamente. Matthew, preocupado como estava, não disse palavra. Esta não tinha sido a primeira vez que vira aqueles sintomas e ele sabia que fazer perguntas só faria com que o velho se retraísse ainda mais. Aquela dor era a sua dor, tão ciumentamente guardada quanto todos os seus outros segredos. A superfície do lago se assemelhava a um vidro escuro que refletia a sombra escurecida da casa de barcos situada do outro lado. Atrás dela, árvores altas

assomavam bem acima do nível da rua e, acima das árvores, apareciam as torres quadradas de pedra da Quinta Avenida, banhadas em luz amarelada.

"Posso ir te buscar alguma coisa?", perguntou Matthew, mas Fotis fez um sinal negativo.

"O destino é uma coisa curiosa. Nós pensamos que dirigimos as nossas próprias vidas, mas certas coisas começam a acontecer, cada vez com mais freqüência, que te levam numa certa direção. Você não acha que isso é verdade? Nós não conseguimos resistir. Podemos seguir em frente, fingindo que ainda estamos no controle. Ou podemos tentar descobrir o que o destino está pretendendo fazer com a gente e ajudá-lo a chegar onde quer".

"Eu não acredito muito em destino".

"Isso é porque você é jovem. Na sua idade, a pessoa tem de acreditar na própria força. Numa outra época, os jovens buscavam conselhos com os mais velhos. Acreditava-se que a experiência trazia conhecimento aos idosos. Mas, hoje em dia, não é mais assim".

Matthew entendeu a indireta e fechou a boca.

"Hoje, você me disse umas coisas bastante interessantes", continuou Fotis. "É muito possível que seu inconsciente já tenha percebido um dilema do qual seu consciente ainda não se deu conta, porque você ainda não tem de tomar uma decisão. Muito bem, é o seguinte. Eu fui procurado, dias atrás, por uma personalidade altamente influente da Igreja grega. A respeito do ícone. Eles estão firmemente determinados a adquirir a obra e querem que eu os ajude".

Uma onda de ansiedade percorreu o jovem. Ele inclinou-se para a frente no banco, não acreditando mas ao mesmo tempo sabendo que, no fundo, estava esperando alguma coisa exatamente assim.

"Por que a Igreja faria contato com você? Como é que eles chegaram a saber sobre o ícone?”

"A Igreja tem muitos recursos e eu tenho muitos amigos dentro da Igreja. Eles sempre fazem o maior esforço para recuperar tesouros artísticos que lhes foram roubados, especialmente aqueles que tem poder e grande significado religioso. E o fato de que o ícone estava com o Kessler não era segredo para ninguém".

"Ele ter sido roubado não passa de uma conjectura".

"Não". O velho respondeu imediatamente, mas depois pareceu tentar se conter. "Você deve ter visto os documentos que estão de posse do advogado. O que eles dizem sobre a proveniência do ícone?”

"Mais ou menos a mesma coisa do que sobre a obra que nós discutimos".

"A Nossa Senhora de Katarini".

"Eles não usam este nome, mas é evidentemente a mesma obra. Anterior ao movimento iconoclasta10, origem desconhecida. Nos últimos séculos, esteve numa igreja em Epiros".

"E como foi que ele chegou às mãos do Kessler?”

"Ele alega que a comprou de um colega seu. um homem de negócios suíço".

"E este suíço seria o ladrão. Ou a pessoa de quem ele a comprou. O que importa? Em algum momento, a obra foi roubada. Nenhum grego, em seu perfeito juízo, teria aberto mão do ícone".

"Talvez alguém que precisasse de dinheiro, depois da guerra".

"Ela foi roubada durante a guerra, pode ter certeza. Os alemães a levaram quando saíram da Grécia".

Agora chegamos ao ponto, pensou Matthew. Há semanas, seu padrinho vinha deixando entender que queria alguma coisa.

"Como é que você sabe disso?”

Fotis suspirou, passando as palmas das mãos abertas sobre o tecido cinzento das calças.

"Muito bem, muito bem. Eu já te contei que vi o ícone uma vez".

"Certo. Foi assim que começamos a nossa primeira conversa sobre ele".

"Mas eu não te contei tudo. Foi durante a guerra que eu o vi, naquela igreja da vila do seu avô. Na verdade, foi o seu Papou que deu um jeito para que eu pudesse vê-lo. Eu nunca pude me esquecer daquele dia. Fiquei lá menos de uma hora, mas fui completamente tomado pela beleza, pelo poder que emanava de dentro dele. Você sabe que eu lutava do lado dos guerrilheiros. Era encarregado da resistência naquela área e mandei um homem tirar o ícone da igreja. Antes que os alemães se apossassem dele ou incendiassem o local sem saber o que estava guardado ali dentro. Eles queimaram uma porção de cidades, com suas igrejas e tudo".

O velho fez uma pausa, revendo mentalmente vilas inteiras tomadas pelo fogo. Matthew ficou observando os homens que observavam pássaros. Sentia que esta história ia acabar metendo-o em apuros, e não apenas porque o museu jamais se envolveria com obras de arte roubadas. A informação, que ele daria um braço para conseguir, custaria a sua própria neutralidade. Cada palavra o afundava ainda mais em seja o que for que seu padrinho planejara. Mas, como ele poderia resistir? Esses velhos revelavam seus bem guardados segredos tão poucas vezes!

"O que aconteceu?”

"Sim, o quê? Eu ainda não tenho certeza. Mandei para lá o meu melhor homem. To Fithee, era como nós o chamávamos. Todos nós usávamos nomes diferentes para que os alemães não pudessem colher informações sobre nossos irmãos ou nossas famílias. Dito hoje, isso parece tolice".

"To Fithee. A serpente".

"O Cobra, para dizer a verdade. Porque ele era imbatível na arte de entrar e sair dos lugares sem que ninguém percebesse. E por outras razões. Ele tinha suas próprias idéias sobre como fazer as coisas, mas eu confiava nele".

"E ele falhou".

"Não, ele conseguiu. Bem até demais. Entendeu, melhor do que eu, o quanto valia o ícone, e decidiu levá-lo a qualquer custo". Fotis umedeceu os lábios com a língua. "Ele matou um sacerdote".

Matthew recostou-se no banco. A coisa era mais preta do que ele pensava.

"Por quê?”

"Eu estou falando demais. Não tenho absoluta certeza de que ele o matou. O que eu sei é que o sacerdote interferiu de alguma maneira e acabou morto".

"E o que aconteceu com o ícone?”

"A igreja foi incendiada, acho que pelos alemães, mas pode até ser que tenha sido ele. Na época, eu presumi que o ícone fora queimado junto. Mais tarde, descobri que o meu homem tinha dado a obra para um oficial alemão".

"Dado!?”

"Trocado. Por armas e munições. Para lutar contra os comunistas. Assim que tivemos certeza de que os alemães estavam derrotados, esta se tornou a nossa prioridade. Então, veja você, ele não estava sendo ladrão, estava sendo patriota. Até onde eu saiba, ele estava recebendo ordens de alguém superior a mim".

Mathew bateu com os saltos dos sapatos no chão para aquecer os pés e aliviar sua agitação.

Subitamente, o ícone estava manchado, como se tivessem jogado sangue sobre ele. Ele já não seria capaz de olhar para a obra da mesma maneira. Fotis pareceu ler seus pensamentos.

"Muitos mataram por este ícone, e por outras obras como ele, através dos séculos. Isso não deveria te surpreender, meu garoto. Ou você está chocado por descobrir que as mãos do seu padrinho estão sujas de sangue?”

"Você não o mandou para matar o padre".

"Não. Mas eu mandava nele, achava que o controlava. Acontece que ele estava jogando o próprio jogo, como todo mundo fazia. É uma história triste. Eu lamento muito que isso te deixe aborrecido. Você gostaria de poder ver o ícone

de um ponto de vista puramente artístico mas, como você é uma espécie de historiador, eu achei que deveria saber".

"Isso não era uma aula de história. Nós estávamos falando da Igreja grega, lembra?"

"É verdade. Eu só quero deixar claro o seguinte. Nós discutimos a pouca importância que o ícone poderia ter para o seu museu. Você sabe, ou deveria saber, o valor que o ícone tinha, não apenas como fonte de fé, mas também como fonte de cura, na minha velha terra. Para mim, esta já seria uma razão suficiente para que ele voltasse para lá. Se não for, bem, ainda sobra a triste história do roubo dele e do que isso custou, em sangue. Pode restar alguma dúvida, depois do que você agora sabe, de qual seja o caminho correto a seguir?"

"Então, você quer que eu vá e diga para a senhorita Kessler que ela deve doar a obra para a Igreja grega?"

Fotis arregalou os olhos. "Vejo que você está com medo de enganá-la. Não, nada disso, a igreja está perfeitamente disposta a pagar pelo ícone. Claro que eles poderiam ganhar o direito de posse num processo legal, mas provar que a obra foi roubada e percorrer toda a lista de proprietários desde então pode levar anos e acabaria custando tanto em honorários de advogados quanto eles se disporiam a pagar imediatamente. Eles vão fazer uma oferta a ela, talvez não tanto quanto ela deseje, mas será uma oferta justa, eu não tenho dúvida. E ela é rica, então eu, se fosse você, não ficaria tão preocupado com isso".

"Mas você está me pedindo para convencê-la a vender".

"Apenas para aconselhá-la, deixá-La saber o que você acha do assunto. O resto virá naturalmente".

Matthew ergueu-se lentamente, lutando contra a vontade de xingar, dar um chute no banco, ou simplesmente sumir dali. Em vez disso, ficou simplesmente parado de pé, em frente do velho enrugado.

"O que é que você está tentando conseguir?"

"O que é que eu tenho com isso, meu garoto? A minha situação é o que é. O destino escolhe as suas próprias armas".

Armas, não instrumentos, pensou Matthew. Tentou pensar nele mesmo como uma arma do destino. Que piada!

"Não foi o destino quem me meteu nesta história. Foi você".

"E eu o que sou, senão outra peça? Estava escrito que você se envolveria".

"Esta é uma fórmula perfeita para justificar qualquer diabo de coisa que você queira, não é? Fica fácil viver assim!"

Na verdade, a vida de Fotis tinha sido qualquer coisa, menos fácil, e

Matthew não tinha esperança alguma nem de entender nem de refutar a filosofia dele. Mas seu padrinho parecia despreocupado, completamente sereno, o que era enfurecedor.

"Esta coisa chama-se fé e está ao alcance de todos. Você não precisa ser como seu pai".

"Que diabos você quer dizer com isso?”

"Nada, meu garoto. Apenas me saiu uma tolice. Eu te peço desculpas".

Ambos tinham falado demais e acabaram ficando calados. Matthew foi até a beira do lago. A água estava clara, fresca, sem folhas mortas ou outros detritos. Ele podia ver a plataforma de concreto e o fundo do lago. Este era o fundo do quintal de Matthew, toda esta área sul do parque que dava para o museu na Rua 72. Era ali que ele vinha caminhar para aliviar o estresse, superar um trauma ou desanuviar a cabeça. Este era exatamente o lugar para onde ele teria ido pensar sobre a terrível revelação que tivera, sobre o dilema que se colocava diante dele naquele momento. No entanto, ali estava ele e não sentia nenhum alívio. Ficou observando a água plácida, a luz da fonte, sentindo o cheiro da terra úmida, sem sentir emoção alguma, sem reagir a nada. Era como se uma tela invisível tivesse sido erguida entre ele e o mundo. Ele gostaria de acreditar que a culpa fora da conversa com Fotis, mas isso não estaria certo. Não era verdade que o sentimento já estava com ele há dois dias e que agora simplesmente se cristalizara? Não era verdade que a sensação começara no exato momento em que ele ficou diante do ícone, aqueles olhos negros capturando sua mente, as palavras de Ana Kessler, o hálito dela no seu ouvido? E desde então, o trabalho, as conversas, os fatos cotidianos da vida, tudo parecia uma longa e aborrecida interrupção do que era essencial, pensar sobre o ícone de novo, falar sobre ele, vê-lo novamente. Ele voltou a se aproximar de Fotis. O velho parecia distante, perdido nos próprios pensamentos, até que Matthew sentou-se ao lado dele.

"Não, chega. Está na hora de andar mais um pouco. Eu já te fiz perder muito tempo. Me ajuda a levantar".

Eles começaram a caminhar rumo ao norte, ao longo do estreito caminho que levava à ponte em Cedar Hill, mantendo seus comportamentos sociais, as mentes completamente desconexas dos corpos.

Matthew esperava ser pressionado insistentemente mas seu companheiro estava mudo, toda a atenção dirigida para si mesmo. Talvez tentando acalmar uma nova dor, ou economizando energias para terminar a caminhada. Lâmpadas fluorescentes iluminavam o teto do curto túnel. Um bolo de roupas encostado contra a parede mostrou ser, quando examinado mais de perto, um sem-teto,

dormindo ou morto.

"Se a Igreja chegasse a consegui-lo", disse Matthew, pensativo, "onde eles o colocariam?”

"Não chegamos a falar sobre esses detalhes. Eu não posso fazer esse tipo de perguntas para eles até que esteja pronto a apoiá-los, caso a resposta para a sua pergunta seja agradável para você. E eu não tenho como apoiá-los, sem a sua ajuda. Então me diga, onde você gostaria que eles colocassem o ícone?”

"Eu só quero ter certeza de que ele não vai acabar num cofre ou na parede particular de algum bispo. Quero que ele esteja exposto em algum lugar onde todos possam vê-lo".

"Então nós fazemos com que esta seja uma condição para o seu envolvimento".

"Eu não vejo como nós possamos estabelecer condições. Eu não pretendo convencer a senhorita Kessler de nada".

"Mas se ela pedir o seu conselho, você vai dá-lo".

"Terei de pensar no assunto".

"Esta é uma decisão inteligente".

Na subida da encosta, cachorros brincavam com seus donos. Ao norte, através das árvores e do outro lado da Rua 79, surgia a maciça construção de concreto e vidro, o lado sul do museu. Um caminho cruzava a alameda que eles percorriam, subindo por Cedar Hill, à esquerda deles, até a Quinta Avenida, à direita. Fotis pegaria esse caminho para ir até onde seu motorista - um dos russos, Anton ou Nicholas -

estava esperando. Obedecendo a uma regra jamais explicitada, Matthew nunca o acompanhava até o carro, mas ficava vendo se ele chegava bem na avenida.

"Vou deixar você ir trabalhar". Fotis pegou ambas as mãos do jovem nas suas. "Não se deixe perturbar. A decisão correta virá naturalmente, se você estiver em paz consigo mesmo. Que Deus o tenha, meu garoto".

"Cuide-se, Theio".

Um aperto de mão e o velho partiu na sua marcha vagarosa, mas constante, nunca olhando para trás. Matthew ficou estático naquele cruzamento até muito depois de seu padrinho sumir de vista.

Jan colocou o guia, aberto no capítulo do Central Park, de cabeça para baixo no banco e esperou que o velho passasse por ele. O mais jovem ainda continuava lá, uns cinqüenta metros atrás, olhando na direção dele. Não é provável que ele tenha notado nada, pensou Jan, está apenas se certificando de que o velho esteja

bem. Enfiou a mão no bolso e agarrou o objeto metálico que lá estava, sacando-o cuidadosamente. Um tiro bastaria, mas dois ou três eram o usual, na parte de trás da cabeça e no meio das omoplatas. Isto é, se aquilo fosse uma arma e não um celular.

Claro que aquele não era o local apropriado: muita gente e nenhum lugar para se esconder.

Qualquer um dos três curtos túneis pelos quais tinham passado seria uma opção melhor, especialmente se fosse um dia chuvoso ou com neblina, muito comum nos meses de abril em Nova York. Mas ele teria de se desfazer do jovem, também. O melhor lugar seria entre o carro e a casa, lá em Queens. Bem, antes ter diversas possibilidades. Ele poderia informar a Del Karos que não haveria nenhum problema. O negociante assumiria que ele estava sendo pretensioso, uma vez que já afirmara que o grego seria um alvo difícil, mas Jan na verdade não esperava ter grandes problemas, mesmo com os guarda-costas russos. Ele não se importaria de acabar com eles; detestava russos.

Não havia nenhum recado. Ele guardou o celular e pegou novamente o guia. Mais de 300 espécies de pássaros eram vistas no parque todos os anos, incluindo a garça verde e o sanhaço escarlate. Assombroso.

Jan balançou a cabeça, maravilhado com o mundo da Natureza.

---

9 Kalimera. Em grego no original. Em português, "Bom dia" (N.T.).

10 Theio. Em grego no original. Em português, "Tio" (N.T.).

O Iconoclasmo, ou culto das imagens, infiltrou-se profundamente na Igreja grega nos séculos VI e VII. Apoiado pelos monges, fazia parte integrante da religião. O movimento iconoclasta via nisso uma espécie de paganismo supersticioso. O governo secular aliou-se a ele e a luta passou a ser também política, já que estava em disputa a liberdade e autonomia eclesiástica, tão defendida pelos monges. Era a batalha pela independência da Igreja contra o despotismo imperial. O II Concílio de Niceia, em 787, defendeu o culto das imagens, congraçando as Igrejas de Roma e Constantinopla. A Reforma Protestante também participou na luta iconoclasta. Hoje, ao contrário da Igreja oriental, a Igreja católica continua a usar imagens e esculturas (N.T.).

6

Nuvens de poeira dançavam, iluminadas pelos fachos de luz, entre as prateleiras e Matthew teve de fazer um grande esforço para não se deixar hipnotizar, não permitir que sua imaginação voasse solta com os estranhos fatos descritos nas páginas que tinha diante dos olhos. No fim do corredor, na sua sala, a luz vermelha indicativa de recado piscava no aparelho telefônico - o idiota do advogado do potencial doador de Chicago, sem dúvida. Memorandos de Nevins, o curador-chefe, de Carol e do comitê de planejamento, do diretor, Legal, atulhavam seu e-mail, mas Matthew os estava ignorando. Em vez disso, enfiara-se na biblioteca do departamento com os velhos volumes que continham os poucos fragmentos do conhecimento que se tinha do ícone de Kessler.

Uma busca na Internet não revelou absolutamente nada sobre um assunto tão obscuro. As fontes bizantinas também não apresentavam nenhum dado digno de confiança, nada que pudesse levar ao local e data em que o ícone fora criado. As únicas pistas teriam de ser encontradas na própria obra. A parte inferior da peça estava tão danificada que ele não podia afirmar com certeza que não tivesse havido ali a imagem do Menino Jesus, para quem as mãos tremendamente lascadas de Maria deveriam estar dirigindo o olhar do observador. Isto colocaria a obra diretamente no estilo hodegetria, "Ela que mostra o caminho"; uma das tradições mais antigas e adoradas da confecção de ícones, baseada, de acordo com a crença popular, num original pintado pelo próprio São Lucas. Mas a posição das mãos e a semi-inclinação para a direita de toda a figura - mais provavelmente para dirigir o olhar do observador para fora do quadro - parecia colocar a obra antes na tradição hagiasoritissa, que era associada com a relíquia do capelo de Maria, trazido da Terra Santa por Santa Helena no século IV e colocado num relicário, sobre o qual o protótipo desse ícone estaria pendurado.

Havia alguns argumentos que contrariavam esta hipótese. O ícone de Katarini olhava diretamente para o observador, em vez de seguir a inclinação das mãos para a direita, onde usualmente estaria uma reprodução de Jesus. No entanto, Matthew conhecia outras imagens desta mesma tradição que tinham desrespeitado a regra. Um problema ainda maior era que o estilo não se tornara verdadeiramente popular antes da metade do século X e o ícone de Katarini era, certamente, mais antigo, talvez muito mais antigo.

Mas, quem poderia garantir que o estilo não existira anteriormente? Talvez

todas as peças anteriores tivessem sido destruídas no iconoclasmo do século VIII. Na verdade, pensou Matthew, - deixando que a conjectura longamente reprimida, que estivera crescendo dentro dele desde a manhã, emergisse -, quem poderia garantir que aquele ícone não era o próprio protótipo desaparecido há séculos? O primeiro do seu estilo, a inspiração para todos os que se seguiram?

Ao pensar nisso, sentiu um calafrio correr-lhe pela espinha. Combateu essa agitação súbita, dizendo a si mesmo que o significado religioso de tal descoberta importava pouco para ele. No entanto, teria enorme importância para outras pessoas, como os dignatários da Igreja que tinham feito contato com Fotis.

Mesmo como uma identificação histórica e artística seria um acontecimento importante - capaz de sedimentar uma carreira.

Mas, que lamentável pena! A não ser que futuras evidências surgissem de alguma fonte escondida, tudo aquilo seria eternamente apenas uma teoria. No entanto, enquanto ele não soubesse com certeza onde a Nossa Senhora fora pintada, ou como viera a aparecer em Épiros, ao menos poderia estudar os traços da história da permanência do ícone naquela cidade.

Os catálogos dos grandes críticos de arte dos séculos passados dedicavam pouco espaço para a Igreja Ortodoxa oriental e, quando ela era incluída, via-se sempre a mesma meia dúzia de ícones: um do século VI retratando Pedro, Maria e o Cristo Pantocrator, na Santa Catarina, no Sinai; algumas peças mais recentes de Theophanes e Rublev, na Rússia; a Virgem de Vladamir e poucos mais. Considerando a topografia escarpada dos montes gregos, para não falar no enorme número de obras daquele país que reclamavam status espiritual especial, o próprio fato da Nossa Senhora de Katarini se tornar conhecida já era quase miraculoso. A primeira menção ao ícone que Matthew conseguiu descobrir vinha de Thomas Hall, um aventureiro inglês que viajara por toda a Grécia e Turquia, por volta de 1780. Os relatos de viagem altamente fantasiosos de Hall incluíam, entre muitos outros informes, uma notícia sobre a "Nossa Senhora de Épiros"

(como se não houvesse mais que um único ícone de Nossa Senhora em toda a região), em que contava que a peça era "mais madeira lascada do que tinta, à exceção do adorável rosto da Virgem" e arrematava comentando o "poder de curar, ao simples toque das mãos na madeira puída, a cegueira daqueles que acreditavam com o coração e de cegar instantaneamente aqueles que tivessem uma natureza má ou avara".

Isso, seguido das histórias dos monges que levitavam em Meteora e antecedido da visão milagrosa de Cristo nas vestes da esposa dos camponeses, fazia com que Matthew, como sempre, rolasse de rir, ao ler Hall.

Lord Byron, na sua primeira e não fatal visita à Grécia, em 1809, mencionara um ícone milagroso de Nossa Senhora, de propriedade do tirano muçulmano Ali Pasha, que já estava velho, mas era forte física e mentalmente e que assim permaneceu até sua morte nas mãos de seus suseranos turcos, em 1822.

Novamente, a descrição era bastante próxima da Nossa Senhora de Katarini e Byron falava de uma estranha aura dourada circulando o ícone. Matthew balançou a cabeça. Se eu bebesse o que você bebia, meu caro Georginho, pensou ele, eu também veria aura em torno de todas as pinturas.

No entanto, era o último livro sobre a mesa que o perturbara mais. Johann Mayer-Goff fizera suas viagens no final do século XIX e era um autodidata especialista em arte ortodoxa. O alemão era um escritor sóbrio, impassível, até mesmo chato, ao menos nas traduções, nada amigo de hipérboles ou monges levitantes. Ele fora o primeiro a designar Katarini como o local onde estava o ícone e estivera presente na Festa da Anunciação naquela mesma velha igreja que o homem de Fotis incendiara, sessenta anos atrás. O dia estava chuvoso, escrevera Mayer-Goff e o santuário de pedra, completamente úmido, estava iluminado apenas pela luz das velas: O ícone foi trazido de dentro do seu escondedouro e colocado perto do altar. As mulheres camponesas choravam nos seus bancos, até caírem de joelhos no corredor e se aproximarem da Mãe de Deus, acarinhando a madeira com suas mãos nodosas. Uma delas, que há muitos anos não conseguia andar sem auxílio, subitamente pôs-se de pé, agradecendo aos céus. No final, um velho pastor cego, que tinha uma expressão furiosa, foi levado para a frente por uma jovem senhora e uma menina, que pareciam empurrá-lo contra a sua vontade. Quando a mão dele foi colocada sobre a testa da Santíssima, ele deu um grito e fixou os olhos na chama da vela mais próxima, depois olhou-nos a cada um de nós da congregação. Era evidente, pelos movimentos dele, que podia nos ver e, com outro grito, caiu no chão de pedra e chorou como uma criança. Eu vi tudo isso com meus próprios olhos.

Matthew começou a ver pontos pretos dançando na página e percebeu que estava com a respiração presa há alguns segundos. Inalando profundamente, ele acabou exalando uma gargalhada embaraçada.

Contenha-se, meu caro.

"Então, aí está você".

Ele levantou os olhos e viu sua velha colega Carol Voss de pé diante da mesa. Num gesto rápido, fechou o livro de Mayer-Goff, como se tivesse sido surpreendido por sua mãe lendo Playboy no banheiro.

"Pois é, aqui estou".

"Não responde mais os meus e-mails?, brincou ela, seus olhos verdes atrás das lentes grandes, observando-o, cuidadosamente. Carol era sua única amiga íntima no museu e ele não conseguia esconder muita coisa dela.

"Se isso te faz sentir-se melhor, não são só os seus que eu não estou respondendo".

"Estudando o ícone do Kessler?", perguntou ela, indicando, com um gesto, os livros sobre a mesa.

"Sim".

"Verificando a procedência?”

"Tentando. As informações são todas muito superficiais".

"Você está estudando isso a sério?", perguntou ela, céptica.

"Nem todo mundo sabe mais que os livros, como você, que sabe mais sobre o diretor do que ele mesmo, não é Madame Sabe Tudo?”

Ela riu. "Eu não sei de nada. Mas o Nevins parece excitado".

"Certo. Mas ele fica lá nos claustros dele o dia inteiro. Eu nem mesmo sei se ele falou com o Líder Destemido".

"Fale com ele você mesmo "Nós não temos esse tipo de relacionamento".

"Você parece preocupado", disse ela, de repente. "Problemas de propriedade legítima?”

"Tal vez", concedeu ele, num tom de voz quase inaudível.

"Já verificamos no Registro de Obras Perdidas?”

"Ainda não. Temos de ter um pouco mais de certeza de que queremos a obra, certo? Além do que, se há um roubo nesta história, não vai aparecer lá. Seria anterior".

A frase "despojos de guerra" ficou suspensa no ar entre eles, não verbalizada. Carol, claramente, pensou em dizer mais alguma coisa e Matthew se pilhou desejando que ela o fizesse para ter alguém com quem dividir sua carga. Mas ela simplesmente ergueu os ombros.

"Boa sorte, garotão. Me chama se precisar de ajuda. E, Matthew, eu sei esta é uma obra fantástica e tudo o mais, mas é só uma pintura. Não é toda a tua vida".

Ligar para Benny Ezraki não era tarefa fácil. O cartão de visitas com o número do serviço de recados era de anos atrás e Andreas não sabia se Benny continuava vivo e muito menos se ainda estava envolvido no negócio de encontrar pessoas desaparecidas, mas ele era, inquestionavelmente, o homem certo para o trabalho, caso resolvesse aceitá-lo. A secretária eletrônica atendeu, mas não havia nada gravado além do sinal do bip. Andreas deixou seu nome e o número do hotel e, dez minutos depois, seu velho contato em Israel ligou de

volta. Andreas poderia passar em seu novo escritório, caso desejasse, mas talvez não o aprovasse. O velho sabia que estava entrando numa esparrela, mas, mesmo assim, concordou.

A placa na porta informava se tratar de uma agência de viagens, havia até mesmo cartazes da Turquia e do Egito nas paredes e a garota com expressão eficiente e fones nos ouvidos, que estava na recepção, parecia legitimar o negócio. Mas aquele era apenas o primeiro andar. O segundo, ao qual se chegava por uma longa escada, consistia de corredores estreitos e portas fechadas e as mulheres que, encostadas nas paredes, fumavam casualmente em trajes sumários, completavam a impressão. Todas sorriram para Andreas apontando para a última porta do corredor.

Benny o recebeu com um abraço de urso que quase lhe quebra as costelas e que logo se transformou num quase passo de dança, provavelmente destinado a revistar os bolsos do paletó de Andreas.

Velho hábito, disse Benny, desculpando-se. O ardiloso judeu grego ainda parecia jovem para a idade que tinha, perto dos sessenta anos, mas apresentava marcas de cansaço e algum desalento. A barba estava ficando grisalha mais rapidamente do que o cabelo, os ombros largos estavam ligeiramente inclinados e as bolsas embaixo dos olhos castanhos pareciam mais pronunciadas. A sala tinha vista para a alameda, um enorme computador em cima da mesa e um calendário com reproduções de Picasso na parede. A luz era parca e o espaço restrito estava infestado de fumaça azul de cigano.

"Você achou mesmo que eu ia me chocar com este lugar?”

"Eu esperava que sim; vocês atenienses são todos uns santarrões. Mas eu me esqueci que, agora, você é um cidadão do mundo".

"Este é o seu novo negócio?”

O homem chupou a fumaça de um cigarro, como se sua vida dependesse daquilo, e soprou bem na cara de Andreas. Raramente ria, mesmo quando estava brincando.

"É sempre o mesmo negócio. Viagens, marketing, putaria, tudo gira em torno de informações.

Não sei como não pensei nisso há anos. Você não acreditaria no tipo de coisas que essas garotas conseguem descobrir".

Andreas, conhecedor da natureza humana, não teve dificuldade em acreditar.

"Elas são seguras?”

"Um médico as examina todo mês. Quer experimentar uma?”

"Não foi isso que eu perguntei".

"Eu não lhes passo informações delicadas. Somente nomes. Depois mando-as dar um rolê nos hotéis cujos registros eu não consigo invadir com meu computador. E elas sempre voltam com histórias.

Você sabe, chantagem não é o meu lance, mas se fosse eu ficaria milionário".

"Você é muito negligente para esse tipo de coisa. Acabaria sendo assassinado".

"Talvez você tenha razão".

"Podemos falar livremente? Ou o embaixador de Israel está trepando aí do lado?”

"Temos muito pouco movimento por aqui", respondeu Benny, jogando-se numa poltrona ergonômica muito surrada, que rangeu sob seu peso. "Atendemos principalmente em domicílio. Como comida chinesa. Isto aqui não é um bordel".

"Não! ?”

"Não. É um serviço de acompanhantes. Estas não são nem as garotas principais".

"Não fale tão alto".

"Não seja bobo. As garotas quentes ficam em casa, esperando que eu ligue. A gente verifica o cliente, se assegura que seja seguro, pega o número do cartão de crédito e depois solta a gata".

"Tudo em nome de uma boa informação".

"É nisso que eu trabalho".

"Excelente. Estou procurando uma pessoa".

Benny se contorceu para alcançar um cinzeiro na barafunda da sua escrivaninha, apagou um Gauloise e imediatamente acendeu outro. "Você não está aposentado?”

"Há anos".

"Mas nunca completamente, certo?”

"Fiquei meio de olho um tempo. Até que os idiotas trouxessem o Papandreou de volta. Aí, pulei fora".

"O Papandreou, o Mitsotakis, nenhum deles serve para merda nenhuma. Este novo parece ser um cara decente. Agora, os nossos políticos israelenses...".

"Não vim aqui para discutir política, Benny". Andreas sentiu que o outro brochava. "Meu negócio não é oficial. Preciso de um favor. Hoje em dia, só me resta ficar mendigando favores. Você pode até recusar, depois que eu te contar o que quero, mas, por favor, não vamos discutir política. Deixa esse assunto para os velhos que não tem mais o que fazer".

"Por que eu me recusaria?”

"Porque você não vai ganhar nada com isso. A não ser minha gratidão".

"E por acaso a gratidão não vale mais merda nenhuma nos dias atuais? Deixa que eu mesmo resolvo o que me interessa".

Andreas deu uma pequena risadinha e assentiu de cabeça. Tinha tocado no ponto certo, mas não podia abusar.

"Há alguns anos, você me ajudou num negócio".

"Que Deus nos proteja, você está caçando nazistas de novo?”

"O mesmo".

"Ele está morto".

"Não. Está aqui".

Benny encarou-o. "Tem certeza?”

"Tenho".

Esta era uma jogada arriscada. Ele tinha apenas a palavra de Fotis sobre Müller, garantia muito pouco suficiente, sem corroboração. Mas seu instinto, desde que saíra de Atenas, lhe dizia que devia ser verdade. Se estivesse enganado, seria um truque cruel. Os pais de Benny foram levados na deportação de Salônica, em 1943, e morreram em Auschwitz. Müller poderia ou não estar envolvido, mas, na época, ele era um oficial alemão, servindo em Salônica, e este fato bastara para que Benny se resolvesse, trinta anos antes.

Ele fora o analista do Mossad que jogara algumas pistas nas mãos de Andreas e entre eles o jogo sempre fora limpo, desde então. Ambos eram, por natureza, muito cautelosos a respeito de fatos e Andreas nunca afirmava ter certeza de alguma coisa, se não tinha.

"Mas você não sabe exatamente onde ele está".

"É isto que eu preciso que você descubra".

"Então, como é que você sabe que ele está aqui?”

"Me informaram".

"Uma fonte confiável, eu espero".

"Eu vou te pagar. Então, você não estará perdendo seu tempo".

"Andou entesourando seus dracmas, é? Bem, o que eu sei é que quando um grego concorda em pagar, deve ter muita certeza do que está fazendo. Mas então não será um favor".

"Nós não precisamos de favores. E você pode até se recusar, mas não brinque com um velho".

Benny ergueu as mãos abertas em sinal de rendição e inclinou-se para pegar outro cigarro, mas percebeu que ainda não tinha terminado o que estava no cinzeiro. Estava mais agitado do que transparecia.

"O Müller. Você faz idéia da enrascada em que me meteu por causa desse negócio?”

"Como poderia não fazer, depois de você me ter contado um milhão de vezes? Mas agora você é o seu próprio patrão.

"O que quer dizer que eu tenho menos recursos do que costumava ter".

"Mas tem uma tecnologia melhor".

"Isto", Benny indicou o monitor do computador, "não vai nos ajudar nada no caso do Müller. Eu não consigo imaginá-lo num hotel grande, facilitando as coisas para nós".

"Por que não? Ninguém está atrás dele há anos. Um cidadão civil, viajando com nome falso, onde encontraria melhor esconderijo do que num hotel lotado?”

O outro pensou no assunto alguns instantes. "Você pode ter razão. Mas a minha experiência me ensinou que as pessoas não mudam de comportamento. Eles podem até variar um pouco, mas o padrão é discernível. Esses velhos nazistas não se hospedam em hotéis".

"Ficam aonde?”

"Em casas particulares, se tiverem as conexões necessárias. E, se este for o caso, nós nunca o encontraremos. Faz algum tempo que eu não procuro um destes tipos e nunca fiz isto neste país, mas existiam duas pequenas pousadas, dirigidas por velhas senhoras alemãs, muito discretas. Uma fica no Brooldin, e talvez nem exista mais, e a outra no Village. Eu começaria por ali".

"E você vai fazer isso?”

"Dentro de certas condições".

Andreas suspirou. Preferia ter de pagar o resgate de um rei a ter de aturar condições impostas pelos outros, mas Benny era um companheiro e não podia ser tratado como um qualquer.

"Quais?”

"Quais são as suas intenções quando o encontrarmos?”

"Esta é uma pergunta, não uma condição".

"Uma coisa tem a ver com a outra. Eu preciso saber". Benny ficou medindo o outro, sem piscar, enquanto Andreas levava mais tempo do que seria prudente para formular sua resposta. "Meu amigo", pressionou Benny, inclinando-se para a frente na poltrona, "será que ao menos você sabe quais são as suas intenções?”

"Tenho algumas perguntas a fazer para ele, se ele puder ser convencido a responder. Também é muito importante que eu monitore as ações dele".

"Você já teve planos mais ousados que este".

"Eu era mais jovem. Ele não teve culpa no caso dos seus pais, Benny. Ele só

estava lá para roubar.

Esse sempre foi o único interesse dele".

"Isso pode ser verdade, mas não justifica o que ele fez. Eu vi a assinatura dele em algumas ordens de prisão. Ele tomou parte. E tem também a tua história, que já seria razão suficiente".

"Razão para quê? De uma vez por todas, diga quais são as drogas das suas condições".

Pela janela, entrou o som de sirenes distantes. Uma mulher riu, num quarto ao lado. Andreas sentiu-se grudado na cadeira, velho e cansado.

"Para começar, eu não quero o seu dinheiro. Então, ou nós entramos nesta juntos, ou eu estou fora. Eu o encontro e a gente vai lhe fazer uma visitinha. É provável que ele se sinta mais inclinado a responder as suas perguntas se eu estiver do seu lado".

"E depois?”

Benny deu de ombros.

"Se as circunstâncias permitirem, nós acabamos com ele".

7

"Desta vez, o café está fresquinho".

Matthew tinha certeza de que ela era uma pessoa acostumada a transmitir calma e segurança, mas sua movimentação indecisa entre os balcões revelava nervosismo. Seria por causa dele? Mas, por quê?

Provavelmente eram os detalhes confusos do espólio do avô, razão pela qual ele tirara mais uma tarde livre do seu trabalho para ajudá-la a entender. Tinha caminhado pela beira do reservatório, mal atentando para o vento cortante, a iluminescência dourada da água e os olhares raivosos dos corredores, quando eram incomodados em seus exercícios na trilha estreita. Sua sensibilidade estava embotada por imagens que não lhe saíam da mente: um pastor cego subitamente olhando para a chama de uma vela; viúvas de vestes negras rastejando sobre joelhos calosos, expondo seus sofrimentos para a Mãe de Deus e depois levantando-se, curadas; uma câmara escura cheia de suplicantes cansados e resignados que se recompunham, todos eles, cada um deles, com um simples toque, um simples olhar. Rostos como o de seu avô, seus tios, seus primos, rostos como o dele. As palavras de Mayer Goff ecoavam na sua cabeça: eu vi com os meus próprios olhos.

Ele quase se esquece de sair do parque na Rua 90, os sapatos caros cheios de lama, seu passo e o bater do coração apressados, de forma inquietante, no momento em que viu a casa de pedra dos Kessler.

"Obrigado", disse ele. "Não precisava".

"Claro que não é café grego. Eu não sei fazer".

"Você precisaria dos grãos certos, como para fazer um expresso. É mais fácil ir até algum lugar onde eles saibam fazer".

"Você conhece algum lugar bom?”

Ana trouxe duas xícaras para a mesa e sentou-se em frente dele. O rosto dela ainda parecia cansado, mas havia alguma coisa forte nela, além do esgotamento. Parecia enfrentar bem as situações.

"Conheço alguns".

Ele tinha tanta certeza de que Ana iria lhe perguntar onde eram esses lugares, perguntar-lhe se ele poderia levá-la a um deles algum dia, que ficou ligeiramente desconcertado quando ela não fez isso.

"Obrigado por vir", disse ela, em tom comercial, olhando para sua xícara de

café. "Eu sei que só consigo te atrair com a possibilidade de ver o ícone de novo, mas o preço que você tem de pagar é conversar sobre alguns assuntos comigo. Informalmente. Eu entendo que sua lealdade tem de ser com o Met".

"Fico feliz em poder ajudar".

"Você pode me dizer o quanto o museu está interessado?”

"Estamos interessados, não há dúvida. Mas ainda não sei até onde vai esse interesse".

"Quer dizer que vai depender do preço".

"Este é um fator, lógico. O curador-chefe do meu departamento tem de ver a obra. E o diretor, também".

"Então não é com você que eu vou negociar?”

"Eu estarei envolvido, mas a coisa será decidida num nível superior".

"Que pena", disse ela, sem emoção. "A gente se dá tão bem".

Ele riu nervosamente. Ela era tão direta nas suas abordagens e ao mesmo tempo tão volúvel nos humores, que ele nunca sabia como se comportar.

"Você poderia insistir nesse ponto. As pessoas fazem coisas assim. Nós já tivemos uma velha senhora excêntrica que só falava com o assistente do nosso consultor jurídico, porque ele tinha freqüentado a mesma universidade que o falecido marido dela".

"Brilhante!”

"O diretor não achou".

"Você acha que eu devo fazer isso? Vai ajudar a tua carreira?”

"Sabe", disse ele, cuidadosamente, "você devia deixar que o teu advogado fizesse a negociação".

"Meu advogado. Ele é um cara todo cheio de truques, este meu advogado. O sujeito é capaz de roubar os dois lados".

"Você não deveria ter um advogado em quem confiasse?”

"Ah, mas eu acho que confio nele". Ela baixou os olhos e tomou um gole de café. "Ele toma conta dos negócios dos Kessler há trinta anos. Sabe todos os segredos. Eu não conseguiria me livrar dele nem que quisesse".

"Você tem um preço em mente?”

"Ele tem. Para mim, parece alto, mas se o ícone é tão raro quanto você diz, talvez eu esteja enganada. Eu gostaria de te perguntar quanto você acha justo".

"E eu gostaria de te dizer. O preço justo é aquele que o mercado pode pagar".

"Mas nós não vamos testar o mercado".

"Eu não acredito que seu advogado deixe de sondar alguns lugares".

"Você acha que a gente deveria pesquisar?”

"Seria a coisa mais natural a fazer".

"Falar com aqueles proxenetas das casas de leilão?" O tom de voz dela era duro. "Eles sempre prometem o sol, a lua e as estrelas".

"Às vezes, conseguem".

"O que é que você está me dizendo, Matthew? Que eu deveria procurar um colecionador particular milionário?”

O olhar dela era intenso e ele se viu lutando com seu embaraço, tomado por sua honestidade pouco política.

"Na verdade, eu acho que esta seria uma idéia medonha. Não necessariamente para você".

"Não embroma".

"É que a idéia de que aquela obra seja trancada, escondida do mundo, pendurada na parede particular de alguém...".

"Como está agora", pressionou ela.

Ele soltou o ar, devagar. "É. Como está agora. Seria uma escolha triste. O ícone deve ficar onde muitas pessoas possam vê-lo".

"Num museu".

"Um museu seria a opção mais óbvia".

"Mas um museu vai dar a ele a atenção que ele merece?”

A mesma pergunta que Fotis fizera e Matthew continuava sem uma resposta melhor.

"Você pode impor condições para a venda. É um procedimento usual".

Ana balançou a cabeça. "O meu advogado me disse que nós não temos poder com uma única obra. Se eu estivesse doando toda a coleção, eu poderia fazer exigências. Ou talvez, se fosse um Picasso ou um Rembrandt. Me diga se estou errada".

"Você provavelmente está certa". Ele ergueu os ombros. "Mas, mesmo assim, vale a pena discutir".

"O fato de que os bizantinos não são tratados com o mesmo respeito que os mestres renascentistas, ou os impressionistas, ou a arte ocidental, te incomoda?”

"Sabe, eu nunca pensei em popularidade quando entrei nesta área. Tolo como era, apenas estudei o que me interessava".

"Mas tem de te deixar puto da vida! Para as pessoas que fizeram este ícone, esta era uma questão de vida ou morte, não era? Eles erguiam essas obras na frente de seus exércitos quando iam para as batalhas.

E morriam para defendê-las. Será que alguém já morreu por causa de um Renoir?”

Ela estava debruçada sobre a mesa, olhos arregalados, a mão gesticulando freneticamente. Ele queria rir do ridículo do argumento dela, mas era impossível. Ela era tão sincera, tão envolvida com as próprias emoções, que era ele que se sentia ridículo, diminuído por sua contenção.

"É verdade, mas acontece que o que importa é a religião. Eles matam e morrem pelo que o ícone representa, não pela beleza dele".

Ana recostou-se, assentindo lentamente diante do que ele dizia, ou em função de algum novo pensamento.

"É onde tudo se resume no final das contas, certo? Não é possível tirar a religião da equação".

Ela foi até o balcão e serviu mais café, ainda que nenhum dos dois tivesse acabado de tomar. Não estava usando vestido, mas um par de jeans desbotados com uma camiseta branca e ele se descobriu fascinado pela curva longa da perna dela desenhada contra a calça justa. Ela ficou lá alguns momentos, de costas para ele.

"Bem, Matthew,já que nós não vamos negociar diretamente, eu queria te pedir um conselho sobre um assunto. Eu sei que você vai ser honesto comigo".

"Vou tentar".

Ela voltou para a mesa e sentou-se novamente, os olhos colados nele enquanto falava: "Uma pessoa da Igreja grega ligou para o Wallace, meu advogado. Eles querem o ícone".

Ele já sabia o que ela ia dizer, antes que ela falasse. Fotis já pusera mãos à obra, forçando a barra.

"Alguém da Igreja grega na Grécia?”

"Não tenho certeza. A pessoa que ligou era um sacerdote americano, mas falava em nome da Igreja da Grécia. Eu não sei bem qual é a diferença".

"É complicado, até para eles".

"Aparentemente, eles têm uma séria desconfiança de que o ícone tenha sido roubado da Grécia, anos atrás".

Ela olhava para ele com tanta força que ele se sentiu implicado no crime. Este era, claramente, o assunto sobre o qual ela quisera falar o tempo todo.

"E você se espantou ao ouvir isso?”

Ela respondeu sem tirar os olhos dele. "Não". "Eles estão dispostos a pagar?".

"Não falaram em números, mas sim, eles pagariam".

"E como ficou a coisa?”

"Em nada. Nós devemos voltar a procurá-los".

"Que conselho você quer que eu te dê?”

Finalmente, ela desviou os olhos.

"Estou só curiosa por saber o que você acha do assunto. Quer dizer, não estou pensando seriamente em vender para eles".

"Por que não?”

"Você acha que eu deveria?”

"Para de responder minhas perguntas com outras perguntas e pense sobre o que te interessa". Ele tinha aumentado ligeiramente o tom da voz, e ela pareceu se ressentir. "Olha Ana, não é uma questão do que você deveria fazer. Eu só me pergunto por que você não acha que a Igreja seja uma opção válida".

"É que para mim é uma idéia nova, só isso. Eu conheço marchands, colecionadores, museus. Este é o mundo da arte. Esta idéia traz um elemento inteiramente novo. Eles querem o ícone por razões completamente diferentes. Eu não tenho como comparar as duas coisas".

Os pensamentos dele andavam num carrossel: os planos de Fotis, seus próprios desejos, o que dizer a ela, e quando dizer - ele não conseguia se concentrar para analisar o todo.

"Acho que uma das maneiras de decidir seria pensar em quem vai ver a obra em cada caso, e o que cada grupo vai tirar da experiência. Você precisa de mais informações".

"Mas, será que isso importa? Vamos dizer que seja verdade que o ícone tenha sido roubado. Nesse caso, não pertence a eles? E eles não poderão causar terríveis problemas para mim e para o museu?”

Ele estivera propositalmente fugindo do assunto, mas agora já não havia como escapar. Um mero rumor, espalhado pelos gregos, falando em "peça roubada pelos nazistas" faria com que o museu perdesse o interesse, instantaneamente. Não seriam necessárias nem provas concretas.

"Foram esses argumentos que a Igreja usou com seu advogado?”

"Eles foram mais sutis, eu tenho certeza, mas ele entendeu. E fez questão de se assegurar que eu também tivesse entendido".

"O que ele recomenda?”

"Ele é um sujeito que não se intimida fácil, o Wallace. Até onde eu saiba, o museu continua sendo a primeira opção, mas ele não teria nem mencionado a Igreja se não quisesse que eu pensasse no assunto".

"Bem". Matthew lutava para encontrar palavras. "Isso é interessante".

"Você acha, é? Do meu ponto de vista, isto só está servindo para me deixar com os nervos em frangalhos".

"Você parece estar cada vez mais indecisa".

"Estou sempre mudando de idéia". Ela passou a mão pelos cabelos. "Nenhuma das opções parece ser a correta. O meu advogado me põe louca com seus conselhos contraditórios num tom de voz absolutamente neutro e a única coisa que você faz são perguntas".

"Pelo menos, ele está sendo pago. Meus conselhos são de graça".

"Você quer que eu te pague?”

"Eu estou fazendo perguntas que, eu acho, vão te ajudar a saber o que você quer. Não estou em posição de te dizer o que fazer".

"O que eu precisava neste momento era de alguém que me dissesse".

"Pois eu tenho a forte suspeita de que, se alguém tentasse, você resistiria com unhas e dentes".

Ela o agraciou com o seu primeiro sorriso do dia. "Pareço assim tão brava?”

Ele se reclinou na cadeira e devolveu o sorriso. "É o que eu faria".

"Sério? Então existe uma fera teimosa debaixo desta aparência delicada, Sr. Spear?”

"É o que dizem", disse ele, olhando para o chão. Melhor mudar de assunto, bem rapidinho. "Você já pensou em simplesmente não vender?”

"O problema é que uma parte destas coisas tem de ser vendida. Apesar de todos os cuidados do meu avô, existem os impostos sobre herança, um monte de despesas. Algumas, bem pesadas".

"Por que o ícone? Tem um monte de outras obras, não têm?”

"As modernas, eu quero manter, são as que eu curto. E, das antigas, o ícone é a mais valiosa".

"Talvez seja esta justamente a razão para mantê-la".

Ela colocou ambas as palmas das mãos na mesa.

"Muito bem, quer saber a verdade?”

"Por favor".

"Aquela coisa me assusta, sempre assustou. Eu sei que não passa de tinta, mas é como se tivesse alguma coisa mais, alguma coisa furtiva que fica lá dentro, espreitando. Depois, tem a história do meu avô ter morrido na frente dela... Eu quero me livrar do ícone. Pronto, eu já disse. Agora, você pode ficar furioso comigo".

"Acho que não. Isso só quer dizer que a obra está te afetando. Talvez não da maneira como o criador teria preferido mas, de um jeito ou de outro, ela mexe com você".

Ela ficou pensativa um momento, depois abriu um novo sorriso.

"Você quer dizer o artista. Não o Criador".

Ele enrubesceu, sem razão.

"Isso mesmo. O pequeno artífice, não o que criou todas as coisas".

"Me desculpa, eu estou tonta. Preciso de uma pausa neste assunto". Ela olhou para o relógio.

"Minha Nossa, é tarde! Você não precisa voltar para o escritório?”

"Hoje, não".

"Você deveria estar em algum lugar?”

"Não". Mas ele sentiu a dispensada e levantou-se. "Só tenho de pôr umas leituras em dia".

Ele foi até a pia lavar a própria xícara, infantilmente chateado por não ter a chance de ver o ícone novamente. Esta obsessão não era típica dele e Matthew sentiu-se irritado. A visita servira aos propósitos dela, não aos dele.

"Pode deixar. Eu faço isso".

"Não tem problema". Ele colocou a xícara molhada no escorredor.

"Eu estava pensando se você não gostaria de jantar. Se não tiver outro compromisso".

Matthew balançou a cabeça, desacorçoado com a própria burrice. Desde quando ele andava tão lerdo? Será que estava entendendo tudo errado, fazendo com que as coisas ficassem mais difíceis para ela?

"É uma bela idéia".

Ela estava olhando para ele, serenamente, e ele esperou por uma desculpa para engolir as próprias palavras. Era uma péssima idéia, na verdade. Havia este assunto comercial mal resolvido entre eles, e ela era uma mulher estranha numa posição vulnerável. Apesar da simpatia, ou até mesmo fascínio, que sentia por ela, ele ficava constantemente embaraçado na frente dela. O velho carrilhão alemão, de mais de cem anos, que ficava na sala de jantar, interrompeu o crescente silêncio com seu badalar ressonante.

"Prometo não falar sobre o ícone", acrescentou ela, e ele pensou no caminho para sua casa, passando pelas lavanderias e pelos restaurantes chineses até chegar ao apartamento vazio, enquanto qualquer desculpa esfarrapada que ele inventasse ficaria ecoando nas velhas paredes de pedra da casa dela, e ela sozinha, tomando café, sentada na mesa a noite toda.

"Claro", disse Matthew, "eu vou adorar. Onde você quer ir?”

Mas acabaram não indo a lugar nenhum. Ana achou que poderiam preparar qualquer coisa, sendo as únicas dificuldades o fato de haver pouca comida na casa e ela não saber cozinhar. Mas ela sabia onde ficava a adega, e foi pegar uma

garrafa enquanto Matthew cortava uns cogumelos e batia quatro ovos com um pouco de água. Um pouco de parmesão, rodelas de maçã e, em poucos minutos, ele criara um perfeito omelete, que eles comeram com torradas e um Châteaux Margaux 1984.

"O vinho está errado", disse Ana.

"Se você gosta, não está".

"Você gosta?”

"Muito, mas não entendo muito de vinho. Me enfiaram muita retzina11 goela abaixo, quando eu era criança".

"Retzina", grunhiu ela. "Meu Deus, aquilo é um veneno".

"É neste momento que eu deveria dizer - com meu nariz empinado, assim - que você nunca experimentou retzina de verdade. "Só tomou aquela porcaria de exportação, Theomou, scatah!".12

"Legal, você fica parecendo alguém...".

"O Marlon Brando".

"Eu ia dizer o Mussolini".

"Nossa, obrigado. Mas a verdade é que, para mim, todas as marcas de retzina têm gosto de árvore podre. Meu negócio é comida grega, mas vinho francês". Ele rodou o líquido escuro no copo. A comida tinha feito desaparecer parte da sua tensão. "Cada um faz o que sabe fazer".

Ela colocou uma garfada enorme de omelete na boca, como se não visse comida há dias.

"Todos os homens gregos sabem cozinhar?”

"Isto é só um omelete, Ana. Qualquer cara solteiro sabe fazer, mas isso não quer dizer que eu saiba cozinhar de verdade".

"Para você. Nesta cozinha, isto é um acepipe, uma iguaria rara, um verdadeiro achado culinário".

"Sinto-me honrado".

"Posso fazer uma pergunta mal-educada?”

"Por que só agora você está pedindo permissão?”

"Por que diabos você é solteiro?”

"Bem, como é que eu vou responder uma pergunta destas? Destino? Aliás, eu poderia te perguntar a mesma coisa".

"De mim, a gente fala mais tarde". Ela acertou a posição da sua taça de vinho na mesa com enorme precisão, meticulosamente, como se fosse um importante projeto de engenharia. "Então, quer dizer que você não está envolvido com ninguém?”

"Eu não disse isso".

"Mas você pode aceitar um convite de última hora para jantar sem ter de avisar ninguém".

"Talvez minha namorada esteja viajando".

"Por que você me faz ter de adivinhar?”

"Está bem", concedeu ele, com um pequeno sorriso, "você tem razão. Atualmente, eu estou livre".

"E como pode ser? Um cara bonito e inteligente como você".

Ela disse a frase em tom casual, como se fosse evidente que ele deveria estar acostumado a receber esses elogios, mas Matthew sentiu-se enrubescer mais uma vez. Talvez fosse só por causa do vinho.

"Esta cidade está cheia de pessoas bonitas, inteligentes e solitárias", respondeu ele, cautelosamente.

"Eu não sou nenhuma raridade. Mas de qualquer jeito, acabo de terminar uma relação com uma pessoa com quem fiquei muito tempo".

"Quem foi que quis terminar?”

"Ela quis. Mas a culpa foi minha".

"Por quê?”

"A minha imitação do Mussolini deixava ela louca de raiva".

"Ora, vamos lá".

"Você faz muitas perguntas, Ana".

"Desculpe". Ela depositou o garfo, provocando um estalo. O prato estava vazio.

"Pelo jeito, tem gente aqui que não come faz tempo".

"Eu me esqueço, não é incrível? Sou uma mulher crescida e não lembro que tenho de comer.

Quando estou em Santa Mônica, eu sempre visito amigos na hora do jantar. Aqui, é quando dá. Na verdade, eu costumava jantar muitas vezes com meu avô, antes que ele ficasse muito doente".

"Não vá me dizer que eu estou sentado na cadeira dele!”

"Meu avô? Comer na cozinha? Ele fazia todas as refeições naquela sala de jantar sombria, mesmo quando éramos sós nós dois. Acho que ele nem sabia onde era a cozinha".

"E quem cozinhava?”

"O André. Um velhinho simpático que eu acho que terei de deixar ir embora".

"Talvez fosse melhor você mantê-lo", comentou Matthew, apontando para o

prato vazio dela.

"Ele tem quase oitenta anos e quer se aposentar. Eu já me livrei da Diana, aquela pé-no-saco".

"A que era enfermeira?”

"Achava que era dona da casa. Meu avô tinha certeza de que ela estava roubando. Eu não sei de nada, mas não havia razão para continuar com ela. Eu lhe dei uma bela grana na demissão e uma carta de recomendações”.

"E ficou sem ninguém para tomar conta de você".

"E sem ninguém para eu tomar conta, também. Eu também estou, como é que você disse? Livre?”

"Um brinde a isso". Eles brindaram, com suas taças semivazias, cristal contra cristal. "Você está feliz assim?" O vinho começava a soltar sua língua, normalmente travada.

Ela encarou o nada, parecendo considerar o assunto. "Na verdade, não. Não".

"Este monte de viagens pelo mundo todo torna difícil manter um relacionamento?”

"Nunca pensei que tornasse, mas acabou virando um problema para o meu ex-marido".

"É, a coisa se complica". Ele voltou a encher as taças, fazendo um esforço para manter a mão firme, se assegurando de que punha mais no copo dela. Sujou dois dedos de vinho. "Me conta esta história".

"Não tem muito o que contar. Casada aos vinte e quatro. divorciada aos vinte e oito. Sem filhos, graças a Deus. Ele era pintor, virou corretor da bolsa. Não era má pessoa, só infantil e burrinho. Quase tão infantil e burrinho quanto eu, na época. Vou te dizer uma coisa".

"O quê?”

"Você foi tão bem fazendo o jantar, por que não faz o café, também?”

Ele ficou surpreso com a facilidade com que se movia na cozinha dela. Talvez porque não fosse realmente dela, mas do avô, ou talvez nem dele, mas do tal André. E, para ele, cozinhas eram familiares. Sua família estava o tempo todo na cozinha, o pai cozinhando tanto quanto a mãe, sempre discutindo algum intrincado teorema científico com a filha. Robin e ele passavam um bom tempo na cozinha também, namorando quando passavam um pelo outro, a caminho do fogão, do armário, da geladeira. Mesmo estando sempre juntos, eles mantinham apartamentos separados, e ele estava sempre consciente de estar na casa dela, no lugar dela, não dele - a não ser quando estava na cozinha, quando sentia que, de alguma forma, o espaço estava conectado com o seu, um mundo paralelo, mas

sem fronteiras. Ele se lembrava da resposta cortante dela quando ele lhe contara sobre uma estranha teoria: ele amava a cozinha dela porque era lá que ficava a porta de saída. Não muito depois, eles terminaram.

"Meu avô adorava um bom café", disse ela, atrás dele. "Mas nos últimos anos, já não podia tomar".

"O que explica esta cafeteira vagabunda. Quem comprou isto, a Diana?”

"Na verdade, fui eu".

"Desculpe". Ele nunca devia beber em público.

"Eu também gosto de um bom café, mas não tenho muita paciência. Ele gostava de café à moda turca. Comida do Oriente Médio, religião ortodoxa. Acho que ele odiava o fato de ter nascido na Suíça".

"Ele participava da Igreja ortodoxa?”

"Não. Ele, de alguma forma, se afastou do Catolicismo e tentou um pouco de tudo - quero dizer, das opções do Velho Testamento. Nunca se meteu com Budismo. A arte ortodoxa oriental parecia mexer com ele e foi o que o levou naquela direção. Acho que ele nunca assistiu a uma missa".

"Então, ele tinha uma espécie de espiritualidade individual".

"Acho que sim. Para dizer a verdade, eu não sei o quanto ele era religioso ou espiritual. Algumas vezes, parecia ser intensamente assim. Outras, parecia uma simples questão de superstição. Acho que, no final das contas, era mais superstição". Ela ficou calada tanto tempo, que ele imaginou que talvez estivesse esperando uma resposta. "Mas uma coisa eu posso te garantir", completou ela, finalmente. "Ele venerava aquele ícone".

Matthew voltou para a mesa quando a cafeteira parou de borbulhar. "Agora é a minha vez de te fazer uma pergunta mal-educada".

"É justo".

"Se ele o venerava tanto, como você diz, por que não deixou instruções do que queria que fosse feito com ele?”

Ela pareceu perplexa. "Ele deixou tudo para mim".

"Na maioria dos casos, em coleções como esta, existem instruções bem específicas sobre o que deve ser feito. Normalmente, são negociados até mesmo detalhes com os museus e galerias, muito antes do proprietário morrer. Você deve saber disso tudo. O testamento não diz nada?”

"Havia algumas instruções, mas não específicas. Foi deixado um amplo espaço para que eu fizesse o que me aprouvesse, aumentar a minha coleção particular, vender para cobrir despesas. Ele não tinha nenhuma ligação com os museus. No fim da vida, conhecia pouca gente. E, no testamento, o ícone não é

mencionado".

"Você não achou estranho?”

"Achei", concordou ela. "Mas o Wallace disse que talvez o ícone fosse tão pessoal para ele que ele simplesmente não podia encarar a idéia de se separar da obra, mesmo depois de morto".

Matthew conteve um risinho céptico. Afinal de contas, podia ser verdade.

"Então, o nosso Sr. Wallace também da uma de psiquiatra, é? Foi ele quem redigiu o testamento?”

"O preliminar. Mas havia algumas anotações relativas às obras no cofre do meu avô, aqui em casa.

Ele não acreditava em cofres de banco. Acho que é porque ele era banqueiro. Numa determinada época, algumas pinturas tinham sido deixadas para os museus suíços, mas depois ele mudou de idéia. O Wallace pressionou-o para que ele se definisse, mas acho que ele não conseguia pensar no assunto. Talvez acreditasse que fosse viver para sempre".

"Ele até que foi bem. Morreu com noventa e sete, segundo o obituário".

"E com a mente em plena forma, até os últimos dois anos. Ele sofreu uma série de doenças desde que tinha oitenta anos, mas conseguiu superar todas. Eu acho que foi a cegueira que acabou por quebrar a força de vontade dele".

"Ele era cego?”

"Quase. Nos últimos anos, foi perdendo a visão. Para ele, foi devastador. E então as outras coisas, a artrite, o coração fraco acabaram tomando conta dele". Ana percebeu que Matthew não tirava os olhos dela. "O café está pronto".

A última coisa que ambos precisavam era de mais café, mas dava a Matthew alguma coisa para fazer e ele sentia que ela gostava de ser servida por ele.

"Nossa, isto está forte!", exclamou ela.

"Então, não beba".

"Terei de ficar acordada de noite mesmo, então é melhor estar alerta".

"Isto está sendo uma carga muito pesada para você".

"Bem, a responsabilidade é minha. Um monte de providências precisam ser tomadas sobre a herança. Eu reclamo do Wallace, mas estaria perdida sem ele".

"Não tem mais ninguém, irmãos, irmãs, tios, sobrinhos?”

"Meu pai era filho único e já morreu. E eu sou a única filha dele, sou a última que resta do lado dos Kessler. Tem a minha mãe, mas ela não ajudaria em nada. Ela e meu avô se odiavam. Bem, pelo menos, ela o odiava".

"Isso é ruim". Matthew podia perceber que havia uma história ali, mas cabia a ela resolver se lhe contava. "Você era muito chegada a ele, certo?

"Variava. Nos últimos anos, menos. Muitas viagens".

"Você gostava?”

"Comprar e vender arte, é isso que eu faço, para mim e para alguns clientes amigos. Então, eu tenho de viajar. Mas confesso que adoro, sim. Talvez um dia o bicho carpinteiro vá embora e eu acalme, não sei. Você também deve viajar muito, não?”

"Eu morei na Grécia e visitei a Turquia algumas vezes. Também fui para Ravena, para Veneza, tem ótimas peças bizantinas lá. Mas foi só. Eu detesto voar".

"A maioria das pessoas odeia", concordou Ana. "Eu durmo como um bebê, mesmo que o avião jogue muito. Vem do fato de que o meu pai tinha um jato. Desde que eu tinha uns dez anos, estava sempre voando com ele para algum lugar".

"Ele também trabalhava no mercado de arte?”

"É a maldição da família", disse ela, tristonha, reclinando-se na cadeira. "Na verdade, ele era banqueiro, como meu avô. Mas mexia com arte, principalmente depois que o velho não pôde mais viajar.

Acabou morrendo numa viagem de negócios para o meu avô".

Matthew ficou pensando no que perguntar. Ela olhou para ele, que simplesmente anuiu.

"Desastre de avião", continuou ela. "Ninguém sabe por quê. Alguma falha mecânica, eu acho. Ele era um excelente piloto".

"Era ele mesmo que estava pilotando?”

"Ah, claro, ele adorava pilotar. Mas as circunstâncias foram muito chatas. Ele e minha mãe deveriam viajar mais ou menos na mesma época em que meu avô tinha de ir para a América do Sul para ver uma obra. Na verdade, um outro ícone. Acho que a peça estava sendo leiloada e havia outro interessado, alguma coisa assim. Seja como for, ele ficou doente e convenceu o meu pai a ir no seu lugar. Então, meu pai foi. E, na volta, o avião dele bateu numa montanha, na Venezuela. Levaram dias para encontrar os destroços, e sobrou tão pouca coisa que não houve como descobrir o que tinha acontecido. Eles acham que ele estava voando muito baixo e, com a neblina, não viu a montanha, mas ninguém tem certeza de nada".

Matthew esperou alguns instantes para ver se ela continuava e, como ela não dissesse nada, perguntou, "Quando foi isso?”

"Há quinze anos. Eu estava no secundário".

"História desagradável. Lamento, Ana".

Ela deu de ombros. "É passado".

"Deve ter abalado muito o seu avo .

"Ele nunca mais foi o mesmo. E, até hoje, minha mãe não o perdoou".

"Bem, isso é injusto, mas compreensível, eu acho. Dadas as circunstâncias".

"Eu também passei um tempo culpando-o, mas não adiantava nada. E meu pai podia ter se negado Mas ele adorava fazer esse tipo de coisa, sair voando por aí. Não se pode viver com medo do que pode vir a acontecer".

"Talvez sua mãe o perdoe, agora que ele morreu".

Ana fez um gesto de descarte. "Minha mãe não é muito boa nesta coisa de perdoar. Ela nunca me perdoou por ter voltado a falar com meu avô, e olha que eu sou a única droga de filha que ela tem".

Pela primeira vez, desde que chegara, ele olhou para o relógio em cima da geladeira. Era tarde, mais de onze.

"Acho que não vai ser hoje que você vai botar suas leituras em dia", disse ela.

"Não faz mal".

"Obrigada pelo jantar. E por conversar comigo".

"Não acho que eu tenha dito nada muito útil".

"Você sabe ouvir e faz boas perguntas. E a sua voz me acalma".

"Tanto, que você quase dorme", respondeu ele, tentando brincar com o que ela dissera.

"Qualquer coisa que me ponha para dormir, hoje em dia, tem de ser cultivada". Subitamente, ela levantou-se e se esticou, girando lentamente o pescoço. "Vamos lá, hora da sua recompensa".

Matthew seguiu-a pela velha escada em caracol, os passos incertos, sua excitação, até agora contida, despertando com incômoda intensidade. Ela tateou para achar o interruptor na pequena antecâmara, e eles passaram pela entrada em arco. A capela era ainda menor do que ele se lembrava, claustrofóbica. Ele ainda tentou examinar os painéis da Europa Oriental, as estações da Via Crucis, mas seus olhos eram atraídos inexoravelmente de volta para o ícone. As cores, muito sutis, pareciam cambiar. O capelo ficava marrom, malva, vermelho-sangue; a luz parecia vir de um lugar abaixo da superfície. Focar-se nos detalhes costumava ajudar, mas, quanto mais perto ele chegava, ficava mais difícil fazer um exame objetivo. Começou a ficar agitado. Uma das mãos da Virgem parecia se mover. Ele fechou os olhos e deu um passo atrás.

"Não sei se faz bem para você ficar aqui dentro", disse Ana, baixinho.

"Nem todo mundo sente o mesmo desconforto que você".

"Não foi isso que eu disse. Estou só olhando para você e você parece muito desconfortável".

Ele virou-se para evitar o olhar dela e respirou fundo.

"Estou só cansado. Acho que está na hora de ir".

Na verdade, ele não tinha vontade alguma de ir embora, mas estava perturbado com a atenção dela, com a aparente necessidade que ela tinha de entender as emoções dele.

"Está bem", disse ela.

Ele voltou a fechar os olhos para tentar se recompor. Então, sentiu a mão dela no seu ombro, os lábios dela nos seus, muito de leve, um beijo logo interrompido. Ela deu um passo atrás, o contato tão breve que poderia ser apenas amigável, se ele assim quisesse considerar. Eles se olharam por meio minuto, envoltos na luz quente, nas paredes próximas. Ana esperou para ver se ele fazia alguma coisa, mas nula.

"Você não está acostumado a tomar a iniciativa, não é? As coisas simplesmente vão até você".

"Desculpe", disse ele, mas aquilo soou menos como a resposta confusa que ele pretendia e mais como a desculpa que realmente era. "Na maioria das vezes, as coisas se afastam de mim".

"Pobre menininho".

Ana virou-se em direção à porta, mas ele estendeu o braço e segurou-a pelo ombro. Ela voltou-se e beijou-o de novo, mais forte e, dessa vez, ele entendeu o recado.

---

11 Vinho grego, com sabor de resina, feito de casca de árvore (N.T.).

12 Em grego no original. Em português, "Meu Deus, que merda!" (N.T.).

8

Ele deveria esperar na calçada até que o carro preto aparecesse na Rua 79, mas, como o dia estava frio, Matthew entrou numa cafeteria. As amplas vitrines permitiam uma perfeita visão da esquina, cheia de carros e pessoas, gente que ia às compras ou ao museu, passando apressadamente por baixo da placa que dizia Avenida Patriarca Dimitrious. O consulado da Grécia ficava no fim da rua.

Sentia-se chumbado, a concentração perdida - falta de sono e uma sensação não totalmente desagradável. Sem aviso prévio, sua mente voltou para a cama quente dela - poucas horas atrás - e o calor insuspeito do seu corpo. Ela estivera tão pronta para ele que um simples toque fora suficiente e ele continuara a tocá-la, de diferentes maneiras, por muito tempo, completamente concentrado em dar prazer.

Não tomara uma decisão consciente de ficar, simplesmente se vira lá, no alvorecer cinzento do novo dia, o peso dela em cima dele, antes mesmo que ele soubesse onde estava. Semi-adormecidos, eles redescobriram seu ritmo e recomeçaram, insistentes e sonhadores, Ana rindo, embaraçada de seu próprio prazer, as coxas comprimidas contra o quadril dele, seu corpo todo respondendo a cada pequeno movimento que ele fazia.

Ele a abraçara por um longo tempo, sem falar nada, só cheirando seu cabelo e sua pele, a mente e os músculos relaxando pelo que parecia ser a primeira vez em semanas. Uma sensação abençoada e descomplicada do quanto tinham se sentido bem ainda o inebriava inteiramente.

Durante o café da manhã, eles voltaram a falar do ícone e ela pareceu ter chegado a uma decisão.

Matthew a aconselhou a não resolver tudo tão depressa, mas não estava descontente. Na porta, ela não o deixara partir.

"Isto foi meio temerário", dissera ela, acariciando a mão dele. "Nós mal nos conhecemos".

"Leva muito tempo para as pessoas se conhecerem. E até que não fomos tão mal".

"Eu nem sei quantos anos você tem".

"Isso importa?”

"Não".

"Está bem, eu tenho catorze anos", confessara ele. "Na verdade, eu faço a

barba desde os onze anos".

Ana sorrira, mas já estava pensando em outra coisa.

"Você não se casaria com ela. Esse era o problema, não é?" As palavras dela tinham sido ditas com tanta convicção, que ele achara desnecessário responder. "Isso não quer dizer que a culpa seja sua, Matthew.

É só uma decisão".

"Tenho trinta anos".

Ela deixara transparecer claramente sua decepção, mas não podia ser muito mais velha.

Evidentemente, estava acostumada a conviver com homens mais velhos. Afinal, ele conseguira se livrar e fugira para dentro da manhã fria, mas ainda podia imaginá-la diante da porta semiaberta, num roupão cinza, o cabelo revolto, os olhos azuis acompanhando-o escada abaixo, vendo-o, conhecendo-o de uma maneira profunda e inquietante.

Uma corrente de ar percorreu a loja e Matthew envolveu sua xícara de café quente com ambas as mãos. Quando voltou a levantar os olhos, Fotis estava lá, na calçada, bem ao lado da parada de ônibus. O velho fingiu olhar em volta, mas Matthew tinha certeza de que ele já o vira, através das janelas, mesmo antes de descer do carro. Levantou-se, e Fotis olhou diretamente para ele, fazendo um gesto para que continuasse sentado.

"Estou atrasado?”

"Não, eu só não queria ficar no frio".

"Temos de comprar um casaco mais quente para você. Por que não desistimos da nossa caminhada e conversamos aqui mesmo?”

"Claro". Ele pendurou o casaco do padrinho e deslizou pelo banco, abrindo espaço. Era um dia de pouco movimento e o garçom apareceu imediatamente.

"É aqui que eles servem um famoso pudim de arroz?", perguntou Fotis.

"O melhor de Nova York", confirmou Matthew.

"Traga dois", disse Fotis ao garçom. O garçom foi para trás do balcão, onde trabalhavam três no espaço exíguo, trombando um com o outro e trocando recriminações numa língua híbrida de grego e espanhol.

"Muito bem", disse Fotis, inclinando-se sobre a mesa, "o que era tão urgente que não podia esperar?”

"Eu poderia ter contado pelo telefone".

"Este tipo de conversa é sempre melhor pessoalmente".

Matthew deu um tapinha no tampo de fórmica. Tinha de fazer com que o velho miserável se comprometesse.

"Tenho certeza de que a senhorita Kessler quer fazer negócio com a Igreja".

O velho assentiu lentamente.

"Isso é ótimo. Você fez uma coisa boa, meu garoto".

"Eu não fiz nada; só falei com ela".

"E eu não disse que não ia precisar mais do que isso?”

"Seja como for, achei que você ficaria feliz".

"Mas temo que você não".

Matthew deu de ombros, enquanto o garçom punha os pudins na frente deles. Imediatamente, Fotis começou a comer.

"Eu acho que é a escolha certa", continuou o jovem, "mas não consigo me livrar da sensação de que fui desonesto. Ela não sabe que você tem ligações com a Igreja".

"Mas, o que há para saber? Eles me pediram uma ajuda que acabou sendo desnecessária".

"Pensei em contar para ela. Que eles falaram com você e você falou comigo".

Fotis continuou a comer metodicamente, pedacinhos de pudim grudando no seu bigode.

"Você me disse que ela chegou sozinha a esta decisão. Se você lhe contar estas coisas, estará fazendo com que ela tenha dúvidas sobre o que resolveu".

"Talvez seja bom".

O velho levantou os olhos para ele. "Por quê?”

"Porque talvez algum outro comprador pague mais. E um museu seria responsável pelo que fizer com a obra. Quem sabe o que esses gregos vão fazer?”

"Exija que eles te digam".

"Eu já te disse. Não estou em posição de exigir nada".

"Então, aconselhe-a. Até agora você foi muito bem".

"E por que eu deveria prejudicar os interesses do meu próprio museu?”

"Isto já é outra questão".

"Estou negando a mim mesmo a possibilidade de ter esta obra ao meu alcance, de poder examiná-

la a qualquer momento que queira. Eu gostaria muito de poder estudá-la profundamente".

"E esta é ainda uma outra questão". Fotis parou de mastigar quando duas mulheres gordas, com muitas e enormes sacolas de compra coloridas, entraram na pequena cafeteria, matraqueando em alguma língua escandinava. "Então, nós

temos a garota, o museu e você. Começamos com qual?”

"O ícone é da Ana".

Matthew não tivera intenção de chamá-la pelo primeiro nome, mas se a velha raposa percebeu, não deu nenhum sinal.

"Muito bem. Ela tem os impostos a serem pagos, eu entendo, mas a situação financeira dela é boa.

Ela não precisa de mais dinheiro. Talvez precise de bens espirituais".

"Isso não é problema nosso".

"O avô dela construiu uma capela para colocar o ícone". As espessas sobrancelhas do velho ergueram-se, significativamente. "Mãe de Deus, o que poderia ser mais indicativo das intenções dele do que isso? O que poderia ser mais condizente com os sentimentos dele do que dar a obra para a Igreja? Isto quanto à garota. Quanto ao museu, para ser sincero, eu tenho de te dizer que não estou nem aí com eles.

Claro que a sua lealdade é admirável, mas eles são uma instituição grande e poderosa que não precisa da sua proteção. Coma o seu pudim".

Matthew estava sem fome, mas, obedientemente, comeu uma garfada. "E quanto às suas necessidades", continuou Fotis, batendo com a colher no seu copo vazio, "estas me preocupam bastante".

Passou as mãos pelo rosto e olhou para a rua. Sempre vigilante, pensou Matthew. Por quê? "A Igreja vai querer garantir a posse do ícone antes que a garota mude de idéia, mas eles não vão poder fazer isso imediatamente. Eles ainda não providenciaram nenhuma forma de transporte, nem sabem qual o destino do ícone quando chegar à Grécia. Eu posso lhes fornecer um lugar neutro para guardá-lo por algumas semanas, seguro, equipe de segurança, coisas assim. Eu faço isso para minhas próprias obras, de um jeito ou de outro.

E, durante esse período, você pode examinar o ícone quando quiser".

"Existem empresas especializadas em transporte e guarda de obras de arte. Eu mesmo posso recomendar algumas. Eu não acredito que eles vão deixar isso nas suas mãos".

"Estou dizendo que posso cuidar de tudo".

Matthew coçou a testa. Precisava dormir, precisava pensar com clareza.

"Você já tomou suas providências? Quanto você está envolvido com essas pessoas?”

"Estivemos conversando. Não chegamos a nenhuma conclusão, mas eles vão fazer o que eu sugerir. Eu contribuo generosamente para muitas causas deles e, ao contrário de você, eu não tenho vergonha de usar minha influência. Seja como

for, eles preferem trabalhar com seus conterrâneos, você sabe como são os gregos".

"E por que você está fazendo isto?”

"Você não acredita que seja pela Igreja?" Fotis sorriu para ele. "Garoto mais desconfiado! Muito bem, digamos que seja por mim mesmo. Poucas coisas me dariam maior alegria do que devolver o ícone para a Grécia e poder ter a obra em meu poder, por alguns dias, antes disso".

"Entendo".

"E, você sabe, tem uma outra pessoa que pode se beneficiar". Fotis encarou-o diretamente, mas Matthew não estava a fim de brincar. "O seu pai vai sair do hospital muito em breve".

"Meu pai?" Um pânico gelado fez com que o pudim revirasse no seu estômago.

"Ele não curte arte. Nem religião".

"Se você se lembrar do que já leu, vai entender que a fé nem sempre é necessária para a cura. Tudo acontece no campo genérico dos milagres. Os que têm dúvidas criticam qualquer religião. A resistência deles é o que define a fé e normalmente revela parte do que lhes vai no coração. Os verdadeiramente ateus nunca se dão ao trabalho de pensar no assunto. O escárnio do seu pai me diz uma coisa diferente do que ele pretende".

"Tenho certeza de que ele estaria muito interessado em ouvir isso", exclamou Matthew, sentindo a raiva crescer-lhe no peito diante da ousadia de Fotis de meter seu pai na conversa, mesmo que as palavras do velho o levassem a outros sentimentos, mais impalpáveis.

"Eu não seria tolo a ponto de dizer isso na cara dele, e eu confio que você vá ser sábio o suficiente para não mencionar nada do que eu disse. Ele vai me fazer uma visita em casa, quando sair do hospital. O ícone estará lá. O resto está nas mãos de Deus".

"Nas mãos de Deus!?" Matthew mal podia se conter. Meditações particulares tinham sido revividas na sua mente, das velhas páginas amareladas dos livros para os lábios do seu padrinho. Até mesmo a sua zombaria morreu antes de ser verbalizada, superada por uma emoção mais forte. Medo? Seria o medo, espreitando por trás do disfarce da sua raiva justificada? E do que ele deveria ter medo? "Você acha sinceramente que aquele ícone pode curá-lo, milagrosamente?”

"Eu não espero nada. Mas não lhe negaria a chance de tirar algum benefício do ícone. Por que você faria isso?”

"E por uma razão ridícula como esta eu não devo contar a verdade para a Ana Kessler?”

"Você não está escondendo nada de útil dela. E existem inúmeras razões pelas quais você deve deixar o assunto correr naturalmente. Será que eu terei de repeti-las? Você ainda não se convenceu?”

A fúria de Matthew chegou a um ponto crítico e converteu-se em uma espécie de paralisante repugnância contra si mesmo. Uma pessoa com mais personalidade faria o que era preciso fazer, não ficaria sentada discutindo.

"Você acha que a garota está te contando tudo?", continuou Fotis.

"O que você quer dizer com isso?”

"Só estou dizendo que ela pode ter seus próprios segredos".

"Como o quê?”

"Não estou dando uma de dono da verdade, mas, pelo pouco que eu sei, ela pertence a uma família esquisita e dissimulada. Não hesitou em te convencer a jogar no time dela, a fazer de você o seu consultor particular".

"Eu fiz isso porque quis".

"Sempre parece ser assim quando se trata de uma bela mulher, não é?”

"Não estou gostando das suas insinuações".

"Eu as retiro. Você não precisa ter razões convenientes para fazer o que é certo".

"E, por acaso, algum de nós dois sabe o que é certo?”

"Você vai fazer o que está certo, porque é um bom rapaz. Não precisa ter de pensar em obrigação, ou culpa familiar".

"Culpa familiar! ?", exclamou Matthew "Você quer dizer culpa sua".

"E nós não somos uma família? Mas não era isso que eu queria dizer. A responsabilidade é ainda mais pessoal".

"Por favor, Theio, não seja tão misterioso. Diga de uma vez o que você tem de dizer".

Subitamente, os olhos de Fotis se umedeceram e seu rosto, adornado pelo enorme bigode, pareceu descair.

"Eu não queria falar desse assunto. Tenho de quebrar uma promessa para falar sobre isso. Você me entende? Uma promessa para o Fithee. O Cobra".

"Aquele que matou o padre".

Fotis estendeu uma mão longa e trêmula por sobre a mesa e segurou a manga de Matthew.

"Não podemos ter certeza de que ele, na verdade, o matou. Lembre-se de que ele estava fazendo o que pensava ser o certo".

"Me conta".

"Seu Papou". E, dizendo isso, ele retirou a mão e desviou o olhar. Matthew simplesmente ficou imóvel.

"O Papou era o Cobra".

Fotis assentiu e reclinou-se no banco, o chapéu cobrindo os olhos. Como se diminuísse. Matthew não se permitiu verbalizar nenhuma das expressões de espanto e protesto que lhe vieram à mente. Na verdade, quanto mais tempo ele ficava sentado lá, tornado mudo pelas terríveis perguntas que lhe assomavam à boca, mais tudo lhe parecia verdadeiro. Se, no passado, tivesse pensado melhor no assunto, teria adivinhado. Talvez até tivesse mesmo e esta era a razão da sua presente repressão. Assassinos, ao envelhecer, se tornam simpáticos anciões. Ele sabia que seu avô tinha um passado infame. Seu pai lhe contara mais de uma vez que seu avô tinha feito coisas das quais atualmente se envergonhava, coisas que o assombravam. Certamente, as circunstâncias poderiam explicar o que acontecera, mas Matthew tinha um pressentimento de que jamais saberia quais foram. Poderia buscar as respostas, mas teria de ser cauteloso, teria de esconder seus próprios segredos de Andreas até que soubesse mais. Mesmo naquele momento, tantos anos depois, estava evidente que seu avô tinha alguma intenção em vir até Nova York, algo além de visitar o filho no hospital. Ele quase nunca estava no hotel quando Matthew ligava e não dizia com quem estivera ou por quê. Seria o ícone a razão de tanto mistério?

"E, se eu lhe perguntar, ele vai me confirmar?”

Fotis pareceu chocado.

"Meu Deus, criança, o que ele poderia dizer sobre uma coisa dessas? Pode ser que diga a verdade, pode ser que minta, eu sei lá! O mais provável é que não diga nada, mas eu acho que ele vai ficar terrivelmente deprimido se souber que você sabe. Rezo para que você fique de bico calado".

No silêncio que se seguiu, o garçom colocou a conta sobre a mesa. Quando percebeu que Fotis não a apanhava imediatamente, Matthew soube que ele estava abalado. Decidiu pegar a conta ele mesmo, dobrando-a distraidamente diversas vezes.

"Puta merda, Theio. Eu gostaria de não saber de nada disso".

Andreas, sentado no banco de trás junto com Matthew, combateu o torpor que os carros superaquecidos sempre lhe causavam. O dirigir suave da sua neta Mary, a aprendiz de cientista, não ajudava em nada seus esforços. Ele nunca conhecera uma mulher que dirigisse tão bem. Sentado no banco de passageiros, Alekos estava hirto e pálido, mas seus olhos brilhavam com uma nova vida ao

olhar para os bosques molhados da primavera. Ele não esperava voltar a ver esses lugares, pensou Andreas; e agora está pensando se esta não será a última vez que os vê.

Eu perdi toda a vida dele, ponderou o velho. Quando Alex era garoto, Andreas estava sempre longe, metido num ou noutro maldito negócio. Servindo seu país. Pequenas missões para algum desprezível político desalmado, ou pior, para algum idealista arrogante, que logo se tornaria corrupto. Forçado a se aposentar quando os governos mudavam, ele sempre jogara fora a chance de ter uma vida normal quando era chamado de volta para servir o novo idiota, como servira o anterior. Poderia levar meses, mas no final das contas todos eles compreendiam que não podiam passar sem homens como ele. Homens insubstituíveis, que conheciam todos os segredos. Por que ele voltara uma, duas, incontáveis vezes? Por que era só o que ele sabia fazer? Poderia ter aprendido um novo oficio. Poderia ter sido um homem de negócios. Por que se permitira ficar enterrado naquele terrível jogo, onde ninguém ganhava, onde o único objetivo era manter os cretinos no poder? Nos dias bons, ele entendia a necessidade; os inimigos eram verdadeiros. Mas tudo acabava sempre em todos aqueles homens com o corpo e a alma dilacerados em função de crenças inofensivas. Homens não muito diferentes dele.

Não muito tempo depois, Alekos fora para a escola nos Estados Unidos, onde se apaixonou e nunca mais voltou para casa. O que não era mal, considerando o que a Grécia se tornara naqueles anos. Mas os laços familiares foram retesados e a morte de Maria os rompeu de vez. Andreas suspeitava que Fotis dissera alguma coisa imprópria para Alekos ou para sua teimosa sobrinha Irini, mulher de Alekos. Não havia outra maneira de seu filho ficar sabendo de certas coisas, coisas que seria melhor que ele jamais tomasse conhecimento. Só Deus sabia quais teriam sido as intenções de Fotis. Criar uma barreira entre pai e filho? Se a idéia fosse se intrometer e dar uma de pai substituto, o plano falhara. Ele acabara se alheando do garoto, da mesma maneira. As histórias maldosas geraram novas maledicências na mente de Alekos, até que ele começasse a ver conspirações em toda parte. Mas esta explicação parecia fazer com que Andreas não tivesse nenhuma parcela de culpa. Suas ações, sua ausência, tinham, de certa forma, envenenado a mente do filho, fazendo com que se tornasse um homem com uma visão fria, científica, da vida, que era a sua maneira de ser em todos os assuntos.

Ou talvez estivesse sendo injusto com os dois. Todo pai machuca seu filho, é quase uma obrigação. Um homem tinha de abrir seu próprio caminho, e Alekos

não tinha conseguido? Mesmo com seu jeito cínico, angustiado, ele encontrara uma esposa, tivera dois lindos filhos e construíra uma carreira de sucesso. O preço fora a rejeição de sua antiga vida, de seu antigo país, de seu pai. Era justo. Talvez não tivesse sido necessário, mas era justo.

A casa, uma pequena estrutura de pedra nesta cidade de grandes mansões de tijolos, ficava atrás de um agrupamento de árvores. Alex recusou a cadeira de rodas e, com a ajuda de seus filhos, subiu os degraus da entrada. Dentro, Irini amparou-o até seu estúdio, onde repousaria até ter forças para subir as escadas.

Indicaram a Andreas uma poltrona perto de um aquecedor, mas, quando os outros se retiraram para a cozinha, ele os seguiu.

"Ele parece bem", disse Mary. "Quer dizer, está feliz por estar em casa".

"Com a graça de Deus, nós o manteremos aqui", disse Irini, pegando um ovo na geladeira. Ela era a única que parecia capaz de agir. "Babás, quer um copo de água?”

"Faça a sua sopa. Eu mesmo pego".

Mas Mary se adiantou, o que lhe valeu, já que não sabia onde ficavam os copos. Estivera naquela casa apenas duas vezes antes e se sentia como se estivesse visitando parentes distantes. Isso intensificava seu pesar, mas ele tentou disfarçar o sentimento e aceitou o copo de água da neta. Mary ainda tinha cara de criança, mas já completara vinte e sete anos e ainda não se casara. Bonita demais, supôs o velho; muitas opções.

"Obrigado, criança".

"Posso pendurar seu casaco?”

"Daqui apouco.

"Mãe, vou aumentar o aquecedor, o Papou está com frio".

"Por favor, não se preocupe, eu estou bem", protestou Andreas. A maioria dos velhos do seu país esperava esse tipo de amolação, mas ele achava aquilo humilhante. Ele não queria ser tratado como um paxá, todo mundo a seu serviço. Pediria o que precisava, ou pegava ele mesmo. Caso contrário, preferia dar uma de invisível. "Veja se o seu pai precisa de alguma coisa".

"Não há nada que eu possa fazer por ele". A garota parecia chocada.

"Então, vem, senta aqui do meu lado". Ele acariciou a mão de Mary e fez um cafuné nos seus cabelos. Do outro lado da mesa, Matthew olhou para eles. A testa do neto mostrava claramente marcas de preocupação. Eles não tinham falado a sério nem uma vez e Andreas já estava lá há uma semana. Fora as longas visitas no hospital, eles não se tinham visto mais. O garoto andava muito ocupado, mas era preciso arranjar um tempo. Não havia dúvida que se poderia

confiar no seu bom senso; era mais uma questão de lhe poupar o torvelinho mental que as maquinações do velho manipulador - presumindo que Alekos estivesse certo - poderiam lhe causar. Era hora de uma mão estabilizadora entrar em ação.

"Matia". Irini estava despejando a sopa espumante numa tigela. Depois, espremeu limão furiosamente, enchendo a cozinha do odor penetrante. "Pegue uma bandeja e coloque ao lado do seu pai".

Mary levantou-se e as duas mulheres foram para o estúdio. Os dois homens foram deixados sozinhos na cozinha subitamente silenciosa e a distância entre eles tornou-se palpável.

"Prepare-se para ouvir berros e louças quebradas", disse Matthew.

"Eu acho que seu pai sabe que tem de tomar o remédio".

"Claro, e sopa de avgolemono13 cura câncer".

Andreas assentiu. "É possível".

"Eu lamento que nós não tenhamos nos encontrado. Esta semana foi ainda pior do que eu esperava".

"Eu também estive ocupado, mas seria bom tirarmos um tempo para nós. Sozinhos, não aqui".

"Você vai ficar hoje à noite?”

"Se sua mãe pedir".

"Ela não vai pedir porque presume que você vá".

Andreas, com um gesto, descartou o assunto. "Me conta como vai o seu trabalho".

"Agitado". Matthew colocou um pé em cima da cadeira. Parecia cansado. "Estou acertando os direitos de algumas pinturas para uma nova exposição. E estive fora alguns dias, fazendo pesquisa e contatos".

"Sobre o ícone grego?”

"A maioria do tempo, sim".

"O museu vai comprá-lo?”

"Para dizer a verdade", respondeu Matthew, devagar, pensando no que dizer, "estou achando difícil".

"Sério? E por quê?”

"O vendedor está em dúvida. E o museu ficou preocupado. Parece que o ícone pode ser material roubado". O garoto o encarava fixamente. O que ele saberia? Alguma coisa, claro, mas provavelmente não muito. "Acho que isso não é surpresa para você".

"Você sabe que eu cresci naquela vila, antes de me mudar para Atenas.

Estava lá, durante a guerra".

"Ele foi levado pelos alemães", acrescentou Matthew, incisivamente.

"É verdade".

"E uma pessoa morreu tentando evitar".

"Até onde o Fotis te contou?”

O estilo inquisitivo do jovem falhou.

"Quase nada. Só o que eu acabei de dizer".

Era correto, finalmente, falar sobre o assunto? Haveria alívio, ou somente mais sofrimento? Ele poderia fazer uma coisa dessas com o garoto? Poderia fazer, novamente, consigo mesmo?

"Sério, o que foi que te contaram?”

"Nada. Eu quero que você me conte. Quero ouvir de você".

Não se ouvia nenhum som vindo do estúdio. Era como se os outros três tivessem desaparecido. O velho olhou para o desenho a lápis, emoldurado, atrás do garoto. O rosto de Alekos, de perfil, feito por Matthew aos catorze anos. Um trabalho que revelava bastante talento. Ele está palpando às escuras, pensou Andreas, na verdade, não sabe de nada. Alguém deixou escapar alguma palavra mais indiscreta e o garoto está tentando cavar. Eu não sou o primeiro para quem ele perguntou, o que significa que não conseguiu nada em outro lugar. Pensou na promessa que ele e Fotis se fizeram, anos atrás. Será que ele ainda era obrigado a manter silêncio depois de tudo o que acontecera? Haveria alguma maneira de contar a Matthew sobre aquilo, sem quebrar a palavra dada?

"Eu lamento", disse ele, finalmente. "Esta é uma daquelas situações idiotas em que, se você não sabe, eu não posso te contar. É uma combinação entre eu e o seu padrinho".

Subitamente, vozes foram ouvidas do estúdio. A expressão de Matthew se aliviou, distraída. Ou ele estava deixando o assunto morrer, ou procurando mentalmente uma nova abordagem. Então ouviu-se passos no corredor e ambos os homens levantaram os olhos. Uma Irini surpresa e derrotada estava parada na porta.

"Ele me pôs para fora. Você acredita numa coisa dessas?". Matthew puxou uma cadeira, mas ela não quis sentar, apenas apoiou-se no filho.

"Ele não suporta a idéia de que eu o esteja ajudando".

"Talvez você esteja pressionando demais".

"Eu só queria ter certeza de que ele tomaria a sopa".

"O quê? Você estava tentando dar de colherzinha na boca dele?”

"Ele estava derramando sopa por todo lado".

"Você tem de deixar ele fazer as coisas sozinho. Ninguém gosta de se sentir inválido".

Ela sentou-se, balançando a cabeça, as palmas das mãos pousadas no tampo da mesa, os olhos voltados para a enorme janela coberta de pingos de chuva. Então, olhou para Andreas.

"Você vai ficar conosco hoje à noite?”

Ele deu de ombros.

"Não?" O tom de voz dela era cortante. "Você vai obrigar a minha filha a te levar de volta para a cidade, no meio da noite e com esta chuva, seu velho egoísta?”

Ele ficou espantado com tanta ferocidade, mesmo que entendesse a razão. Aquela não era a criatura passiva, facilmente manipulável, que se casara com seu filho, trinta anos atrás. Ela se tornara dura e ele se orgulhava dela por isso.

"Eu nunca pediria uma coisa dessas. Vou ficar, se você deixar".

"Você é muito bem-vindo aqui", respondeu ela, com suavidade. "Você sempre foi bem-vindo".

Não vamos começar com isso de novo, pensou ele.

"Eu lamento ter interrompido a conversa de vocês", continuou ela. Nenhum dos dois respondeu.

"Eu não sei sobre o que vocês todos andaram murmurando esta semana, e não dou a mínima. Mas não haverá nenhuma discussão secreta, nenhuma polêmica, nenhuma história horrorosa enquanto você estiver nesta casa. Não permitirei que o Alex seja perturbado, nem fique aborrecido e muito menos admitirei alguém preocupado do lado dele. Vocês dois me entenderam?”

Ela olhou antes para Andreas e ele assentiu. Matthew fez a mesma coisa.

"Ótimo. Agora, eu preciso da ajuda de vocês, meninos. Matthew, vá fazer companhia ao seu pai.

Babás, vá se esticar no sofá, eu te acordo daqui a meia hora".

Ambos foram imediatamente cumprir os desejos dela.

Ela beijou-o na frente da casa, na frente do mundo inteiro, e Matthew sentiu que não se incomodava. Ele mal se lembrava de ter ido até lá, descobrira-se inconscientemente levado ao pé da porta dela. O impulso fora visceral, intenso, vá vê-la, seu corpo sabendo, melhor que sua mente, o que era bom para ele. Ana o empurrara casa adentro e o detivera por longos e confortadores momentos.

"Seu pai está em casa?”

"Está. Nós o trouxemos ontem".

"E você está se sentindo bem com isso?" Ela se afastara, seu olhar

conhecedor perscrutando-o novamente, lendo suas dúvidas. "É bom para você?”

"É bom". Ele parecera ter entendido a verdade daquilo ali, naquele momento. Para o diabo com os tratamentos, o lar e a família eram o que se fazia necessário. Carinho. Esperança. Fé. É bom". Ele sorriu para ela como se fosse tudo obra dele. "Vamos ver o que acontece daqui para frente".

Como ela não dissesse nem fizesse mais nada, ele olhou pelo corredor em direção à cozinha, já vendo, mentalmente, a escada que ficava logo depois, a pequena câmara e a outra mulher que era a terceira face desse triângulo. Ana pegou-o pelo braço e o empurrou para o outro lado, em direção da escada que levava ao andar de cima.

"Não, nada de ícone hoje. Só você e eu".

Ele deixou que ela o conduzisse escada acima, suas pernas querendo, mas seus músculos ficando travados, enquanto seu coração começava a palpitar. Estranhos temores assombravam-no, novamente. Ele queria estar lá em cima, com ela. Queria estar embaixo, com o ícone. Ela não podia estar falando sério, afastando-o dele. A idéia o enfureceu e a fúria o envergonhou. Ele lutou para controlar suas emoções enquanto Ana arrancava suas roupas, devagar, com método. Não adiantou nada. Ele percebeu que ela percebia tudo.

"Eu quero que isto aqui seja sobre nós dois, Matthew. Eu quero que haja uma parte disto que seja só nossa".

Ela levantou a camisa dele e encostou os seios e a barriguinha no torso dele. A carne macia e os biquinhos duros exigiam a atenção dele. Seu corpo reagiu, ridicularizando sua fúria, ignorando a falta de comandos de sua mente perturbada e ciumenta. Lembrou-se das palavras de Fotis. Que sabia quais seriam os segredos dela? Mas, neste momento, o que importava? A língua dela encontrou a dele; ele recordou a noite que tinham passado juntos. Queria mais daquilo, queria se perder nela. A Mãe de Cristo recuou, mas não desapareceu dos seus pensamentos.

---

13 Em grego no original. É uma sopa de ovo e limão, conhecido quitute da culinária grega (N.T.).

9

O padre estava sentado numa cadeira baixa num canto da sala, mas mesmo assim parecia comandar tudo. Nos poucos minutos que duraram as conversas enquanto todos se acomodavam, Matthew soubera que o padre Tomas tinha nascido na Grécia, mas fora ordenado no ramo americano da Igreja e servira com o bispo Makarios, em Nova Jersey. Chegara sozinho, sem nenhum ajudante. Cerca de cinqüenta anos, cabelos negros e encaracolados, têmporas grisalhas, um rosto correto, confiável, com olhos gentis. A princípio, pouco fora dito sobre as razões da sua presença ali, mas ele apresentou documentos do Sínodo Sagrado em Atenas que pareceram satisfazer Wallace, o advogado de Ana.

No único canto iluminado do estúdio mergulhado na penumbra, estava a Nossa Senhora, num cavalete de alumínio, olhando para todos os presentes. Matthew a examinara longamente antes da chegada do sacerdote, enquanto Ana e seu advogado conferenciavam, mas agora afastara sua cadeira e tentava limpar a mente. Tomas estudara o ícone quando chegara, mas desde então praticamente o ignorara, os olhos percorrendo as maciças estantes de carvalho cheias de livros, não se detendo em nada específico, mas atentos a tudo.

"Vejo que seu avô não colecionava apenas obras de arte".

"É verdade", disse Ana. "Ele tinha muito orgulho dos seus livros. Talvez até mais do que das pinturas. Acho que ele se sentia mais próximo deles".

"Claro", concordou o sacerdote. "Uma pessoa fica mais íntima dos livros, pode segurá-los, virar as páginas. Um livro é um amigo. Uma pintura fica simplesmente pendurada ali, distante e altiva". Ele olhou para cima. "Vejo alguns grandes amigos meus nestas prateleiras. Dostoievski, Flaubert, Kazantzakis14. E alguns títulos raros. Talvez possamos falar de livros depois de falar de arte".

"Que tal fazermos um negócio por vez?", interrompeu Wallace. Tinha quase setenta anos, cabelos brancos e olhos remelentos, voz grave e uma tosse constante que denotava toda uma vida de fumante inveterado, vício recentemente abandonado segundo se podia depreender de seus gestos nervosos. Nada em sua postura curvada, seu olhar esperto e seu palavreado falsamente amigável inspirava confiança em Matthew, mas Ana parecia confiar e acatar suas opiniões.

"É verdade", disse o padre Tomas.

"Muito bem". Wallace folheou suas notas, sem razão aparente. "Presumo que

podemos considerar que o exame da obra o satisfez inteiramente".

"Se o senhor se refere à qualidade artística, eu não posso ser considerado o juiz apropriado, mas mesmo assim me declaro satisfeito. Claro que sofreu sérios danos".

"Durante muitos séculos", disse Matthew "Não nos últimos sessenta anos".

"Em todo caso", continuou o padre, "se este fato pode desestimular um colecionador, para os meus propósitos simplesmente ajuda a estabelecer a antigüidade da obra E, evidentemente, aumenta o seu mistério".

O advogado limpou a garganta, parecia estar com vontade de cuspir.

"E o senhor está convencido de que este é o ícone que estava procurando?”

"A Nossa Senhora de Katarini. Repito, não sou historiador de arte, mas o ícone se encaixa perfeitamente com todas as descrições. Alguns de meus irmãos na Grécia conhecem a obra e serão capazes de identificá-la. O que diz o especialista dos senhores?”

Todos olharam para Matthew. Apesar de ter relutado em influenciar Ana na sua decisão, ele se tornara um sólido apoio assim que ela tomara uma decisão, temendo que o advogado pudesse fazê-la mudar de idéia. Tinha até mesmo pedido para estar presente nas negociações daquele dia. Não lhe tinha ocorrido que alguém pudesse começar a fazer perguntas.

"Bem, bate com tudo o que eu sei sobre o ícone de Katarini. Claro que não testei seus poderes milagrosos". Só o padre achou graça. "Posso afirmar com certeza que a peça é pré-iconoclística, o que já faz dela uma raridade, e que é uma obra de alto valor artístico".

"Na sua opinião", gracejou Tomas.

"E de acordo com OS padrões da arte religiosa daquela época".

"Você é grego?”

Uma pergunta inofensiva, mas Matthew hesitou. "Sou".

"Então devo considerar sua opinião duplamente valiosa".

"Portanto, estamos de acordo sobre esses pontos", insistiu o advogado.

"Sim, Sr. Wallace", suspirou Tomas, com um sorriso triste. "Podemos passar à parte comercial, como percebo que o senhor está ansioso para fazer".

"Discutimos um valor, dias atrás".

O padre criou uma pausa dramática, tomando um gole do seu copo de água e olhando fixamente para o objeto da sua afeição.

"Não foi uma discussão. O senhor apenas falou num número. Um número muito alto".

"Não é essa a nossa opinião".

"Talvez, para os padrões dos senhores, um milhão e meio de dólares seja uma quantia modesta.

Mas a Igreja da Grécia é uma igreja pequena de um país pequeno, e eu entendi que este fato deveria ser levado em consideração. Nós nunca soubemos de nenhum ícone que fosse vendido por esse valor".

"Eu duvido que, no tempo de vida do senhor, um ícone raro como este tenha sido colocado à venda".

"É justo. Mas mesmo assim um ícone de considerável reputação foi vendido, há poucos anos, por menos de um terço da soma que o senhor mencionou. Foi a venda mais cara que conhecemos. Talvez seja lamentável o fato de que estas peças que reverenciamos tanto não tenham o mesmo valor para a comunidade artística que certas obras-primas seculares, mas esta é a verdade. Ninguém paga tais preços por ícones".

"Eu tenho de informá-lo, padre, que nós já recebemos, sem que tivéssemos solicitado, uma oferta desse valor por parte de um colecionador particular". Wallace ficou claramente feliz com o silêncio que se seguiu à sua novidade bombástica. Matthew ficou tão surpreendido quanto o padre, e se perguntou se aquilo seria verdade. "Entenda", continuou o advogado, "que a oferta foi espontânea e que não é nosso desejo vender esta obra para particulares, mas uma soma dessas merece respeito. Veja, o mercado russo está secando. Já roubaram tudo o que podiam daquele país. O preço de todos os ícones vai subir, quanto mais no caso de uma peça extraordinária como esta...”

"Claro que não podíamos contar com a excentricidade dos colecionadores", disse Tomas, recuperando sua compostura. "Eu tinha a impressão de que nosso único concorrente era uma instituição.

Diga-me, o Museu Metropolitan estava preparado para pagar alguma coisa próxima a esse valor?”

O padre não estava olhando para ele, mas Matthew se perguntou se esperava que fosse ele a responder. No entanto, novamente, Wallace se antecipou.

"Não chegamos a esse ponto. Pelo que eu saiba, eles poderiam".

"Mesmo que se descubra que a obra foi roubada?”

"Sabe de uma coisa?", disse Wallace, baixando a voz, ameaçadoramente. "O senhor é a única fonte conhecida desse boato". Seus olhos estavam absolutamente vazios.

"É um fato, senhor, não um boato", respondeu o padre, friamente.

"Eu nunca vi prova nenhuma. E não deixa de ser uma maneira terrivelmente eficaz de tentar fazer o preço baixar".

"Podemos fornecer as provas, eu lhe asseguro".

"O senhor vai me perdoar se eu continuar duvidando. Seja como for, o espólio tem certas necessidades mínimas de recursos, e se tivermos de recorrer aos compradores particulares para satisfazê-las, nós o faremos. Eu não creio que o colecionador de quem recebemos a oferta vá se importar com esse assunto".

"O senhor consideraria seriamente uma decisão destas?" A indignação de Tomas enchia a sala.

"Estamos fazendo o possível para evitar. Estamos dando-lhe a oportunidade de manter a obra acessível ao público e de fazê-la retornar ao seu país de origem, mas o senhor tem de colaborar conosco, padre. A senhorita Kessler tem obrigações para com o espólio do avô".

Matthew percebeu que grande parte daquilo não passava de técnica de negociação, mas a alternativa com a qual o advogado ameaçava era exatamente a que ele temia e precisou se esforçar para não deixar que Ana percebesse seu pânico. Tomas voltou a se calar. Mas, lentamente, o senso beatifico voltou.

"Deixe-me, como dizem, jogar minhas cartas na mesa. Eu tenho autorização para oferecer até setecentos mil dólares americanos. No entanto, nutro uma razoável esperança de que, com um telefonema para o bispo Makarios aqui nos Estados Unidos e para outras pessoas em Atenas, eu possa chegar a um número bem próximo de um milhão. Mais do que isso, será impossível".

Wallace ajeitou os óculos e se endireitou na cadeira.

"Bem, já é alguma coisa. Vamos considerar este como um passo encorajador, padre".

"Por favor, não me entenda mal, Sr. Wallace. Eu fui sincero e claro com o senhor; não tente se aproveitar do fato. Eu lhe dei a nossa melhor oferta".

"E suficiente". A voz de Ana surpreendeu a todos. "Arthur, eu acho que está ótimo".

Por um momento, ninguém falou.

"Eu e minha cliente temos de conversar", disse Wallace, finalmente. O padre deu de ombros.

"Não", disse Ana, baixinho. "Não acho que seja necessário. Eu já tomei minha decisão".

"Não há a menor necessidade de correr. Temos outras opções a ponderar".

"Já entendi que tem gente que pagaria mais. Não é importante".

"Existem outros fatores".

Ela olhou para Matthew. "O que você acha?”

Ele respirou fundo e se obrigou a bloquear seus temores, ignorar o calor que

sentia na nuca proveniente do olhar pintado, há tanto tempo, do outro lado da sala.

"O Sr. Wallace tem razão. Se você está contente com esse preço, ótimo, mas existem outras coisas que precisamos saber".

"Como o quê?", perguntou Tomas.

"Qual o acesso que ela terá à obra, depois da venda? O ícone estaria disponível para participar de possíveis exposições da coleção do avô dela?”

"Verdade. Eu tenho estes pontos anotados aqui", disse o advogado, exibindo seu caderno de notas.

"Onde o ícone será exposto?", continuou Matthew "Que tipo de acesso o grande público terá a ele? Que medidas os senhores vão tomar para a sua proteção e conservação?”

"Muito bem lembrado", assentiu o padre.- "Não tenho como dar nenhuma das respostas no momento, mas posso dizer que acredito que temos como satisfazer os senhores na maior parte das exigências".

"Mesmo assim, vamos analisar todas elas", grunhiu o advogado, tentando reassumir seu lugar na conversa.

"Certamente qualquer pedido da senhorita Kessler para uma vista particular da obra será bem recebido. Quanto a emprestar o ícone para exposições, eu duvido que o Sínodo vá se comprometer a aceitar".

"Eu não me importo com isso", disse Ana.

"O ícone, muito provavelmente, ficará na Catedral de Atenas. Mas, esteja onde estiver, estará exposto aos fiéis. Não é nossa intenção escondê-lo, isso seria contrário aos propósitos da própria obra. Mas teremos de tomar medidas para resguardá-lo, de maneira a não correr o risco de voltar a perdê-lo".

"É claro", respondeu Wallace, mecanicamente. "Eu posso colocar todos os detalhes numa minuta de contrato".

"Que nos deixe suficientes alternativas, eu espero. Eu já estou concordando com mais condições do que a maioria dos compradores aceitaria".

"Isso faz parte do compromisso", disse o advogado, sem emoção. "São as condições que estamos estabelecendo em troca de vender ao senhor por uma barganha".

"Uma barganha!", exclamou o padre. "Sr. Wallace, o senhor daria um ótimo vendedor de tapetes persas num bazar turco!”

"Obrigado. Considero isso um elogio. O senhor é muito gentil".

"Só digo a verdade. Posso considerar que temos um acordo?”

"Não há acordo enquanto não virmos os termos finais e seus superiores

aprovarem o preço. Mas eu diria que temos um entendimento, certo, Ana?”

"Sim. Definitivamente".

O padre consultou o relógio. "Não sei se consigo falar com meus amigos ainda esta noite".

"Veja o que o senhor consegue", disse o advogado. "Vou preparar as minutas e fechamos o negócio nos próximos dias".

"Ótimo. Isso me deixa muito contente. Muito contente mesmo".

O padre sorriu para todos eles. Se estava surpreso com a rapidez da negociação, ou por sua suposta boa sorte, sabia esconder seus sentimentos muito bem. Todos se levantaram para se despedir e Matthew, de certa forma, relaxou. Estava acontecendo. Agora ele só tinha de vigiar atentamente o velho, até que o ícone estivesse pendurado na Catedral de Atenas. Então, ele poderia relaxar de vez.

"Me desculpe", disse Ana.

O advogado, que estava fechando sua pasta, levantou os olhos e lançou-lhe seu olhar mais paternal.

"Você não tem do que se desculpar. Eu gostaria que nós tivéssemos estabelecido nossa estratégia um pouquinho melhor, antes da reunião, mas não importa. Desde que você esteja feliz com o resultado".

"Estou feliz por isto ter acabado. Não suportaria ter de espremê-lo. Ele é um padre".

"Eu não me preocuparia com isso", disse Matthew, cobrindo, com todo o cuidado, o ícone com um pano. No momento em que a imagem desapareceu, houve uma imediata sensação de alívio. "A Igreja grega é rica. Talvez não tenha muito dinheiro, mas está cheia de propriedades. Eles podem bancar a compra".

"Ele parecia tão vulnerável, sentado ali, sozinho".

"Vulnerável!", riu Wallace. "Vulnerável como um cofre de aço!”

"É, eu concordo", disse Matthew "Eu não o chamaria de vulnerável, mas fiquei surpreso por ele vir sozinho, sem conselheiros. Achei que eles viriam em comitiva".

"Ele não precisava". Wallace fechou sua maleta. "Os advogados dele vão examinar o contrato antes de ele assinar, você pode ter certeza. Enquanto isso, ele está confiando no próprio julgamento. Acho que eles queriam fechar o negócio rapidamente e envolver o menor número possível de pessoas". Ele vestiu seu casaco verde, tossindo furiosamente. Então, colocou a mão no ombro de Ana. "Eu vou preparar uma minuta para você ler, o mais depressa possível. Cuide-se, querida".

Ela o acompanhou até a porta. Matthew queria sair com o advogado para fazer mais algumas perguntas, mas um olhar de Ana fez com que ele não se mexesse.

"Obrigada por ter vindo", disse ela, quando estavam sozinhos. "Você fez boas perguntas".

"O Wallace iria fazê-las".

"Mas eu precisava de você por perto". Ela pegou na mão dele e ele se aproximou. "Você não vai ter problemas com o museu?”

"Não se preocupe com isso". Na verdade, se a participação dele naquilo se tornasse pública, ele teria problemas com muita gente, mas Matthew afastara o pensamento todas às vezes em que ele se apresentara à sua mente. Seu trabalho fora bastante prejudicado nos últimos dez dias, mas ele chegara à conclusão de que não seria capaz de se concentrar novamente nele antes que o negócio do ícone tivesse sido resolvido de maneira que permitisse à sua mente voltar a ter paz.

"Fica um pouco mais", disse ela.

Ele não tinha intenção de ficar. Esse assunto estava atrapalhando sua vida; já tivera de arranjar tempo para participar da reunião, todas as suas coisas estavam atrasadas. Mas a pressão da mão dela o reteve.

Ele não poderia simplesmente largar a mão dela e, em poucos minutos, já nem queria.

O vôo de conexão em Frankfurt se atrasara e o padre Ioannes chegou ao Aeroporto Kennedy horas mais tarde do que planejara. Makarios deveria mandar um motorista apanhá-lo, mas Ioannes não sabia onde encontrá-lo e não conseguiu achar um só telefone público que funcionasse. Demorou algum tempo para encontrar a bagagem, que estava em outra esteira. Foi ao banheiro e, ao sair, se desorientou, não conseguindo localizar o portão de Chegadas. O inferno deve ser exatamente assim, pensou ele. Era em situações como aquela que ele precisava da paciência que lhe tinha sido ensinada nas montanhas, mas, com o passar dos minutos, aquilo parecia cada vez mais difícil. Rezaria para ter paz de espírito assim que acabasse de xingar mentalmente.

Nas montanhas, eles lhe falaram de um Deus muito diferente daquele que os padres da vila conheciam. O Deus dos velhos sacerdotes fora muitas vezes triste e bravo, exatamente como o próprio homem. O jovem sacerdote da vila adorava um Deus de espírito apaixonado, que respondia às necessidades do momento, de resistir, de sobreviver. Estas deidades preenchiam um propósito gerado pelo homem; faziam o que se requeria deles. Nas montanhas, eles, por vezes,

invocavam o Deus furioso para assustar os noviços. Era sabido que o medo afiava os sentidos e mantinha os garotos na linha, até que a mente, alimentada com incenso e visões sagradas, tivesse crescido o suficiente para aceitar a profundidade e a amplitude do verdadeiro Deus, em toda a sua glória. Ioannes precisara de ais tempo que a maioria para chegar a este entendimento que, uma vez alcançado, o absorvera profundamente. Os terrores que atormentaram sua juventude, que, inicialmente o retiveram, se tornaram seu incentivo uma vez que descobrira o caminho, já que o combustível de que necessitava era criado por sua própria mente. A escuridão fora banida e, em sua alma, uma porta abriu-se diretamente para o mundo do espírito. Ele ficaria mais do que satisfeito de passar a vida em isolamento, explorando o caminho encontrado.

O homem atarracado e careca, usando uma jaqueta de couro, não lhe inspirava a mínima confiança, mas ele conhecia o sacerdote de vista e pegando sua bagagem, conduziu-o até o estacionamento.

"Meu nome é Demetrius", disse o homem.

"Aposto que, aqui, eles te chamam de Jimmy".

"É isso aí. E eu sei por que o senhor veio. Eu sei o que está rolando".

"Mesmo?”

"Eu trabalho bem próximo ao bispo Makarios. Não sou um simples motorista".

"Estou vendo".

De alguma forma, parecia bastante apropriado que seus mestres o arrancassem de seu sossego, no momento em que tinha conseguido alcançar plenamente a sensação, e o jogassem de volta no mundo. No começo. Ioannes os odiara por isso, mas, após muitos anos, aprendera que isso era coerente com a mensagem deles, com sua maneira de ser. O mundo do espírito deveria estar dentro deles; deveria ser levado com eles para o mundo da carne, para que lhes ajudasse nas tomadas de decisão. Qualquer pessoa seria capaz de manter a fé, trancada dentro das silenciosas muralhas do santuário. Mas o rebanho vivia fora dessas muralhas e a Palavra tinha de ser levada até eles.

"O senhor está aqui para verificar o que está acontecendo com o Tomas", continuou Jimmy, colocando a bagagem no porta-malas de um carro negro desnecessariamente colossal; os bispos americanos sempre tinham carros como aquele. "Me permita dizer que o senhor está um pouco atrasado".

"O que você está querendo dizer?”

"Nos últimos dias, ninguém conseguiu falar com ele. Claro que isso não quer dizer nada", acrescentou o corpulento motorista, num tom de quem não

acreditava no que estava dizendo.

A dificuldade aparecera quando os velhos mestres morreram e as instruções começaram a vir de homens mais novos do que ele, homens em cujos olhos não aparecia o fogo íntimo. O que devia fazer um homem quando as vozes interiores não mais condiziam com as ordens das vozes exteriores? Ioannes vinha andando às apalpadelas por anos, mas sentia que sua última missão poria em xeque todo o seu modo de viver. Talvez, a hora tivesse chegado.

"Eu tenho um encontro com o Tomas, amanhã", disse o velho sacerdote.

Jimmy deu de ombros, dirigindo o carro pela rampa descendente e escura que saía da garagem.

"Espero que ele apareça".

Ioannes combateu uma sensação de desconforto que crescia dentro dele. Tudo acontecia por alguma razão e, de um jeito ou de outro, ele não deveria confiar na palavra daquele sujeitinho esquisito.

"Acho que eu e o padre Makarios vamos dar um jeito nisso".

"Makarios", zombou Jimmy. "Sem querer ofender. eu amo o bispo. Mas, eu já lhe digo de cara: eu sou a pessoa de quem você vai precisar neste assunto".

"Vou manter isso em mente".

---

14 Nikos Kazantzakis (1885-1957) - Considerado um dos maiores escritores do século passado, homem de vastíssima cultura européia. Kazantzakis nasceu na Ilha de Creta, na Grécia, um importante centro de descobertas arqueológicas da cultura minóica, mas também ligadas à religião e tauromaquia. Filiou-se ao cristianismo bizantino, mas alguns autores alegam que era um ateu radical, baseados principalmente em sua obra-prima O Cristo Recrucificado. Seu romance mais conhecido é Zorba, o Grego.

Dostoievski e Flaubert são sobejamente conhecidos e dispensam nota de apresentação (N.T.).

10

Matthew deveria ter sabido. A coisa toda estivera errada desde o começo, mas ele seguira em frente, teimoso como uma mula, tendo de justificar suas ações para si mesmo. O problema começara com o telefonema que recebera no dia anterior, um Fotis subitamente todo cheio de dedos.

"A garota falou com você, não é?”

"Disse que o contrato foi assinado ontem", confirmou Matthew. "Tomas e uma outra pessoa pegaram o ícone de noite. E eu imagino que o deixaram aos seus cuidados".

"Tudo correu conforme o planejado, graças a Deus".

"Já faz quase vinte e quatro horas. Eu esperava ter ouvido de vocês, antes".

"Minhas desculpas. Você está ansioso para estudá-lo de novo. Temos de arranjar um tempo".

Ele teve que se esforçar para dizer suas próximas palavras. "Nós combinamos que uma outra pessoa o veria".

"Eu sei". Um suspiro nervoso. "Você acha que ele está a fim?”

"Eu não sei; ele não está muito afim de nada. Eu achei que este era o ponto".

"Eu não quero causar-lhe nenhuma ansiedade desnecessária durante sua recuperação".

"Não é uma recuperação; é uma remissão. Theio, isto foi idéia sua. O que você está querendo me dizer agora? Que eu tenho de marcar uma hora e que meu pai não é bem-vindo?”

"Eu só estou sendo cuidadoso. Como é que você vai convencê-lo a vir?”

"Isso é problema meu. Quando eu posso levá-lo?”

"Amanhã. É sábado, e eu acho que você iria visitá-lo de qualquer jeito".

Era enervante como ele sabia dos planos de todo mundo.

"É verdade. Nós até falamos em dar um passeio de carro. Mas eu acho que ele não estava pensando em ir ao Queens".

"Eu estarei aqui o dia todo. E, meu garoto, perdoe-me por este conselho. Mas não conte ao seu pai nenhuma história idiota. Ele perceberá tudo e você acabara fazendo com que ele fique furioso".

"Você está dizendo que eu não sei mentir?”

"Diga para ele que eu pedi que você viesse para dar uma olhada em certas obras de arte. Afinal, é verdade. Diga que você quer a companhia dele, o seu

apoio. Faça com que ele sinta que está fazendo alguma coisa por você".

Seu pai não fez objeção, mas concordou com a visita como um condenado à morte, ficando de cara e boca fechadas pela maior parte do caminho. Chegados à casa em Queens, Fotis recebeu-o com mal disfarçada agitação, manuseando nervosamente as contas do seu komboloi. Havia telas penduradas nas paredes do estúdio e Fotis e Matthew conversaram sobre uma paisagem de um pintor holandês, recentemente adquirida. Alex pareceu relaxar e ficou examinando as prateleiras em volta. Sua cadeira de rodas foi colocada perto da janela, o sol fraco batendo nos seus ombros largos, a luminosidade criando uma aura prateada sobre sua cabeça. A dois metros dele, coberto por um pano branco, um painel quadrado estava colocado num cavalete e Matthew não conseguia evitar que seus olhos se voltassem constantemente para lá, atraídos por uma energia especial. Subitamente, toda a armação encheu o rapaz de terror. Notando os olhos úmidos de Fotis, percebeu que o velho também se sentia desconfortável. Antes de perder completamente o controle, Matthew levantou-se e foi até o cavalete.

"Pai", disse ele, puxando o pano de sobre o cavalete e tendo a leve esperança de que alguma outra obra estivesse embaixo, até que seus olhos encontrassem o ícone e ele quase perdesse a fala. "Esta é a obra sobre a qual eu tenho sido consultado. O Fotis está guardando-a para um comprador grego".

Alex virou a cabeça na direção do cavalete muito lentamente. Tinha no rosto uma expressão de determinada resistência que se suavizou assim que seus olhos viram a imagem, substituída por um brilho de imediato maravilhamento. O espírito de Matthew alimentou-se daquele olhar.

"Eu sei que você não é muito ligado em arte religiosa, mas achei esta peça especialmente forte e eu queria que você a visse". Aproveitou o estado de transe do pai para empurrar a cadeira para mais perto do cavalete, tão próximo que seu pai poderia, se quisesse, levantar a mão e tocar o ícone.

"Não é lindo?”

Ele já não podia ver o rosto do pai e este não respondeu imediatamente. Então, a cabeça grande assentiu, quase imperceptivelmente, e a mão direita ergueu-se e se esticou. Teria realmente tocado o ícone?

Neste momento, um gemido espontâneo escapou dos lábios de Fotis. Alekos retraiu a mão da pintura e virou a cabeça para olhar o velho. Matthew, frustrado, apertou as costas da cadeira com as mãos e olhou para o padrinho. A expressão do manipulador era de um horror tão claro como jamais Matthew esperara ver no seu rosto calculista e o jovem não sabia se os olhos do velho estavam cravados

em Alex, ou na porta atrás deles. Por alguns segundos, ninguém disse palavra. Então Alex balançou a cabeça devagar, como que se livrando de um sonho e, quando falou, sua voz estava trêmula de raiva.

"Me tirem de perto desta coisa!”

Grande parte do trajeto de volta foi percorrido em embaraçoso silêncio. Não havia nada de furioso ou acusador no comportamento de Alekos; ele parecia antes confuso, fatigado. Por longos momentos pareceu que ia falar e, finalmente, o fez.

"Eu não sei o que você pretendia com tudo isso. Talvez estivesse orgulhoso do ícone e quisesse partilhar comigo".

"Alguma coisa assim", conseguiu dizer Matthew, os olhos colados na rua molhada.

"Eu sei certas coisas sobre aquele ícone. Certas coisas que sua Yiayia15 me contou, anos atrás. Eu não sei a história toda, mas estes dois miseráveis têm as mãos manchadas de sangue por causa daquela pintura. Achei que o seu Papou ia te contar".

"Não. O Fotis me contou uma parte. É uma história horrível".

Alex pegou no braço de Matthew.

"Me ouça", disse ele, firme. "Você está me ouvindo?”

"Estou".

"Olha, é para você me ouvir de verdade!”

"Pai, eu estou te ouvindo, pelo amor de Deus!" Ele teve de forçar a pressão no seu braço para poder manter o carro sob controle.

"Não acredite numa palavra do que o Fotis te disser. Até que você possa confirmar com alguém em quem confie, não acredite em nada. Você está me entendendo?”

"Estou te ouvindo".

"Mas você não acredita em mim". Alex soltou o braço do filho. "Afinal de contas, o que um idiota como o seu pai poderia saber?”

"Não é isso que eu estou pensando".

"Ah, não? Então, em que você está pensando?”

Matthew teve de caçar mentalmente seus próprios pensamentos, depois mudou de pista rapidamente para pegar a rampa que saía da via expressa, que ele nem percebera já estar logo ali na frente.

"Estou pensando que, ultimamente, eu ando ouvindo um monte de merda de um monte de gente e não sei em que acreditar".

"Por que eu mentiria para você?”

"Eu não acho que você esteja mentindo, só que você não está me dizendo nada de útil. É sempre este vago preconceito raivoso contra aqueles dois, que eu venho ouvindo a minha vida toda. Afinal de contas, o que foi que eles fizeram?”

"Fizeram um pacto diabólico com os alemães".

"Até aí eu já sei".

"Converse com o seu avô".

"Ele não vai me contar, eu já tentei".

"Você disse para ele o que o Fotis te contou? Disse? Não? Ora, aquele cara tem você no bolsinho do colete. Pergunte ao seu Papou".

"Eu já te disse que ele não me conta nada".

"Ele vai te contar. Pode deixar comigo".

Eles pararam num sinal fechado, mesmo que não houvesse transito nenhum. Matthew acionou um controle no painel e o limpador de pára-brisa fez um arco no vidro cheio de gotas de chuva.

"Por que você os odeia tanto?”

"Eu não os odeio", disse Alex. "Não mais do que eu odeio um cachorro que foi treinado para matar. Mas eu não confio neles. São homens do tempo deles e foi um tempo ruim. A Grécia sofreu terrivelmente durante a guerra. Depois, teve a guerra civil, os problemas com a Turquia, Chipre, todas as trocas de governo, todos eles corruptos. Os políticos tinham uma mentalidade deturpada. Estavam lutando para manter a Grécia livre, então tudo era permitido. Seu Papou e seu padrinho eram homens do governo, soldados leais. Eu não sei dos detalhes, mas sei que eles participaram de coisas terríveis. Dá para ver nos rostos deles. E tudo começou durante a guerra, com aquele maldito ícone. Foi naquele momento que eles começaram a não ser mais combatentes pela liberdade e passaram a se transformar em agentes políticos.

Negociando a compra de armas com o inimigo para usá-las contra seus próprios irmãos".

"A ameaça comunista era real", insistiu Matthew, arrancando mesmo com o sinal fechado, surpreso com sua própria atitude defensiva. "Eles poderiam ter tomado a Grécia, facilmente".

"Não digo que não, mas a guerra que se seguiu foi um horror. Milhares foram presos, torturados, sentenciados sem acusações claras. Alguns foram executados. Até mesmo os que lutaram na guerra têm dificuldades para defendê-la. Eles não falam no assunto".

Matthew diminuiu a marcha ao se aproximarem da casa. A raiva não expressada de seu pai contra os velhos era uma coisa conhecida na família há

tanto tempo que já ninguém mais se preocupava com o fato.

Mas, nos últimos minutos, Alex revelara mais dos seus sentimentos do que fizera em todos os anos anteriores e, apesar de ter ficado furioso com alguns dos comentários, Matthew não estava disposto a deixar passar a oportunidade.

"Você não consegue aceitar que eles fizeram o que acharam que era necessário? Que tudo isso pertence ao passado e eles são dois velhos, agora?”

"Você aceitaria esse tipo de argumento para defender os nazistas que vivem na América do Sul?

Para defender Milosevic ou Karadzic?”

"Ora, vamos lá, você não pode colocá-los na mesma categoria".

"O meu ponto é que as coisas que eles fizeram não deixam de existir só porque ficaram velhos.

Eles fizeram o que fizeram. E continuam os mesmos. Não pense, nem por um minuto, que eles desistiram dos velhos métodos".

"É isso que eu não entendo. O Fotis está neste país há décadas. O Papou passa o tempo todo no jardim dele. O que o governo grego pode querer de dois velhos como eles?”

"Não estou discutindo para quem eles trabalham, estou falando dos métodos que utilizam. Eles cresceram aprendendo a manipular e a jogar dos dois lados. No caso do Fotis, isso virou um instinto. Ele tem de estar sempre mexendo seus pauzinhos, seja nos negócios, na coleta de informações, não importa. Ele é como um tubarão, em constante movimento. Se parar de conspirar, ele morre".

"E o Papou?”

"Ele é mais sutil. Acho que não curte o que faz tanto quanto o seu padrinho, mas ainda recebe ordens do governo grego, ou de uma ala dele. Está sempre vigiando o Fotis e faz outros servicinhos. Não pense que ele veio para cá só para me ver".

"Eu não acredito nisso".

"Eu sei. E não sei o que fazer para que você acredite".

Eles chegaram à entrada de carros e Matthew desligou o motor, mas nenhum deles fez o menor movimento para sair do carro. A chuva engrossara e ficava difícil ver a casa através do pára-brisa, mas havia uma luz amarela claramente visível na janela da cozinha.

"Por que o Fotis está com o ícone?", perguntou Alex, finalmente. "O que houve com o museu?”

"A vendedora mudou de idéia. A Igreja grega entrou em contato com ela e ela resolveu que eles tinham mais direito".

"E onde é que você entra nisso?”

"Eles falaram com o Fotis, também. Para tentar usar a influência dele, eu acho. Ele conhece o advogado do espólio. E ele também vai ajudar a arrumar o transporte, e é por isso que o ícone está com ele, provisoriamente".

"O que ele ganha com isso?”

"Ele? Acho que ele reza na frente do ícone. É uma peça sagrada. Supostamente, tem poderes milagrosos de cura".

"O velho miserável. Será que ele acha que descobriu um jeito de viver para sempre?" Alex parecia oscilar entre a fúria e a gargalhada.

"Ele só vai ficar com o ícone uma ou duas semanas, depois a Igreja vai pegá-lo".

"E como é que você se meteu nisso? Você deveria simplesmente avaliar a obra para o museu".

"E foi o que eu fiz. E pensei que seria o fim da história. Mas a Ana, a Ana Kessler, a vendedora, ela queria que eu a aconselhasse".

"E o Fotis te incentivou nisso?”

"Foi".

"Então, você a convenceu a fazer o negócio".

"Não, ela fez o que queria fazer. Mas eu também não a desestimulei. Não contei a ela sobre o envolvimento do Fotis".

"Você não exerceu a menor influência?”

"Se fiz, foi porque achei que estava certo, não por causa do Fotis".

"Você está dormindo com a garota?”

Matthew suspirou e se recostou no banco, sem responder. O ar condicionado, dentro do carro, estava esfriando e a casa já era visível pelo pára-brisa.

"Entendo", disse Alex. "Ele está te ensinando direitinho".

Matthew deu um murro no painel do carro, assustando a ambos.

"Você realmente pensa tão mal de mim? Acha que eu não tenho minhas próprias idéias, meus próprios princípios e crenças? Você está tão remoído por este ódio que acha que tudo que se refere aos velhos é pura baixaria?”

Alex balançou a cabeça devagar, mas parecia mais desgostoso por ter aborrecido seu filho do que pelas palavras duras, e isto, fazia com que Matthew se sentisse impotente em sua raiva.

"Não leve para o lado pessoal. Eles são muito bons no que fazem. Fizeram isso comigo a vida inteira. Se você aprender com o que está acontecendo, vai evitar sofrimentos no futuro".

"O que, em nome de Deus, você acha que eles fizeram com você?”

Uma sombra apareceu na janela da cozinha, bloqueando a luz.

"Eles mandaram na minha vida. Sou engenheiro químico porque meu pai quis que eu fosse. Moro nos Estados Unidos porque ele me mandou para cá. Até mesmo o casamento com a sua mãe...".

"O quê!?”

"Eu não deveria falar com você sobre isso".

"Você sabia que ela era sobrinha do Fotis, foi assim que você a conheceu".

"Sabia que era sobrinha dele, mas eu ainda não sabia quem ele era. Ele até chegou a fingir que não aprovava, só para me tentar, sabendo que eu e ela iríamos enfrentar a oposição dele".

"E por que, exatamente, ele faria uma coisa dessas?”

"Sei lá. Talvez achasse que seria uma maneira de me roubar do seu velho amigo Andreas, me transformar no filho que ele nunca teve. Deus sabe o quanto ele tentou, mas eu descobri bem depressinha com quem estava tratando".

"Isso tudo é bobagem".

"Você não tem como saber; você não estava lá".

"Eu não preciso ter estado lá. Não preciso nem ser seu filho para entender essa história porque, ou você a amava e então nada do que ele fizesse teria importância, estava tudo certo, ou você não a amava e estava tudo errado. Seja como for, era decisão sua e de mais ninguém. Então, não tenta me enfiar esse monte de bobagem goela abaixo. E, por falar nisso, eu sei que nós estamos nos abrindo um com o outro, mas eu não quero saber qual das duas possibilidades é a verdadeira, certo? Ela é minha mãe, então guarde a resposta para você".

A sombra desaparecera da janela e a chuva aumentara. Matthew respirou fundo, tentando se acalmar. Não poderia ter imaginado, poucos minutos atrás, ser capaz de ficar tão furioso com o pai. Mas era uma raiva justa, catártica, e ele não queria se livrar dela, mesmo sabendo que se sentiria culpado mais tarde.

"Claro, você tem razão". Alex parecia derrotado, mas seu rosto ainda tinha uma coloração quente, coisa que não acontecia há semanas. "Lamento ter falado nisso. Mas, por favor, não ignore tudo o que eu disse. Por favor, tenha cuidado".

"Vamos entrar, você deve estar sentindo frio".

"Não. Não estou sentindo nada".

Ioannes estava sentado, calado, na mesa da cozinha da pequena e confortável casa de hóspedes do bispo, quando Jimmy entrou sem nem ao menos bater na porta.

"Bom dia, padre".

"Para você também, meu filho".

"Então, o Tomas desapareceu. Sumiu".

"Parece que sim".

"Deixou toda a congregação com cara de tacho, ontem à noite, esperando pela palavra de Deus".

O baixinho ficou andando de um lado para o outro, excitado, enfiando a mão nos bolsos, tirando uma pequena pistola, acariciando-a. "Pobres coitados".

"O padre Makarios me contou".

"Ele também disse ao senhor que meio milhão de dólares dos fundos da igreja desapareceram com ele?”

"Eu não sabia quanto, mas estava claro que houve um grande desfalque".

"O senhor devia estar atrás dele".

"Presumi que você e o Makarios estivessem fazendo isso. Ou vocês estão esperando a polícia?”

"Mas quê! O Makarios não tem coragem nem de contar para a polícia, acha que o diabinho vai se arrepender e voltar todo cheio de explicações. Eles odeiam escândalos. Mas eu tenho gente procurando".

"Eu suspeito que ele pegou o dinheiro para ele mesmo, para desaparecer". Ioannes falava devagar, medindo suas palavras. "Não acredito que ele esteja com o ícone. Ele estava servindo de fachada para um comprador. Um doador, era como ele o chamava nas suas mensagens, que deveria dar a obra para a Igreja".

"Mas ninguém nunca soube quem era esse doador".

"Ele não nos disse".

"Pode ter inventado".

"É, pode".

"E quem é o homem que o senhor vai visitar? O tal Andreas Spyridis?”

Ioannes suspirou. Era evidente que, dentro daquelas paredes, não havia segredos.

"Uma pessoa que veio da Grécia para cá mais ou menos na mesma época em que toda esta história começou. E que já esteve envolvido com o ícone".

"Ele não é da Igreja?”

"Não, é do governo. Está aposentado, mas ainda aparece, ou alguém o convoca, ou talvez os americanos o requisitam. Seja como for, conseguimos localizá-lo. Não tenho certeza de que esteja metido nisso, mas é possível. Eu preferiria que você guardasse esse revólver".

"Governo, não é? O senhor quer dizer serviço secreto, segurança de estado, qualquer coisa assim?”

"Sim, mas ele é velho. Mais velho do que eu".

"Velho ou não, nós podemos precisar disto", disse Jimmy, brandindo a arma. "Desarmado é que eu não vou".

"Eu não estou pedindo que você vá".

"Acho que o senhor vai descobrir que o padre Makarios insiste na minha participação".

"Sei". Ioannes olhou mais atentamente para os olhos e o nariz, para o formato da cabeça do jovem.

"Sabe que você se parece com ele? Com o bispo. Não vá me dizer que vocês são parentes".

O baixinho não gostou de ser identificado.

"Sou sobrinho dele. Mas isso não importa".

"E você é uma espécie de detetive civil?”

"Detetive particular, é como nós chamamos. Mas eu trabalho quase só para a igreja".

"Ah, um Cavaleiro de Cristo. Pena que eles tenham tanto trabalho e esteja sempre ocupado".

"Por que não vamos ver o homem de uma vez?”

"Porque ele não está. Saiu da cidade por alguns dias".

"Então, simplesmente sentamos a bunda?”

"Tenho certeza de que você tem outras coisas para investigar. Não deixe que eu o segure".

"O senhor sabe mais do que está me contando. Não vou deixar que saia da minha vista".

"Tenho de enfatizar que, se você vai me acompanhar, terá de seguir estritamente minhas instruções. Eu não tolerarei nenhuma interferência, não importa o que o Makarios disser".

"Todos vocês são iguais", queixou-se o baixinho. "Sempre acham que entendem mais do trabalho dos outros do que os próprios. Por quê? Por acaso, alguma luz divina guia vocês? Padres não deveriam comandar investigações".

"Vá se queixar com Deus, meu irmão".

A costa de Connecticut se estendia do lado de fora da janela, toda suja e arranhada, do trem.

Profundas enseadas e charcos, com cores que iam do verde-claro ao bege-escuro. Garças brancas passeavam ou erguiam vôo lentamente. Marinas, praias vazias, o contorno acinzentado das ilhas. Então, densos bosques, árvores quase inteiramente desfolhadas, mas com os halos verdes e vermelhos das pequenas folhinhas brotando. O mundo retornando à vida. Andreas desviou os olhos da

janela. A viagem para Boston fora uma perda de tempo. Ele visitara a viúva de um de seus agentes. O homem fizera, por vinte anos, um trabalho de espionagem bom e mal reconhecido e perdera sua pensão quando resolvera morar nos Estados Unidos em vez de voltar para a Grécia governada pelos coronéis, um lugar que ele já não reconhecia mais.

Na época, Andreas não tivera como ajudá-lo e, mesmo agora, podia fazer muito pouco além de apresentar seus respeitos. Fizera dezenas de visitas semelhantes, nos últimos anos. Mas elas não ficavam mais fáceis. O contato americano que ele encontrara em Cambridge era um velho amigo, mas estava num nível inferior ao de Morrison, semi-aposentado e dando aulas, não tinha como ajudar. Andreas se sentira doente de ter de ficar sentado lá - tentando se lembrar que excelente homem o outro fora, que contato humano importante para qualquer alma - mas tendo de se ater unicamente à utilidade da reunião. Informação ganha contra tempo perdido. Será que a habilidade de pensar em qualquer outra coisa desaparecera de dentro dele para sempre? Ele se apiedara até mesmo da viúva, uma mulher de grande gentileza e coragem, a quem ele nunca veria de novo. Ignominioso.

Estava ansioso para voltar para Alekos. Era uma das razões da sua vinda, mas seu filho certamente estava feliz com a folga. Eles não podiam passar muito tempo na presença um do outro, mesmo que houvesse algum amor, ainda que reprimido, entre eles. A não ser que Alex piorasse, Andreas teria de voltar para a Grécia em breve. A conta do hotel avolumava-se impiedosamente e ele sentia uma claustrofobia intolerável em Nova York. O principal era se assegurar de que Matthew não se metesse até o pescoço em nenhuma das manipulações de Fotis. Era neste ponto que ele deveria ter colocado sua energia desde o princípio, mas ele sentira o cheiro de Müller, novamente. Melhor deixar pra lá. De qualquer maneira, até o momento, Benny não descobrira nada.

Ele resistira à tentação de comprar um daqueles telefones portáteis que todo mundo carregava agora e se amaldiçoava por ter de ouvir as sete conversas telefônicas, sem objetivo nem sentido, que se desenrolavam simultaneamente nas poltronas ao seu lado. Mas podia perceber como esses aparelhinhos seriam úteis; teriam sido, na verdade, indispensáveis no seu tipo de trabalho caso existissem a vinte anos atrás. No entanto, não possuindo um, ele esperou pela parada de dez minutos em New Haven para ir até os túneis escuros e úmidos que passavam por baixo dos trilhos para fazer sua ligação de um telefone público.

Quase por instinto, começou a discar o número de Matthew, mas desistiu e ligou para Benny.

"Onde diabos você tem andado?”

"Estou num trem. O que houve?”

"Eu o encontrei".

Andreas soltou o ar e fechou os olhos.

"Tem certeza?”

"Noventa e cinco por cento. Você terá de confirmar os outros cinco. Quando você chega?”

"Em duas horas".

"Hoje à noite não dá. Muito movimento. Amanhã, logo cedo, a gente faz uma visitinha para ele".

---

15 Em grego no original. Em português, "vovó" (N.T.).

11

Sua intenção era voltar a Manhattan naquela mesma noite, mas sua mãe convenceu Matthew a passar a noite. No domingo, bem cedinho, ele ligou para o hotel do seu avô, mas ninguém respondia no quarto dele. Então, foi ficar um pouco com o pai. Alex estava cansado demais para levantar-se e Mathew ficou segurando sua mão, esperando que sua expressão pudesse transmitir as desculpas que seus lábios não pareciam capazes de verbalizar. Algum tempo depois, pegou o trem que ia para a Grand Central e foi andando até o hotel. Para a Igreja ocidental, era Domingo de Páscoa, o dia em que os ortodoxos comemoram o Domingo de Ramos. Matthew pensara em ir à missa, mas sua mente não conseguiria se concentrar enquanto as coisas permanecessem tão confusas, e ele tinha certeza de que seu avô não estaria na igreja.

No exíguo saguão, o recepcionista anotou seu nome e ligou para o quarto.

"Pode subir".

"Ele já voltou?”

"Voltou há uns vinte minutos, acompanhado por outro cavalheiro. É o quarto 5711. Os elevadores ficam à direita".

Matthew estava certo de que ia esperar um tempo muito maior, e se sentiu despreparado. Era difícil manter sua raiva acesa e seu avô dispunha de muitas maneiras de dobrá-lo. Teria de ser firme, dizer tudo o que sabia e exigir respostas.

Uma batida na porta provocou passos e uma pergunta abafada.

"É o Matthew".

A porta abriu-se e o homem ficou parado lá, alto, grisalho e sorridente.

"Você é o neto do Andreas?”

"Isso mesmo".

"Sim, sim, entre".

O homem afastou-se e Matthew entrou. O quarto não era grande. Uma cama dupla, televisão, escrivaninha e duas cadeiras, papel de parede florido, almofadas e uma colcha. Andreas não estava à vista, mas alguém fazia barulho no banheiro.

"Sente-se", disse o homem, acomodando-se na cadeira mais próxima da porta. Matthew preferiu ficar de pé, e deu uns passos para olhar para o pátio de concreto lá embaixo. Já sabia que não devia fazer perguntas para as pessoas que tinham negócios com o avô. A presença do homem era frustrante, já que a

intenção de Matthew era pressionar Andreas até arrancar algumas verdades dele, mas estava determinado a não ser posto para fora. Esperaria. O som do interruptor de luz do banheiro fez com que se virasse.

Um homem baixo, atarracado, quase careca, com olhos fundos, estava de pé na porta do banheiro, usando uma jaqueta de couro grande demais para ele. As luzes do banheiro estavam apagadas e não havia outro lugar onde Andreas pudesse estar. Portanto, não estava no quarto e os dois homens tinham se postado entre Matthew e a porta. O pânico fez com que ele ficasse ligeiramente tonto e sua voz ficou travada na garganta.

"Por favor, sente-se", disse, novamente, o homem mais alto. "Acho que devemos nos conhecer melhor".

Matthew sentou-se, cautelosamente, na beira da cama. O careca continuava de pé, remexendo distraidamente nos bolsos, uma expressão aborrecida no rosto.

"Você veio procurar o seu Papou", disse o homem grisalho. "Nós também. E, como você vê, ele não está".

O homem era mais ou menos da altura e peso de Andreas e seu rosto tinha o mesmo formato quadrado. Até as feições eram semelhantes. Acrescentando-se o terno preto e a camisa abotoada no colarinho, Matthew percebeu como o recepcionista tinha se confundido. Mas o homem era uns bons dez anos mais jovem que Andreas e tinha uma expressão muito mais gentil.

"O que vocês estão fazendo aqui?", perguntou Matthew.

"A mesma coisa que você. Esperando".

"Acho que vocês estavam fazendo alguma outra coisa, antes que eu entrasse".

"Bem, é verdade. Nós realmente nos aproveitamos da ausência dele para dar uma olhada. Mas eu lhe asseguro que não pegamos nada".

"Vocês nem deveriam estar aqui".

"Legalmente, você tem razão. Mas existem ocasiões em que os fatores extralegais são mais fortes.

Em todo caso, nós não arrombamos a porta. A recepção nos deu a chave".

"Faz algum sentido eu perguntar o que vocês estão procurando?”

"Não temos bem certeza. Talvez alguma coisa que nos dê uma pista de onde possa estar o ícone, neste momento. Sim, o ícone, paidemou16, não faça essa cara de susto. Afinal, por que você imaginou que nós estivéssemos aqui?”

"Ele sabe", disse o baixinho careca, numa voz irritada. "Sabe onde o ícone está. Não sabe?”

Matthew pensou em possíveis respostas, verdadeiras, falsas e entre uma e

outra coisa. Qual delas o protegeria? Qual colocaria outras pessoas em perigo? O medo paralisava sua capacidade de pensar. Será que poderia simplesmente levantar-se e ir embora?

"Você não está sendo ameaçado", disse o homem mais alto. "Mas nós temos de saber onde está o ícone. É tremendamente importante".

"Por quê?”

"Uma pergunta justa, mas a resposta é complicada. Acredito que várias pessoas envolvidas na venda do ícone, incluindo talvez você mesmo, estão agindo baseados num mal-entendido. Na verdade, uma tapeação proposital. Me diga, você conheceu um padre chamado Tomas?”

Depois de pensar tempo demais para poder negar, Matthew anuiu.

"E ele se apresentou como representante da Igreja grega?”

"Sim", disse Matthew, sentindo seu medo se avolumar. "Não é?”

"É, ou era. Ele é um padre da Igreja nos Estados Unidos, mas, ocasionalmente, faz negócios em nosso nome. Estava atrás de uma oportunidade para comprar o ícone para nós. Mas na semana passada, ou mesmo antes, ele permitiu que seus próprios interesses predominassem sobre seus deveres espirituais. Eu acredito. Sério, nós não fazemos idéia de onde o Tomas está agora, então não podemos afirmar com certeza o que aconteceu. Estou sendo completamente honesto com você, talvez mais do que deveria. Em todo caso, nós não acreditamos que ele esteja com o ícone".

Que pergunta fazer antes?

"Desculpe-me, mas quem é você?”

"Eu é que peço desculpas. Meu nome é Ioannes. Padre João, se você preferir. Muitos dos meus amigos americanos me chamam assim".

"Eu sou grego".

"Claro que é".

"Então, você é da Igreja da Grécia?”

"Sou".

"E veio para cá para verificar o andamento do negócio?”

"As ações do Tomas despertaram suspeitas. Infelizmente, os superiores dele não o vigiaram devidamente e nós também não acompanhamos o caso com o cuidado necessário, até que já fosse tarde demais. Estou aqui para ver o que pode ser salvo. O ícone é de enorme importância para nós. Posso te assegurar que a felicidade que sentimos, quando o Tomas nos informou da sua descoberta, foi enorme".

"Espere. Vocês ainda não sabiam que o Kessler estava com o ícone?”

"Havia rumores, um deles dizendo que o ícone estava com o Kessler. Mas a maioria das pessoas achava que ele estaria num cofre na Suíça. Pessoalmente, eu acreditava que ele já tivesse sido destruído".

"Aí o Tomas apareceu com a notícia".

"Isso mesmo".

"E vocês nunca contrataram ninguém daqui para trabalhar para vocês? Quero dizer, alguém que não fosse da Igreja?”

"Do que você está falando?”

Os pensamentos de Matthew perderam a base. Todo o negócio estava além da sua compreensão e ele começou a pressentir uma terrível verdade. Mesmo assim, tendo sido tão facilmente ludibriado até então, como poderia simplesmente aceitar que fosse verdade o que estava ouvindo? Deveria mudar de opinião sobre Fotis tão rapidamente?

"Olha, eu tenho de dizer uma coisa. O Tomas era pelo menos tão convincente quanto vocês. Nós passamos por todas as fases normais do processo. Ele apareceu com um monte de dinheiro. De onde veio aquela grana toda?”

O careca falou num grego horroroso qualquer coisa que queria dizer que eles estavam perdendo tempo. O padre João respondeu-lhe, baixinho: aonde iriam eles com tanta pressa? Então, inclinou-se para a frente e encarou Matthew, muito sério.

"Evidentemente, o Tomas tinha um financiador. A pessoa que, desde o começo, queria comprar a obra. Talvez você saiba quem é essa pessoa?”

Matthew balançou a cabeça num gesto mais de resistência que de negação.

"Você não tem nenhuma razão para confiar em mim", continuou o padre, "mas eu estou te pedindo para fazer isso. Para o bem da Igreja, para o bem das outras pessoas que foram enganadas e em memória dos que morreram por essa obra, eu peço a sua ajuda. Por favor, me diga aonde está o ícone".

A inclinação de Matthew de confiar no homem era muito grande, mas ele estava começando a achar que isso era uma falha de caráter.

"Preciso ir ao banheiro".

O baixinho xingou, mas Matthew enfiou-se na relativa segurança do lugar decorado com azulejos azuis e luz fluorescente. A sensação causada pela água fria que jogou no rosto foi boa, mas não aclarou sua mente. O padre era convincente. Exsudava compaixão e honestidade num grau quase hipnótico. Seria confiável? Ou as coisas eram mais complicadas? Talvez uma briga entre facções da Igreja? A conclusão à qual acabava chegando sempre era a mesma que o fizera calar antes; ele não poderia entregar o seu padrinho baseado

simplesmente numa leve sensação de confiança. Teria de investigar o caso pessoal e rapidamente que era, alias, o que pretendera fazer ao ir até o hotel. O que significava se livrar daqueles dois. Eles o deixariam partir livremente? Teriam meios de o seguir sem que ele percebesse? Não havia tempo a perder, cada hora contava.

Através da porta, ouviu um celular tocando. Quando acabou de se compor e saiu do banheiro, Matthew viu o baixinho guardando o aparelho enquanto fazia sinais excitados para o padre João. O sotaque forte e as palavras apressadas, ditas em grego, quase o iludiram, mas Matthew conseguiu entender perfeitamente um nome familiar. O padre levantou os olhos.

"Você está passando mal?”

"Estou bem. Preciso ir".

"Um colega do meu amigo aqui fez uma descoberta entre as coisas que o padre Tomas deixou para trás. Um nome que conhecemos. Fotis Dragoumis. Acho que ele é parente seu, não?”

Matthew assentiu.

"Você é íntimo dele?”

"Sou, sim".

"Ele não seria, talvez, um homem com quem é perigoso tratar?”

"Eu não o vejo assim. Pode ser perigoso para vocês".

"Mesmo assim, temos de vê-lo. Acho que você deveria vir conosco. O que você acha?”

"Não sei, não".

"Nós não vamos te forçar. É você quem decide. Mas, de alguma maneira, eu acho que a sua presença vai fazer com que as coisas sejam menos arriscadas para ambos os lados".

Matthew entendeu perfeitamente o significado daquelas palavras. A ânsia de ser incluído em seja o que for que fosse acontecer foi mais forte que sua racionalidade.

"Terei de ligar para ele".

"Eu não posso te impedir. Mas, se você fizer isso, ele não estará lá quando chegarmos e nem você nem eu veremos o ícone de novo. Acho que você sabe disso".

Mesmo assim, ele hesitou. O padre estava blefando; não tinha como ter certeza de que o ícone estava com Fotis.

"Scatd", exclamou o baixinho, dando dois passos rápidos. Instintivamente, Matthew projetou os braços para a frente e suas mãos acertaram o outro no peito,

desequilibrando-o e ele teve de se segurar no colchão para não cair. Desistindo de correr para a porta, Matthew se viu partindo para cima do homem, uma raiva súbita e inesperada substituindo o medo que sentira instantes antes, apoderando-se dele. Ele não dava um soco desde que era adolescente, mas estava a fim de botar o baixinho para dormir. No entanto, o careca se recompôs rapidamente e seu punho pesado acertou Matthew no estômago, um pouco desequilibrado, mas forte o suficiente para fazê-lo dobrar-se, sentindo uma dor profunda e nauseante. Protegeu-se de um novo soco, mas neste instante o padre já estava entre eles.

"Stamatá17! Parem com isso, vocês dois!". O padre João ajudou-o a ir até uma cadeira, mas Matthew não queria sentar, preferindo apenas se apoiar no encosto de madeira clara, respirando com dificuldade. O baixinho ajeitou a jaqueta, um misto de raiva e espanto distorcendo suas feições. "O

Demetrius não tentou te atacar", disse o padre, firme, "estava só indo para a porta".

Matthew tinha percebido isso um segundo antes de tentar dar o soco, mas a raiva continuara, descontrolada. E inteiramente mal direcionada, ele agora entendia. Suas mãos tremiam. O chão parecia fugir debaixo de seus pés, como um cadafalso que Fotis tivesse mandado construir para enforcá-lo. Uma mentira; ele próprio a fabricara usando as matérias-primas ordinárias que seu padrinho lhe fornecera, as meias-verdades e os argumentos frívolos. Ignorando todos os indícios, deixando que os fins justificassem todos os meios. Fora ludibriado. Tudo exatamente como seu pai lhe prevenira, já não dava para esconder a verdade embaixo do tapete.

"Muito bem", disse Matthew, quando seu fôlego voltou. "Vou com vocês. Mas vamos fazer do meu jeito, O Fotis é uma raposa e sua toca é bem protegida".

O padre sorriu.

"Então, teremos de contar com você para nos proteger".

Estava frio. Há muito tempo, Andreas não saía na rua tão cedo e se surpreendeu com a intensidade com que o vento gelado da madrugada penetrou em seu corpo. Andou depressa para manter o sangue circulando nos membros entorpecidos, sabendo que não poderia se dar ao luxo de ser lento nos minutos ou horas que se seguiriam. Ações vigorosas poderiam ser necessárias. Sentiu um assomo de desconforto. Ficara cutucando o tigre com vara curta, sem esperar nada, e subitamente o bicho despertara. Agora, muito facilmente as coisas poderiam escapar ao controle e ele não teria ninguém a quem culpar a não ser a si mesmo. Ainda assim, gostava do que estava acontecendo. Caso fosse

realmente Müller, bem, um acerto de contas teria de ser feito. O tempo não anulava os crimes e o instinto continuava a lhe dizer que a ameaça a todos os que estavam envolvidos com o ícone era bem real. Ele só esperava que Benny fosse pontual, porque fazia muito frio.

Pesadas sombras cobriam as estreitas ruas laterais, mas o céu clareava lentamente, iluminando o Queens. Algumas pessoas já estavam na rua, espectros solitários ainda não completamente despertos nem conscientes. Os taxis rodavam pela Terceira Avenida. Um sedan prateado parou na frente de um edifício de tijolos, do outro lado de um cruzamento. Um carro japonês, bem pequeno, fácil de estacionar. A porta do passageiro estava destravada e Andreas escorregou prazerosamente para dentro do compartimento aquecido.

Benny já estava fumando e havia dois copos plásticos de café enfiados na bandejinha entre eles. O homem estava calmo naquela manhã e ele deixou que os poucos carros cruzassem na sua frente, antes de entrar na avenida.

"Onde estamos indo?", perguntou Andreas.

"É perto daqui. Yorkville. Cidade Alemã, é como eles chamam, mas na verdade tem mais húngaros. Igrejas, clubes, restaurantes, tudo húngaro".

"Eu conheço o bairro".

"Tem uma espécie de casa de pensão, administrada por uma húngara. Eu não sabia que existia, mas uma pessoa me deu a dica, uns dias atrás".

"E você mandou uma das suas garotas distribuir seus folhetos por lá?”

"Distribui através da empresa que faz o serviço de limpeza, não que isso seja da sua conta. O que importa é que ele não está hospedado propriamente na casa de pensão, mas num apartamento que pertence a esta húngara e fica poucos quarteirões de distância. Sob o nome de Peter Miller".

"Miller", comentou Andreas, céptico. "É um dos mais velhos. Ele não usa este nome há anos".

"Talvez seja por isso que o escolheu".

"Benny, você tem certeza disso? Afinal, Peter Miller é um nome muito comum".

"Eu o vi chegando, ontem à noite. Bem velho, pernas curtas, peito largo, manquitola um pouco".

Parecia bater, mas podia ser coincidência.

"Quantos apartamentos têm no prédio?”

"Você não confia mesmo em mim, não é, amigão?”

"Estou só perguntando".

"O que você está perguntando é como eu sei que o cara que eu vi se chama

Miller, quanto mais Müller, e não é um dos dez mil velhos que vivem ao norte da East Side. Bem, é um prédio pequeno, só oito apartamentos, dois deles vazios. Quatro pessoas, que pareciam moradores, entraram, gente mais jovem, carregando maletas, sacolas da lavanderia. Isso não cobre o prédio todo, mas afunila muito as possibilidades".

"Certo. Parece promissor".

"Acho que temos o nosso homem. Se estiver errado, te pago o café da manhã".

"Qual é o plano?”

"Ele entrou ontem à noite. Acho que ainda não deve ter saído de novo. Estacionamos e esperamos. É uma rua calma, dá para pegá-lo e levá-lo para algum lugar seguro. Estou pensando em duas possibilidades. Também podemos fazer o negócio aqui mesmo, mas eu não acho recomendável".

"Então, por que você falou nisso?”

"Para o caso de ser mais fácil para você".

Em outras palavras, pensou Andreas, para o caso de ter de ficar sentado num carro por uma hora com um velho miserável e apavorado, que sabe perfeitamente bem que nós vamos acabar com ele, fosse demais para mim. Ele, na verdade, não chegara a concordar com as condições de Benny, mas como também não objetara, o plano se concretizara. Os aspectos morais não o incomodavam; eles simplesmente não estavam equipados para uma operação daquelas. Eram apenas os dois, não havia possibilidades de outro apoio. Não importa o quanto Benny tivesse planejado bem a coisa, a tendência era de surgirem complicações, um alto risco de dar tudo errado e eles serem descobertos.

"Estou preparado para fazer tudo na surdina", continuou Benny. "A gente bota ele sentado num banco, ou apoiado num carro. Vai levar pelo menos alguns minutos para alguém notar. Não é o ideal".

"É impossível", exclamou Andreas. "Nós ainda nem o identificamos".

"Você não o reconheceria de vista?”

"Acho que sim, mas terei de vê-lo bem de perto".

"Então, teremos de pegar o cara.

"E se tiver um monte de gente na rua?”

"Aí, a gente segue ele. Descobre para onde ele vai. Espera a primeira oportunidade".

Eles viraram para o leste na Rua 84 e se dirigiram em direção ao céu cada vez mais brilhante.

Andreas detestava a idéia de estar tão perto de seu objetivo e não ter mais que um vago plano elaborado. Já participara de operações mal planejadas com as forças de segurança da Grécia, mas isso ia contra sua natureza e seus receios sempre se provavam justificados quando, no final, tudo dava errado. Ele gostava de equipes bem treinadas. Os ingleses, e depois os americanos, eram seus modelos. Invejava principalmente os seus recursos: apartamentos seguros, grupos de vigilância bem equipados, espiões. Sua antiga agência empregava agora todos esses métodos, mas era a ele que não empregava mais. Estava por sua própria conta, à mercê de um judeu talentoso, mas lunático. Andreas disse a si mesmo que as conseqüências não importavam muito. O desmazelo ia contra seu profissionalismo, mas o que contava era o resultado final.

Ele já não era responsável por ninguém, a não ser ele mesmo. Pegar Müller, depois de todos esses anos, deveria valer alguma coisa. Um serviço realizado, um débito pago. Depois disso, eles que fizessem com ele o que bem entendessem. Começou a sentir-se mais calmo, examinando os quarteirões com suas árvores enfileiradas, estudando as pessoas que passavam em cada cruzamento. As coisas correriam como corressem e ele estava preparado para o que for que acontecesse.

Benny apontou para o prédio, um velho edifício de pedra, com uma escadaria comprida e velha.

No segundo andar, na janela da direita, ele vira uma luz se acender um minuto depois que o suposto Müller entrara. Não havia onde estacionar, então eles ficaram dando voltas no quarteirão até que surgisse uma vaga perto da avenida, embaixo de uma palmeira curva, quase inteiramente desfolhada. No verão, a rua estaria repleta de árvores folhosas, mas, naquele momento, Andreas sentiu-se completamente exposto.

"Sossega", disse Benny.

"Nós passamos na frente da porra do lugar três vezes".

"Procurando lugar para estacionar. Todo mundo faz isso. Lembre-se de que ele conseguiu evitar a prisão por cinqüenta anos. Nem todo mundo vive como você, levantando a almofada antes de sentar, à procura de microfones escondidos".

"Olha lá".

Um homem saiu da pesada porta de madeira do edifício descendo, vagarosamente, a escadaria.

Cerca de sessenta anos, roupas casuais, carregando uma maleta.

"Não está a fim de ir trabalhar", disse Benny, tomando um gole de café.

Andreas examinou o homem quando este passou ao lado do carro. Magricela, passo arrastado.

Parecido com Müller, mas muito jovem, e o rosto afogueado não era familiar. Ninguém mais saiu do prédio por mais uma hora, enquanto o céu ficava cada vez mais brilhante e Andreas percebeu que Benny se impacientava, remexendo-se no banco o tempo todo.

"Pelo que sabemos", disse Andreas, "ele pode ter saído uma hora depois que entrou".

"Eu sei disso".

"Para fazer isso direito, a gente tem de estar preparado para esperar horas. Talvez o dia todo".

"Sei disso, também. Só não posso dizer que gosto".

"Isso porque você, no fundo, é um homem de gabinete".

"Já fiz a minha parte de trabalho de campo".

E foi aposentado por ser agressivo demais, pensou Andreas, mas não era coisa que se dissesse.

Uma porção de excelentes agentes era tachada de excessivamente zelosa por seus superiores pouco criativos.

Era a mudança de serviço de escritório para o de rua que perturbava Andreas. As habilidades necessárias eram completamente diferentes. Mesmo que ambos partilhassem as informações, nunca trabalhavam juntos.

Mas Benny alcançara um relativo sucesso, desde que começara a trabalhar por conta própria e nunca deixara Andreas na mão.

Mais quarenta minutos se passaram. Por duas vezes, Andreas quase cochilou e suas pernas estavam dormentes. Benny continuou a se remexer no banco, olhando o relógio a toda hora e, finalmente, abriu a porta.

"Daqui a uns três minutos, você me segue", disse ele, já se adiantando e andando rapidamente, antes que Andreas tivesse tempo de objetar. Um surto desagradável de adrenalina correu pelo seu corpo ao ver Benny descer a rua, passar pelo prédio pela outra calçada, atravessar na esquina e voltar. Sem hesitar, Benny subiu a escadaria e desapareceu dentro do edifício. Andreas abriu a porta do carro e saiu.

O ar frio atingiu-o imediatamente, e ele sentiu suas pernas vacilarem enquanto cruzava a calçada em direção das escadas. O corpanzil de Benny ocupava todo o pequeno vestíbulo, mas Andreas viu que o homem já conseguira abrir a porta de dentro. Eles entraram. Um vapor quente clangorava na tubulação e as luzes fluorescentes piscavam. O chão era de lajotas brancas e pretas. Uma

das paredes estava coberta por velhas caixas de correspondência e uma escada íngreme subia pelo outro lado. Andreas deixou que Benny subisse na frente e ficou surpreso com a agilidade do outro. Nenhum deles fez o menor ruído.

A porta do apartamento era revestida de aço e pintada de marrom. Benny ignorou o olho mágico e encostou o ouvido na porta. Os canos continuavam seu clangor, mas Andreas não conseguia ouvir nenhum outro som, nenhum ruído feito pelos ocupantes do prédio. Um instante depois, Benny pegou um cartão plástico flexível extremamente fino, e enfiou-o na fresta entre a porta e o batente, levando um minuto inteiro para fazê-lo correr de alto a baixo. Andreas entendeu que ele procurava a fechadura, mas o que faria se a encontrasse? Teria ele também um pé de cabra ou uma furadeira escondida naquela inacreditável jaqueta?

Benny ergueu-se mostrando um dedo: havia uma única fechadura, a que estava aparente. Pegou então, um molho de chaves mestras e começou a testar uma por uma, fazendo agora ruídos inevitáveis. Ou ele não está aí dentro, pensou Andreas, ou está esperando para nos estourar os miolos. Então, outra idéia passou pela sua mente. Uma porta sem moldura contra pé de cabra, com uma única fechadura. O Müller ficaria num lugar destes? Claro que se você estiver encurralado num apartamento, não importa quantas fechaduras ele tenha. O lance era evitar, a todo custo, ser descoberto. Mesmo assim, era preocupante.

No exato momento em que a fechadura cedeu, Benny abriu a porta e pulou para dentro, a mão livre enfiada no bolso da jaqueta. Andreas esperou dois ou três segundos e então seguiu-o. O apartamento parecia um vagão de trem - um corredor comprido e estreito com quartos dos dois lados. Eles estavam na cozinha. O lugar estava às escuras e não se ouvia nada. Benny deu alguns passos em direção à luz mortiça que vinha das janelas da rua. Andreas foi pelo outro lado, entrando num quarto deserto. Cortinas cinzas bloqueavam a luz que vinha da alameda e o quarto tinha apenas uma cama pequena, perto da janela, e uma escrivaninha velha. Uma paisagem desértica estava pendurada numa das paredes, mas as outras estavam nuas; o carpete era fino e estava manchado: o lugar tinha um ar de abandono e transitoriedade. Ninguém morava ali; ninguém ficava ali muito tempo. Aparentemente, ninguém entrava naquele lugar há algum tempo, mas a cama parecia ter sido usada e depois arrumada apressadamente.

Na sua frente havia uma porta fechada. Andreas pensou que ninguém seria idiota a ponto de se encurralar num banheiro como aquele, então lembrou-se que não estava armado e Benny não estava por perto. Suspirou diante da burrice de toda a operação e, com um empurrão, abriu a porta. O lugar era minúsculo; dava

para se banhar, barbear e cagar, e nada mais. Não havia nenhum velho nazista escondido atrás da cortina do chuveiro. Andreas viu-se refletido no espelho, sua ridícula cara de velho marcada por décadas de suspeita. Ele era um homem pragmático, atento, não especialmente fútil, mas constantemente se esquecia que estava velho. Espelhos sempre o pegavam de calça curta.

Afastou os olhos da visão desagradável e olhou para a pia. A porcelana estava úmida e havia uma pequena poça de algum material, em volta do ralo. Ele passou os dedos sobre ela e rolou a matéria pastosa entre o polegar e o indicador. Era o típico resíduo que se encontrava quando havia mulheres na casa. Base, make-up, pó de arroz, qualquer um das dezenas de cremes necessários à manutenção de um rosto a ser exposto publicamente. Claro que homens também usavam aquelas coisas. Talvez tintura de cabelo. Andreas fechou os olhos, tentando reproduzir mentalmente a imagem do homem que saíra do prédio horas atrás, carregando uma maleta. Bastava acrescentar algumas linhas ao rosto, o cabelo branco e os óculos - o manquitolar seria fácil de imitar - e lá estava: o fantasma de Müller. O peso da descoberta fez com que ele apoiasse as duas mãos na pia, sentindo-se doente. Imbecil, xingou-se intimamente.

Ouviu os sons de Benny andando pelo apartamento, já não se preocupando em não fazer barulho.

Andreas sentou-se na cama quando o grandão apareceu na porta.

"Ninguém".

"Parece que é isso aí".

"Você tinha razão", disse Benny, desgostoso. "Ele deve ter saído ontem à noite.

"Acho que não. Acho que nós o vimos sair".

Benny ignorou o comentário, foi até a escrivaninha e começou a abrir as gavetas.

"Você já olhou aqui?”

"Você não vai encontrar nada aí. Não tem casacos no armário, nem pasta de dentes no banheiro".

Benny fechou as gavetas com força e aproximou-se de Andreas.

"Então, ele se mandou, não é?”

A mente de Andreas já divagava pela cidade, atravessando o East River, chegando ao Queens. Ele só tinha a palavra de Fotis sobre Muller. Isso e seu próprio anseio de que fosse verdade, um anseio que o velho manipulador podia facilmente farejar, mesmo tantos anos depois. Era a maquinação mais óbvia do mundo. Do que ele estava querendo me distrair?, pensou Andreas. Por que eu

estou sempre muitos passos atrás dele? Quase sessenta anos e ainda um aprendiz. Coitadinho do boboca do Andreaou.

"Não, Benny. Ele nunca esteve aqui".

---

16 Em grego no original. Em português, "criança" (N.T.).

17 Em grego no original. Em português, "parem!" (N.T.).

12

Não havia nenhum movimento e nenhum som saindo da casa de seu padrinho e Matthew subiu as escadas com um terrível sentimento de mau agouro. O padre Ioannes seguiu-o, um passo atrás, dando uma olhada nos canteiros de flores, enquanto o baixinho Jimmy esperava no carro, uma parte do plano que ele desaprovara inteiramente. Matthew bateu na porta com força, lembrando-se de que tinha todo o direito de estar furioso. Tinha sido enganado, ou pelo menos era o que parecia. Bateu de novo, com mais força.

"Veja se está aberta", sugeriu o padre.

Quando a porta se abriu, nenhum dos dois pareceu surpreso, mas o mau presságio de Matthew cresceu ainda mais, suas esperanças naufragando. Entrou na casa. A sala de visitas estava vazia, mas iluminada pela fraca luz do dia que entrava pelas janelas. Um livro sobre a história recente do Império Bizantino estava sobre uma cadeira ao lado da porta, o marcador na página noventa e um. Sobre a mesa, havia um copo de água, cheio até a metade. Através das cortinas diáfanas, Matthew viu Jimmy andando pela calçada em passo acelerado e desaparecendo na alameda que ficava entre a casa e o depósito. A situação estava saindo do seu controle. Onde estavam Nicholas e Anton? Onde estava Fotis?

O padre João dirigiu-se para as escadas, no final do corredor e Matthew pensou em ir por ali, mas o estúdio parecia mais promissor. Girou a maçaneta e a porta pesada se abriu. Dentro, estava escuro demais para se ver alguma coisa. Sem saber onde ficava o interruptor, Matthew resolveu acender o abajur que ficava sobre a escrivaninha, no meio da sala. Ao encaminhar-se para lá, seu pé bateu em alguma coisa mole no exato momento em que uma voz se fazia ouvir, uma voz de velho, mas não a que ele estava esperando.

"Não se mexa, meu garoto", disse seu avô. Imediatamente, a sala se encheu da luz que vinha de uma lâmpada situada na porta da parede oposta e lá estava Andreas, de capa de chuva, luvas, chapéu, o olhar penetrante. Alto e ereto. "Cuidado onde pisa".

Matthew olhou para o chão. O que ele tinha chutado era o corpo de um homem. Nicholas, um dos russos de Fotis, estava deitado, pálido e aparentemente morto, aos seus pés. Os olhos estavam fechados, a boca aberta e, quando a visão de Matthew se ajustou, ele percebeu que havia uma mancha redonda e escura no tapete. Um odor picante, quase doce, penetrou em suas

narinas e ele deu um passo para trás, trombando com o padre João.

"Deus misericordioso!", murmurou o padre e imediatamente começou a fazer uma prece em grego.

"Não toque em nada", instruiu Andreas. Matthew o ignorou e, revestindo-se de coragem, agachou ao lado de Nicholas, passando a mão sobre o pescoço frio, os lábios. Conseguira sentir um leve respirar?

"Acho que ele está vivo".

O russo tinha a mão fechada, completamente ensangüentada, sobre a lateral do estômago, segurando um lenço que cobria o que deveria ser o local da ferida. Imediatamente, Andreas surgiu ao lado de Matthew e, tirando um lenço limpo do bolso da capa, começou a enrolá-lo na mão.

"Me dá aqui", ordenou Matthew sentindo-se dono do ferido e determinado a fazer ao menos uma coisa útil naquele dia. Sem discutir, Andreas deu-lhe o lenço e passou a instruir o neto.

"Isso, assim mesmo. Você tem de pressioná-lo com força contra o ferimento. Vou tentar encontrar uma toalha. Vocês dois estão sozinhos?”

Matthew esperou, inutilmente, que Ioannes respondesse e então disse: "Tem um sujeito no depósito. Jimmy, acho que é assim que ele se chama. Está armado".

"Vou chamar uma ambulância. Vocês dois, esperem aqui".

O velho desapareceu tão rápida e silenciosamente que era como se nunca tivesse estado lá.

"Espero que eles não acabem se ferindo", disse o padre, ajoelhando-se.

"O seu amigo é perigoso?", perguntou Matthew, tentando não olhar para sua mão, não sentir a umidade quente que começava a cobri-la. O cheiro de sangue deixava-o tonto.

"Ele gostaria que você achasse que sim, mas é o seu Papou quem é perigoso".

"Você o conhece?”

"Só de passagem, há muito tempo. Ele não vai se lembrar de mim".

Matthew olhou em volta. O cavalete, onde o ícone estivera vinte horas atrás, não estava mais lá; a obra não estava à vista. Alguns trabalhos das paredes também tinham desaparecido. Quais? Quem mais teria sido ferido ou morto? Tinha de verificar a casa toda, mas não podia abandonar o que estava fazendo. De qualquer maneira, o seu avô já teria feito isso, caso não tivesse acabado de chegar. A não ser que...

Ouviu-se um barulho na cozinha e Jimmy apareceu vindo da porta de trás,

com as mãos vazias.

Dois passos atrás dele, vinha Andreas. Ambos pareciam calmos, se bem que ligeiramente afogueados.

"Estamos todos aqui agora?", perguntou Andreas.

"Onde está o Fotis?", perguntou Matthew "Se mandou".

"Se mandou para onde?”

"Vamos chegar a este assunto. Quem são esses homens?”

"São da Igreja da Grécia. Pelo menos, é o que dizem".

"Sr. Spyridis", disse Ioannes, calmo, "precisamos conversar".

"Ah, é?". Andreas encarou o padre, agudamente. "Pode ser, mas este não é o momento certo".

"Se não for agora, quando?”

O som de sirenes encheu o breve silêncio que se seguiu. Distantes, mas se aproximando.

"Talvez amanhã".

"O senhor não acha que a polícia pode precisar do senhor, amanhã?" O padre levantou-se para encará-lo. "Eu diria que eles vão achar bastante suspeita a sua presença aqui, sozinho".

Matthew esperava uma convicta negativa de seu avô, mas Andreas ficou só olhando.

“Veremos, padre. Talvez eles encarem a coisa sob um outro ponto de vista". Andreas colocou uma mão no ombro de Matthew e todos se calaram enquanto o som das sirenes aumentava. Então, Jimmy aproximou-se do velho, seu desespero suplantando a vergonha.

"Posso ter meu revólver de volta?”

Estavam sozinhos na calçada. A ambulância já se fora e os policiais entravam e saíam da casa.

Matthew não sabia para onde Jimmy e o padre tinham ido, não sabia o que podia e o que não podia dizer para a polícia, quando fosse interrogado. Seu avô estava ao lado dele, olhando para a rua vazia, perdido em seus próprios pensamentos.

"Lamento que você tenha presenciado isto", disse o velho, baixinho.

"Acho que é a primeira vez que você vê um homem ferido".

"Papou, você sabe o que está acontecendo?”

"Você me pergunta isso? Eu pensei que você pudesse me contar".

"A única coisa que eu sei é que ninguém andou me dizendo a verdade".

"Só isso?" O velho encarou-o. "Então, você não teve nada a ver com o Fotis

ter dado um jeito de conseguir o ícone?”

"Eu já nem sei com o que eu tive a ver. O Fotis deveria ser o intermediário. Ele estava ajudando umas pessoas da Igreja da Grécia".

"Esses sujeitos que estiveram aqui?”

"Não, um outro padre, que representava o sínodo de Atenas. Mas, agora, parece que não mais".

"Quem era este outro padre?”

"Um tal padre Tomas Zacharios".

Andreas assentiu. "Entendo".

"Você sabe quem ele é, não sabe?" Matthew tentou manter o autocontrole, mas falhou. "Todos vocês se conhecem, de um jeito ou de outro e eu não sei de merda nenhuma. Vocês estão mexendo com a minha cabeça como fizeram com o meu pai".

"Não diga asneiras e não culpe os outros por suas próprias besteiras".

A verdade doeu. Ele fora um completo asno e já estava na hora de encarar o fato.

"Eu escondi certas coisas de você", continuou Andreas. "Estava tentando te proteger, não te machucar. Eu nunca tentaria te machucar. Eu não conheço este padre Tomas, mas já ouvi falar dele. Ele é uma pessoa bem-educada, goza de bom conceito e tem sido uma espécie de ligação entre as igrejas grega e americana. Também é considerado um farsante, chantagista e ladrão. Para não falar da amizade que tem com o seu padrinho. Nos últimos dias, ele sumiu, levando uma alta soma em fundos da igreja".

"Então, é como diz o padre João. Ele e o Fotis estavam juntos nessa história". Claro que podia ser outra mentira, mas fazia sentido. Não havia coincidências. Todo mundo estava de rabo preso.

"Parece provável".

Sem nenhuma razão lógica, a mente de Matthew desviou-se.

"E a Ana Kessler? Ela está correndo perigo?”

"Não vejo por quê. A parte dela neste assunto já acabou. Você tem alguma razão para acreditar que ela possa estar em perigo?”

"Não, eu só... Não. Eu preciso falar com ela. Ela cometeu um erro por minha causa. Ela nunca soube que o Fotis estava por trás dessa arapuca".

"Me conta uma coisa: por que ele era necessário? Para que um intermediário?”

"Ele deu um jeito para que fosse assim. Toda a armação foi arquitetada por ele. Deve ter procurado o Zacharios e conseguiu que ele falasse com a Igreja, só

para que houvesse um ar de verdade por trás da coisa toda".

"Onde anda o Fotis agora, Papou?”

"Na Grécia. Ou a caminho".

"Partiu hoje?”

"Esta manhã, bem cedo. Para passar a Páscoa".

"Ele nunca vai tão antes".

"Este ano, ele resolveu passar toda a Semana Santa. O Phillip, o gerente do restaurante dele, acaba de me contar".

"Ele me disse, poucos dias atrás, que não iria antes da quarta-feira".

"Mudou de planos. Segundo o Phillip, foi ontem, logo depois que você e seu pai saíram daqui". O velho fez uma pausa, esperando alguma reação. "Você sabe por quê?”

Matthew tentou controlar o tremor que tomava conta do seu corpo, manter a mente focada.

"Não faço idéia, mas ele me pareceu bastante agitado. Acho que a visita do papai fez com que ele ficasse uma pilha de nervos".

"Por que você trouxe o seu pai?”

O tremor ficou tão forte que Matthew teve de travar a mandíbula para se conter.

"Acho melhor a gente entrar", disse Andreas.

"Não, eu preciso de ar puro. E quero conversar".

"Por que você ajudou o Fotis?”

"Achei que a Igreja deveria ficar com o ícone. Era o que a Ana queria, também".

"Mas por que permitir que a obra passasse pelas mãos dele?”

"Eu já te disse, ele deu um jeito para que fosse assim. Acho que eu poderia ter impedido, mas parecia tão importante para ele ter o ícone nas mãos por uns poucos dias. Ele está doente, você sabe".

Andreas balançou a cabeça. "Imaginei, mas não tinha certeza".

"Ele não fala no assunto. De qualquer maneira, supõe-se que o ícone tenha poderes de cura. Os donos vivem vidas longas, os doentes se curam com um simples toque, como se a própria Nossa Senhora ou Jesus os tivesse tocado". Ele voltou a olhar o velho no olho. "Mas você sabe de tudo isso".

Andreas fez uma careta. "Pobre velho idiota". Então, sua expressão mudou e Matthew sabia o que esperar. O avô aproximou-se e colocou a mão pesada no ombro do neto. "Foi por isso que você entrou lá com o seu pai?”

Matthew não respondeu.

"Não estou julgando ninguém", continuou Andreas, gentilmente, acarinhando o ombro de Matthew. "Esta é uma peça do quebra-cabeças. Você acredita nessas coisas?”

"Claro que não", respondeu Matthew, com voz fraca.

O velho encarou-o por mais um instante e então soltou-o e se afastou alguns passos.

"E eu chamo a ele de idiota. O fato de você o ajudar não fazia sentido para mim. Mas agora eu entendo. Não era pelo Fotis, nem mesmo por você".

"Não é tão simples".

"Não. Era a peça que faltava. A peça que faz as outras se encaixarem. Estava na minha cara e eu não percebi. Não há do que se envergonhar, rapaz, ou sou eu que tenho de me envergonhar".

"Por que você acha que ele viajou tão de repente?”

Andreas olhou para os dois lados da rua, enquanto pensava na pergunta.

"Possivelmente, para não estar aqui quando tudo viesse à tona".

"O que você está querendo dizer? Que ele sabia que alguém ia roubá-lo?”

"Não só sabia, como foi ele mesmo quem planejou".

"Ele roubou o ícone para ele mesmo? Mas, por quê?”

"Eu não estou dizendo que ele tenha feito isso, mas existem inúmeras razões, se você considerar toda a cadeia de acontecimentos. Como poderia ficar com ele, se era apenas o intermediário?”

"E você acha que ele mandou atirar no Nicholas?”

"Não dá para descartar a hipótese. Ou talvez o esquema dele tenha batido de cara com o de outra pessoa".

"O que mais você sabe e não está me contando?”

"No devido tempo, Matthew. Na verdade, eu nem tenho certeza dessas coisas, estou apenas conjecturando. Percebo que você não confia em mim e eu sou o responsável por isso. Vai levar algum tempo para você reconstruir sua confiança em mim. Exatamente como o entendimento também vai acontecer no tempo certo".

O tremor nos membros de Matthew desaparecera e, com ele, o choque e a surpresa. Agora ele se sentia tomado por outra sensação. A de uma decisão fria. Confiança. Ia levar mesmo muito tempo até que ele voltasse a confiar em alguém e isso não era uma coisa ruim. Ele tinha de parar de responder a tantas perguntas e começar a fazer algumas. Tinha de colocar ordem na mixórdia que fizera.

"O Fotis me disse algumas coisas".

"Tenho certeza de que ele te disse muitas coisas. Algumas delas podem até ser verdade".

"Ele me disse que você matou um padre".

Andreas pareceu perplexo com aquilo.

"Foi durante a guerra", continuou Matthew todo lisonjeiro, mas com o coração palpitando forte.

"Ele me disse que você era chamado de O Cobra e que você matou o padre para pegar o ícone".

Conforme ia entendendo o sentido das palavras, a expressão do velho transformou-se numa máscara de fúria. A transformação foi tão violenta que Matthew se alarmou, mas ficou firme.

"Ah, ele quer muito este troço!", murmurou Andreas. "Ele deve querer desesperadamente este ícone para se atrever a te contar uma história dessas!”

"Então, não é verdade".

"A morte do padre pesa na minha consciência e vai pesar sempre. Mas eu não o matei".

"E por que eu deveria acreditar nisso?”

O velho cravou os olhos no neto. "Ele era meu irmão".

"Seu irmão?”

"Cobra", continuou Andreas, a expressão lentamente se suavizando, o tom de voz ficando mais brando, "era como todos nós chamávamos o Fotis, pelas costas".

O mundo estava virando de cabeça para baixo, de novo. "E como é que eles te chamavam?”

"Naquele tempo, o meu nome era Elias".

Parte Dois

Prólogo

Épiros, 1944

A cripta, localizada embaixo da igreja, era muitos anos mais antiga do que a estrutura acima dela e alojava os ossos de inúmeros ancestrais da vila. Alguns anciãos alegavam saber que plataforma de rocha continha os crânios, os restos de pele, o pó de cada família, mas a maioria concordava que este arranjo tinha-se tornado confuso anos atrás e os ossos eram colocados em qualquer lugar em que coubessem. Em tempos de perseguição, a cripta se tornara um santuário para os que queriam rezar e um refúgio para os que precisavam se esconder, pelo menos era o que se dizia; mas a mesma coisa era alegada em relação a cada cripta, caverna ou porão da região. Mais recentemente, os corredores úmidos e tortuosos do ossuário passaram a ser considerados um lugar a ser evitado por qualquer pessoa que já houvesse sentido o mais leve sabor de própria mortalidade, mas eles continuavam a exercer enorme fascínio sobre os jovens.

Quando garoto, Andreas não mostrara o menor interesse na igreja, mas a cripta era uma outra história. Ele levaria qualquer alma corajosa que tivesse os nervos para acompanhá-lo, até mesmo seu melancólico meio-irmão, em visitas noturnas à câmara, apavorando os outros garotos com suas histórias inventadas. Mikalis, educado com as espantosas histórias da Bíblia que sua mãe lhe contava, era mais difícil de ser assustado. Décadas depois, Andreas ainda trazia viva na mente a imagem de seu irmão nanico iluminado pela luz da lanterna, olhando, transfigurado, para um crânio quebrado,jogado numa frincha escura. Uma lembrança perturbadora. Só muito depois, quando Mikalis foi para o seminário, Andreas entendeu o que vira na face do menino de nove anos - não pavor, mas reverência.

Um tiro espoucou bem perto, uma Mauser alemã, e o capitão agachou-se entre as árvores espigadas atrás da casa de seu primo Glykeria. Seriam mais andartes? Comunistas, talvez? Mais provavelmente, apenas um soldado nervoso. Coisa perigosa. Não era preciso mais do que um garoto austríaco assustado,

convocado aos dezoito anos, para matar um aldeão e a companhia inteira gastaria até sua última bala atirando em tudo o que se movesse. Na manhã seguinte, o lugar seria uma ruína fumegante, mulheres e crianças mortas no meio da rua, outro Komeno ou Klisoura. Andreas, que agora usava o nome de Elias, teria de impedir que isto acontecesse, mas primeiro era preciso chegar até a cripta. Era a rota de fuga mais segura daquela igreja em chamas.

Havia alemães por todo lado e o capitão se moveu com cautela. Fotis lhe dera o nome de Elias, o anunciador do Messias, uma piada de mau gosto, mas o apelido pegara. A maioria dos guerrilheiros usava alcunhas para que os inimigos não pudessem seguir-lhes a trilha até uma família ou cidadezinha que, então, pagaria pelo que eles tinham feito. Quem imaginaria que os alemães não se importavam, que simplesmente matariam cinqüenta ou cem dos civis que morassem na área, escolhidos ao acaso? Naquela noite, o capitão poderia se chamar Elias ou até mesmo Sr. Fritz, de Berlim; caso fosse pego com uma pistola no cinto, seria morto, junto com metade da vila.

A entrada da cripta era um segredo que todos sabiam. Todas as crianças conheciam o caminho que saía da estrada e ia dar no pátio da igreja. Atrás das últimas casas - cabanas, na verdade, para vagabundos ou monges - na beira do bosque, havia uma passagem aberta no chão, bem na base íngreme da encosta. Altas ervas daninhas e flores do campo abundavam ali, mas a entrada não era difícil de encontrar. Grande parte dos homens tinha de se agachar para entrar e o capitão Elias, sendo alto, mais ainda. Teria de tatear pelo caminho até encontrar o lugar onde guardava uma lanterna. Nos primeiros vinte metros, as paredes eram irregulares, passíveis de desmoronamento. Quando bateu com a ponta do pé num pequeno degrau e sentiu nos dedos a pedra gelada, sabia que se encontrava no ossuário.

O barulho do fogo era perfeitamente audível, mas o calor não penetrava ali - apenas um leve cheiro de fumaça. Ele se dirigiu, no sentido horário, para o local onde guardava a lanterna e a encontrou: um dos painéis de vidro estava quebrado e a vela era um mero toco, mas serviria, desde que ele conseguisse encontrar seus fósforos. Sim, ali estavam. O espocar da chama do fósforo parecia um raio caindo do céu.

Lentamente, um brilho parco de luz cresceu e as prateleiras, com seus ossos amarelos, estavam diante dele.

Além delas, ficava a escada que levava para trás do altar que se consumia no fogo, acima dele. Os ossos estavam vigilantes, indiferentes aos últimos acontecimentos. Pareciam angelicais em sua ausência de vida, purificados pela

morte. Mas seus donos eram cães vadios como eu, pensou Elias: egoístas, raivosos, tolos ignorantes; reproduzindo-se, alimentando-se, vangloriando-se, roubando, matando, morrendo, geração após geração. Não era pelo fato de terem morrido que tinham virado boas almas. Eram apenas destroços. Apenas ossos.

No final do corredor, o barulho do fogo aumentou e ele viu rolos de fumaça negra descendo pela escada. A porta, em cima, estava aberta. Deixada assim por alguém que escapara por ali? Cobrindo a boca, o capitão aproximou-se, curvado ao rés do chão: sangue, poças escuras iluminadas pela luz mortiça da lanterna, apareciam nos degraus da escada. O cheiro acre se tornava mais forte. Ele não conseguiria ficar muito tempo ali. Elias vasculhou os outros corredores, passando os olhos rapidamente e não demorou a descobrir o que mais temia.

Perto da parede sul, onde ficavam os ossos mais antigos, ele viu,jogado no chão, um corpo vestindo uma batina preta. Abaixou a lanterna cuidadosamente, movendo-se devagar, não mais se importando em respirar o ar envenenado, e ajoelhou-se ao lado do seu irmão. Virou o corpo e sua mão direita ficou molhada do sangue que saía de um ferimento nas costas. O rosto, que a luz mortiça revelava, estava extremamente pálido, os olhos esgazeados, a boca formando um esgar de dor e Elias, num puro reflexo, cobriu-a com sua mão livre. Teve de respirar fundo, lentamente, antes de poder olhar de novo. Ali estava: um horrível ferimento na garganta, em volta da laringe. Um golpe não necessariamente para matar, mas para fazer a vítima calar-se, instantaneamente. O capitão conhecia bem aquele tipo particular de ferimento. Ele mesmo o infligira diversas vezes e ensinara a técnica ao seu jovem discípulo. Voltou a se lembrar do estranho olhar que Kosta lhe lançara mais cedo e leu nele novas possibilidades.

A excruciante dor que lhe corroía as entranhas parecia desproporcional à afeição que ele demonstrara por Mikalis em vida. Eles tinham tido mães diferentes, tinham escolhido caminhos diferentes, acreditavam em coisas diferentes. Não eram próximos, a não ser daquela maneira instintiva que o sangue, por vezes, determina. Elias teria morrido para defender Mikalis, mas não podia jurar que o amasse. Morrido para protegê-lo? Mas não tinha deixado que ele lhe escapasse das mãos, corresse em direção à própria morte?

O capitão fechou os olhos, tentou novamente se aprumar. Uma faca era melhor que o fogo, certamente. Mas o serviço fora malfeito; ele não morrera instantaneamente, conseguira se arrastar até ali embaixo. Sangrara até morrer, um mártir do ícone.

Suas mãos tremiam de raiva, mas a raiva só mascarava o mau julgamento de si mesmo, do qual não podia escapar. Poderia culpar o Cobra e Müller por terem

concebido o negócio, mas não poderia culpá-los pela sua participação no esquema. Na verdade, o plano final fora todo seu. O ícone não significava nada para ele, o que importava eram as armas; mas a coisa toda dera errada. Uma vida já fora perdida, e muitas outras se seguiriam se ele não conseguisse descobrir exatamente quem traíra o plano imundo, se ele não conseguisse arranjar uma maneira de consertar aquele maldito negócio. Se pudesse culpar Müller, sua raiva seria justificada. Mas ele sabia que o Príncipe ficara tão surpreso quanto ele mesmo ao ver a igreja em chamas, e certamente não ficaria por perto para implicar os andartes caso estivesse com o ícone em seu poder — já estaria em Ioannina, com seu espólio. O capitão voltou a olhar para o rosto do seu irmão. Não fora um alemão que esfaqueara Mikalis. Não, a traição viera de muito mais perto.

Elias tirou a pequena cruz de ouro, presa a uma correntinha, do pescoço do padre e colocou-a no seu bolso. Não havia mais nada de valor no corpo. Pegando-o pelas axilas, apoiando a cabeça mole em sua perna, o capitão arrastou Mikalis até o canto da cripta mais próximo do túnel de saída. Ali, ajeitou o corpo da maneira mais respeitável possível, colocando seu lenço sobre o rosto e só então percebendo as negras pústulas nas mãos, a barra puída e queimada da batina. Mortalmente ferido, o padre enfrentara o fogo para se arrastar até ali e morrer entre seus ancestrais. Numa espécie de bênção, o capitão colocou dois dedos sobre a testa fria, mas não lhe veio nenhuma palavra. Então, pegou a lanterna, apagou a chama e recolocou-a no seu lugar. E, já tonto em função dos vapores invisíveis, enxergando muito menos do que quando ali entrara, Elias fez o caminho de volta para dentro da noite.

A incandescência da igreja iluminava o vale, o fogo atingindo seu ápice. Elias enfiou as mãos nos bolsos e, de cabeça abaixada e olhos alertas, entrou na vila. Uma pequena multidão se agrupara no caminho que dava para o pátio, mulheres e crianças, com baldes nas mãos. Quatro soldados alemães impediam a passagem deles. A luz que vinha do alto brilhava nos capacetes e nas faces jovens dos sentinelas e Elias percebeu que eles estavam nervosos e prontos para atirar no primeiro tolo corajoso o bastante para dar um passo à frente. Müller não permitiria que os andartes fugissem misturando-se à multidão, fingindo fazer parte da brigada contra o fogo, e ele deixaria a casa de Deus queimar até as suas fundações. Seria esta uma pista?

Se havia uma chance de que o ícone ainda estivesse na igreja, o alemão não permitiria que todos, adultos e crianças, e até mesmo seus próprios homens, jogassem água nas chamas? O que ele vira antes que o fogo o expulsasse do

santuário? Teria o Príncipe sabido que a Nossa Senhora fora removida antes do incêndio? Se Müller achasse que o ícone continuava intacto, em algum lugar, então, tudo seria possível.

Elias deu a volta no grupo sem ser notado. Sua única pista era o Kosta e ele tinha de fazer uma opção agora: a casa ou a loja? Se o garoto escapara do incêndio, e se os temores do capitão eram fundados, então Kosta não levaria seus perseguidores até sua própria casa. Então, a loja. Elias seguiu em direção ao centro da cidadezinha, caminhando pelas tortuosas vielas por trás das casas. No topo de uma alameda, pôde ver a praça, onde outra multidão estava reunida. Esta parecia dominada por homens de capacete. Ouviam-se ordens, berradas. Um grupo de pessoas se aglutinara ao lado da Taverna de Tzamakis, sob guarda. Os anciãos da vila. O pai de Glykeria estava lá, mas Elias não viu o pai de Kosta, Stamatis Mavroudas, entre eles.

A loja dos Mavroudas dava para a praça, mas o capitão não tinha a menor intenção de tentar entrar pela porta da frente. Em vez disso, coberto pelas sombras da noite, deslizou até uma aléia onde só passava um homem por vez. Poucos metros depois, o caminho alargava-se numa pequena pracinha de quatro metros quadrados, onde ficava a porta de trás. Na pequena janela, as cortinas estavam cerradas, mas Elias pôde perceber que havia luz de velas atrás delas. Sacou a pistola do cinto e, cuidadosamente, encostou o ouvido na porta. A princípio, não ouviu mais que o silêncio, mas um minuto de paciência foi recompensado pelo som de uma voz alterada que fazia perguntas, com raiva. Elias conhecia aquela voz.

Colocando-se do lado da porta, ele deu uma batida seca. Silêncio, novamente.

"Quem está aí?", perguntou, finalmente,uma voz fraca. O velho, Stamatis.

Elias simplesmente bateu de novo.

Ouviu-se o som da fechadura e a porta abriu-se um palmo. Mavroudas parecia ruborizado e assustado. "O que você quer?”

Elias olhou o velho nos olhos, mas falou para dentro da loja.

"Fotis, sou eu".

Houve uma pausa significativa. Então, a vela foi coberta, a porta abriu-se mais e Elias entrou. A porta bateu atrás dele, fechando-se. A chama da vela voltou a avivar-se quando uma grande tigela foi levantada e a figura familiar do seu comandante apareceu ao lado da mesa. Um enorme bigode negro, nariz de gavião, olhos sombrios num rosto longo de testa larga. Fotis sempre passava uma sensação de calma, mas o capitão podia ver a tensão marcando a testa e a

mandíbula fremente. O Cobra estava furioso.

"Você não devia me chamar pelo nome".

Elias ignorou o comentário. Stamatis conhecia os dois.

"O que é que você está fazendo aqui?", perguntou Elias. Não era o tom de voz que se usasse com um superior, mas ele não se importava. Fotis deveria estar com a equipe que fora mandada para receber as armas no mesmo momento em que Müller estaria pegando o ícone. Elias, o único dos guerrilheiros que sabia onde a Nossa Senhora estava escondida, tinha insistido em papéis preestabelecidos. Jamais esquecera a maneira cobiçosa com que Fotis admirara a obra anos antes, acariciando os painéis de cipreste como quem afaga uma amante. Ele queria o Cobra bem longe da igreja quando ocorresse o roubo, e liderar a equipe que pegaria as armas era uma honra que Fotis não podia recusar sem revelar que tinha algum motivo escuso. O

capitão já pensara em tudo. Uma falsa mensagem tiraria Mikalis da igreja; os alemães que estariam de guarda no depósito caindo aos pedaços, onde as armas estavam estocadas - três ou quatro homens, cupinchas de Müller, dispariam alguns tiros contra os andartes e depois abandonariam o posto. Cada lado conseguiria o que queria e só o Príncipe, o Cobra e o capitão saberiam o que acontecera.

"Interrogando este filho de uma puta", respondeu Fotis. Mavroudas aproveitara a entrada de Elias para escafeder-se através da pequena sala de estocagem - agora sem os barris de azeitonas, figos e queijos que costumavam atulhá-la - em direção da frente da loja. Fotis, em dois passos, cobriu a retirada e jogou o apavorado mercador de volta numa velha cadeira, que rangeu sob o peso da arremetida. Um rolo de corda e uma faca com lâmina de quinze centímetros estavam em cima da mesa, uma em cada lado da vela. Fotis colocara esses objetos com todo o cuidado, para dar a Stamatis algo em que pensar.

"Por que você não está com os homens que eu mandei?”

"Eles estão a salvo", disse o Cobra, em tom casual. "O que aconteceu lá?”

Dragoumis olhou-o nos olhos.

"O que você acha que aconteceu? O Príncipe não ganhou o presente dele, então não mandou os guardas largarem o posto".

"E você não podia passar por eles?”

"Talvez. Eram apenas uns poucos, mas tinham uma metralhadora e nós perderíamos muitos homens. Deus sabe que os nossos estavam ansiosos, mas não eram meus homens e eu não poderia assumir a responsabilidade".

Somos todos seus homens, pensou Elias, e você nos usa da maneira que mais

te convém.

"Então, por que você está aqui?", pressionou ele.

"Pela mesma razão que você. Para descobrir que porra que aconteceu".

"Pelo jeito, você já sabe".

"Eu posso te dizer a mesma coisa". Fotis deu a volta na mesa como um tubarão. "Estamos os dois aqui".

"O Kosta entrou na igreja durante o tiroteio. Eu não sei por que ele entrou lá, nem se saiu". Elias não conseguia falar em Mikalis. Era tudo muito recente, muito cru.

"O filho, sim, ele faz parte do esquema".

"E este aqui?" Elias deu um chute na perna da cadeira e Stamatis encolheu-se.

"Este aqui", respondeu Fotis, em tom de conversa, com uma mão no ombro do mercador, "foi visto saindo da igreja junto com outro sujeito. E alguma coisa embrulhada numa trouxa".

"Antes do incêndio?"

"Durante o incêndio".

"Quem foi que viu?"

"É mentira", resmungou o velho ladrão. "Tudo mentira. Todos eles me odeiam. Camponeses! Eles mentem por um pedaço de pão. Capitão Elias...".

"Chega disso".

Dragoumis deu um tapa na cara do mercador para que se acalmasse e Elias percebeu que as palavras desesperadas do velho tinham sido dirigidas unicamente a ele. Algum acordo tácito, mesmo que hostil, já existia entre os outros dois. Estavam além de assuntos de somenos, como culpa e inocência, e agora barganhavam por outras vidas e o estilo das mortes necessárias. Elias aproximou-se da mesa. A testa de Stamatis estava coberta de suor. Suas roupas estavam limpas, provavelmente tinha acabado de se trocar quando Fotis chegara, mas as pontas de sua enorme barba estavam claramente chamuscadas e seu cabelo grisalho exalava cheiro de queimado. O capitão se inclinou sobre o velho trêmulo.

"Onde está o Kosta?", perguntou ele.

"Sim, onde?", repetiu Fotis. "Você o mandou embora com o seu prêmio, não foi? Para onde você pensa que ele pode ir? Você sabe que nós controlamos toda esta área. Onde ele poderia se meter para que eu não o encontrasse?"

Stamatis balançou a cabeça com decisão, mas não estava claro o que ele estava negando. Talvez toda a patética situação. Um manipulador enredado em

sua própria manipulação. Intolerável. Que diabos ele pretendera?, pensou Elias. Não ser pego, em primeiro lugar, mas tinha de saber que seria considerado suspeito. Fugir, rapidamente, da vila? Vender o ícone? Mas, para quem? Eles podiam fingir que estavam negociando, mas ele nunca acreditaria neles. Não agora, não com a faca em cima da mesa. Além do que, não havia tempo.

"Quero escrever uma confissão", declarou o mercador.

Fotis soltou um suspiro fundo e ruidoso. Sua voz estava calma.

"Olha aqui, eu vou arrancar os seus dedos, um por um, até que você me diga onde anda o miserável do seu filho e o que você fez com o ícone".

"Quero escrever uma confissão", insistiu Stamatis, com voz trêmula.

"Eu te conto tudo, mas quero que seja por escrito. E o papel tem de ficar com o capitão, assim um homem honesto vai ficar sabendo da verdade".

"Vou ficar sabendo do mesmo jeito, se você falar", disse Elias, percebendo o olhar desaprovador do Cobra por ter interferido em seu interrogatório.

"Não, não. Tem de ser por escrito. Para que você possa provar o que eu disse. Nos dias de hoje, ninguém confia em afirmações de boca".

O velho ladrão estava fazendo alguma espécie de jogo. Talvez estivesse simplesmente ganhando tempo, mas Elias decidiu pagar para ver.

"Está bem, escreva".

Fotis rugiu de desgosto, mas não contradisse seu subordinado. Talvez achasse que o capitão conhecesse as manhas do mercador melhor do que ele. Talvez temesse as coisas que Mavroudas, se muito pressionado, pudesse dizer em frente de Elias. O capitão sabia que, se não tivesse aparecido quando apareceu, o interrogatório já teria, naquele momento, chegado à sua fase mais feia, e que isto ainda podia acontecer. E talvez aquele fosse o melhor caminho. Stamatis estava enrolando; Kosta - se Fotis estivesse certo - não podia ter ido muito Longe, ainda.

O mercador pegou um toco de lápis de uma caneca e um pedaço de papel marrom de debaixo da mesa e começou a escrever. Fotis foi dar uma olhada pela pequena janela e Elias aproximou-se dele.

"Você chegou aqui bem depressa".

"Foi". Nada mais, é claro. Uma das regras do Cobra era nunca explicar nada, nunca permitir ser colocado na defensiva. De qualquer maneira, não importava muito. Mas parecia natural que dois companheiros oficiais discutissem uma desintegração tão catastrófica de seus planos, para não falar na necessidade de criar uma nova estratégia, e Elias não pôde evitar de achar perturbadora a relutância de seu chefe.

"Onde estão meus homens, agora?", perguntou ele.

"No morrinho perto da estrada do norte".

"Tão perto? O Müller tem cinqüenta soldados".

"A igreja fica do outro lado. Ele imagina que você ainda esteja lá. Não vai dividir as forças e mandar gente para o norte, não no escuro".

"Pode pedir reforços".

"Ele nem deveria estar aqui", exclamou Fotis. "As tropas dele são emprestadas. Ele veio para fazer uma troca, não para combater. Seja como for, seus homens saberão se dispersar, se for o caso".

"Quem você deixou no comando?".

"O que você escolheu, o Giorgios. O que aconteceu na igreja?", perguntou, finalmente, Fotis.

"Te conto depois", respondeu Elias. Ele também sabia fazer o joguinho. Além do que, não ia adiantar nada dizer que ele não tinha muita certeza. "Você tem certeza que este sujeito está com o ícone?”

"Você tem alguma idéia melhor?”

"Eu só me pergunto como um homem poderia ter escapado daquele inferno. Ou uma obra. Ela pode simplesmente ter queimado".

"Acho que não. Acho que este miserável pôs fogo na igreja para cobrir suas pegadas".

"Mas você disse que ele saiu durante o incêndio".

"Ele pôs fogo na frente para manter o Müller distante. Depois saiu por outro lado".

"Como é que ele sabia que o Müller estava indo para lá?”

Fotis olhou-o com uma expressão que era muito rara nele: incredulidade quase no ponto de tornar-se aborrecimento.

"Pelo filho, ora! De que outro jeito? O Kosta, o cãozinho que você treinou.

Claro. A conspiração não era uma idéia nova; o pai e o filho estavam sempre se falando. Kosta estivera junto com Elias quando este explicara o plano a Müller e também quando Elias dera a Stefano o recado que faria Mikalis correr para fora da igreja, de maneira a nada sofrer quando Müller entrasse para roubar o ícone. Kosta, o homem em quem mais confiava. O Cobra viu a transformação no rosto de Elias ao entender o que acontecera.

"Você foi enganado, meu amigo. O garoto era o espião do velho, no seu acampamento".

"Você sabia disso?”

"Percebi hoje à noite. E você também, não tente negar".

Um grito, vindo da mesa, fez com que os dois dessem um pulo.

"Quero que todos se fodam!", berrou Stamatis, rasgando a folha de papel. "Quero que vocês dois vão pra puta que os pariu! Não vou confessar uma coisa que eu não fiz". E rasgou o papel em pedacinhos.

Fotis correu para a mesa e Stamatis jogou o papel na cara dele, estendendo a mão para pegar a faca em cima da mesa. Dragoumis, rapidamente, esticou a mão e pegou a faca quase pela lâmina, já que o cabo estava nas mãos do velho, mas conseguiu torcer o pulso do mercador antes que ele cortasse a própria garganta. A mesa tombou e a chama vacilante da vela lançou sombras espectrais pela sala onde os homens lutavam.

Elias sacou sua pistola, mas lembrou a tempo que aquilo faria muito barulho. Então, pegou a corda e passou-a pelo pescoço do velho, puxando-o de volta para a cadeira.

"Solta a faca".

Ela caiu no chão e Fotis, rapidamente, a apanhou, os olhos espremidos de raiva.

"Basta! Amarre-o aí, com uma mão livre. Vamos ter nossas respostas num minuto".

O capitão já vira aquele filme. Comunistas, colaboradores, certa vez até mesmo um cabo alemão amarrados numa cadeira enquanto Fotis usava sua faca neles. A tortura tem suas vantagens. Não havia tempo a perder e o velho ladrão gordo não demoraria a pedir água. Mesmo assim, Elias hesitou.

"Amarra o cara!", ordenou Fotis, perdendo a paciência, o rosto vermelho de raiva.

Uma batida na porta seguida, rapidamente, de mais duas. Fotis foi até a janela.

"É o Marko".

Eles voltaram a cobrir a luz e um moço atarracado entrou na sala. Assentiu para Elias, que o ignorou. Marko sempre dava um jeito de aparecer quando havia um serviço sujo a fazer. Era filho do padeiro de uma vila pouco distante dali e não era um dos andartes do capitão. Trabalhava diretamente com Dragoumis. Fotis, ou talvez a sua própria natureza, o formara. Nada perturbava o garoto, nenhuma ordem era muito cruel. Elias acreditara que tinha encontrado em Kosta farinha do mesmo saco, mas Marko era o modelo perfeito. Talvez seu segredo fosse a mente obtusa. Kosta era inteligente, o maldito!

"O que está acontecendo lá fora?”

"Eles estão juntando as pessoas na praça", respondeu Marko. "Começaram

com os velhos, mas agora estão pegando todo mundo, até algumas mulheres. Acho que já não sobrou muito homem. Tive sorte de não ser pego".

"Você matou algum alemão na igreja?", perguntou Fotis.

"Um", respondeu Elias.

"Isto quer dizer que eles vão fuzilar quarenta ao amanhecer. Podem se considerar com sorte se eles não queimarem tudo".

"Miseráveis!", exclamou Marko.

Elias, distraído, tinha afrouxado a pressão na corda e Mavroudas escapou do nó, mas só o que conseguiu foi cair, como um saco vazio, aos pés do líder dos guerrilheiros.

"Capitão, pelo amor de Deus, livre-me destes animais! O senhor não é como eles, é um bom homem, todo mundo respeita o senhor".

"Levante-se".

"Não, por favor, eu imploro. Seja misericordioso, estou em suas mãos!”

O rosto do mercador estava banhado em lágrimas, os olhos arregalados. Elias sabia que aquele terror era genuíno, mas havia uma ponta de teatralidade no arroubo. Stamatis prendeu a mão direita do capitão entre as suas, num gesto de oração, e encarou-o de maneira significativa. Ao tentar soltar a mão, Elias sentiu que um pedaço de papel estava sendo colocado na sua palma.

Imperceptivelmente, a dinâmica do ambiente mudou. O velho ladrão fizera sua escolha; agora a bola estava com Elias. Ele sentia o olhar do outro no seu e sabia que raramente Fotis deixava escapar um truque.

"Me solta, seu porco!”

"Não, escute, eu não sei onde o menino está, eu não...”

Ele deu um tapa no rosto do mercador com sua mão esquerda, girando o corpo no movimento do golpe e, enquanto sua mão direita estava escondida, enfiou o pedaço de papel no bolso.

"Você não tem nenhum amigo aqui, Mavroudas", disse Fotis, baixinho,já tendo recuperado a calma. "Marko, coloque-o na cadeira e amarre-o, deixando uma mão livre. Que mão você prefere perder antes, Mavroudas, a direita ou a esquerda? Como você vê, ainda estamos te oferecendo muitas escolhas".

Marko trabalhou rapidamente. Stamatis, tendo jogado sua última cartada, sem nada que pudesse impedir o horror que vinha pela frente, grudou os olhos na parede, sem absolutamente nenhuma expressão, deixando escapar gemidos quase silenciosos enquanto a corda o espremia contra a cadeira. Elias não conseguia olhar. Uma coisa era matar estranhos numa batalha; tirar lentamente a vida de um homem que você conhecia desde a sua infância, era outra, completamente

diferente. No entanto, o que o mercador fizera causara a morte de Milcalis. Era justo que ele morresse. Então, que assim fosse; Elias tinha outro trabalho a fazer. Foi em direção à porta no momento em que Fotis sacava sua faca.

"Onde é que você vai?”

"Encontrar meus homens no morro".

"Está bem, certo. Se vocês tiverem de se mover, vão para o velho monastério, não para a caverna".

"Eu conheço meu trabalho", exclamou Elias.

"Claro. Se não acontecer nada, fique no morro que eu te encontro lá".

"Qual é o plano, se ele falar?”

Fotis deu um sorriso desagradável. "Ele vai falar. A gente discute o assunto quando eu te encontrar. Tome cuidado, meu garoto". As últimas palavras foram pronunciadas no tom urgente que acabam sempre por convencer da sinceridade de quem as pronuncia.

Quando Elias saiu na noite, o volume da lamentação de Stamatis aumentou, tornando-se quase um grito. "Põe alguma coisa na boca dele", foram as últimas palavras que ele ouviu.

O movimento na praça continuava. Pares de soldados alemães estavam espalhados por toda a parte, batendo nas portas, procurando por tudo e por todos. Müller tinha, provavelmente, uma dezena de pistas falsas para seguir, dadas a ele por aldeões apavorados tentando livrar a pele. Elias manteve-se nas sombras, agradecido à lua por não ter aparecido, e deslizou de ruela em ruela, por trás das casas, parando no começo de uma aléia. Pegou num dos bolsos do colete a caixa de fósforos, com apenas alguns preciosos palitos. Desdobrando o pedaço de papel com uma das mãos riscou, com a outra, um fósforo contra o muro de pedra fria. Capela de São Gregório. Poupe o menino.

Era tudo. Encostou o fósforo no papel e viu a chama crescer, transformando a folha em cinzas.

São Gregório. Uma boa escolha. Raramente era usada e o capitão teve de fazer um esforço de memória para se lembrar onde ficava. Em algum lugar ao norte, afastada de qualquer estrada. Poupar o garoto? Como podia levar aquilo a sério? Será que Stamatis não sabia o que Kosta fizera com Mikalis? Teria a ilusão de que Elias não sabia? Por que sua misericórdia deveria ser maior que a do Cobra, que não perdera um irmão? O velho ladrão amaciara nos seus últimos momentos, mas isso não importava.

Que fazer? Ele já não confiava em Fotis. Ainda bem que não contara sobre Mikalis porque nesse caso Fotis acharia que ele não estaria em condições de agir

racionalmente. A coisa mais importante era chegar na capela o quanto antes. De posse do ícone, teria poder de barganha, ainda poderia fazer alguma espécie de acordo. Stamatis falaria e, logo, logo Fotis estaria nos seus calcanhares.

Não havia nenhum alemão nas próximas ruas, o que permitiu que ele se movesse rapidamente. A taverna de Stefano estava fechada, não havia luz alguma dentro. Os alemães podiam ter capturado o taverneiro, mas Elias duvidava. Não era sem razão que ele confiava em mandar mensagens via Stefano. O

homem era um poço de segredos, mas nunca revelava nenhum a não ser que o preço fosse justo, e era especialista em entrar e sair sem ser notado. Onde estaria agora? Não em casa. A mulher e o filho estavam mortos; apenas a sogra estaria na casa e Stefano não dava a mínima para o que pudesse acontecer com ela.

Com o recolhimento de suspeitos, ele não estaria rondando pelas ruas. Não, Elias apostava que Stefano estava sentado dentro da taverna toda apagada, esperando que o perigo passasse. Foi até a porta de trás.

Havia uma fechadura por dentro, mas Elias se lembrava que os parafusos estavam um pouco frouxos. Uma batida educada não ia adiantar. Sem perder mais tempo, deu uns passos para trás e jogou todo o peso do corpo contra a porta, que rangeu, fazendo um tremendo barulho, mas não cedeu. Quem diria? O capitão deu um novo passo atrás, encostou o ombro direito na porta e apoiou seu pé esquerdo no muro de trás. Morto por um taverneiro nervoso, pensou com desgosto; e fui eu quem lhe deu aquela porra de revólver! Com toda sua força, empurrou para a frente.

A porta cedeu de repente, e a força do impacto fez com que Elias se esparramasse no chão. Ficou imóvel, de bruços, por alguns segundos, mas resolveu que era melhor se identificar rapidamente.

"Stefano, sou eu".

O taverneiro não teria deixado, de bom grado, que ele entrasse, mas agora que já estava dentro, não atiraria nele. Cadeiras e mesas vazias recortavam a parca luz que vinha das janelas. O bar ficava ao lado da cozinha e Elias rastejou para lá. Olhando pelo canto do balcão, percebeu uma figura espreitando pelo alto. Encostou sua pistola no joelho do homem.

"Estou aqui embaixo".

O taverneiro deu um pulo, assustado.

"Calma", disse o capitão, levantando-se. "Abaixa a arma". Ele, na verdade, não tinha visto arma alguma, mas ouviu o estalido do revólver sendo armado.

"Acenda uma lanterna".

"E quem tem óleo, a não ser você e os alemães?”

"Então, uma vela".

A luz fraca e trêmula revelou um ferimento inchado ao lado do olho esquerdo de Stefano e sua recusa em olhar para o capitão tornava qualquer pergunta desnecessária, mas Elias tinha de ter certeza.

"Você entregou a mensagem para o Mikalis?”

"Se você está perguntando, é porque sabe que não".

"Quem fez isso no seu olho?”

"O velho. O Mavroudas".

"Para saber o que dizia a mensagem?”

"Isto ele já sabia. Para me convencer a não ir, para deixar que ele fosse no meu lugar".

"Te bateu com uma mão e te pagou com a outra".

"O que importa?”

"Para um traidor, você até que é bem tranqüilo".

Os olhos de Stefano se arregalaram, primeiro sinal de pânico verdadeiro.

"Eu não sou traidor. Ele não entregou teu recado?”

"Você tinha de saber que ele queria mais do que isso".

"Como é que eu ia saber o que ele tinha na cabeça? Ele ameaçou me matar se eu abrisse a boca".

"Ele entregou a mensagem. Aí, as coisas correram mal. O Mikalis está morto".

"Não". O rosto do taverneiro se contorceu, lágrimas assomaram-lhe aos olhos. Seria por que ele pensava que Elias ia executá-lo ali mesmo, ou era amargura de verdade pela morte do padre tão popular?

Quem saberia dizer? O capitão queria dar-lhe um soco, mas poderia deixá-lo sem sentidos, o que seria contrário aos seus planos. Aproximou-se e enfiou a boca da arma na garganta de Stefano.

"Eu deveria te matar, mas preciso que você faça duas coisas. E você não pode falhar em nenhuma delas".

Stefano anuiu.

"Você vai procurar o Müller, o major alemão", continuou Elias. "Vai dizer para ele que o negócio na igreja foi um erro. Mas ainda dá para fazer um acordo. Eu vou levar para ele o que ele está querendo, antes do final da tarde de amanhã, mas ele não pode fuzilar ninguém. Se fizer isso, fica o dito pelo não dito.

Ele tem de estar sozinho quando você lhe disser isto e tem de ser antes do

amanhecer. Entendeu?”

Stefano fez uma pequena pausa, lambendo os lábios secos.

"Pode deixar comigo".

Elias afastou-se e guardou a pistola no cinto.

"Se você fizer tudo direito, vai salvar muitas vidas. Mas você tem de ser rápido e tem de convencer o sujeito. Ninguém pode saber disso, nunca. Se você abrir o bico, morre".

"Claro".

Os olhos do taverneiro brilhavam de sinceridade, mas aquele entusiasmo passaria. Segredos como aquele sempre vazavam. Alguém veria Stefano e Müller juntos, talvez os comunistas o capturassem. Era exatamente o tipo de história que eles adoravam ouvir, republicanos e alemães comendo do mesmo prato.

Para sobreviver, Stefano daria com a língua nos dentes ou até mesmo venderia a informação. Ele era mais liso que sabão, uma opção infeliz, mas a única, no momento. Kosta já era. Os outros homens de Elias não sabiam o que ele estava fazendo e, se soubessem, jamais o apoiariam. Todos os homens da vila estavam comprometidos. Mas, quem era ele para julgar, ponderou Elias; ele, o mais comprometido de todos? Todos os homens bons estavam mortos.

"Depois de falar com o Müller, você vai procurar a viúva do meu pai". Ele nunca a chamaria de madrasta. "Diga a ela que o corpo do filho dela está no canto noroeste da cripta. Ela pode querer mandar alguém lá para pegá-lo. Se ela pedir, vá você mesmo".

Stefano se sentiu mais atemorizado com esta última tarefa do que com a anterior, mas assim mesmo assentiu.

"Não me desaponte, Stefano. Não desaponte todos nós".

Saíram por portas diferentes. De volta às ruas escuras, Elias partiu a toda pressa para o morro do norte. Era um morrinho baixo, pouco arborizado, mas, naquela noite sem lua, estava coberto de sombras e ele não viu sinal algum dos seus homens. Ainda não sabia o que eles poderiam ter descoberto ou adivinhado.

Seria recebido com braços abertos, ou encostado numa árvore e fuzilado? Pressionado pelo tempo, Elias correu encosta acima, deixando que eles o descobrissem. Foi o que aconteceu. No meio da subida, o jovem Panayiotis saiu do meio das sombras.

"O senhor está muito descuidado hoje, capitão. Eu quase pensei que fosse um alemão".

"Me leva até o Giorgios".

A maioria dos homens, uns vinte e cinco, estava escondida no matagal perto do cume do morro, o esguio antigo sargento de infantaria, andando furiosamente de um lado para o outro, no meio deles. Giorgios estava um tanto ridículo com sua barba desalinhada e seu imundo uniforme de coronel italiano - despojo da campanha da Albânia - mas era o melhor líder de homens de que Elias dispunha.

"Mãe de Deus, que bom que você chegou", exclamou Giorgios, ao ver o capitão. "Paz tempo que estamos esperando. O porra do Cobra não nos deixa atacar".

Então eles ainda não sabem de nada, pensou Elias, com estranha tristeza.

"Devagar".

"Encontramos o lugar onde as armas estavam estocadas, lá mesmo onde o senhor disse que seria".

"Sei".

"Só tinha uns poucos alemães de guarda, com uma única metralhadora leve. Nós poderíamos ter tomado o lugar, mas quando começou o tiroteio na igreja, o Cobra mandou ordens para não atacar".

"Mandou ordens? Ele não estava com vocês?”

"O Cobra? No começo, depois não. Disse que tinha de observar os alemães na vila e me deixou encarregado. Eu não devia ter obedecido, nós perdemos uma chance de ouro".

"Não, Giorgios, você fez muito bem. Os homens são mais importantes do que as armas. Agora, me escuta, preciso da sua ajuda. Me diga onde fica a Capela de São Gregório".

"A Capela de São Gregório? Por quê?”

"O Kosta me traiu". Ele não conseguiu dizer "nos". "E foi se esconder na capela. Preciso ir lá atrás dele".

Ainda estava escuro, mas, no leste, o céu começava a clarear. Elias não conseguia ler a expressão de Giorgios, podia apenas interpretar o silêncio do antigo sargento.

"O diabo que o carregue!", murmurou, finalmente, Giorgios. "O ícone foi destruído?”

"Eu não sei. O velho Mavroudas tentou roubá-lo. O Cobra está tratando dele. Eu preciso encontrar o Kosta, agora".

"E o padre Mikalis?”

A angústia cresceu de novo. Quando aquilo tudo terminasse, ele dormiria dias seguidos, talvez para sempre, dependendo do desenrolar das coisas.

"Giorgio, a capela. Me ajuda".

"No pé da encosta, do outro lado deste morro, no final do caminho para a campina".

"Lá é a Capela de Maria".

"Um quilômetro mais adiante, subindo uma encosta de pedra. Quase chegando em Vrateni. É um lugar desolado. A capela fica no meio de um prado. Tome cuidado. Melhor ainda, leve alguns homens com você".

"Não, eu vou sozinho. Você tem de tomar conta das coisas por aqui. O Spiro e o Leftheris estão no velho monastério, os outros estão na caverna. Se der, vá para um lugar mais seguro e espere até que eu dê notícias. Pode seguir as ordens do Cobra, se parecerem boas para você, mas proteja os homens. E Giorgios, não conte para ele, nem para ninguém, para onde eu fui".

O céu, mais claro, já permitia que Elias lesse a confusão e o desconforto na expressão do andarte.

Ninguém gostava do Cobra, mas Giorgios tinha experiência suficiente para saber que era sempre ruim ter comandantes que não estavam se entendendo. Sem palavras de conforto no coração, Elias afastou-se do jovem soldado e, embaixo de um céu cada vez mais brilhante no leste, dirigiu-se mais uma vez para o norte.

13

Primavera de 2000

Ele tinha ficado bem ali, ao lado da janela, o rosto nas sombras, condizendo talvez com suas intenções sombrias. Ana não tinha certeza. Chovia lá fora e ela não acendera luz alguma, portanto a sala estava escura - a comprida e fria sala de jantar onde eles nunca tinham estado juntos antes. Terreno neutro.

Matthew não queria se aventurar a entrar nas dependências íntimas da casa.

"Lamento não ter aparecido antes", disse ele. "Eu não podia falar com você antes da polícia".

"Eles te disseram isso?”

"Não".

"Você não queria que eles pensassem que você influenciaria o meu depoimento".

"Eu não queria que você pensasse isso".

"Está bem".

"Tem algumas coisas que você precisa saber".

"Estou ouvindo". Mas ele não parecia capaz de ordenar seus pensamentos, ao menos não tão rapidamente quanto Ana e, como uma tola, ela entrara num assomo de fúria. "Eu não disse nada que pudesse te implicar, se é isso que você quer saber. Eu disse a eles que sabia que seu padrinho era o comprador, que você tinha me contado. Nem sei por que fui dizer uma coisa dessas. Não tenho certeza que vá te ajudar".

Matthew balançou a cabeça, a expressão contorcida de frustração ou aborrecimento e ela achou que o entendera perfeitamente, pensou que talvez ele não estivesse muito longe de ser o homem que ela pensara que fosse, apesar das coisas que ocultou dela.

"Eu não queria que você me ajudasse", disse ele, finalmente. "Não me interessa o que você disse para a polícia. Eu vim aqui para te contar o que sei".

E então, ele despejou tudo, a orientação sutil de seu padrinho, a fixação que ele sentiu pelo ícone, sua obstinada ignorância da armação que estava sendo montada em volta dele; e quanto mais ele falava, mais deprimida e

descompromissada ela se sentia. Perguntas batiam à porta da sua mente, mas ela não permitia que entrassem. Estava fixada num único fato: ele entrou na vida dela para manipulá-la. Como ela pôde ter confiado nele? Como poderia saber se tudo o que aconteceu entre eles era verdadeiro? Não tinha como, mas poderia no mínimo tentar, se ele ao menos levantasse o assunto. Mas ele não falava nisso, e ela entendia, com uma aguda sensação de autodepreciação, que sem a resposta para aquela pergunta, as outras - incluindo até onde ela bancara a idiota - não importavam nem um pouco. Ela não podia mostrar o que sentia. Deixava que o desgosto que sentia por ela mesma parecesse raiva. Ele merecia a raiva dela.

Ela o fizera sentar numa das cadeiras antigas e desconfortáveis e, passado algum tempo, começou a analisar o que ele dissera, deixando-se dominar por pensamentos frios e matemáticos. Matthew não tinha dúvida de que o ícone fora a razão do roubo, apesar do fato de que outras pinturas também tinham sido levadas. Ela resolveu aceitar o jogo, presumir que ele fosse inocente, que era culpado apenas da manipulação.

"Seu padrinho foi interrogado?”

"Não. Ele está na Grécia. Logo depois de chegar lá, ficou subitamente doente".

"Você parece não acreditar nisso".

"Ele está com alguma doença, mas o sujeito é um trapaceiro de marca".

"Você acha que ele está por trás do roubo?”

"Preferiria não achar, mas é uma possibilidade".

"Ele gastou quase um milhão de dólares, para depois roubar de si mesmo?”

"Da Igreja, para quem, pelas condições da venda, ele deve o ícone. Você recebeu uma oferta para vender por quase o dobro disso. Ele usou a Igreja para chegar no preço que queria e para bloquear outros interessados. Tudo isso em teoria, é claro; espero estar errado. Podem ter havido outras razões, também".

"Por que você não me contou de cara sobre ele?”

"No começo, ele não estava envolvido", insistiu Matthew "Ou estava, mas eu não... Quando o museu me mandou analisar o ícone eu não estava a par de nenhuma conexão, a não ser que ele conhecia o Wallace. Coisa que você também sabia", lembrou ele, enfaticamente. "Só mais tarde ele me disse que a Igreja o procurara e disse isso num tom bem casual. Naquele momento, eu devia ter te contado. Mas ele me pediu para não fazer isso. Me convenceu que não ia fazer a menor diferença se você soubesse ou não e, caso soubesse, você poderia achar suspeito".

"E você? Não achou suspeito?”

"Foi outra das minhas bobeadas. A culpa não foi só sua. Eu banquei o bobo o tempo todo.

Desculpe, Ana. Mas eu realmente achava que o ícone deveria voltar para a Grécia".

"E se eu tivesse resolvido vender para um particular?”

"Aí, você teria feito isso.

"Você não teria tentado me convencer do contrário?”

"Não, se você já tivesse resolvido".

"Você quer que eu acredite nessa besteira?”

"O que eu poderia ter feito? Eu não poderia ter te convencido a ir contra sua própria vontade".

Você poderia ter me convencido a fazer qualquer coisa que você quisesse, pensou Ana, amargamente, mas novamente a sua raiva era dirigida principalmente contra ela mesma.

"Como é que eu vou acreditar em qualquer coisa que você me diga agora?”

"É uma pergunta justa. E eu não tenho resposta para ela. Você tem todo o direito de duvidar de mim".

Tão calmo e racional, mesmo quando admite a própria culpa.

"Vá se foder, Matthew!”

Ele se levantou num pulo, como se ela tivesse jogado água fria no colo dele. Ela resistiu ao impulso de se levantar também, tentou manter sua expressão fechada e ilegível. Ele não podia ficar, não agora, mas ela queria, desesperadamente, que ele não fosse embora.

"Você contou tudo isso para a polícia?”

"Eles conhecem os fatos; o resto é hipótese. Eu não contei parte da história".

"Que história?”

Ele hesitou, claramente não querendo contar esta parte. "O ícone veio da cidadezinha do meu avô.

Parece que ele e o meu padrinho estavam envolvidos em alguma armação para trocá-lo com os alemães, durante a guerra.

Mais segredos. Aparentemente, aquilo era um poço sem fundo. O badalar do antigo relógio do avô dela interrompeu seus pensamentos. Fora construído pelo pai do seu tio-avô; e seu avô o despachara para lá, no meio de outros pertences, há cinqüenta anos. Quando criança, Ana amara o relógio, mas, naquele momento, sua vontade era atirá-lo pela janela afora.

"Acho que você deveria ter me contado essa história", disse ela, em tom gelado.

"Os detalhes não são muito claros".

"Você veio aqui para me contar tudo, lembra?”

"Esse não é o tipo de história que você conta, se não sabe o que tem por baixo. É uma história bem preta, um rolo dos diabos, e todos os envolvidos têm uma versão diferente".

"Como foi que o meu avô conseguiu o ícone?”

"Isso eu não sei. Mas eu vou tentar conseguir algumas respostas para nós dois".

"Como?”

Mexendo os pés sem sair do lugar, querendo sair dali, pela primeira vez ele olhou diretamente para ela.

"Vou fazer uma visitinha para o meu padrinho".

"Eles vão deixar você sair do país enquanto a investigação não terminar?”

"Eu não pretendo pedir permissão".

"Matthew!", exclamou ela, levantando-se e, sem perceber, aproximando-se dele. "Você vai se meter numa encrenca danada. Vai parecer que você está fugindo". Estaria ele? Os instintos dela estariam enganados? Até agora eles não tinham se mostrado nada confiáveis, mas então por que ele se dera ao trabalho de aparecer?

"É mais provável que ele fale comigo do que com qualquer outra pessoa".

"Ele não vai te contar a verdade".

"Pode ser que sim. Ou pode ser que ele deixe escapar alguma coisa".

"Olha, se você tem razão, então ele mandou matar o seu próprio capanga. O cara é perigoso".

"Eu não acho que ele tenha planejado isso".

"Então ele não está com a situação sob controle", insistiu ela. Por que ela não entendia? "Tem gente disposta a matar por essa coisa".

Ele abriu a boca para falar, mas não havia uma resposta fácil para aquela horrorosa constatação, e a verdade desse fato ficou suspensa, silenciosamente, entre os dois.

"O Fotis é da família", gaguejou ele. "Além do que, eu ajudei a criar essa confusão".

"Isso não é razão para você piorar ainda mais as coisas. Não vá".

Por muito tempo ainda, ela tentou dissuadi-lo, sabendo que seria inútil. Apesar de toda sua aparência de racionalidade ele, no fundo, era teimoso como uma mula. Saiu sem tocar nela - sem dúvida, abriu mão daquele direito. Ela não o incentivou, manteve sua indiferença até o fim, mas fixou em sua mente o

cabelo negro dele quando ele se afastou. Depois ficou andando de um lado para outro na sala de jantar até se sentar na cadeira dura, sentindo-se vazia por dentro. Era muito provável que aquela tivesse sido a última vez que ela o via.

Tudo isso aconteceu dois dias antes e agora Ana estava novamente sentada na sala de jantar, as sombras afastadas pela luz forte do sol quente da primavera que entrava pelas janelas. Matthew já estaria na Grécia. Ela não esperava receber notícias, apenas desejava que ele estivesse bem, que não tivesse entrado num jogo violento demais para ele. Ela tentou afastar o assunto do ícone da sua mente. Afinal de contas, ela recebeu o dinheiro e tirou a coisa da sua vida, que era o que mais queria. Dali para a frente, a polícia que cuidasse do assunto. Era problema da Igreja grega, não dela, botar a boca no mundo. Ela cumpriu a sua parte do acordo. Aquele padre Tomas, mais liso que um sabonete, tinha ficado de pé, bem no meio do hall da casa dela, observando seus homens levarem o pacote para a perua. Ele que explicasse o que tinha acontecido depois, caso conseguissem botar as mãos nele.

Mas... suas intenções tinham sido burladas; e onde estava a raiva dela? E, por falar nisso, onde andava o seu senso de responsabilidade? Afinal de contas, aquela não foi uma escolha infundada. A proveniência do ícone era desconhecida, como de grande parte das obras que seu avô adquirira logo depois da guerra. Seu pai parecia não se sentir confortável com o Iato, e a adoração do seu avô tinha alguma coisa de doentio e ávido. Ana poderia nunca descobrir a verdade, mas não tinha dúvidas de que os gregos da vila dos ancestrais de Matthew não queriam ficar sem seu ícone. Ele pertencia a eles. Ela nunca participou diretamente dos erros da família, não era responsável pelos eventuais descalabros cometidos há gerações.

Mas há muito suspeitava que transações escusas estavam por trás de muitas das aquisições do velho, apesar de jamais ter levantado o assunto com ele. Agora, era dona do espólio e isso implicava em certas obrigações.

Não pretendia fazer da restituição aos devidos donos das obras que decoravam suas paredes o trabalho da sua vida, mas o problema com o ícone adquirira vida própria e agora já não podia ser ignorado. Não havia muito que ela pudesse fazer, mas havia alguns detalhes problemáticos nos quais teria de pensar. Um ponto especifico a vinha preocupando há tempos, e a fizera pensar - não pela primeira vez - sobre possíveis conexões entre os eventos atuais e coisas que tinham acontecido no passado. Não comece a fazer uma coisa que você não pretenda terminar, seu pai sempre lhe dissera. Será que o conselho servia para fazê-la ir em frente ou para desencorajá-la?

Ana levantou-se e caminhou pelo corredor, até chegar à cozinha. A primeira coisa a fazer era falar com Wallace. Ele sabia de coisas que não estava contando. Ela sempre soubera que ele agia assim, mas esperara que a morte do avô fizesse com que ele abrisse o jogo, revelasse alguns dos segredos escusos da família. Essa esperança se frustrara; ele permanecera fechado. Ela se lembrava de ter pensado que, ao pesquisar o mercado na busca de compradores particulares para o ícone, inevitavelmente surgiriam pessoas que saberiam da procedência dele e do passado do seu avo. Possivelmente até mesmo alguém que soubesse o que acontecera naquela semana em que seu pai fora para Caracas. Não contara a Wallace sobre suas esperanças e ele mantivera o resultado das pesquisas em grande parte para ele mesmo, orientando-a, zelosamente, a buscar a opção corriqueira das instituições. Mas naquele momento ela já estava muito envolvida com Matthew para pressionar seu esperto advogado.

Jogou-se numa cadeira na mesa da cozinha e acendeu um cigarro, o quinto daquela manhã.

Chegaria a doze, até o fim do dia. Ontem, oito, seis no dia anterior. Era como deixar de fumar, ao contrário.

Ela se livrara do vício há quatro anos. Bastara aquele primeiro cigarro, uma hora depois de Matthew ter saído da casa, e ela perdera todo o trabalho feito. Martelou o tampo da mesa com os dedos. Agora, a cozinha fazia com que ela se lembrasse de Matthew, mesmo que ele só tivesse estado lá uma meia dúzia de vezes. Soprou a lembrança numa nuvem azul de fumaça. Não importava. A única maneira de se sentir próxima ao seu amado foragido era tentar resolver o mesmo mistério que ele. O pensamento a paralisou. Será que tudo o que ela estava fazendo se resumia a isso, tentar se sentir perto de Matthew, tomar suas as obsessões dele? Será que todas aquelas idéias sobre responsabilidade não passavam de desculpas esfarrapadas? Inalou o doce veneno, sentiu seu corpo gemer de prazer. E daí? Quem se importa?

Ana pegou o telefone e discou.

"Wallace & Warford".

"Olá, Millie, ele está?”

"Oi, Ana, ele está ocupado. Posso pedir para ele te ligar depois?”

"Diga a ele que eu vou esperar na linha o tempo que for necessário até que ele possa falar comigo".

"Acho que seria melhor que ele te ligasse".

"Vou esperar. Diga para ele, por favor".

Como ela sabia que faria, ele a deixou esperando por muitos minutos e,

durante esse tempo, sua agitação cresceu enormemente. Então, aquela voz grave e profunda chegou aos seus ouvidos.

"Minha querida, desculpe se eu andei sumido".

"Temos negócios, Arthur. Mais quadros para vender".

"Eu sei, peço desculpas de verdade. Mas olha, nós temos de nos encontrar pessoalmente. Vou te passar de volta para a Millie e ela marca uma reunião".

"Tenho uma pergunta. O comprador particular que estaria disposto a pagar um milhão e meio pelo ícone. Quero saber quem é ele".

Wallace ficou calado alguns instantes. "Por que você ainda está pensando nisso?”

"Porque eu acho muito estranho que alguém se disponha a pagar tanto".

"Quem garante que, no fim das contas, ele pagaria tanto? Eu não achei que a oferta fosse muito confiável, senão eu teria te pressionado para considerá-la mais seriamente".

"Bem, sei, mas veja só no que deu o negócio com a Igreja".

"A Igreja não tem culpa do que aconteceu. E você recebeu o seu dinheiro".

"Seja como for, me diga quem era o nosso comprador mão-aberta".

Ele suspirou fundo, um som de desapontamento, mas ela não ia aceitar a enrolação. Ele já encenara para ela durante muito tempo a personagem do pobre pai sofredor.

"A oferta veio através de um intermediário de reputação bastante suspeita, um nome que eu preferiria não mencionar".

"Mas, por quê? Ele pediu para ficar anônimo? E, um intermediário? Ora vamos lá, Arthur, afinal de contas você é o advogado de quem?”

"Emil Rosenthal".

"Tá brincando? Aquele nojo?”

"Agora você sabe por que eu não insisti no negócio".

"Mas quem trabalharia com um tipo como o Rosenthal?”

"Como é que eu vou saber? Milionários excêntricos usam toda espécie de intermediários repugnantes. Alguém está trabalhando com o Emil. Seja como for, ele não vai te contar".

"E você não tem a menor idéia de quem pode ter sido?”

"Claro que não".

"Isso é péssimo".

"Espero que você não esteja pensando em falar com ele".

"Não", mentiu ela. "Não, acho que não ia adiantar nada e o cara é tão nojento! Na verdade, eu só estava curiosa".

"Melhor esquecer o assunto. Deixa eu te passar para a Millie, agora, e a gente se vê em breve".

"Ótimo. Temos muita coisa para conversar".

14

Por muito tempo, depois que acordou, Fotis achou que poderia estar morrendo e a idéia não era totalmente desagradável. O suor quente começava a esfriar nos seus membros envelhecidos, apesar dos pesados cobertores, e ele tinha dificuldade para respirar. Água nos pulmões. Sentar-se ajudaria, mas ele perdera o controle dos músculos. Sua mente estava perdida numa espessa névoa, incapaz de coordenar um pensamento complexo, e ele se imaginava afundando cada vez mais nesse lamaçal, até que perdesse definitivamente a consciência e então seria o fim da dor, a libertação da prisão do seu corpo traidor. Então, lembrou-se do sonho. Não contivera os detalhes e o horror infinito das versões anteriores, mas fora bastante semelhante. Os mesmos desnudados morros sem forma estendendo-se até o horizonte, embaixo de um céu plúmbeo. A mesma estrada sem-fim, serpenteando através deles, seus pés marchando sobre elas, caminhando, mas não saindo do lugar. Formas indefinidas por todos os lados, coisas que um dia tinham sido humanas, ele sabia, todas indo na mesma direção. Alguém esperava por ele; ele sabia disso também. Alguém ou alguma coisa que lhe queria fazer mal esperava por ele, braços negros estendidos como asas de abutre e o fato de que ele nunca chegaria ao abraço daquele demônio, mas estaria eternamente chegando mais perto, não atenuava o terror do caminho. Neste momento, ele já estava acordado, mas, pelos sonhos anteriores, sabia que os morros virariam vales, os vales tundras, incrivelmente planas e infinitas. Então, ele passaria pelo morro escuro e pelas cruzes vazias à sua direita, passaria pelo arco de pedra que marcava o último esforço, passaria pelo túnel, sabendo que estava perto do final da estrada, sentindo isso em cada fibra do seu ser, mas sabendo, ao mesmo tempo, que não havia final, que andaria para sempre. Era este o seu destino.

Este era o purgatório onde ele, de boa vontade, estava afundando.

O medo perpassou por ele como um líquido gelado e ele abriu novamente os olhos. O teto parecia muito distante, sua visão periférica desaparecera. Tentou gritar, mas ouviu somente um leve balbucio.

Juntando todo seu fôlego e força, tentou novamente, conseguindo uma longa e fraca lamúria, como um homem gritando durante o sono, depois desfaleceu, silencioso, sem ar, sem luz, esperando a longa queda.

Subitamente, sentiu mãos fortes nos seus ombros, sentiu-se puxado

violentamente para cima, viu as paredes e as longas tiras de luz branca entre as cortinas abertas rodando em meio ao seu delírio. Seus pulmões convulsionaram. Ouviu um som ofegante, então a agonia do ar entrando no seu peito. Mais um instante e tossidas violentas sacudiram seu corpo e um gosto amargo, metálico, inundou-lhe a boca.

No final, acabou sendo jogado contra seja quem for que o segurava, cuspindo borbotões de catarro num lenço colocado no seu rosto. Desgostoso consigo mesmo, com a vida. Livrando-se, deslizou, cambaleante, para os travesseiros que estavam empilhados nas suas costas, depois deixou-se recostar, parte do corpo ereta. Exausto. Pronto para voltar a dormir, mas apavorado com a perspectiva. Ao menos, conseguia respirar.

"Posso te trazer alguma coisa?”

Fotis olhou para o homem. Não era Nicholas. Nicholas estava lutando pela vida num hospital em Nova York. Este homem era Taki, o sobrinho de Fotis, que faria qualquer coisa por ele. Fotis estava na Grécia, na enorme mansão que ele construíra perto de Salônica. Nova York estava há oito mil quilômetros dali, o roubo correra mal, e ele não tinha nenhuma fonte de informações. Um plano desesperado. Uma chance em mil que ele estava arriscando, mas todas as suas razões voltaram à sua memória naquele sonho.

Deus tinha um propósito para tudo.

"Um copo de água".

Ele bebeu devagar. A princípio, a água desceu como se fosse mercúrio, pesada e nada refrescante, mas, depois, sentiu sua garganta suavizar-se. Seu sobrinho estava ao seu lado, atento. Não havia amor na expressão do ex-soldado e ex-vendedor fracassado de alarmes residenciais, mas Taki era leal e estava ansioso por um emprego. E suas conexões com o mercado negro eram úteis.

"Quer o seu café da manhã?”

A idéia o deixava doente, mas era preciso tentar.

"Só café e um pouco de pão".

"Seu afilhado está lá embaixo".

"Matthew?" O velho ficou momentaneamente perdido. "O Matthew está aqui?" Mas, afinal de contas, qual era a surpresa? Era somente a sua noção de tempo que o desnorteara. Ele sabia que havia uma grande possibilidade de que o garoto aparecesse. "Há quanto tempo ele está aqui?”

"Faz uma hora. Eu tentei mandá-lo embora, mas ele nem conversou. Não quis jogá-lo na rua".

Claro que você quis, pensou Fotis. Taki era primo em primeiro grau da mãe

de Matthew, mas os dois mal se conheciam. Taki não tinha nada contra Matthew, mas não gostaria que o garoto exigisse tratamento especial. Tinha passado a semana toda pondo pessoas para fora - amigos, sócios, investigadores de companhias de seguro - e estava claramente curtindo seu papel de leão-de-chácara.

"Não, você fez bem. Eu vou recebê-lo".

"Depois que você comer".

"Não", disse Fotis, seus pensamentos se formando rapidamente. "Manda ele subir junto com a comida".

Taki pareceu chocado. Fotis nunca punha a cara no mundo sem antes se lavar, vestir e alimentar, mas Matthew era um caso especial. Teria de administrar sua raiva, apresentar-se apropriadamente. Esses pensamentos vieram espontaneamente à mente do velho, conseqüência de sessenta anos de manipulação. A rápida mudança do terror mortal que sentira minutos antes, para estes truques tão familiares, propiciou uma espécie de bálsamo superficial ao seu espírito; mas mesmo assim, bem no fundo, aquilo o oprimia. Ele não estava acostumado a não planejar uma reunião com antecedência. Não mantinha relacionamentos honestos com ninguém. Seus instintos se tinham tornado independentes dele, um animal treinado, às vezes letal, e sobre o qual tinha pouco controle. O fato de que as armações que engendrara desta vez eram para a sua paz de espírito, lhe trouxe uma certa paz. Se a Nossa Senhora pudesse curá-lo, tudo devia ser perdoado.

Até onde o garoto saberia? A polícia de Nova York estava concentrada em Anton e suas conexões russas, mas eles acabariam por expandir suas investigações. Fotis trabalhara muito na credibilidade do padre Tomas, fazendo com que ele assegurasse o endosso da Igreja da Grécia, pagando-lhe, em pequenas parcelas, por sua colaboração. E agora o idiota sumira com meio milhão de dólares dos fundos da Igreja, fazendo com que todos os seus últimos atos se tornassem suspeitos. Claro que Fotis sempre soubera que Tomas era um ladrão, mas não que estivesse sob investigação de seus superiores e que escolheria exatamente este momento para sumir do mapa. Talvez fosse melhor assim; talvez, se interrogado, ele desse com a língua nos dentes.

O ator desempregado, que estivera se registrando em diferentes hotéis de Manhattan como Peter Miller, não sabia de nada, nem mesmo o nome de quem o contratara. A pasta que Fotis tinha sobre Müller era pequena. O homem deixara de o interessar desde o momento em que ficara claro que vendera o ícone para Kessler. Mas quando Fotis descobrira que Andreas estava vindo para Nova York,

ele precisava armar alguma história para desviar a atenção sobre o jogo que fazia com Matthew e a Igreja. Alguma trama forte o suficiente para atrair os pensamentos sagazes do outro. Somente Müller serviria, mas as pistas tinham de ser sutis, difíceis de seguir, ou Andreas perceberia a tramóia. Neste momento, ele certamente já adivinhara a charada, mas teria contado tudo ao neto?

"Kalimera", cumprimentou Matthew, sem efusão, procurando algum lugar para colocar a bandeja de comida. Fotis indicou um grande descanso de pés, colocado na sua frente. Taki o ajudara a vestir seu velho roupão azul e levara-o até a poltrona ao lado da cama, antes de desaparecer escada abaixo.

"Bênção, meu garoto", respondeu Fotis, em inglês. "Não sei se posso comer, mas o Taki insiste que eu tente". Deu um gole no café amargo, antes de continuar. "Você fez uma longa viagem só para me ver.

Por acaso achou que eu ia morrer sem te pedir permissão?”

"Lamento saber que você está tão mal".

Surpreso era mais o termo. Ninguém ficara mais surpreso do que o próprio Fotis quando um pequeno mal-estar se tornara uma doença de verdade, mas era sempre a vontade de Deus, ainda lhe dando lições mesmo após oitenta e nove anos. A dor nos ossos era de se esperar, mas a fadiga e a congestão eram novas. Começara a senti-las logo depois que Matthew e Alex saíram da sua casa naquele dia - uma semana atrás, ou até menos? Ele não esperava que Alex conhecesse o ícone; aquele fora o primeiro choque. Talvez Andreas tivesse quebrado o juramento, e dera com a língua nos dentes, anos atrás. Quem poderia dizer o quanto Alex sabia e o que contara a Matthew? O medo daquilo e as notícias que este tal Del Karos estaria falando com os russos, foram suficientes para que Fotis antecipasse seus planos em alguns dias. E então, a figura. Mesmo agora não conseguia se lembrar daquilo sem sentir o terror, como alguma coisa saída do seu sonho, uma presença estranha, fantasmagórica, parada ali na porta, no exato momento em que a mão de Alekos tocara no ícone. Por um momento, ele pensara que fosse aquele menino, o Kosta. Depois, nada, ninguém. Somente os primeiros sinais, muito claros, de uma febre, e esta doença que o levaria embora se ele não fosse cuidadoso ou muito forte. Na idade dele, vida e morte poderiam ser uma simples questão de escolha. Entregar-se à escuridão, ou combatê-la.

"Não tão mal assim. Um pequeno resfriado, eu acho". O garoto deveria esperar encontrá-lo doente, mas não fora esta a sua expectativa, o que significava que descobrira algumas verdades. "Talvez uma gripezinha que peguei durante o vôo. Ou talvez conseqüência das emoções desta semana Santa".

"Você não está com cara boa; não devia se levantar".

"Me disseram que meu afilhado precisava me ver imediatamente". Ele sorriu um risinho sem graça.

"Eu podia ter sentado ao lado da cama".

"Não é minha maneira de receber convidados, muito menos a família. Seja como for, você está aqui e está preocupado".

"O ícone sumiu. O Nicholas está no hospital com uma bala nas costas. A polícia acha que eu estou omitindo informações. Ninguém conseguiu falar com você. É uma situação preocupante, você não acha?”

"Certamente. Como vai a tua garota?”

"Ela não é minha garota".

"É uma pena".

"Theio, eu quero saber o que está havendo".

"Todos nós gostaríamos de saber. Você acha que eu sei de coisas que os outros não sabem?”

"Você não parece muito chateado com tudo isso".

"É por causa da doença. Só tenho forças para cuidar de mim mesmo, usar minha sabedoria de velho. Lamento a perda do ícone e tenho rezado toda manhã e toda noite pela saúde do Nikos. Não posso fazer mais nada até que esteja bem o suficiente para poder voltar".

"O Anton desapareceu".

"A policia me disse".

"Você falou com eles?”

"Atendi um telefonema deles. Como você vê, estou tentando colaborar".

"Não cheira nada bem, ele desaparecer desse jeito".

"Concordo".

"Você acha que ele esteve envolvido no roubo?”

"Receio que temos de presumir que sim". Fotis suspirou, deixando claro o esforço que aquilo estava lhe custando. "Claro que ele pode ter tido outras razões. Alguns desses russos estão em situação irregular nos Estados Unidos".

"O Anton é um imigrante ilegal?”

"Não estou afirmando que sim, mas pode ser que seja. Mesmo assim, eu achava que, numa emergência, ele faria contato comigo, coisa que não fez".

"Ele sempre me pareceu muito leal", espicaçou Matthew, os olhos grudados no rosto do velho. "E não muito criativo".

"Ah, este cara vale mais do que parece, à primeira vista. É um espertalhão enrustido. Mas, se esteve envolvido, duvido que tenha sido idéia dele".

"Concordo. De quem, então?”

Fotis meneou os ombros e estendeu a mão para pegar uma côdea de pão.

"Só isso?", exclamou Matthew "Você só dá de ombros? Não tem sequer uma teoria?”

"O que você quer que eu diga?”

"Você quer que eu acredite que você não faz a menor idéia...".

"Cospe de uma vez, seu merdinha!" O velho largou o pão, conseguindo encenar um assomo de perfeita raiva. "Eu não vou deixar que me interroguem desse jeito na minha própria casa! Você pensa que eu não entendo de interrogatórios, é? Pois saiba que já participei de centenas deles! Você acha que eu estou por trás de tudo isso".

Houve um pequeno encolhimento, muito menor do que Fotis esperava.

"Não estou dizendo que você esteja", disse o garoto, imitando o velho. "Só que poderia estar".

Bravo. A coisa estava preta, mas Fotis não pôde deixar de admirar a frieza do jovem. Ele estava crescendo. No final das contas, poderia acabar se mostrando bom no que fazia. O velho mudou de tática, novamente.

"Andreas".

"Que é que tem ele?”

"Me desculpe, é que eu estou cansado. Não tinha percebido que era ele quem falava, através de você".

"Sabe de uma coisa? É engraçado". Matthew pegou o pedaço de pão do descanso de pés e recolocou na travessa. "Sempre que um de vocês dois se vê num beco sem saída, imediatamente lembra do outro. Como se fossem os irmãos malvados um do outro. Nunca é culpa sua, nunca é culpa dele. É sempre culpa do outro".

"Talvez tenhamos esquecido quem de nós é quem".

"Você certamente se esqueceu quem de vocês fez o quê. Coma este pão, eu não quero o Taki pegando no meu pé".

O velho obedeceu, feliz de ter uma razão para ficar calado.

"Eu estou falando por mim mesmo", continuou Matthew. "Meu avô me contou um monte de histórias, mas não mais do que você. Talvez cada um de vocês acredite na sua própria versão, eu não sei. No momento, eu não confio em nenhum dos dois".

Ótimo, pensou Fotis. A dúvida já era uma boa notícia, o pão estava macio e sabia bem na boca.

Ele mastigou devagar, engolindo cautelosamente.

"Eu não sei onde anda o Anton, nem o que ele está fazendo". Isso era mais ou menos verdadeiro.

"Com ele desaparecido e o Nicholas no hospital, eu não tenho recursos confiáveis, por este lado. Terei de cuidar disso pessoalmente, quando estiver mais recuperado".

"Pelo que eu vejo, você não pode confiar no seu próprio pessoal. Você, que é um cara tão cuidadoso, como pode ter contratado um capanga que te trai sem mais aquela?”

"Você pensa que é fácil assim? Homens sempre leais são homens que não têm capacidade de pensar por si mesmos. Só sentem até certo ponto". Tomou outro gole de café, já morno. "Mas, homens que se superam, que assumem riscos, que confiam nas próprias iniciativas, estes são os verdadeiramente úteis. E

são também sempre ambiciosos, um dia vão cuidar dos próprios interesses. É uma coisa natural".

"Então, como é que você pode controlá-los?”

"Limitando as oportunidades que eles têm de me enganar. Tendo outros homens, menos criativos, para vigiá-los. Depois de um certo tempo, mandando-os embora. Eu não tomei o devido cuidado com o Anton e deu no que deu. Bobeei".

"Você já esperava problemas".

"No devido tempo, meu garoto, eu espero problemas com todos os homens".

"Que tipo de homem é o meu Papou?”

"Andreas? O melhor. O melhor e o mais raro. Leal e cruel. Mais esperto que o diabo. Claro que, no fim, até ele se provou indigno de confiança".

"Por que você me disse que ele era chamado de Cobra?”

Fotis encostou os lábios na xícara de café, mas ela já estava vazia. Não fazia sentido negar, o garoto sabia muito. Restava saber quanto.

"Não foi muito educado da minha parte. Talvez eu estivesse tentando puni-lo por me dar esse apelido".

"Talvez você não quisesse confessar que tinha sido idéia tua negociar o ícone com os alemães".

"Minha idéia? Não, foi do Müller. Um oficial alemão. No final das contas eram todos uns ladrões, piores que os italianos. O Müller era obcecado por arte religiosa e, sei lá de que jeito, ficou sabendo do ícone.

Talvez já soubesse desde o início. Os nazistas eram fascinados com coisas místicas, como tenho certeza que você sabe".

"Continue", disse Matthew, impaciente.

"Confesso que a gente tinha um canal aberto de comunicação com os alemães, mesmo quando estávamos lutando contra eles, O Müller veio até mim, propondo uma troca. Eu fiquei escandalizado, mas nós precisávamos de armas, então eu discuti o assunto com o Andreas, meu homem de confiança. Ele me convenceu que nós devíamos aceitar. Foi ele quem bolou o plano. Você pode me imaginar pondo fogo numa igreja,paidemou?”

Matthew não disse nada, a incerteza estava expressa no seu rosto. Fotis pressionou.

"Não, seria preciso um ateu para fazer uma coisa dessas. O irmão dele morreu naquele incêndio".

"O que não quer dizer que ele o tenha matado".

"Ele deixou que o irmão corresse para dentro da igreja em chamas, talvez até o tenha incentivado.

Eles eram só meio-irmãos, você sabe. Nunca se gostaram muito".

"Ele sofre até hoje com o que aconteceu com o irmão".

"O padre poderia estar colaborando com os alemães e seu avô não é homem de perdoar. Nem homem de meias-medidas, também".

"Não cola, Fotis".

"Estou esgotado. Talvez a gente possa interromper o interrogatório por hoje e deixar o prisioneiro descansar".

"Toda esta tua conversa mole de agora não faz com que seja verdade o que você me contou em Nova York", insistiu o garoto, dessa vez num tom de raiva descontrolada. "Foi uma história feia e uma mentira ainda mais nojenta".

"Não foi uma mentira, foi só um exagero. Uma manipulação, eu confesso, mas baseada na verdade. Você tem de entender. Como é que eu ia planejar botar fogo numa igreja e vender para o inimigo uma obra de arte tão plena de beleza e amor espiritual? Eu nunca faria isso. Você sabe disso, eu sei que sabe.

O ícone pertencia e sempre pertencerá aos gregos. Você tinha capacidade para influenciar aquela decisão, mas precisava de um empurrão. Eu te dei este empurrão. No processo, eu posso ter super-simplificado as coisas. Foi um erro, mas não o tipo de erro do qual você está me acusando".

Fotis recostou-se, exausto com o fluxo de palavras. Podia ver que o garoto não estava convencido, mas talvez ele tivesse conseguido reacender algumas dúvidas.

"E eu suponho", disse Matthew, lentamente, "que o esquema com o padre Tomas também não tenha sido idéia sua".

"O Tomas é... um cara complicado. Mas ele realmente representou a Igreja grega em diversas ocasiões. Eu não tinha razões para duvidar dele".

"Os novecentos mil não caíram do céu. Era dinheiro seu?”

"A Igreja ia me devolver".

"E você entrou nessa?”

"É uma pratica comum. A burocracia deles se move devagar; requer almas comprometidas para desemperrar um assunto. O Tomas claramente abusou da autoridade que tinha, mas a Igreja cobriria boa parte do valor. O resto seria um presente meu para eles. Era arriscado, mas eu estava confiante".

As palavras saíam-lhe com facilidade, pedaços de verdade introduzidos para encobrir as mentiras.

Na verdade, o Cobra tinha em parte se convencido, antes que a casa caísse, que ele realmente pretendia dar o ícone para a Igreja. Claro que só depois de ter retirado dele todos os benefícios que podia. Desde muito tempo, ele tinha a idéia do falso roubo num escaninho de sua mente, mas foi só quando Nicholas - garoto leal! - lhe contara sobre esse tal Del Karos, o colecionador, que Fotis percebeu que tinha de se mexer. Del Karos estava planejando alguma coisa com o antigo patrão de Nicholas e Anton, um russo chamado Karov.

Anton, e talvez Nicholas também, ainda estavam no bolso do colete de Karov e, se Del Karos tivesse dinheiro suficiente, os russos o trairiam. Fotis usou contra eles a própria ambição. Pagou para que eles roubassem o ícone para ele, antes que eles o fizessem - como fariam de qualquer maneira - para o sul,americano, acrescentando, por conta própria, alguns truques escondidos. Perigoso, mas tinha funcionado.

Tudo menos o ferimento no coitado do Nicholas, em quem Fotis não confiara o suficiente para revelar os detalhes do plano. Anton e os outros homens de Karov deveriam estar fora da casa muito antes que Nicholas voltasse de levar Fotis para o aeroporto, mas eles devem ter sido retardados e o querido, o pobre idiota do Nicholas, tentou detê-los.

"Isso tudo parece coerente", respondeu, finalmente, Matthew, trazendo Fotis de volta ao presente, "até que o Tomas e o ícone desaparecessem".

"O Tomas estava roubando as provisões da Igreja. É um outro assunto". Estranho como a verdade parecia tão suspeita.

"Bem, então eu acho que só sobra você".

"Você está se esquecendo do Anton".

"Então você nega que faz sessenta anos que sonha em ter o ícone? Desde que o meu Papou mostrou-o para você durante a guerra, antes que o irmão dele o

escondesse? Uma hora, talvez só uns poucos minutos, não levou mais do que isso, não é verdade? E você estava fisgado pelo resto da vida. Você tinha de consegui-lo".

"Você está falando de quem?", perguntou Fotis, entendendo imediatamente. "De mim ou de você?”

"É verdade", confirmou Matthew, sem se abalar. "Eu também senti. É por isso que eu sei".

O que era aquilo? O garoto virara um rival? Será que o caso era mais sério do que ele pensara e ele poderia, de alguma maneira, se aproveitar do fato? Mas não, ele não podia nem pensar nisso; aquele era o Matthew, o seu afilhado.

"Eu já estou muito cansado. Nós nos falamos de novo, amanhã".

"O que houve naquela noite em que a igreja queimou? Onde é que você estava? Por que não estava com os homens que o Andreas mandou para recolher as armas?”

"Então, ele acabou falando do assunto".

"Você sabia que o Kosta ia dizer para o Stamatis onde estava o ícone e que ele tentaria pegá-lo?

Você estava esperando que ele saísse? Estou esquentando?". Estava fervendo. O garoto não dava folga, não desgrudava os olhos de Fotis. "Ou talvez você mesmo tenha mandado o Stamatis entrar e aí ele resolveu te trair. Foi assim?”

"Você está ficando louco, criança. Está inventando coisas. Este assunto ficou muito complicado para você. É melhor você esquecer a coisa toda".

"Esquecer?!" Subitamente, com uma energia furiosa, Matthew jogou a bandeja de comida no chão e se inclinou sobre o velho. "Esquecer? Como é que você acha que poderei fazer isso? Eu estou afundado até o pescoço nessa merda e foi você quem me colocou nessa posição. Você me deve estas respostas, seu velho miserável!".

Fotis assustou-se; não com o garoto, mas com alguma coisa, com os pedaços fragmentados de verdade que começavam a se juntar. Por um momento, pensou que era Andreas quem estava lá, de pé em cima dele.

"Vocês todos me traíram", murmurou ele. "Todos vocês".

"Quem te traiu? Como?”

"Um ia trocar o ícone, o outro ia vendê-lo. Armas, dinheiro. Só eu o amava pelo que ele era, só eu podia guardá-lo em segurança. Seu idiota, você não percebe?" Ele agarrou a camisa de Matthew e sua resistência quebrou; os olhos se encheram de lágrimas. "Você não vê,paidemou? Só eu posso guardá-lo em

segurança! Por que você não me ajuda?”

A enorme silhueta de Taki apareceu na porta fazendo com que ambos se voltassem, quebrando o encanto. Fotis, com suas poucas forças, empurrou Matthew para longe.

"Ouvi o barulho", disse Taki, ao mesmo tempo furioso e envergonhado, olhando para os pratos e xícaras esparramados no chão.

"Ele já estava indo embora", disse Fotis, roucamente. "Acompanhe-o".

Matthew mediu o homem mais forte por um momento, depois relaxou. Não haveria brigas. Deu uma longa olhada em Fotis - era perplexidade, compaixão, ou alguma coisa inteiramente diferente? - e então começou a ir em direção à porta.

"Meu garoto, espere", disse o Cobra. O rapaz parou, a mão de Taki no seu ombro, mas não se voltou para olhar. "Sábado à noite. A missa em São Demetrius. Você iria comigo? Por favor?”

Matthew lançou-lhe um rápido olhar. "Claro. Por que não?”

"Vamos voltar a falar sobre tudo isso".

Mas Matthew já estava descendo as escadas.

15

Os bosques umedecidos pela chuva, que circulavam a casa, produziram uma agradável névoa quando o dia esquentou. O efeito provocou uma memória sensorial em Andreas que ele não conseguia precisar exatamente: uma enseada à beira-mar, uma pálida bruma matinal, e o desejo de ficar lá, sentindo o chão quente e molhado onde dormira - não pegar o rifle que estava ao seu lado, não se juntar aos companheiros soldados, mas simplesmente se deixar ficar ali, até desaparecer no meio do nevoeiro. Quando fora aquilo? O que acontecera em seguida? Ele não sabia. Há quarenta anos, ou mais, antes que seu irmão morresse, antes que ele tivesse conhecido Maria, anos antes que o filho e o neto, que tanto o preocupavam agora, tivessem exalado suas primeiras golfadas de ar.

Ele tinha tirado o pesado casaco e o chapéu e se sentia de alguma forma exposto, mesmo no pátio da casa de seu filho. Alex estava apoiado na cerca ao lado dele, tremendo, mas de pé por suas próprias forças, e olhava para os troncos ensombrecidos das árvores.

"Você não podia ter impedido que ele fosse?”

"Eu não sabia", respondeu Andreas. "Ele não me contou".

"Agora, a polícia vai achar que ele está envolvido".

"Ele está envolvido".

"Você sabe o que eu estou querendo dizer. Que ele e o Fotis planejaram tudo juntos. Tudo, até o roubo".

"Vamos esperar que eles sejam mais inteligentes que isso. As coisas que ele fez naquele dia não fariam sentido se ele fosse cúmplice".

"Por que você não foi atrás dele?”

"Ele não queria minha ajuda".

"Você vai deixar ele enfrentar aquele manipulador sozinho?”

"Ele não confia em mim, Alekos. Você e o Fotis me fizeram esse favor".

O filho pareceu querer protestar, mas acabou desistindo. "Claro que eu também tenho culpa", completou Andreas.

"Você falou com ele?”

"Você quer dizer, sobre o ícone? Sim, Tarde demais, mas nós conversamos".

"Ele deveria ter sido destruído naquela igreja. Teria evitado o sofrimento de muita gente".

“eu já tinha pensado nisso".

Alex virou-se para encarar o pai.

"Te incomoda o fato de que foi você quem o deu para os alemães? Isso não te tira o sono, às vezes?”

Andreas balançou a cabeça. Esta era uma pergunta que ele teria de ficar respondendo pelo resto da vida.

"Uma vez, eu vi o Fotis cortando os dedos de um prisioneiro alemão. Um jovem. Ele não sabia as respostas que Fotis queria, mas isso não importava. Depois, ele cortou a garganta do garoto". Andreas removeu um pouco de terra molhada que grudara no seu sapato. "Uma outra vez, eu dei um tiro num guerrilheiro comunista nos morros acima de Tsotili. Eu o executei. Por espalhar mentiras e por ser comunista. Uma boa razão para matar um homem, você não acha? Você já tinha ouvido essas histórias?”

"Não de você".

"Eu vi um repórter americano ser pescado no porto de Tessalônica, as mãos amarradas, um buraco de bala na testa, tudo porque ele falara com as pessoas erradas. Vi dezenas de homens, jovens e velhos, serem espancados até confessar coisas que não tinham feito. Uma vez eu cheguei a vê-los levando uma mulher...".

"Por que você está me contando essas coisas, agora? Há anos eu te faço perguntas e você nunca me disse nada, nem uma só palavra".

"Por que você acha que eu estou te contando?”

"Eu não sei. Para que eu diga que tudo bem, que eu entendo?”

"O seu perdão!", exclamou o velho, amargo, e Alex desviou o olhar. "Você imagina que o seu perdão me importa? Você, que passou toda sua vida neste país calmo e rico? Existem coisas para as quais eu gostaria do seu perdão, Alekos, muitas coisas, mas não estas. Ninguém pode me perdoar e eu não estou pedindo o perdão de ninguém. Mas como você pode pensar, em função do que eu vi, que uma maldita pintura possa significar alguma coisa para mim? Você acha realmente que é isso que me tira o sono?”

"Muito bem, está certo. Mas ela está na nossa vida de novo. E agora está comprometendo a vida do meu filho".

"Não por culpa minha".

"Mas você não fez nada para impedir".

"O que você acha que eu devo fazer?”

"Encontre o ícone".

"Encontrar? E depois?”

"Queime-o, enterre-o, devolva-o para a Igreja, para mim não faz a menor

diferença. Tire-o da vida do meu filho. O ícone é um perigo para ele, desaparecido ou não".

"Encontrá-lo não vai ser nada fácil".

"Claro que não. Se fosse fácil, eu mesmo faria. Mas é preciso alguém com as suas habilidades".

"Que habilidades? De matar, de mentir, de plantar batatas?”

"De caçar".

"Eu caço homens, não pinturas".

"Cace os homens que estão com ela".

"Isso está além das minhas capacidades. Existem muitas possibilidades. Demais".

"Use os seus amigos".

"Você parece o Fotis, que pensa que eu ainda tenho conexões úteis. Tenho poucos amigos, e nenhum deles obedece ordens de um velho como eu. A investigação da polícia seria sempre mais eficaz do que a nossa e eu não tenho amigos lá".

"Então, você não vai fazer nada?”

"Eu não disse isso".

Alex girou nos próprios calcanhares, impaciente, e olhou para a casa.

"O que, então?”

"O Matthew tem de ficar o mais longe possível de qualquer pessoa que acredite que ele saiba onde está o ícone. É bem provável que esteja mais seguro na Grécia do que aqui. De qualquer forma, eu pedi para uma pessoa ficar de olho nele, lá".

"Um daqueles amigos que você não tem?”

"É um sujeito aposentado, como eu, e o Matthew pode dificultar as coisas para ele. Mas já é alguma coisa".

Alex voltou a olhar para os bosques, esfregando o poste desgastado da cerca com uma das mãos, enquanto abria e fechava a outra. "Obrigado. Obrigado pelo que você fez".

"Ele é meu neto. Quando voltar para cá, tentarei orientá-lo, mas não será fácil. Ele é teimoso e não confia em ninguém".

"Como a mãe", confirmou Alex.

"E anda de cabeça quente. Vamos esperar que esse assunto se resolva rapidamente".

"Você não se importa como isso vai acabar? Se o Fotis está metido na história? Se o ícone pode ter desaparecido para sempre?”

"Raramente se recupera arte roubada. Eu só quero que o Matthew esteja a salvo e que não paire dúvidas sobre a inocência dele. Tenho contas a acertar com o Fotis, mas não sei se isso vai acontecer um dia".

"Se eu encontro aquele miserável de novo, eu mato o filho da mãe".

"Sei. Bem, muitos tentaram".

"Ele é como uma doença. Eu me espanto que você não tenha acabado com ele, há muito tempo".

Andreas olhou para o filho com certa consternação, depois anuiu devagar.

"Eu era cria dele. Ele cuidou de mim muito mais tempo do que precisava. Ele deveria me prender, você sabe, quando os coronéis assumiram o poder. O próprio Papadopoulis emitiu a ordem. Mas ele conseguiu me tirar do país".

"Grande lealdade a dele!”

"Foi mesmo. E foi um ato de coragem, porque era muito perigoso. E ele não ganhou nada com isso".

"Estava investindo na sua boa vontade, para o dia em que ele estivesse por baixo e você por cima".

"Talvez. Talvez tenha sido isso que ele disse para si mesmo".

"Você acha que ele se importa com o que possa acontecer com você?”

"Pode ser. Mesmo contra sua própria vontade e opinião. Seja como for, ele é um homem complexo, estamos sempre tentando adivinhar o que passa pela cabeça dele".

"É assim que ele mantém o controle". Alex limpou a garganta, Andreas podia ver que estava criando coragem. "Por que você me contou essas coisas, agora? Todas essas coisas terríveis. Elas não têm nada a ver com o ícone".

"Não sei. Talvez só para contá-las para alguém".

"Você nunca tinha falado nelas?”

"Um pouco, com sua mãe. Mas, só um pouquinho. Por que eu deveria jogar esse peso nos ombros de outra pessoa?”

"Para aliviar seus próprios ombros".

"Contar não adiantaria nada".

"Como você pode saber?”

"Essas coisas não significam nada fora do contexto, do local e do momento em que ocorreram, não importa o que juízes e moralistas possam dizer. Grande parte do que foi feito, mesmo as coisas mais terríveis, era necessário fazer. Ninguém consegue entender a não ser os que estiveram lá e nós estávamos muito ocupados para nos ajudar uns aos outros. E agora, somos muito poucos".

"Não é culpa minha se eu não entendo. Foi você quem me mandou para cá".

"Eu não esperava que você ficasse, que se casasse com a Irini. Achei que você voltaria para a Grécia. Mas foi muito melhor você ter ficado. Muito melhor".

"Provavelmente, eu teria virado comunista só para te irritar. Do que você está rindo, velho?”

"Da idéia de você se meter em política, seja de que lado for".

"Pelo que você fala, eu não perdi grande coisa".

"Não, você foi esperto. Política é um jogo para os tolos".

"Foi bom que você tivesse vindo para cá", disse o filho, baixinho. "Foi muito bom que a gente tivesse conversado".

Andreas inalou o ar úmido e exalou lentamente. Esta declaração do filho era o melhor que ele poderia desejar, e ele tentou sentir-se grato por ela, grato por aquele momento. Erguendo os olhos, notou que Alex não estava mais apoiado na cerca, mas tinha apenas uma das mãos sobre ela, balançando levemente, mas suportando o peso do corpo com os próprios pés.

"Você parece bem, Alekos", disse ele, contrariando os preceitos de antigas superstições. "Parece mais forte".

Alex olhava fixamente para o bosque, procurando, perplexo.

"É verdade. Eu me sinto forte".

Sotir Plastiris morava num dos inúmeros prédios de apartamento feitos de concreto, que foram criados para descaracterizar a cidade de Salônica. Como a maioria dos habitantes, ele enchera sua sacada de plantas e flores coloridas e o efeito coletivo daquela coloração viva amenizava, em parte, a aparência cinzenta e desleixada dos próprios edifícios. O interior era decorado com o tradicional gosto burguês: paredes brancas, móveis de madeira escura, um prato de cobre com o perfil de Alexandre entalhado, pendurado na sala de visitas, uma estatueta de extremo mau gosto de alguém numa roupa camponesa numa das prateleiras da cristaleira. Diga-se, para crédito do proprietário, que não havia nenhum ícone barato num dos cantos, com uma vela votiva na frente; mas aquilo só indicava que Sotis não tinha esposa para cuidar de tais coisas.

Matthew poderia ter visitado todo o apartamento, mas na verdade ele não era muito diferente do que aquele que seu avô tinha em Atenas, e ele se sentia confortável ali.

"Yiasou"18, disse Sotis, dando a Matthew um pequeno cálice de conhaque e levantando o seu, enquanto se sentava na poltrona em frente. Virou seu rosto redondo para a janela, a expressão branda, a mente aparentemente repousada, mas seu companheiro suspeitava o contrário.

"De avião, é mais difícil", disse Fotis, depois de um minuto, num inglês preciso, mas com forte sotaque. Todos os velhos camaradas de seu avô insistiam em falar inglês com ele, pensou Matthew. Uma questão de orgulho profissional, não restava dúvida. "Eles são muito cuidadosos nos aeroportos, agora. Por barco seria mais fácil. Muitos são de particulares e há mais espaço. Dá para esconder um pacote pequeno num container grande. E a alfândega, nos portos, está sempre sobrecarregada de trabalho além de, claro, ser corrupta. Eles estão mais preocupados com o que sai do que com o que entra".

"O Pireus ou aqui?”

"O Pireus é melhor. Mais movimentado".

"Ainda não teria chegado".

"Em poucos dias. Leva mais de uma semana para chegar de Nova York até aqui, dependendo das escalas".

Matthew assentiu e deu um gole no seu conhaque.

"Claro que podia ser um avião. Uma pista de pouso isolada".

"Certo, e também pode estar vindo de trem, de Paris". Plastiris sorriu com seus dentes cinzentos.

"E pode nem estar vindo. Estamos falando somente de probabilidades. Seria besteira você se esgotar analisando todas as possibilidades".

Em vez de tentar se livrar do cão-de-guarda do avô, o que seria provavelmente impossível de uma maneira ou de outra, Matthew resolvera utilizar-se dele e era obrigado a confessar que gostara do estilo fácil, bem típico do velho mundo, de Plastiris. Mas tinha de ficar o tempo todo se lembrando que o homem fizera parte do bando, um antigo lutador pela liberdade, espião, assassino, e Deus sabe o que mais.

"A coisa mais importante", continuou Sotir, "é ficar de olho no Dragoumis, ver o que ele faz, quem entra e quem sai. O que não é fácil porque a casa fica num morro e é cercada de árvores".

"Como ele conseguiu comprar aquela casa? Ele não estava no exílio?”

"O seu avô mexeu os pauzinhos. Era para ser um pequeno favor. Para poder visitar a Grécia todos os anos, na Semana Santa. Ele certamente não esperava que permitissem que Fotis construísse uma fortaleza e que se metesse novamente nos seus velhos negócios".

"Por que permitiram?”

"É como as coisas são feitas. Ele não era confiável, até o momento em que Andreas os convenceu a fazer uma concessão. Uma vez que abriram as pernas, o arquivo foi considerado morto e eles esqueceram tudo sobre ele. Para os

burocratas, as coisas devem ser brancas ou pretas. Se deixaram que ele voltasse, bem, então ele não pode constituir nenhuma ameaça. Além do mais, ele é velho. Todos os que estão lá dentro agora são jovens. Eles não se lembram dos coronéis. Eles não se lembram de nada".

"Você tem como vigiar a casa? Porque eu, com certeza, não tenho".

"O Dragoumis não é problema meu".

"Não, aparentemente, eu é que sou o seu problema". Matthew esperou, mas Plastiris não abriu o jogo. "E o Fotis é o meu problema, então tudo acaba dando na mesma".

"Me desculpe, Matthew, mas eu estou aposentado. Meus sobrinhos me fazem alguns favores, de vez em quando, mas eu não quero que eles cheguem nem perto do seu padrinho. Ele é completamente imprevisível".

"Então, eu acho que estou por minha própria conta".

"Você vai tentar vê-lo de novo?”

"Devemos nos encontrar amanhã à noite. A missa da Páscoa em São Demetrius".

"Ele está bem o suficiente para ir?”

"Se decidir ir, não será fácil segurá-lo".

"Claro. E você vai aproveitar para tentar saber mais sobre os planos dele".

Matthew massageou as têmporas com ambas as mãos.

"Tentar é bem a palavra. Ontem eu o botei contra a parede. Consegui arrancar algumas coisas sobre a guerra, mas nada sobre o que ele está pretendendo agora".

"Eu acho bem pouco provável que ele vá te contar alguma coisa útil".

"Eu só posso tentar ficar por perto, esperar que ele cometa algum erro".

"Você espera surpreendê-lo recebendo o ícone?”

"Isso seria o máximo".

"Por que você acredita que o ícone virá para cá? O Fotis não mora aqui. A chance de descobrirem e confiscarem é muito grande. Não tem lógica trazê-lo para cá".

"É muito provável que você tenha razão. Eu não sei se vão trazê-lo para cá. Mas, quanto mais tempo ele ficar aqui, mais eu vou achar que deve ter alguma razão".

"Ele está doente".

"Eu sei, mas me pergunto se, só por causa de uma doença, ele ficaria aqui, caso tivesse de estar em outro lugar. Se o ícone está com outras pessoas em Nova York, mesmo que sejam pessoas envolvidas no esquema dele, ele está correndo

um grande risco em se afastar por uma semana. Os sujeitos podem começar a ter idéias. Ele não confia tanto nas pessoas".

"O que você acha que ele pretende fazer com o ícone?”

"Fazer com ele?" Matthew percebeu que Plastiris era mais jovem do que Andreas e muito mais jovem do que Fotis. A história da Nossa Senhora e do que ocorrera durante a guerra - até onde alguém realmente poderia saber a verdadeira história - era como que um segredo aberto para a comunidade do serviço secreto grego, ao menos de acordo com seu avô. Mas era uma história muito velha. Seria possível que Sotir não soubesse dos poderes do ícone? "Eu acho que ele pretende ficar com ele".

"Mas ele teve toda essa enorme dor de cabeça e gastou uma montanha de dinheiro, só para ficar com o ícone? Você tem certeza que ele não pretende vendê-lo?”

"Ele não o venderia nunca".

"Olha, eu lamento muito, eu sei que ele é o seu padrinho, mas eu sempre soube que o Dragoumis venderia a própria mãe se visse a possibilidade de ganhar alguma coisa com o negócio".

"Não neste caso. Não há dinheiro que pague. Ele acredita no poder do ícone".

"Mas ele já esteve a fim de trocá-lo".

"Eu acho", disse Matthew devagar, recordando-se da vergonha que ainda sentia pela participação do seu avô no incidente, "que se dependesse só do Fotis, ele não teria feito o negócio. Eu acredito que ele sempre pretendeu ficar com o ícone".

"Sei", disse Plastiris, pensativo, e então novamente com súbita raiva, "sei. Caberia ao seu avô fazer o trabalho sujo e assumir toda a culpa. Você acharia, com todas as coisas que aconteceram depois, a guerra civil e os comunistas, você conhece a história?" Matthew anuiu e Plasiris continuou. "Você acharia que todo mundo já teria esquecido, mas não é bem assim. Amigos, eu os chamo de amigos, mas os homens que conheceram o seu Papou até o ponto em que se pode conhecê-lo, que sabem da sua coragem e inteligência, eles ainda cospem, você sabe, fazem o sinal da cruz, quando se toca nesse assunto. Muitos trabalharam para os alemães. Para ganhar dinheiro, para ter segurança, para sabotar os comunistas, tudo isso era permitido.

Mas trocar um tesouro religioso por armas era veveelos, sacrilégio, como vocês dizem. E o Dragoumis, com todas as suas mentiras e seus interrogatórios infames, sua amizade com os coronéis, ele nunca é citado. Foi idéia dele, sim,

mas foi o capitão Elias, e só o capitão Elias quem entregou o ícone. Então é assim que é, seu Papou nunca vai superar o fato".

Antes um ladrão que um herege, pensou Matthew. Estranhamente, e apesar de sua própria desconfiança, era-lhe agradável ouvir alguém defendendo o avô. O estoicismo de Andreas, sua recusa em se explicar, em se defender, eram um convite ao ataque, mas isso não era justo. Os dois homens ficaram calados por alguns momentos.

"Como é que o alemão entra nessa história?", perguntou Sotir.

"O alemão?”

"O alemão do seu Papou, o oficial da SS, no tempo da guerra".

"Ah, ele! Sei. Acho que não entra. O Fotis apenas usou o fantasma dele para distrair o Andreas, para que não percebesse o que ele estava armando. Acho que chegou até a contratar um ator para desempenhar o papel".

Plastiris balançou a cabeça e deu uma risadinha.

"Ele é um demônio. Então, finalmente, o Andreas desistiu dessa história?”

"Eu não sei. Só recentemente eu soube que isso era uma obsessão para ele. Ninguém nunca falou do assunto".

"As pistas foram apagadas antes mesmo de você ter nascido. Ele tinha de esquecer esse negócio".

"Eu ainda não sei de toda a história, mas meu avô diz que existem sinais de que o Müller continua vivo".

"Que sinais?”

"Algumas pessoas usando passaportes com as mesmas alcunhas que ele usava andaram entrando e saindo da Bulgária, da Turquia e de outros lugares. Algumas apareceram como compradoras de obras de arte em negócios duvidosos".

"Ele teria quase noventa anos".

"Bem, o Fotis, também".

"Ah", sorriu Plastiris, "mas o Fotis é grego. Alemães não vivem tanto".

"Alguns dos nazistas viveram".

"Certo. Pelo jeito, os pecados ajudam a preservar a vida. Se for verdade, eu espero viver para sempre". Eles ergueram seus cálices num brinde e terminaram seus conhaques. "Durma bem esta noite, Matthew. A missa da Ressurreição não termina antes da meia-noite e você deverá estar com todos os seus sentidos bem alertas para lidar com o Dragoumis".

"Obrigado pela ajuda".

"Eu não fiz nada. Mas espero que você me chame, se precisar de ajuda".

"Pode deixar".

"Você tem velas? Para a missa?”

"Tenho certeza que deve haver dúzias de lugares perto do meu hotel, onde eu poderia comprá-las".

"Não, não. Eu tenho uma caixa aqui. Venha. Pelo menos isso, eu posso fazer por você".

---

18 Em grego no original. Em português, "À sua saúde"(N.T.).

16

Olhos e cabelos escuros, pele azeitonada, imaculadamente penteado e trajando um terno preto italiano. Seria um gato, pensou Ana, se não tivesse maneiras tão falsas e bajuladoras. Do outro lado da galeria, ele parecia um ator do cinema europeu, mas, de perto, havia alguma coisa em Emil Rosenthal que só poderia ser descrita como não confiável.

"Senhorita Kessler, não tenho palavras para expressar a satisfação que sinto em conhecê-la. Temos diversos amigos em comum e há séculos eu esperava por esta oportunidade. Foi uma surpresa deliciosa receber o seu telefonema".

Na verdade, ele tinha mesmo tentado estabelecer contato com ela inúmeras vezes, com convites para inaugurações, mensagens passadas através dos supostos amigos comuns. Ana adquirira uma reputação -

injusta, na opinião dela - de ser uma perdulária. No entanto, comprara arte contemporânea em diversos lugares e, embora Rosenthal tivesse trabalhado com artistas modernos, desde que herdara a galeria do pai, especializara-se em antigüidades européias: obras medievais e renascentistas. Era da coleção do avô dela que ele estivera atrás, ela não tinha dúvida.

"Permita que lhe mostre nosso acervo. Estou perfeitamente consciente que este tipo de arte não é sua paixão, mas pode vir a intrigá-la".

As paredes escuras e as luzes suaves eram, de alguma maneira, aconchegantes, um clima mais de museu do que de galeria. Havia pouca coisa exposta, então a visita foi curta. Viram um breviário espanhol do século XIV ricamente coberto de iluminuras, um retrato holandês do século XVI mostrando um rubicundo mercador e, finalmente, uma antiqüíssima escultura em madeira de São Jorge à cavalo, danificada, com cores desbotadas, mas ainda magnífica, com sua armadura dourada e a espada erguida para os céus.

"Da Síria", disse Rosenthal. "Já tenho dois compradores "Dois? E como é que eles vão dividi-la? Um fica com o santo e o outro com o cavalo?”

Rosenthal riu alto demais.

"Não, não. Acho que certamente um deles ficará com os dois. Apenas uma saudável concorrência.

A arte medieval continua sendo terrivelmente desvalorizada, então, algumas vezes, nós temos de fazer uns pequenos joguinhos. Eu tenho o péssimo habito de pagar bem, então depois tenho de cobrir os prejuízos.

Mas sempre que vendo com comissão, eu devo ao cliente conseguir o melhor preço. Sempre favorecemos nossos clientes".

"Não duvido".

"Certamente, a senhorita pode ter sim, suas dúvidas. Nosso sucesso nos últimos anos nos acarretou certos comentários infelizes, que acabaram nos levando a esses absurdos processos judiciais".

"Realmente, eu soube de certas investigações".

"Como poderia não saber, se foi tão amplamente divulgado? Nada mais que uma chateação, eu lhe asseguro. Eles não descobriram nada de impróprio até agora e não vão descobrir nada de impróprio".

O que era a mesma coisa que dizer que não havia nada a descobrir.

"Seja como for", disse ela, "o senhor está em boa companhia".

Surgiu um risinho nervoso. "Desculpe-me?”

"A Christie's, a Sotheby's".

"Ah, bem", murmurou ele, "ao contrário da maioria, nós não temos desavenças com as casas de leilão, mas não creio que possa considerá-los meus amigos".

"E essas investigações também são uma tolice, o senhor não acha? Quero dizer, acordo de preços é do tempo de Dom João Charuto. O que eles deveriam estar investigando é a venda de arte pilhada".

Ele ficou anuindo furiosamente de cabeça durante a longa pausa que se seguiu, evidentemente sem palavras para expressar sua estupefação diante do fato de que justamente ela levantasse o assunto de obras roubadas. Mas acabou se recompondo.

"Isso também é do tempo de Dom João Charuto, temo dizer. E, se a senhorita se aprofundar nesse caminho, vai acabar chegando aos nossos amigos dos museus, e isso seria extremamente embaraçoso para todos.

"Meu Deus, o MOMA teria de alugar suas paredes por quilômetro quadrado se tivesse de se desfazer de todas as obras de procedência duvidosa. Keith Haring ficaria com uma ala inteira só para ele".

Ambos riram perversamente diante daquela idéia. Então, Rosenthal lançou sobre Ana seu olhar líquido, um olhar de amante.

"Eu teria verdadeiramente o maior prazer em eliminar qualquer dúvida que a senhorita possa ter sobre o que podemos fazer pela senhorita".

Ela manteve o olhar firme.

"Sua oferta pelo ícone do meu avô foi extremamente generosa".

"Ai de mim, não generosa o suficiente, a julgar pelo resultado".

"Não, não foi isso. Eu estava tentando fazer a coisa certa. O que, como a maioria destas tentativas, acabou dando errado".

Ele balançou a cabeça, num sinal de compreensão e simpatia. Dois veteranos das guerras do mundo das artes prontos para se tornarem parceiros de alma. Ela podia sentir que ele se preparava para atacar.

"Talvez pudéssemos conversar no meu escritório".

Ana olhou em volta. Havia apenas uma jovem funcionária, bem bonita, etiquetando caixas e atendendo o telefone.

"Se o senhor se sentir mais confortável".

"Acho que nós dois nos sentiremos".

O escritório era mais claro que as outras salas e decorado com luxuosas poltronas bege. Rosenthal fechou a porta e sentou-se ao lado de Ana, em vez de ocupar a poltrona atrás da sua enorme e vazia escrivaninha.

"Fiquei muito aborrecido quando soube do roubo", disse ele, imediatamente. "Espero que a senhorita tenha recebido o seu dinheiro".

"Recebi. Mas o que eu queria era restituir a obra para a Igreja da Grécia, então fiquei bastante contrariada".

"Claro, mas evidente! E eu entendo que agora existe alguma dúvida sobre se aquele indivíduo, o filantropo grego, estava mesmo trabalhando para a igreja".

Quanto ele sabia? Sabia sobre Matthew, também? Ela fora lá não para responder as perguntas dele, mas para arrancar respostas.

"Um representante da Igreja esteve envolvido. Eu o conheci. Infelizmente, desapareceu logo após o roubo".

"E o homem de negócios, Dragoumis, também está desaparecido, não?”

"Não, desaparecido, não. Doente, eu creio. Seja como for, vou deixar a policia tomar conta do caso".

Ele se reclinou na poltrona, cruzando as pernas.

"É a melhor atitude a tomar. Como disse, a senhorita já recebeu seu dinheiro, então não deve mais se envolver".

"Na verdade, não é tão simples assim. Eu imagino que possamos conversar, confiando plenamente um no outro".

A imediata expressão de sinceridade que ele colocou no rosto quase a fez rir, ou aplaudir, mas ela se conteve. Pensou, por um momento, que ele pegaria a sua mão, mas ele se limitou a encostar um dedo no seu joelho.

"Certamente não decepcionarei a confiança da senhorita. Se não fosse extremamente discreto, estaria fora deste ramo em menos de uma semana".

"Eu aceitei muito menos pelo Ícone do que me foi oferecido pelo senhor.

Tomei esta decisão porque me pareceu a coisa certa a fazer, uma boa ação, e eu não quis pressionar a Igreja. Agora...".

"A senhorita se sente ludibriada".

"Precisamente".

O mesmo compreensivo anuir de cabeça.

"Posso dizer uma coisa? Na verdade, insisto em dizer, O assunto foi terrivelmente mal conduzido.

Eu não culpo a senhorita. Por que não deveria seguir os conselhos que seu advogado lhe deu? E eu tenho certeza de que ele agiu tendo em mente seus melhores interesses, mas o Sr. Wallace já não é jovem e o mundo da arte trabalha agora sob novos princípios. É um novo jogo, e não é um jogo para cavalheiros, lamento dizer. Requer contatos, impetuosidade e, com o perdão da palavra, conhecimento das manhas. A senhorita precisaria ter tido um marchand experiente ao seu lado no fechamento daquela venda".

"Isso me parece evidente, agora".

"Entenda, longe de mim vituperar. Eu teria oferecido meus próprios préstimos, mas fui procurado por um colecionador de arte interessado na obra, mesmo antes que eu soubesse que ela estava disponível no mercado".

"Sim, eu sei, e por falar nisso" - as coisas estavam indo tão bem, que ela resolveu abusar da sorte -, "eu gostaria muito de saber quem é esse colecionador. Entendo que talvez o senhor não possa me dizer. Mas eu apreciaria bastante, ficaria sua devedora".

A expressão de Rosenthal tornou-se ilegível, mas Ana percebia a tentação de ser agradável, de conquistar a confiança dela, lutando contra sua tendência natural de suspeitar de tudo. Um momento depois, ele deu uma risadinha nervosa.

"Senhorita Kessler, isso faria com que eu tornasse mentirosa minha promessa de discrição. E não consigo entender em que isso lhe poderia ser útil, agora que a venda já se concretizou".

"Por favor, me chame de Ana".

"Com prazer. E você deve me chamar de Emil".

"Emil. Temos diversos aspectos da questão. A venda do ícone foi feita diante de certas condições que, aparentemente, foram violadas. Se fosse recuperado, eu teria boas chances de reclamá-lo de volta".

"Entendo".

"E, nesse caso, eu precisaria de um novo comprador. Tenho também algumas outras peças medievais que poderiam ser do interesse do seu colecionador".

"Ah, mas estas não são razões para contatar a pessoa diretamente. Na verdade, para seu próprio beneficio, eu desaconselharia esse passo. Esse tipo de transação requer definitivamente um intermediário experimentado. E, de minha parte, tenho certeza que entende, eu seria tolo em fornecer informações que poderiam me tirar do negócio".

"Isso seria facilmente resolvido. Podemos condicionar a sua apresentação ao colecionador à obrigação de que você seja o intermediário de qualquer negócio que possa surgir entre nós dois".

"Ai de mim, mas minha primeira obrigação é com o comprador. Ele poderia sentir que eu me comprometi demasiado em me associar muito proximamente com você".

"Então, você pode representar a minha parte. Mas teria de trabalhar com o Wallace".

"Eu não creio que o Sr. Wallace concorde com tal acordo".

"Ele fará o que eu lhe disser para fazer", disse Ana. "Meus advogados me servem, Emil, não sou eu quem os serve".

Rosenthal sorriu e juntou as mãos.

"Muito bem dito. Confesso que você me intriga. Mas veja, eu tenho de ser honesto, eu não acho que o homem esteja interessado em nada que não seja o ícone. E você, como eu, sabe quais as chances de que ele seja recuperado".

Ele estava sendo muito mais cauteloso do que ela esperava. Era preciso algo mais.

"Muito bem,a razão pela qual eu preciso ter acesso direto é de ordem pessoal. Eu tenho de fazer certas perguntas a esse homem. Tenho razões para crer que ele possa saber certas coisas sobre o meu avô.

Não posso dizer mais que isso". Pronto, ela tinha, finalmente,jogado seu pequeno segredo na mesa.

"Agora entendo", disse Rosenthal, gentilmente. "Parece que a melhor coisa a fazer seria eu o contatar para ver se ele está disposto a falar com você. O que você acha?”

"Seria o lógico. Mas, se ele se recusar, eu fico, como dizem, num mato sem cachorro. No entanto, se pudesse falar diretamente com ele, creio que poderia convencê-lo a abrir o jogo".

"Se existe alguém que pode convencer um homem a fazer mais do que pretende, tenho certeza que esta pessoa é você, Ana".

Ela ia precisar de um banho quando chegasse em casa. Mas, como já tinha ido tão longe...

"Você não sabe o que isso significa para mim, Emil, e eu nem vou tentar explicar. Então, deixe-me ser mais direta. Em algum momento, eu terei mais obras para vender. Talvez muita coisa. Você me convenceu plenamente da necessidade de ter um intermediário e antigüidades européias são a sua especialidade. Não vou fazer nenhuma promessa..."

"Por favor, não faça. Antes que você desfile tais preciosidades na frente dos meus olhos gananciosos, deixe-me confessar uma coisa. A informação que eu tenho sobre esse homem é bem vaga. Só um nome e o número de uma secretária eletrônica. Quase sempre, é ele quem entra em contato comigo. Eu nem tenho certeza se o nome é verdadeiro".

Ana tentou esconder sua decepção.

"Bem, nesse caso, não pode haver nenhuma quebra de confiança se você me der a informação. Se ele não quiser falar comigo, basta não me ligar de volta. De qualquer maneira, eu ficaria muito grata a você".

Rosenthal relaxou. Foi até a escrivaninha e pegou um cartão da gaveta do meio.

"Fico feliz que você veja as coisas dessa maneira. E eu concordo. O Sr. Del Karos tomou suas próprias precauções, então eu não preciso me preocupar em protegê-lo. E talvez ele fique contente em falar com você. Você tem uma caneta?”

Ela anotou a informação num pequeno bloquinho que carregava na bolsa, mas subitamente sua mente começou a se inquietar. Del Karos. De onde ela conhecia este nome? O seu avô o teria mencionado?

"Obrigada pelo favor. Mas, correndo o risco de ser mal-agradecida, tenho de perguntar mais uma coisa".

"Entre nós não há razão para cerimônia, Ana. Somos amigos, agora".

"O seu Sr. Del Karos estava disposto a gastar uma verdadeira fortuna. O ícone é raro, mas não existe ninguém que o avaliaria em quase um milhão e meio de dólares".

"Eu não perguntei os motivos do cavalheiro. No entanto, informei-o de que a oferta era muito acima do preço do mercado. Mesmo assim, ele me instruiu para continuar o processo. A arte religiosa tem, às vezes, um efeito estranho nas pessoas. Existem pessoas que não se separam destas peças por nada, pessoas que pagam qualquer preço para tê-las. Eu acredito que ele chegaria a pagar até mais".

"Mas veja, você só tem um nome e um número de telefone. Como é que você sabe que esse sujeito está falando sério? Como sabe que ele não vai sumir na hora de pagar e te deixar na mão?”

Rosenthal reclinou-se e sorriu, novamente.

"Eu posso te assegurar que o Sr. Del Karos é absolutamente confiável. Posso te dar minha garantia pessoal de que ele cumpriria todos os seus compromissos. Entenda, nós já fizemos outros negócios juntos".

"Café? Água? Tomaremos conhaque depois, para comemorar".

"Tire o pano de cima. Vamos vê-lo".

"Calma, meu amigo. Ainda temos alguns assuntos a discutir".

O russo, encorpado e com cabelos cor de aço, sorriu prazerosamente, mas o velho que usava o nome de Del Karos não estava com muita paciência. Se estivesse tratando com cavalheiros, teria feito um esforço maior para mostrar civilidade, mas estes rufiões com pretensões artísticas o maçavam. No entanto, tinham o que ele queria e ele não podia se mostrar ansioso demais. Teria de fazê-los acreditar que, caso as condições do negócio não fossem aceitáveis, ele simplesmente iria embora.

"Nossos negócios já foram discutidos, Sr. Karov. Caso contrário, eu nem estaria aqui".

"As circunstâncias mudaram desde a nossa última conversa. Houve complicações. Certamente o senhor soube que um dos meus homens foi ferido".

"O que eu entendi é que ele é homem do Dragoumis e foi um dos seus capangas que atirou nele".

"O Dragoumis não tem asseclas. Só cozinheiros e gerentes. Sou eu quem fornece os guarda-costas para ele. Infelizmente, este voltou antes que meus homens saíssem da casa e houve um pequeno acidente".

"Eu chamaria isso de planejamento malfeito".

Karov deu de ombros.

"Essas coisas acontecem. De qualquer maneira, é uma despesa extra".

Na verdade, Del Karos estava esperando esse tipo de conversa. Havia cem mil dólares além do preço convencionado na maleta no seu colo. Dinheiro vivo. O idiota tinha exigido em espécie, como se tivesse aprendido a roubar vendo filmes de Hollywood. Como se ainda estivesse vagabundeando nas paisagens despedaçadas da Mãe Rússia, roubando carros e seqüestrando burocratas. Aquele era o seu grande dia, e o porco ganancioso tentaria arrancar cada centavo que pudesse na transação, talvez até abrir o negócio e obrigar Del Karos a ceder. Isso teria de ser evitado, o que não significava que ele pretendia se render facilmente.

"A despesa foi provocada pelo seu próprio erro".

"O preço está muito baixo", insistiu Karov, deixando de sorrir. Nenhuma

estratégia, nenhuma malícia. Jogava um argumento, insistia até que ele falhasse, aí passava para outro. Tudo aberto, simples, cru.

O estilo russo.

"Então, por que você concordou com ele?”

"Porque não sabia que você tinha oferecido três vezes mais para aquela mulher Kessler".

Del Karos suspirou e olhou para seu companheiro loiro e desajeitado. Jan Van Meer estava calado.

Em contraste com os dois irrequietos cupinchas de Karov, o suposto consultor de arte de Del Karos - magro, de óculos e inteiramente inofensivo - parecia absolutamente relaxado, até mesmo entediado.

O velho colecionador apreciava a performance de Jan, mas se perguntava se uma demonstração mais óbvia de força não teria sido uma escolha mais inteligente.

"Um milhão e meio", continuou Karov. "Este era o preço. Eu lamento muito saber que a sua avaliação da obra tenha caído tanto desde então".

Era no que dava negociar com gente como Rosenthal.

"Aquela teria sido uma compra legal, Karov. Sem complicações. E agora eu também posso ser envolvido no tipo de problema que você teve. Existem pessoas que dariam a vida por esta obra e terei de tomar medidas de precaução, possivelmente muito dispendiosas".

Van Meer já tinha lhe informado que a remoção de Dragoumis custaria 250.000 euros. Uma barganha, em nome da amizade deles, ele assegurara a Del Karos.

"Nós discutimos esses problemas antes, como você deve se lembrar", disse Karov. "E você ficará feliz em saber que eu já tomei precauções por minha conta".

Na verdade, esta era uma das últimas coisas que Del Karos gostaria de ouvir.

"Quando?”

Karov consultou o enorme Rolex de prata no seu pulso carnudo. "Mais ou menos agora".

"Enquanto ele ainda está na Grécia?”

"Na Grécia é muito melhor", insistiu o russo. "Ele tem uma centena de inimigos lá. Vai parecer a coisa mais natural do mundo". O que era verdade, mas se a operação deles não desse certo e Dragoumis sumisse do mapa... Não era possível fazer nada a respeito, naquele momento. A coisa mais importante era o ícone.

"Portanto", retomou Karov, "você pode somar tudo o que ia gastar com este pequeno trabalho ao preço que tínhamos combinado antes. Eu te pergunto, não é razoável? Depois de todo o trabalho que eu tive por sua causa?”

"Seria um pouco precipitado presumir que tudo deu certo, antes de termos notícia de seus homens na Grécia. Ele já sobreviveu a diversos atentados no passado. Para dizer a verdade, eu acho que até esta sua decisão foi precipitada. Você deveria deixar esta parte aos meus cuidados".

"Você não estava certo se ia ou não encomendar o trabalho".

"Eu só estava sendo atencioso". Seu imbecil. "Quanto menos você soubesse, melhor para você".

"Eu não sou um sujeito tão sutil", comentou Karov, com uma risadinha de escárnio. "Gosto de saber de tudo, principalmente quando é importante. O grego está velho, mas continua sendo uma víbora.

Neste momento, ele já sabe que eu o traí. Se puder, ele me pega. E eu não sou homem de hesitar quando se trata da minha proteção. E não peço desculpas por isso".

"Muito bem". Del Karos limpou sua garganta seca, arrependido por não ter aceito a água que lhe ofereceram, mas ele não confiava na hospitalidade russa. "Vamos liquidar este assunto".

"Excelente. Eu detesto negócios que não dão certo. Portanto, em vista das perdas que eu tive e das providencias que tive de tomar para nossa mútua proteção, o preço agora é um milhão de dólares".

O que queria dizer que ele aceitaria menos.

"Jan, o que você acha?".

Jan, rapidamente, endireitou-se na cadeira, como um aluno pego com a cabeça na lua.

"Eu não vou fingir que entendo esta operação que vocês estão discutindo", murmurou ele, com seu sotaque ligeiramente holandês, encenando perfeitamente um especialista em arte obstinadamente ignorante das coisas do mundo real. "Mas fica muito claro, Sr. Karoy, que o senhor a desencadeou para o seu próprio bem, contrariamente aos desejos do meu cliente. Não há porque esperar um acréscimo de preço, baseado nestas premissas. O combinado foi meio milhão de dólares e eu devo dizer que é um preço generoso".

O russo olhou com cara de quem queria quebrar o holandês em dois.

"Já disse que não é suficiente".

"É mais que suficiente", espicaçou Van Meer. "É até alto demais".

"Escuta aqui", disse Del Karos, num tom de voz que fez com que todos se

calassem. "Você tem de entender, Karov, que, neste caso, não é a avaliação de mercado que está determinando o preço. São razões pessoais, que não podem ser mensuradas em dinheiro, que estão por trás do meu interesse. Se eu não comprar o ícone, você será obrigado a vendê-lo por muito menos do que o valor que estamos discutindo. E, considerando a maneira como você se apoderou dele, é até possível que você nunca consiga vendê-lo".

"A maneira como eu me apoderei dele! Escuta aqui, você! Você é a razão de eu ter feito o que fiz.

Eu o roubei para você; você não pode tirar o corpo fora desse jeito!”

"Você o roubou porque o Dragoumis mandou".

"E traí o cara para vender para você. Nós temos um acordo".

"Que você está querendo romper, ao aumentar o preço. Eu entendo que você é um homem de negócios. Muito bem. Nesta maleta, eu tenho exatamente seiscentos mil dólares. Cem mil a mais do que o que combinamos. O Jan não vai gostar, mas eu estou disposto a pagar mais cem mil para cobrir seus contratempos. Esta é a minha última oferta. Se eu sair desta sala sem o ícone, você nunca mais me verá de novo. É minha última palavra, Karov".

O russo olhou como se tivesse muito a dizer, mas resolveu se calar, sua jaqueta de couro preto rangendo em volta dele com seu movimento nervoso na poltrona. Fazendo contas. Não havia dúvida de que sentia que podia simplesmente encerrar o assunto e ficar com o ícone. Se livrar de dois corpos, não era grande problema. Del Karos sabia perfeitamente que, caso ele tentasse alguma coisa ali, haveria três corpos e eles seriam de russos, mas Karov não fazia a menor idéia de quanto Van Meer era perigoso. Mas Del Karos já adoçara a boca do russo falando em futuras transações, um novo mercado na América do Sul, drogas, esmeraldas, artefatos incas. Tudo fumaça, mas esta era outra coisa que Karov não sabia, e ele claramente preferia o papel de homem de negócios ao de rufião. Finalmente seus olhos grandes e úmidos grudaram na maleta e ele abriu um ligeiro sorriso.

"Quem poderá dizer que Vasili Karov não é uma pessoa razoável? Eu aceito a sua oferta. E você", ele encarou Van Meer, "aprenda a lição que o teu patrão te deu. É assim que pessoas equilibradas fazem negócios. Honrando as palavras dadas. Anton, traga o conhaque".

"O ícone", interrompeu Jan, gostando do seu papel de estraga-prazeres. Estaria desapontado com o fato de que o negócio estava sendo fechado com sucesso e ele não teria a chance de exibir seus talentos especiais? Certamente não era tão bobo assim. "Nós ainda não vimos o ícone".

"Anton". Karov fez um sinal e o Barbanegra mudou de direção, afastando-se do armário de bebidas e indo até o cavalete onde, sem a menor cerimônia, arrancou o pano que cobria a obra.

Lâminas de ouro embaçadas, mas ainda brilhantes. A curva graciosa do rosto oval da Virgem, ligeiramente inclinado. Olhos grandes, expressivos, sublinhados por sombras escuras, uma boca descaída.

Uma Maria triste. O azul profundo do seu manto era quase preto, manchado aqui e ali de verde pelo tempo ou pelo mau trato. Os dedos eram anormalmente longos, juntos em oração, mas também apontando para fora da tela, para onde um inevitável Cristo estaria pendurado. A tradicional Hagiasoritissa. Obra talentosa, talvez não saída da mão de um mestre, mas pintada com sentimento. E em condições surpreendentemente boas. Por alguns momentos, todos na sala se calaram.

"Lindo!", suspirou Karov.

"É", concordou Del Karos, o desapontamento arrancando um tom de raiva na sua voz. "Mas não é o ícone que eu quero".

A princípio, o russo pareceu não entender.

"Do que você está falando?”

"Pode mandar cancelar sua operação para matar o Dragoumis".

"Mas de que diabo você está falando?”

"Olha para ele!", exclamou Del Karos, mas isso não fazia sentido, era como pedir a um cachorro que admirasse um Rembrandt. Um ícone era um ícone para aquele idiota. O grego escolhera bem seu alvo.

"Está tudo errado. O estilo está errado. É uma obra mais recente, do século XV ou XVI, provavelmente russa. O ícone que eu quero é do século VIII, talvez até mais antigo, e está danificado. Eu especifiquei que ele estava danificado".

"Você preferia que estivesse danificado?”

Era intolerável. Ele ia matar o imbecil, ia arrancar a vida de dentro daquele corpo balofo!

"Eu preferia que fosse o certo, aquele que eu queria. E este não é".

"Este é o que estava no cavalete". Agora era Anton quem falava. "Ele estava mostrando-o para o seu afilhado no dia anterior. Estava exatamente onde ele me disse que estaria".

"Então, ele o trocou por outro. Você já tinha visto o ícone, antes de roubá-lo?”

"Não. Eu fiquei no estúdio".

"Por que ele iria trocá-lo?", perguntou Karov.

"Porque sabia que você iria traí-lo", respondeu Del Karos, entendendo tudo. Dragoumis sabia que roubar o ícone dele mesmo não seria suficiente. Os russos saberiam que estava com ele e mais gente adivinharia, então ele precisava de uma segunda enganação. Fazer com que os russos roubassem a obra errada. Se Karov ficasse com o substituto, não saberia o que tinha nas mãos. Se vendesse, muito provavelmente o comprador nunca teria visto o original, e Del Karos sabia que a maioria das pessoas - até mesmo colecionadores - não conseguia determinar facilmente a idade e a origem dos ícones da igreja ortodoxa. De um jeito ou de outro, o substituto desapareceria, e quem poderia afirmar que não era o verdadeiro? Era um plano brilhante, mesmo que tivesse falhado, e uma das falhas era que o grego jamais imaginara um comprador que conhecia muito bem o ícone original. Mesmo assim, tinha conseguido ganhar tempo, e quem poderia saber onde estava o ícone, agora? "Você tem de cancelar a operação contra o Dragoumis".

"Mas por quê? Eu quero que aquele grego filho da puta vá pro meio do inferno! Vou pendurar o puto pelo saco!”

"Se você o matar antes que a gente saiba onde está o verdadeiro ícone, nós nunca mais iremos encontrá-lo".

"E eu com isso? O ícone que vá à merda! Se você está dizendo a verdade, eu quero ver esse miserável morto. Além do que, é tarde demais".

O velho colecionador sentiu o peso dos seus oitenta e seis anos, achatando seus ombros. Quando esta caçada começara, ele era jovem e forte, mas a busca levara tempo demais e ele estava esgotado. Com todos os sucessos que tivera, por que continuar esta batalha perdida? Porque o seu espírito, naquele ponto, não queria nada mais. Uma vez conquistado, o ícone viveria dentro dele. Sem a obra, era como se um pedaço do seu corpo estivesse faltando. Mais de cinqüenta anos, agora. Não havia outra opção. Descobriu que o esgotamento era bom, Escondia seu desespero.

"O que eu tenho de fazer para te convencer?”

Karov olhou, pensativamente, para ele, tentando descobrir se aquilo era uma ameaça ou uma oportunidade. Vau Meer também estava atento. Eles estavam muito além das possibilidades que tinham previsto antes da reunião, pisavam em terreno minado, perigoso. O holandês estava inteiramente energizado.

"Você poderia me dar esta maleta", respondeu o russo, após a longa pausa. Diante disto, Jan deu uma gargalhada.

"Acho que não", respondeu Del Karos.

"Você me deve alguma coisa pelo meu trabalho, merda".

"Não te devo nada. O Dragoumis brincou com você o tempo todo".

"O que você sugere?”

O russo era um cretino, mas era preciso dar alguma coisa para ele ou a coisa acabaria mal. E era preciso convencê-lo a suspender a operação.

"Este não é o ícone que eu quero", murmurou o velho, "mas é um bom trabalho e, como hoje eu me sinto generoso, te dou cem mil por ele".

"Isso não cobre nem as minhas despesas".

"E mais cinqüenta mil quando eu tiver certeza de que o Dragoumis está a salvo. Se você conseguir trazê-lo para mim, vivo, você tem mais cem mil".

A agitação de Karov diminuiu. Enquanto tirava um enorme celular do bolso, manteve os olhos cravados em Del Karos.

"Se eu conseguir entregá-lo vivo a você, nós discutiremos quanto ele vale na ocasião. Me passa a grana".

"Ligue. O tempo é precioso".

17

Matthew estivera acordado a maior parte da noite e as poucas horas que dormira, ao amanhecer, foram conturbadas. Pedaços de sonhos ainda flutuavam em sua mente: uma cidade escurecida, aquela outra Nova York no seu sono, cheias de vielas estreitas e mal iluminadas, que se desviavam inesperadamente, um encontro perigoso em cada esquina. Ele conhecia o lugar, já visitara suas docas, parques e alamedas por mais de cem noites, sempre perseguido, sempre procurando o corredor seguro, o caminho direto para casa. Esta noite, fora ele o perseguidor, caçando a Nossa Senhora por passagens escuras e curvas traiçoeiras, sem medo ou hesitação, temendo unicamente perdê-la. A lógica ditava que alguém deveria estar carregando o ícone, mas ele via apenas a própria imagem, um rosto mais parecido com a Mona Lisa do que com uma santa grega, sorrindo para o desespero dele ao desaparecer entrando em portas, subindo escadas, para dentro das sombras. No final, apenas os olhos negros perfuravam a escuridão em volta dele, perto o suficiente para serem tocados, mas ele não conseguia agarrá-los, jamais conseguiria.

Meio dia depois, um sentimento de desconforto ainda o envolvia. Entrou pela porta principal da Igreja de São Demetrius andando como um fantasma, separado das outras almas em volta dele, pranteando a Mãe enquanto elas pranteavam o Filho e ansiavam pela Sua ressurreição. Enormes candelabros iluminavam o lugar. A pintura em ouro da parede dos fundos e do teto em domo do santuário, ricamente decoradas com santos e anjos, aturdiam o olhar, contrastando com o branco frio das pedras e do mármore das colunas internas. Matthew visitou a capela de Ephthimious, com seus santos de halos vermelhos e figuras encapuzadas, fantasmagóricas. O tempo fora inclemente com os afrescos, mas sua característica pálida dava ao local um ar de mistério que imediatamente o sensibilizou. Ele ficou vagando, o frio derrotando a falta de sono, forçando seu sangue e músculos a se moverem, sua mente a acordar. Tinha quase uma hora antes de encontrar Fotis, mas pretendia estar atento antes disso. Quem saberia que surpresas o velho teria reservado para aquela noite?

Uma missa - a derradeira de uma interminável seqüência naquela Semana Santa - tinha começado no corpo principal da igreja, então Matthew caminhou pelos corredores laterais em volta da tumba do santo, uma tumba vazia. Supunha-se que o corpo tivesse sido roubado pelos Cruzados. Alguma coisa

retornara da Itália vinte anos atrás e agora estava guardada num relicário de prata na nave. A assim chamada tumba era simplesmente um ataúde de mármore vazio, com um ícone em cima. Ele não sabia por que sempre ia ali, a não ser em razão da sala ser pacífica, um convite à contemplação. O fato de que era mais antiga que a primeira construção cristã, uma parte dos banhos romanos, e de que os restos do santo tinham repousado ali por 900 anos, dava à câmara uma gravidade que o resto da igreja, reconstruída em 1920 depois do grande incêndio, não tinha. Matthew achava que Demetrius não gostava da sua nova sepultura; certamente preferiria voltar para este local tranqüilo.

Agachou-se ao lado do ataúde de mármore, não querendo, para assumir a posição de súplica, ajoelhar-se no chão frio. Rezar, para ele, nunca seria um ato proposital, de entrega. Fechou os olhos e lembrou-se da Basílica com olhos de criança, lembrou-se da aparente vastidão dela e do grande velho, seu Papou, alto como um deus, mostrando tudo para ele. A história de cada santo era contada com um sorriso céptico. Andreas não via nenhuma utilidade na religião, mas queria que Matthew entendesse a cultura de onde ela provinha, e sua admiração pelo trabalho extraordinário e cuidadoso de inserir milhares de tesselas para criar um mosaico, e como eram conseguidos certos pigmentos dos afrescos, mesmo na perspectiva abaulada necessária para fazer com que as pinturas em curva do domo parecessem naturais. Tudo isso era hipnótico para uma criança. Matthew levaria anos para entender metade do que seu avô lhe dizia, mas a semente fora plantada num solo jovem e sedento, e ele jamais escapara da intensa fascinação que esta arte exercia sobre ele.

Mas já não era a mesma coisa. Sua memória lhe dizia que quando estivera de pé diante dessas mesmas imagens, há vinte anos, a carga emocional que sentira fora maior que a de agora. Alguma coisa mudara dentro dele. Por que e quando? Poderia ter sido a doença do seu pai; tanta coisa extraviara-se desde então, seu interesse no trabalho, sua relação com Robin, sua fé nos velhos que lhe tinham ensinado tanta coisa. Mas culpar a doença parecia uma desculpa esfarrapada, nem um pouco convincente,já que duas fortes paixões tinham surgido na vida dele nesse meio tempo: Ana e o maldito ícone. Agachado no frio, Matthew sentiu que o mais provável era que essas novas afeições tivessem obliterado as velhas, tinham-se tornado tudo para ele e essa doença da alma que sentia vinha do fato de estar separado de ambas. Ele não sabia onde estava o ícone e não podia voltar para Ana sem antes encontrá-lo. No entanto, suas chances eram mínimas.

Abrindo os olhos para se certificar de que estava sozinho, Matthew começou

a recitar baixinho algumas palavras em grego, talvez uma prece, para o santo, para o Filho, para a Mãe, quem estivesse encarregado no momento. Permita que o ícone seja encontrado. Permita que volte para seu lugar de direito, seja onde for.

Permita que os espíritos perturbados, incluindo o dele, sejam apaziguados. O grego servia para ele como imaginava que o latim servisse para outras pessoas, imprimindo mistério e poder às palavras e criando um sentido ritualístico que removia o individual do processo. Usando essas palavras, a pessoa penetrava no rio contínuo, infinito e eterno do sagrado, e era engolfada.

Passados alguns minutos, levantou-se, subiu por degraus de mármore desgastados e, passando por pesadas cortinas vermelhas, entrou no nártex e saiu na penumbra fria da noite. A fachada da igreja estava na sombra, mas os últimos raios de sol tocavam a torre quadrada com sua luz laranja, salientando o vermelho das telhas e fazendo a alta cruz brilhar. O canto dos sacerdotes e dos psoltees19, que vinha de dentro, era audível. A assembléia, até aquele momento, era composta de poucas pessoas, sem dúvida muita gente estava exaurida pelas exerções emocionais das últimas duas noites. Na quinta-feira, o Cristo de gesso pregado na cruz. Na sexta, retirado, envolto em panos e levado em volta da igreja três vezes, debaixo de uma chuva de cravos e dos lamentos das mulheres idosas. Naquela noite, eles apareceriam de dois em dois, ou três em três até a meia-noite, quando uma enorme multidão estaria reunida na imensa praça em frente à igreja. Venham, recebam a luz, as velas seriam acesas em todas as mãos. Christos Anesti, proclamaria o padre, Cristo ressuscitou, e a multidão, em uníssono, ecoaria. Coisa emocionante. A histeria da massa nas missas da Páscoa fazia com que aquela não fosse a época preferida de Matthew para idolatrar, mas, quando participava, era imediatamente capturado, sentia-se completamente integrado com a comunidade espiritual, cega e passional. Por algumas horas, sua racionalidade era expulsa, a fé e a irmandade comandavam.

Claro que depois a congregação se dirigia para suas casas ou para algum restaurante a fim de se empanturrar. Mas isso também era perfeitamente natural: alegrar-se depois da tristeza; a comida e a bebida como símbolos físicos de renascimento. Em Nova York, ele raramente participava de todo o ritual, mas naquela noite Matthew gostaria de se sentir parte integrante dele, gostaria que alguma mesa com comida, candelabros e amigos estivesse à sua espera. Desejava aquilo com a força que somente uma pessoa certa da sua própria alienação da tribo dos humanos poderia desejar. Enfiou suas mãos nos bolsos da jaqueta e vigiou as portas da igreja como uma sentinela, pronto para lançar uma

maldição a toda a sua família, maldizendo sua traição e arrogância, seu racionalismo e sua cosmovisão fria e analítica. Maldizendo a si próprio por ser o produto de sua linhagem e não ele mesmo, não a criatura engajada, espontânea e viva que queria ser. A maldição morreu na sua língua. Ações, e não palavras, eram necessárias. Tinha de se lembrar da razão pela qual estava ali.

A figura com um casaco comprido, andando rápida e confiante, destoava da multidão, e Matthew notou-a muito antes que se aproximasse. Cabelos ficando grisalhos, um rosto quadrado e forte e um sorriso que normalmente se guarda apenas para velhos amigos.

"Matthew. Você é o Matthew, não?”

"Quem é você?”

"Seu padrinho me mandou". O homem estendeu a mão. "Pode me chamar de Risto".

"Te mandou para quê?”

Não apertou a mão estendida, e Risto recolheu-a lentamente, o sorriso oscilando.

"Para levá-lo de volta para a casa dele. Ele está doente demais para vir, mas faz questão de te ver hoje à noite".

"Por que ele não me ligou?”

"Ele esperava se sentir melhor e, até o último minuto, tentou vir, mas não pôde. Se você o viu nos últimos dias, sabe que isso era de se esperar".

"Você é o que dele?”

"Só um amigo".

"Entendo. Então, por que não ligamos para o Fotis e conversamos sobre isto?”

"Talvez ele não esteja bem o suficiente para fazer isto".

"Doente demais para falar ao telefone?!”

"Pode tentar, claro". Risto virou-se e olhou através da praça com certa consternação, e Matthew seguiu seu olhar. Então, o braço forte do homem prendeu Matthew pelo ombro e alguma coisa dura cutucou suas costelas. "Não me arranje problemas, por favor, o carro está logo ali".

"Que merda é esta?", exclamou Matthew, em inglês.

"Ande. Não vai te acontecer nada, mas você tem de vir comigo".

Na verdade, eles já estavam a caminho, a força de Risto empurrando-o em direção da larga escadaria que levava à rua. Matthew acompanhou os passos do outro para não tropeçar nos degraus e respirou fundo, tentando acalmar-se. Mais uma vez, as coisas estavam andando muito depressa. Ele tinha de pensar e agir

rápido, e não podia deixar de jeito nenhum que o colocassem dentro de um carro. Quando Risto olhou para os dois lados da rua, Matthew arriscou uma olhada para baixo e viu que era apenas uma longa vela que estava enfiada entre suas costelas.

Chegaram na calçada e foram em direção à guia, onde um carro azul compacto estava estacionado, um homem atrás do volante. Matthew fingiu tropeçar e, quando o outro o ajudou a se endireitar, jogou o cotovelo para trás visando o plexo solar de Risto. A dura resistência, osso contra osso, fez com que percebesse que tinha errado o alvo, mas o homenzarrão gemeu e, por um breve momento, diminuiu a pressão da pegada.

Matthew livrou-se e, girando rapidamente,jogou um soco que acertou a lateral da cabeça de Risto.

Virou-se para fugir, figuras passando na calçada na sua frente, mas sentiu que uma mão o prendia pelo colarinho da jaqueta e logo depois uma pancada forte nas costas reverberando por sua espinha e rins.

Começou a cair de joelhos, mas, imediatamente, Risto o segurou pelos ombros e o forçou a entrar no banco de trás do carro.

Com a cara esmagada contra o estofamento, Matthew não entendeu nada dos gritos que se seguiram, nem sentiu quando Risto jogou seu peso sobre ele, expulsando todo o ar de seus pulmões. Uma nova voz deu ordens curtas e diretas e o carro partiu. Então, não se ouviu mais nada a não ser as respirações pesadas. Quando o peso saiu de cima dele, Matthew, enrubescido e desorientado, o sangue pulsando nos seus ouvidos, conseguiu sentar-se. Risto fora empurrado contra ele, e estava com a cabeça prensada contra a traseira do banco do motorista. Sotir Plastiris estava sentado do lado, com uma pequena pistola apontada para a têmpora direita de Risto. No banco da frente, um homem mais jovem tinha uma pistola maior apontada contra a cabeça do motorista e o carro seguia velozmente pelo fraco trânsito da avenida.

"Você está bem, Matthew?", perguntou Sotir, com aquela estranha mistura de genuína preocupação e impetuosa insistência, tão típica dos gregos.

"Estou". Sua garganta apertada mal conseguiu formular a palavra e ele achou que não conseguiria dizer mais nada sem que sua voz falhasse.

"Aqui", disse Sotir, e seu companheiro do banco da frente passou a ordem para o motorista, que virou à esquerda. O carro entrou numa rua estreita de paralelepípedos e imediatamente reduziu a velocidade.

Estavam num labirinto de pequenas ruelas e, após diversas voltas, chegaram a uma ruazinha diminuta onde pararam. Com o motor desligado, o silêncio era

ainda mais intenso. Os sentidos de Matthew, emergindo da espessa névoa de medo, agora pareciam subitamente alertas, quase insuportavelmente ligados. Estava consciente do cheiro de cada um dos homens, de cada movimento dentro do carro, das pequenas tosses, dos hálitos expelidos nas curtas respirações de bocas abertas. O motorista era jovem e estava apavorado, o suor manchando seu colarinho. O passageiro da frente, com a pistola grande, também era jovem, tinha um olhar entediado, cabelos encaracolados e um rosto agradável, não muito diferente do de Sotir. Presumivelmente, um dos sobrinhos, e eles tinham estado vigiando Matthew sem que ele soubesse, possivelmente o dia todo.

Aquilo tinha a mão de Andreas, mas Matthew não conseguiu se ofender com a constatação.

Sotir enfiou a mão no bolso do casaco de Risto e, depois de remexer um pouco, tirou de lá uma pequena pistola, colocando-a no seu próprio bolso.

"Quem?", perguntou, baixinho. Passados alguns segundos, como não houvesse resposta, ele deu uma pancada forte na cabeça de Risto, arrancando sangue e Matthew, pensativo, desviou o olhar. "Quem?", perguntou Sotir, uma segunda vez.

"O Livanos", disse Risto.

"O Taki Livanos?", perguntou Matthew, recuperando, subitamente, sua voz.

"É".

"O sobrinho do Fotis", disse ele para Sotir, que anuiu.

"E o que você quer com o garoto aqui?”

"Só levá-lo para a casa", respondeu Risto.

"E precisava de uma arma para isso?”

"Eu sempre ando armado".

"Você tinha de bater nele e empurrá-lo para dentro do carro, só para levá-lo para a casa?".

"Eles disseram que ele ficaria desconfiado, mas que era para levá-lo de qualquer maneira".

"Por quê?”

"Como diabos eu vou saber?”

Sotir bateu nele de novo e Matthew cortou seu protesto.

"Onde está o Livanos?”

"Partiu. Acho que para as montanhas, com o velho".

"Então, o que ia acontecer na casa?", perguntou Sotir.

"Nós íamos mantê-lo lá por um dia ou dois. Não sei por que, eles não me disseram". Risto protegeu-se de uma nova pancada.

"Só isso?", perguntou Matthew "E depois, simplesmente vocês me soltariam?”

"É; insistiu Risto e Matthew acreditou nele. Fotis queria somente o tempo necessário para desaparecer. Evidentemente, Sotir também acreditou, porque não bateu no homem de novo.

"O garoto está sob proteção. Não se aproximem dele. Diga isso ao Livanos".

"Eu não pretendo falar com aquele miserável de novo", suspirou Risto.

Matthew, Sotir e seu sobrinho saíram do carro devagar e cautelosamente, mas os assustados ocupantes claramente não estavam a fim de mais encrenca. O sobrinho sacou uma faca ridiculamente enorme e, calmamente, furou um dos pneus, só para garantir. Então os três foram andando pelas estreitas aléias até o carro de Plastiris. As pernas de Matthew tinham dificuldades em sustentar o peso do corpo. Os nós dos dedos estavam machucados e inchados e suas costas doíam bastante. O gosto do medo permaneceria na sua boca por dias, mas ele estava grato por ter escapado com poucos ferimentos e, ao mesmo tempo, furioso com sua estupidez de não perceber que aquele jogo estava sendo jogado num nível muito acima das suas capacidades. O sobrinho sorriu para ele com condescendente compreensão.

"Foi legal a idéia de fingir tropeçar, mas, da próxima vez, acerte o saco dele, não o peito".

"Vou me lembrar disso".

"Agora, vamos ligar para o seu avô", disse Sotir. "Ele está preocupado".

"Obrigado. Por ter me protegido".

Plastiris fez um sinal de "esquece".

"Fomos um pouco lentos, mas foi bom que estivéssemos lá. Você sabe onde está o seu padrinho?”

"Não. Pelo menos, não agora. Mas tenho um bom palpite de para onde ele possa estar indo".

Na estrada cheia de ziguezagues que subia até Veria, Fotis tinha certeza que estavam sendo seguidos. Taki riu. Isto aqui não são os Estados Unidos, tio, só tem esta estrada. O que era mais ou menos verdade; uma única estrada, estreita e sinuosa, entrava pelo coração montanhoso da Macedônia. Mas alguma coisa naquele Peugeot branco perturbava o velho, a placa meio-apagada, a maneira como mantinha sempre a mesma distância, mesmo quando Fotis e Taki diminuíam a marcha. Os gregos não guiam com tanto cuidado.

Ele mandou Taki estacionar o Mercury na sua capela favorita, primeiro certificando-se de que havia outros dois carros estavam parados ao lado da

barraca de comida, do outro lado da estrada em curva, atrás da qual havia uma encosta que descia até a base dos morros de terra marrom, cobertos de tufos de vegetação escura. Quente e estéril como as charnecas do Líbano; não como os verdes morros de Épiros. Do alto da sua pequena elevação, seu branco virando creme no sol que se punha, a capela olhava para tudo aquilo de cima, um penhasco de pedra subindo, íngreme, atrás dela. O Peugeot também parou. O motorista comprou um souvlaki20 e uma cerveja para si, mas nada para o homem mais velho que viajava com ele.

Comeu devagar, andando para cá e para lá entre a borda do penhasco e o carro, não olhando nem uma vez para onde estava Fotis, mas não mostrando nenhuma pressa em partir.

O Cobra também não parecia olhar, mas via tudo com seu costumeiro olhar enviesado, de soslaio.

Passou longos dez minutos estudando a pequena igreja, fechada naquele momento, de pé no pequeno vestíbulo, protegido do sol, enquanto Taki andava como uma pantera na jaula e, a todo instante, verificava seu relógio. A estrada podia ser perigosa de noite, mas Fotis estava preocupado com outro tipo de perigo.

Finalmente, o jovem motorista voltou para seu carro e partiu, desaparecendo rapidamente de vista. Talvez apenas uma coincidência, pensou Fotis, mas fez Taki esperar mais dez minutos antes de seguirem viagem.

Sentado no banco de trás, pernas abertas e os pés apoiados nas costas do banco da frente para se equilibrar nas infindáveis curvas, Fotis repassou seus documentos. Três passaportes, um grego, um turco, um americano. Há anos não viajava com passaporte falso e, provavelmente, também não precisaria fazer isso agora. Poderia ter saído do país horas atrás num vôo comercial de Atenas para Salônica, em vez de ficar combatendo o enjôo nestes malditos morros. Mas havia uma boa chance de ser pego por fiscais americanos impacientes em Nova York ou por seus colegas daqui. A falsa identidade poderia liberá-lo, mas sua fotografia estava arquivada em todas as agências de serviço secreto, em ambos os lados do oceano e, caso fosse pego com um passaporte falso, teria terríveis problemas pela frente. Os gregos, principalmente, ficariam felizes da vida com a oportunidade de processá-lo. Fotis suspirou, depois balançou a cabeça imaginando toda uma improvável rede de segurança esperando para prender um ladrão velho e cansado como ele. Os gregos eram muito descuidados e os americanos estavam preocupados com ameaças muito mais perigosas. No entanto, a precaução já o salvara inúmeras vezes e ele não se imaginava

descuidado, neste fim de vida.

O sol estava baixo e ele se arrependeu por ter demorado, o que forçaria Taki a percorrer a estrada sinuosa que passava pelo vale Kozani, em plena noite. Fotis pegaria um pequeno avião no campo de pouso da periferia de Kozani, com destino a Montenegro, ou diretamente para Brindisi, na Itália, a alternativa que o amigo de Taki, o capitão Herakles, julgasse preferível. Então, um vôo comercial para Roma, numa companhia aérea pequena, disfarçado de comerciante turco. Isto deveria despistar o suficiente. O problema era chegar em Roma. Teria de confiar no ousado capitão Herakles, que provavelmente nunca passara de sargento. Herakles, que bonitinho! Estes pobres coitados, agora nos seus quarenta ou cinqüenta anos, com seus códigos secretos e confrarias e seus heróicos "nomes de guerra", eles tinham saudades dos velhos tempos. Dias em que seu banditismo tivera uma justificativa patriótica, enfrentando os suseranos turcos ou os invasores alemães ou mesmo os comunistas. Agora o que lhes restava era o mercado negro, contrabandear produtos e pessoas, subornar oficiais, estocar armas - para quê? O mais perto que chegaram de uma guerra tinha sido Chipre, quando os imbecis dos coronéis tinham falhado lamentavelmente, não tirando a bunda da cadeira. Como Fotis tinha chegado a se meter - e fracassar - com aquele grupo, era coisa que ele não mais entendia, mas isso lhe custara sua terra natal. Andreas fora muito mais esperto que ele naquele assunto.

Foi arrancado de seus pensamentos pela súbita aceleração do Mercury, perigosa naquelas curvas, e notou que as mãos de Taki no volante estavam tensas, seus olhos constantemente procurando o retrovisor.

"O que houve?", perguntou Fotis, retorcendo-se no banco.

"Uma motocicleta. Vindo muito rápido".

Agora, o velho já conseguia ouvir o barulho do motor - um rosnar profundo - e pôde perceber, num vislumbre, o veículo desaparecendo numa curva. Então, entraram num raro trecho reto de estrada e, subitamente, eles estavam ali, bem do lado da janela de Fotis, duas figuras de capacete, apertadas na mesma motocicleta, a de trás apontando alguma coisa. Graças às precauções de Taki, as portas do Mercury eram blindadas. Mas vidros a prova de balas eram difíceis de conseguir e vidros escurecidos só chamavam a atenção, então eles estavam bastante expostos. O instinto lhe dizia para mergulhar no chão do carro, afastando-se da janela, mas mesmo assim ele seria um alvo fácil. Em vez disso, Fotis colou seu corpo contra a porta, meio-agachado, o chapéu de feltro abaixado sobre os olhos. Ambas as janelas de trás explodiram ao mesmo tempo, a bala

passando direto, e o carro balançou violentamente quando Taki se enfiou embaixo do volante. Uma chuva de estilhaços caiu sobre o chapéu e o casaco de Fotis. Grande calibre, possivelmente 45.

Motocicleta. Seria 17 de novembro, um assassinato político? Era exatamente o estilo deles, mas eles estavam longe de Atenas.

"Encoste quando eles voltarem para cima de nós". Parados, seu sobrinho teria uma boa condição de tiro, protegido pela porta blindada do carro. Isto, se o imbecil conseguisse abrir a porra da tampa do porta-luvas.

O vento levou suas palavras e Taki acelerou. Tentando passar por cima deles, coisa que não ia dar certo. Fotis lutou para se endireitar no banco enquanto um som abafado de tiros soava acima deles. Um, dois, três. Ouviu-se um barulho de vidro quebrado. O pára-brisa ficou branco e a cabeça de Taki deu um pulo para trás, esparramando sangue pelo teto.

Fotis agarrou o descanso de cabeça à sua frente enquanto o carro perdia rapidamente velocidade, e usou a força da inércia da desaceleração para se jogar entre os dois bancos dianteiros. Não podia ver nada, mas endireitou o volante, desviando da queda de trinta metros do penedo onde jaziam carcaças de carros de motoristas descuidados e jogando o Mercury em direção da encosta, do outro lado da estrada. O menor de dois males. Um trecho em aclive diminuiu ainda mais a velocidade do carro antes que ele saísse da estrada e batesse no morro. Uma chuva de terra e pedras caiu sobre o capô e o teto. O motor morreu.

Fotis se viu encarando o teto ensangüentado, seu torso espremido contra o painel, os pés jogados sobre o banco de passageiros, sem se lembrar de como chegara ali. O lado esquerdo do seu rosto doía e havia um zunido nos seus ouvidos, como se tivesse levado um tapa na cara. Não sentia seu braço esquerdo.

O direito parecia funcionar. Seus pés se moviam, mas sentia dores em algum lugar das pernas ou - Deus não o permitisse! - no quadril. Nada disso importava muito, já que tinha certeza que seria fuzilado ali mesmo.

Conseguia enxergar o corpo rígido de Taki jogado sobre o volante, sentir o cheiro de sangue e o fedor agudo de homens apavorados.

Estranhamente, por alguns instantes, nada aconteceu. Levou mais de um minuto até que ele ouvisse um motor de carro e ousou esperar que alguém, passando pela estrada, tivesse espantado os assassinos. Normalmente, o pagamento que esses tipos recebiam não compensava o risco de matar passantes. Então, ele lembrou-se do Peugeot. Ouviu vozes se aproximando, falando alto e nervosamente.

Sentia a ansiedade deles na raiz dos seus cabelos. Apesar do adiantado da

hora, um outro carro poderia passar a qualquer momento. Se tivesse um bom e saudável espírito esportivo deveria ter deixado o carro rolar pelo barranco e facilitar o trabalho deles. Eles circularam o Mercury cautelosamente, como se o carro pudesse mordê-los, impedidos de chegar à porta do passageiro por causa da encosta, impedidos de ver o interior do carro em função do vidro estilhaçado. Agindo por mero impulso. Fotis esticou a mão e deu um soco na tampa do porta-luvas. A nove milímetros pulou para fora, batendo na sua cabeça. Ele xingou, mas agarrou firmemente a pistola e sentiu o assomo de adrenalina causado pelo nascimento de uma nova esperança. Poucos instantes atrás, estivera pronto para desistir de tudo. O que havia de errado naquilo? Por que teria de lutar com tanto denodo para manter uma vida miserável, presa por um fio? Mas aquele não era o momento de fazer esse tipo de pergunta. Sem poder usar a mão esquerda, não podia verificar se a primeira carga estava na câmara, então teria de correr o risco.

Alguém puxou a porta do motorista, conseguindo abri-la um palmo. Fotis não podia ver direito, mas sentia que a pessoa estava examinando o corpo de Taki e via a forma de cabeça para baixo no banco de passageiros.

"Está morto?", perguntou alguém, do lado de fora.

"Bem perto disso", respondeu uma voz mais jovem, quase dentro do carro. Um tom rouco, descontrolado, deixando claro que era a primeira vez que via um ferimento na cabeça. "E agora, que diabos nós vamos dizer para eles?”

"E o outro?”

"Não dá para ver, está jogado no chão. Tem sangue por todo lado. Virgem Santa, que estrago!”

"Puxe o motorista para fora". A voz do outro estava mais próxima, agora.

"Ele está entalado aqui dentro".

"Sai da frente, deixa que eu faço. Vá por trás, por cima do banco".

Agora o mais velho estava lutando para deslocar o corpanzil de Taki, enquanto o jovem tentava abrir a porta de trás. Fotis mexeu-se devagar e percebeu que seu braço esquerdo recuperara parte do movimento. Com grande esforço, conseguiu erguer-se parcialmente no banco do passageiro, no exato momento em que Taki era arrancado do carro e o jovem conseguia abrir a porta de trás. Era o motorista do Peugeot, não havia dúvida. Ele agora via Fotis, o corpo retorcido através dos dois bancos, inclinado sobre o revólver, como se estivesse segurando sua caixa torácica. O Cobra soltou um gemido lamentoso, em parte verdadeiro.

"Ele está vivo", exclamou o mais jovem, inclinando-se para a frente, entre os bancos.

Mais perto. Aí. Fotis bateu com a pistola com toda a força que tinha, acertando o homem bem debaixo do queixo e fazendo com que ele caísse no banco de trás. Então, voltou sua atenção para a porta aberta do motorista.

O mais velho, a quem faltava um olho, com um enorme bigode da cor de seu terno preto, largou o corpo de Taki e enfiou a mão dentro do paletó.

"Quieto!", ordenou Fotis, a nove milímetros apontada. Ele os teria liquidado sem aviso, não fosse o fato de que eles não tinham tentado matá-lo, imediatamente. Poderiam ser do governo, homens de Andreas, qualquer um. O bigodudo sacou sua enorme 45 do coldre de ombro e apontou, mas fez isso sem a necessária rapidez. Fotis disparou duas vezes e ainda uma terceira quando o homem caía, todas bem no alvo.

O barulho era menos ensurdecedor do que ele esperava. Bela arma; gatilho ágil; pouco coice. Há anos, ele não usava uma arma, achava que já tinha passado da fase. O Bigode caiu no asfalto e ficou imóvel. O cheiro de pólvora enchia o ar.

Fotis voltou sua atenção para o motorista. Estava sentado no banco de trás, segurando o queixo ensangüentado, a mão livre estendida como um escudo. Despejou instantaneamente, "Espere! É um engano.

Nós tentamos espantar os caras".

"Quem te mandou?”

"Eu trabalho para ele". Indicou o homem morto deitado no asfalto.

Fotis inclinou-se no couro macio, estendeu a mão direita entre os bancos e colocou a boca da arma no joelho do motorista. O jovem encolheu-se e moveu a perna.

"Quietinho", disse Fotis, gentilmente. "Primeiro um joelho, depois o outro, e só depois eu te mato.

Não vou nem te perguntar mais nada, então responda esta pergunta. Quem te mandou?”

"Eu não sei". O motorista estava tremendo, de susto ou de medo, Fotis não se importava nem um pouco. Se no passado tinha curtido aquele tipo de situação, agora a satisfação desaparecera. "Só ouvi umas poucas coisas, por acaso. Alguém em Nova York, um russo. Não sei o nome dele. Não sei nem o seu nome".

"Você não sabe nada, não é garoto?”

"Isso mesmo".

Podia até ser verdade. De qualquer maneira, a informação era suficiente. Claro que ele sabia que Karov podia vir atrás dele. Só não esperava que fosse tão

depressa, e em plena Grécia.

"Por que você disse que foi um erro?”

"O russo, ou seja quem for, ele ligou há meia hora cancelando a ordem. Não deu tempo para a gente avisar os outros".

"Os caras da motocicleta? Onde eles estão?”

"Eles deveriam ter certeza de que alguém os visse. Alguém que estivesse num carro nas proximidades. Eles desapareceram".

"Para que parecesse um assassinato do 17 de novembro?”

"Não sei por que, mas pode ser isso. É claro que só pode ser isso".

Numa outra época, ele teria devotado todos os seus esforços para encontrar os homens e acabar com eles. Agora, isto teria de esperar, talvez para sempre. Nem sabia se já tinha escapado definitivamente daquela. Estaria muito ferido? O jovem seria perigoso? Conseguiria guiar o Peugeot sozinho, ou precisaria da ajuda do pequeno miserável?

"Onde está sua arma?”

"Eu não tenho arma. Sou só o motorista. Minhas ordens eram para seguir o senhor, mais nada". O

jovem tremia todo, dentes batendo, certo de que estava prestes a morrer. Fotis já vira homens mais velhos na mesma situação morrerem de ataques cardíacos. Uma morte limpa, bem bonitinha, perfeita especialmente em execuções políticas. Mas o coração do garoto era, provavelmente, forte o suficiente para agüentar. E medo demais o faria ficar desesperado.

"Eu deveria acabar com você. E pode ter certeza de que não vou pensar duas vezes se você me arranjar problemas, mas preciso da sua ajuda. Quero que você dê um recado para o sujeito que ordenou esta operação. Você entendeu?”

"Sim".

"Bom. Fica aí. Não se mexa".

Era impossível Fotis não se expor a um soco repentino quando se arrastou pelo banco do motorista para fora do carro, mas o jovem não se mexeu. O velho se pôs de pé, lentamente. Sentiu fortes dores na perna esquerda, mas ela agüentou o peso do seu corpo. O braço esquerdo ainda estava parcialmente entorpecido. Tinha um inchaço acima do olho esquerdo, mas sua visão estava só parcialmente afetada. Poderia estar com uma costela quebrada. Dadas as circunstâncias, era um milagre. Era até possível que nem precisasse ir para o hospital. Deixou que o frio ar da montanha o refrescasse e tentou não vomitar.

O sol se escondera atrás dos morros; o céu ainda tinha um arco de luz brilhante no oeste e era de um azul profundo no leste. O capitão Herakles não ia

esperar para sempre. Tinha de correr. Fotis fez o motorista tentar ligar o Mercury trombado e o motor pegou na quarta tentativa, falhando e cuspindo miseravelmente. Pneus vazios, todo amassado e balançando pra todo lado, o carro acabou despencando da encosta e, de marcha a ré, estabilizou-se na estrada. Então, Fotis ordenou ao jovem que pusesse os corpos dentro do carro: Taki na direção e o Bigode no banco de trás. Um trabalho nojento, que deixou as mãos do motorista cheias de sangue e poeira da estrada. Ele lavou as mãos com a água de uma garrafa e jogou a jaqueta barranco abaixo.

Fotis inclinou-se para dentro do carro e pegou a carteira do Bigode, depois colocou seu chapéu de feltro na cabeça do morto. Não querendo desperdiçar um passaporte, ele decidiu enfiar seu maço de cigarros turcos no bolso do paletó ensangüentado. O descomunal bigode contribuía maravilhosamente para criar a ilusão. Claro que o homem era, pelo menos, trinta anos mais novo, mas, quem sabe?, após os efeitos de uma queda de cem metros, poderia enganar, mesmo que temporariamente. Fotis usaria qualquer pequena vantagem disponível. Uma pequena confusão já era suficiente.

Teve um momento de hesitação enquanto a noite caía completamente. Taki ainda não estava morto quando o motorista verificara, minutos atrás. E se continuasse vivo? O único filho da sua pobre e complicada irmã. Fotis nunca gostara verdadeiramente do garoto, mas ele fora leal e agora o velho sentia uma profunda e, para ele, desconhecida tristeza. Alguma coisa como solidão. Sabia que esta sensação, como o medo, aumentaria com o tempo, mas ele não tinha energia para nenhuma dessas emoções no momento.

Só lhe restavam forças para fazer o que era preciso. Mesmo que Taki não estivesse morto, não passaria de um vegetal vazio, inútil. E, provavelmente, estava morto. Que seja. Fotis fez um sinal para o motorista.

O jovem agarrou-se na porta aberta, esticou o braço, engatou a marcha, deu um pisão no acelerador com o pé direito e girou o corpo, jogando-se para a esquerda. O Mercury engasgou, arrancou e oscilou no acostamento escorregadio e sujo, antes de rolar para baixo como um carro de brinquedo. Então sumiu numa nuvem de poeira. Ouviram o som de um baque e logo depois um barulho mais alto, que vinha do solo, lá embaixo. Fotis foi até a beira da estrada e olhou para baixo, para dentro da escuridão. Mal se via o contorno do carro, virado de cabeça para baixo, parecendo um inseto morto. Não havia fumaça e o tanque não se incendiara. Só neste momento, percebeu as luzes vindo do oeste.

Fez sinal para que o motorista entrasse no Peugeot e sentou-se no banco de trás.

"Entre naquele pequeno desvio ali na frente. Não acenda os faróis". O carro vindo do oeste passou alguns minutos depois, diminuiu um pouco a marcha no local onde o Mercury despencara, mas depois seguiu em frente. Fotis esperou e esta espera quase o derrotou. Suas dores vieram todas de uma vez, dificultando-lhe a respiração. A fadiga tomara seu cérebro, não conseguia pensar em nada. Chegou quase a acreditar que nada daquilo tinha acontecido, que a cabeça hirsuta diante dele era do seu sobrinho e que o Cobra andara simplesmente cochilando e sonhando. Um sonho horrível, tenebroso. Suas mãos tremiam, seu rosto estava banhado de suor.

"O que eu faço agora?", perguntou o motorista, baixinho.

O velho respirou fundo.

"Você é o motorista. Dirija".

---

19 Em grego no original. São assim chamados os cantores das missas ortodoxas (N.T.).

20 Em grego no original. É um espetinho de carne, muito comum na Grécia.

Parte Três

Prólogo

Épiros, 1944

O chão da trilha era de terra muito compactada, dura como pedra, e o capitão Elias não conseguia encontrar pegadas nem outros sinais de uso recente. Passou pelo vilarejo de Nikolaos, totalmente destruído pelo fogo, não mais que uma dúzia de paredes de pedra chamuscadas, e na maior delas algum andarte comunista tinha escrito em grandes letras brancas: O que você fez pela luta hoje, patriota? Na Capela de Maria, ainda conservada, o caminho parecia terminar, mas o capitão percebeu que, do outro lado, a trilha continuava. Como dissera Giorgios, era um local desolado. Montanhoso e rochoso, não servia nem para criação de animais nem para plantação. Só para Deus. Os religiosos sempre gostavam desse tipo de lugar.

A Capela de São Gregório estava perfeitamente visível, cem metros acima, mas a princípio Elias pensou que fosse apenas uma pedra grande. Era da mesma cor das pedras cinzentas que a circundavam, as paredes e o domo tendo perdido a cor original anos atrás. Era somente perceptível em função do triângulo escuro da entrada. Um caminho quase imperceptível levava até ela. Não havia árvores, somente uma ou duas rochas grandes, e pouca cobertura. A trilha era ladeada por encostas íngremes dos dois lados e a única vantagem do capitão era o fato de que a porta de entrada estava sendo iluminada diretamente pelo sol que acabava de nascer e o pequeno vale em que ela ficava ainda estava coberto pelas sombras.

A raiva e a imprudência, causada pela exaustão, fizeram com que ele subisse o morro. Ignorou o caminho e foi contornando as rochas, correndo em ziguezague para tentar se proteger. No meio do caminho, ouviu o som de um baque e uma pequena pedra voou, três metros à sua esquerda. Elias pulou para trás da última pedra de tamanho razoável entre ele e a capela. O tiro errara por

muito - ou Kosta estava apenas tentando alertá-lo ou algum fator atrapalhara sua pontaria. Talvez estivesse ferido. Elias sacou sua arma, rolou no chão e arriscou escorregar pela encosta tentando chegar a um lugar onde pudesse escalar o terreno difícil por um ângulo mais oblíquo. Chegou ao canto nordeste da capela sem que fosse novamente alvejado. E agora? Poderia correr para dentro, atirando, mas isso tiraria suas chances de conseguir as respostas que queria. Poderia tentar barganhar, mas Kosta jamais acreditaria que ele lhe pouparia a vida. O disparo era sua única pista. Houvera alguma hesitação.

"Kosta, abaixe a arma. Eu vou entrar".

Para sua surpresa, o capitão ouviu duas vozes discutindo baixinho, mas com fervor. Poderia ser sua única oportunidade. Deu três passadas rápidas e pulou para dentro da porta. Viu antes uma figura de costas, um monge assustado vestindo uma batina, depois alguém logo após a porta, agachado nas sombras, olhando para o outro lado. Elias bateu forte com a coronha da pistola e a figura abaixada caiu enquanto o monge gritava.

"Não o machuque, capitão, por favor".

Elias olhou em volta quando seus olhos se acostumaram com o escuro. A câmara era pequena, não havia onde se esconder. Só havia aqueles dois. O que estava caído aos seus pés era um garoto, dez ou onze anos, tendo uma arma molemente presa nos seus dedos frouxos. Ioannes, o irmão mais novo de Kosta.

Então, reconhecendo a voz do monge, Elias cravou os olhos nele.

"Kosta".

Ele estava sentado atrás de uma pequena mesa quebrada. A batina era, na verdade, um camisão largo, embaixo da qual se viam bandagens mal colocadas, manchadas de sangue. Uma descoloração violeta subia pelo seu pescoço, como uma asquerosa espiral, desfigurando parte do rosto. O olho direito, do qual escorria um fluido, estava fechado e grande parte do cabelo se fora. Somente o lado esquerdo da sua face preservava aquela beleza que tanto encantara as mulheres, e mesmo os homens, até poucas horas antes.

Havia uma garrafa de vinho vazia na mesa em frente dele, o que sobrara do seu conteúdo num copo que Kosta segurava com a mão esquerda. Na direita tinha pequenos pedaços de alguma coisa, papel ou tecido.

O ícone estava encostado na parede ao lado dele, os dois painéis ligeiramente separados, mas sem outros danos aparentes. Os olhos da Nossa Senhora olhavam para o capitão, focando-o com a poderosa expressão de julgamento e perdão, da qual Mikalis sempre falava. Aquele olhar acalmara o padre. Elias sentia apenas raiva. Tudo isso por sua causa, pensou ele, devolvendo o olhar da pintura. Meu

irmão, o velho, este garoto, quantos mais no passado? Uma deusa pagã, é tudo o que você é, exigindo sacrifícios de sangue. Você deveria ter queimado. Ergueu a pistola, como se fosse eliminar aqueles olhos acusadores, mas apontou-a para seu protegido traidor.

"Espere", disse Kosta, baixinho, num tom de resignação. Colocou na boca um dos fragmentos que estavam na sua mão direita e tomou um gole de vinho. Administrando seu próprio sacramento. Quando acabou de engolir, se recostou na cadeira e assentiu. Elias resistiu ao impulso de simplesmente puxar o gatilho. "Por favor, não mate o meu irmão", disse Kosta, então. "Ele não sabe o que está acontecendo".

Elias olhou para a criança debruçada e, subitamente, a nota de Stamatis fez sentido. Poupe o garoto. Não Kosta - ele sabia que aquela vida estava perdida -, mas o pequeno. Será que eu o feri seriamente, perguntou-se Elias. E por que se importar? O menino tinha atirado nele. A família toda era uma merda.

"O que é que ele está fazendo aqui?”

"Eu não conseguia andar e carregar o ícone ao mesmo tempo".

"Então, o seu pai mandou o menino junto. Por que não mandou a tua irmã, também? Por que não a família inteira? Afinal de contas, o prêmio valia a pena!”

Kosta ficou calado.

"Você me traiu", continuou Elias, sem emoção, como se estivesse comentando o tempo. "E eu fui o único que confiou em você".

"Você me mandou fazer o seu trabalho sujo, e eu fiz direitinho".

Havia um novo desafio na voz dele - ou estivera sempre lá, enterrado e só exposto agora pelas chamas que tinham queimado o corpo?

"Claro que fez. Roubar e matar estão no seu sangue. Eu te dei um objetivo e você me traiu".

"Talvez estivesse sendo leal à minha família".

"Um porco como o seu pai não merece lealdade. Lealdade! Seu miserável, por que você fez aquilo com o Mikalis?”

"Ele nos pegou com o ícone".

"O seu pai ainda estava na igreja".

"Ele se atrapalhou com a parede falsa".

"Foi você quem disse para ele onde ficava?”

"Foi".

"Porque você me ouviu dando as instruções para o Müller?”

"Certo, mas elas não eram fáceis de seguir. E ele levou um tempão só para fazer um pequeno furo.

Aí achou que tinha ouvido os alemães chegando, então botou fogo na frente da igreja. Mas o incêndio tomou todo o lugar antes que ele pudesse pegar o ícone".

"Como foi que ele saiu?”

"Pretendia sair pelos fundos, mas naquele momento eu, você e os outros já estávamos lá. Ouviu o padre falando alto, senão teria corrido diretamente na nossa direção".

"Por que não usar a cripta?”

O rosto queimado pareceu medir o capitão, pesando as palavras.

"Ele tentou. Tinha alguém lá".

"Alemães?”

"Não".

"Quem?”

"Adivinha!". Mexendo-se na cadeira, Kosta fez uma careta de dor. Fosse qual fosse o alívio que o vinho estivesse lhe proporcionando, o efeito estava desaparecendo. Não havia morfina, ou qualquer outra coisa acessível, que pudesse aliviar a dor de queimaduras daquele grau. Depois, uma vida de desfigurado. Eu estaria lhe fazendo um favor, pensou Elias.

"Por que você tinha de matá-lo?”

"Eu não queria. Eu já tinha quase conseguido desviar a atenção dele quando o meu pai saiu da cripta com o ícone. O Mikalis entendeu na hora. Tentou arrancar a pintura das mãos do meu pai. Eu ainda tentei puxá-lo para fora, mas ele começou a gritar. Você deve ter ouvido".

"Nós estávamos atirando; não ouvimos nada. Mas isso não importa. Ele percebeu o que você estava tentando fazer e aí você teve de matá-lo".

"A primeira porrada foi só para fazer ele ficar quieto".

"Pois provocou um ferimento grave, que costuma matar".

"Eu não tive tempo de pensar. Mesmo depois, ele continuou a lutar. Tinha fogo por todo lado. Eu tive de bater de novo. Ele rolou pelas escadas da cripta, ainda xingando a gente". A expressão de Kosta mostrava quase reverência pela memória. "Achei que ele podia sobreviver".

"Não sobreviveu".

Kosta assentiu com um ar tão triste como se fosse seu próprio irmão que tivesse morrido. Que espécie de estranhos animais nós somos, pensou Elias.

"Como é que você saiu?”

"Naquele momento, o incêndio já tinha diminuído na parte da frente. Nós saímos correndo por ali".

O capitão reviu a cena, mentalmente, mais uma memória que um exorcismo. Reviu a parede de fogo, a morte deste lado, a sobrevivência do outro,mas com um preço a ser pago.

"Eu peguei o pano que cobria o altar e me enrolei nele", continuou Kosta. "Aí, fui na frente, meu pai logo atrás de mim. Tropecei numa tábua chamuscada e caí". Sua voz falhou. "Meu pai...".

"Te abandonou".

"Não, ele tentou me ajudar".

"Ele te largou lá". Elias podia imaginar a cena perfeitamente, com toda a clareza. "Pior ainda. Ele passou sobre o seu corpo caído, correndo para salvar a própria vida".

"Não". Mas o jovem estava tomado, tremendo de angústia e dor.

"Ele é um cão, Kosta, que mataria os próprios filhos por um bom lucro".

"Ele me arrancou do meio do fogo".

"Depois. Só depois de ter tirado o ícone do incêndio".

"Você viu?”

"Não. Quem tratou das tuas queimaduras?”

"Minha tia. Acho que ela não serve para enfermeira. O bálsamo não adianta nada. Minha pele está queimando".

"Ela não teve tempo. O teu pai te mandou embora para que pudesse ficar para trás e negociar. Só que calculou mal".

"Como está o meu pai?”

"Este tipo de queimadura leva muito tempo para sarar, Kosta. Talvez nunca sare. Você já se viu?”

"Não tentei. Devo estar horrível. O Ioannes não tem nem coragem de olhar para mim".

O menino gemeu ao ouvir seu nome, tentou se sentar, contorceu-se e vomitou. Só então Elias pegou a arma que estava ao lado de Ioannes. Estava ficando cada vez mais desleixado; ainda ia acabar cometendo um erro grave.

"Olha, meu amigo, teu irmão está vivo. Só não sei por quanto tempo".

"Isso está nas suas mãos, capitão. Eu sei como você e o seu mestre gostam de dar uma de Deus".

"O que o Dragoumis e o seu pai andaram tramando?”

Kosta apenas sorriu, lançando um olhar torto que não dizia nada.

"Vamos lá", zombou Elias. "O seu pai eu ainda entendo. Mas você não tem nenhuma razão para proteger o Dragoumis. E tem todas as razões para me dizer a verdade".

"É, acho que é isso mesmo. Mas ainda me resta o prazer de te ver tateando no escuro. Vocês dois passam mais tempo escondendo coisas um do outro do que lutando. No fundo, são uns fracos".

"Você está querendo ver o menino morrer na sua frente?”

Kosta remexeu-se na cadeira, a agonia da sua carne torrada era agora implacável.

"Você não vai matá-lo, eu te conheço".

Elias olhou para a criança que olhou de volta com ar de espantada incompreensão. Ele não mataria Ioannes, mas só tivera certeza disso depois que Kosta falara.

"Como está o meu pai?”

"Por que você se importa?”

"Ele ainda é meu pai".

Talvez o caminho fosse por ali. Kosta deveria saber que seu pai já estaria morto, mas todo homem tem seu ponto cego. Elias procurou um lugar para sentar, mas não encontrou.

"O Cobra o pegou. E ele vai morrer, se eu não fizer alguma coisa. E eu não vou fazer porra nenhuma a não ser que você me conte exatamente o que aconteceu".

"Você já sabe o que aconteceu. O que importam os detalhes?”

"Quero saber o papel do Dragoumis nessa história".

"E como isso ajudaria o meu pai? Você acreditaria em qualquer coisa que eu, um homem moribundo, te contasse agora. Eu poderia jogar vocês dois, um contra o outro. Para quê? O que me importa?”

"Os homens me obedecem. Eu posso proteger o teu pai".

"Eles te obedecem, mas morrem de medo do Cobra. Nunca vão traí-lo. E eu acho que você também não vai traí-lo".

"Você acha que eu tenho medo dele?”

"Não, o meu capitão não conhece o medo. É um escravo do dever".

Kosta começou a rir, mas estremeceu. "Meu Deus, como dói. Por que você não atira de uma vez?”

"Me conta o que eu quero saber, seu porra, senão eu vou fazer doer ainda mais".

"A verdade, sim, claro, eu vou te contar a verdade. Ouça bem. Foi tudo idéia minha. O Cobra não sabia de nada. O meu pai só ajudou porque eu o ameacei. Eu ameacei contar para você todas as armações sujas dele. Não. espere, tem mais. Ele roubou o ícone para impedir que você o desse para os alemães. Ele é

um patriota, até mesmo um herói, o meu pai. O que você acha disso? Conte essa história para o seu patrão".

Kosta estava apenas zombando dele. Ele o levara pelo caminho errado. Agora Elias teria de usar outros métodos e, só de pensar nisso sentiu-se doente.

"Olha, Kosta, eu vou fazer você falar".

"Mas eu já te contei tudo. Fui eu quem fez tudo, roubei o ícone, matei o hipócrita do teu irmão".

"O que foi que você disse?”

"Todos os padres são uns hipócritas, uns mentirosos de uma figa. A religião é uma mentira. Foi você mesmo quem me disse isso". Havia agora um sorriso falso pendurado na máscara queimada. "Eu acho que você nem gostava do seu irmão".

"Miserável!”

"Sério. Eu achei que você fosse ficar feliz por eu ter acabado com o sujeito".

"Cala a boca, seu miserável!" O capitão espremeu as palavras para fora da boca, mal conseguindo falar, seu corpo inteiro era um músculo retesado.

"Por que você acha que eu vou te obedecer? Estou além das ordens dos humanos. Não tenho nada a temer, nem a esconder". Respirou fundo. "Estou condenado e vou encontrar o miserável do teu irmão no inferno, onde ele já está queimando, agora mesmo".

A ação foi involuntária, instantânea. O estampido e o clarão encheram a pequena câmara. A cabeça de Kosta foi jogada para trás e uma névoa brilhante cobriu a antiga parede atrás dele, como um verniz abstrato revestindo três quartos da imagem quase apagada de um santo que estava pintado lá. O zunido persistiu por longo tempo nos ouvidos de Elias. Dias e semanas. O braço que segurava a pistola quente caiu ao lado do corpo. Entendeu imediatamente que tinha sido enganado, provavelmente já soubesse disso antes de atirar. Os dois tinham se aliado nesse jogo de provocação e reação, de maneira que evitassem o que, caso contrário, se seguiria. Mesmo assim, Elias não podia se livrar da sensação de ter sido feito de bobo. Tinha descoberto pouco. Kosta morrera protegendo um pai que já estava morto e Fotis preservara todos os seus segredos.

O capitão pegou o ícone e achou-o muito pequeno e leve para toda a reputação que tinha. Um facho de luz do dia passou pela porta e iluminou a superfície, fazendo com que as lâminas de ouro brilhassem. De dentro das sombras, os olhos já não pareciam acusadores, estavam como que assustados, ou temerosos. Como os de uma mãe que sabia que seu filho estava condenado. Os dois painéis estavam mesmo desalinhados, parecendo que alguém tinha cavado

as juntas de um dos lados.

Ele iria mesmo entregá-lo para Müller? Seu irmão morrera tentando salvá-lo; por que ele não tentava honrar aquele ato valente e fútil? Mas fazer o que, ficar com ele? Fotis e Müller o perseguiriam até os confins da terra. E quarenta cidades teriam seus habitantes fuzilados. Então Mikalis verdadeiramente teria morrido por nada. Não, a última boa coisa que Elias podia fazer era trocar o ícone por aquelas vidas. E as armas, não podia esquecer das armas, o propósito original de toda aquela loucura.

Um pequeno som lamentoso atraiu sua atenção; a criança, Ioannes, com a cabeça arranhada e os olhos do tamanho de pratos, olhava fixamente não para seu irmão assassinado, mas para Elias. Não havia como saber quanto ele vira ou ouvira, e agora ele era um problema. Uma testemunha contra Elias. O último representante de sua descendência e, portanto, o representante inevitável de uma guerra entre famílias. A lógica impunha uma única possibilidade. Fotis não teria hesitado, mas ele não era Fotis.

Ele conduziu a criança para fora, para a luz do sol, onde ela começou a tremer incontrolavelmente.

Depois, Elias voltou para dentro e envolveu o ícone na velha jaqueta de pele de cabra na qual a obra fora levada até ali. Kosta olhava cegamente para o céu. O capitão resolveu fechar os olhos do morto.

"Vou voltar para buscar o seu irmão", disse Elias para o menino, quando saiu novamente, o pacote debaixo do braço. "Não vou abandoná-lo aqui".

A criança não disse nada, encarava o espaço, mas o tremor tinha diminuído um pouco.

"Vamos", disse o capitão, e eles começaram a descer o morro juntos. Quando chegaram à trilha, Elias olhou para o sul. Teria de percorrer aquele caminho brevemente, mas ainda havia uma coisa a fazer.

Precisava deixar o menino em algum lugar e achava que sabia onde. Mesmo assim, deixou-se ficar mais um momento, olhando para o sul, sua mente viajando até Katarini. Sua cidade. De um jeito ou de outro, correria a notícia do que ele e Fotis tinham feito, e aquela já não seria sua cidade. Teria de sair de Lá para nunca mais voltar. Não fazia diferença. Sua vida seria em Atenas, depois que eles expulsassem os alemães, desde que os comunistas não a tomassem. Ele não podia esperar que os outros entendessem a necessidade do que fizera.

O mundo estava cheio de homens pequenos, mas mesmo assim ele se sentia triste. Gerações de seus antepassados tinham vivido ali, Os OSSOS de seu pai descansavam naquela vila, e agora os de seu irmão também teriam o mesmo

destino. Mas não os seus, os seus, nunca.

O capitão Elias expulsou esses pensamentos da mente, pegou o menino pelos ombros e dirigiu-se para o norte.

18

Primavera de 2000

As mesas em volta deles, no pequeno barzinho do aeroporto, estavam vazias. De qualquer maneira, pensou Matthew, ninguém ia saber o que fazer de uma história tão estranha. Ele não desperdiçara a oportunidade de Andreas ter vindo buscá-lo no aeroporto, e levara o velho para o canto silencioso mais próximo para lhe perguntar pelas partes da história que ainda não sabia.

"A troca deu certo?”

Antes de responder, Andreas deu um gole no seu refrigerante.

"Deu. O Stefano deu o recado e, mesmo então, o Müller estava a fim de fazer o negócio. O soldado que nós matamos na igreja não significava nada para ele, o que ele queria era juntar seus tesouros.

Muitos oficiais alemães estavam fazendo a mesma coisa. O Merten, o que era encarregado de Salônica, enterrou cinqüenta caixotes de ouro roubado dos judeus perto de Kalamata, pensando em recuperá-lo depois da guerra".

"Eu li sobre isso".

"O Müller não estava a fim de ouro. Queria arte, especialmente arte religiosa, era a paixão dele.

Soube do ícone por alguma fonte, provavelmente pelo pai dele. Roubo de arte era uma tradição familiar. Eu só soube disso depois, quando estava atrás dele. Ele conseguira o posto na Grécia só para achar o ícone.

Como o Göring era amante de arte e os nazistas obcecados pelo oculto, eu imagino que a história de uma obra que tivesse poderes sobrenaturais faria o maior sucesso. Talvez até um deles tenha mandado o Müller especialmente para roubar o ícone, um presente de aniversário para o Führer, o que você acha?”

O tom do velho era de cinismo, mas Matthew sentiu a profundidade da suspeita e da mágoa, sentiu um estremecimento correr pelo seu corpo. Seria esta hipótese realmente tão absurda?

"Épiros ficava na zona ocupada pelos italianos", continuou Andreas, "então o Müller tinha de esperar o momento propício. Mesmo depois que os alemães tivessem tomado a região, havia um monte de vilas e todos aqueles morros. Seria como procurar uma agulha no palheiro, entende? Os gregos adoram fofocar, mas

ninguém abriria a boca sobre a Nossa Senhora. Muitas cidadezinhas tinham ícones antigos, e todas gostavam de dizer que o delas era o famoso. Ninguém sabia onde o nosso ícone tinha ido parar.

Depois de derrotarmos os italianos, antes dos alemães chegarem, meu irmão escondeu-o atrás de uma parede, num lugar secreto, perto do altar, atrás do iconóstase. Um bom esconderijo. Só o Mikalis, o marceneiro e eu sabíamos onde ficava".

"E o Fotis?”

"Não sabia. Foi por isso que ele precisou vir até mim. O Müller entendia as diferenças políticas entre os guerrilheiros. Os comunistas eram mais fortes, portanto os contatos se desenvolveram entre os alemães e outros grupos. Nós estávamos combatendo contra eles também, especialmente em Épiros onde aquele bunda-mole do Zervas comandava os republicanos. Mas o Zervas estava mais preocupado com os comunistas, os monarquistas, a quem odiava ainda mais, até fazer as pazes com eles. Com o desenvolvimento da guerra, quando entendemos que os alemães estavam para se retirar, todo mundo começou a pensar na política de pós-guerra".

"E você também".

"Também. Eu era republicano de coração, não estava nem aí com o rei. Queria um presidente, como nos Estados Unidos. Mas eu e o seu padrinho servíamos o governo que estava no exílio, o que fazia de nós monarquistas. Melhor a monarquia, qualquer coisa era melhor que o comunismo. Eu e o Fotis concordávamos neste ponto, que aliás era o foco das nossas preocupações. Mas combatemos os alemães, matamos muitos, perdemos homens excelentes. Vimos cidades inteiras serem queimadas. O meu povo lutou".

O velho deu um novo gole e pareceu estar longe dali.

"Então o Müller te procurou".

"Procurou o Fotis, que era o nosso comandante regional. Ele também é de Épiros, de Ioannina e fez o serviço militar em Atenas, antes de mim. Quando cheguei lá, ele já era instrutor. Um sujeito muito esperto, forte, endurecido, do jeito que eu queria ser. Éramos Patriotas e, lógico, ficamos amigos. Me desculpe, você já sabe esta parte da história, não?”

"Grande parte, mas continue".

"Quando os alemães interceptaram nossos exércitos, nós pedimos para voltar para Épiros. O governo estava saindo de Atenas e os homens estavam se dispersando para se reorganizarem em locais diferentes. A maioria nunca conseguiu. A resistência foi montada localmente, por si própria, e os comunistas

fizeram o melhor trabalho. O Fotis e eu trabalhamos com os ingleses, levamos cartas e ouro para o Zervas.

Dá para acreditar, eles tinham de pagar para que ele lutasse? Mesmo assim, ele demorou. O Fotis era um sujeito paciente, mas eu precisava fazer alguma coisa. Os homens da minha região tinham formado um grupo de guerrilheiros e eu me juntei a eles. Quando o capitão foi morto, eles me escolheram para liderá-los".

"Mas você não era jovem demais para um posto destes?”

"Mais velho que a maioria. Eu já estivera no exército e, anos antes, meu pai liderara guerrilheiros combatendo os turcos. Isso significava muito para eles, pais, avós. Como se um herói não pudesse ter um filho bêbado, ou o contrário. Seja como for, o Müller contatou o Fotis. Dois cidadãos do mundo. O ícone em troca de armas. O Fotis me convenceu a concordar. Nós precisávamos de armas, as nossas eram velhas e ruins. O Zervas estava estocando as que os ingleses davam para ele, e nós nem sabíamos de que lado ele estaria no final. O que corria era que o ícone tinha desaparecido. Para mim, ele já era uma espécie de... ser mitológico. Eu era um homem moderno".

As palavras de Andreas eram amargas e veio à mente de Matthew a defesa de Fotis. Como poderia ter sido idéia minha? Queimar uma igreja? Trocar uma obra de tanto amor espiritual e beleza? Seu padrinho sempre enfiava pedaços de verdade nas suas mentiras. Era como conseguia ser tão convincente.

"Botar fogo na igreja foi idéia do Stamatis", disse Matthew.

"Foi".

"E o Fotis nunca pretendeu dar o ícone para os alemães". Ele verbalizava os pensamentos assim que surgiam em sua mente, como se traduzindo diretamente do inconsciente. "Toda a armação era apenas para que ele descobrisse onde estava escondido. Para fazer com que você contasse. Até onde você sabe, foi ele quem procurou o Müller e não o contrário".

Andreas ficou quieto um longo tempo, olhando através de Matthew para a parede de vidro estriado e os corredores apinhados de gente logo atrás.

"Todos estes anos eu pensei sobre estas coisas", disse ele, afinal. "Suspeitei desde o começo. Foi por isso que eu mesmo organizei o plano de ação, que acabou dando em merda. Foi por isso que eu não mostrei para ninguém o bilhete do Stamatis e fiz, eu mesmo, a troca final. Eu queria saber qual era a armação do Fotis, mas nós tínhamos matado os dois homens que poderiam ter-me contado. Ele, o pai; eu, o filho. E, conforme o tempo foi passando, eu comecei a não ter certeza se queria mesmo saber. Porque a verdade poderia jogar a culpa da morte

do meu irmão, e das pessoas que moravam na minha vila, nos ombros dele. E então eu teria de resolver o que fazer a respeito".

"O que aconteceu com os habitantes da vila?”

Andreas travou os dentes, uma ou duas vezes, os falsos estalando.

"O Müller os fuzilou".

"O quê? Mesmo depois de você ter-lhe dado o ícone!?”

"Na manhã seguinte. Ele pegou o ícone, me deixou ir embora, e nós pegamos as armas naquela noite. Uma bela coleção, cinqüenta rifles, algumas metralhadoras e engradados de munição. O Fotis não soube de nada até que tudo acabou. Eu inventei uma história de que alguém vira o Kosta e eu o seguira e tivera de agir rápido para salvar meus conterrâneos. Ele ficou furioso, puto da vida, mas disfarçou e me cumprimentou pelo que eu fizera. Nós ainda tínhamos de trabalhar juntos. Na manhã seguinte, o Müller fuzilou vinte pessoas. Ele tinha conseguido esperar um dia, mas seus homens não tolerariam a falta de uma vingança. Era parte do sistema deles; eu devia ter previsto. Provavelmente, ele achou que estivesse sendo generoso, só vinte em vez de quarenta, ou cinqüenta. Dois dos mortos eram primos meus, um deles uma mulher, Glykeria. Os pais dela queriam que nós nos casássemos. Ela foi fuzilada junto com o pai. Um dos outros era o meu mensageiro, o Stefano".

Matthew pensou nas fotografias que vira; gente caída, retorcida no chão, jogada num bosque de oliveiras, toda a população masculina de uma vila, alinhada contra a parede e fuzilada; um oficial alemão passando entre eles com uma pistola, dando um tiro de misericórdia nos feridos. Eram fotos de Creta, ele se lembrava, mas podia ser de qualquer outro lugar da Grécia. A morte de Mikalis, o padre, fora como que absorvida por tanta matança, uma gota de água no oceano.

"Foi por isso que você caçou o Müller todos estes anos. Não tinha nada a ver com o ícone".

"Tinha tudo a ver com o ícone, mas eu não o queria, se é isso que você quis dizer. Aquele ícone dá azar. Quando eu ouvi o som dos disparos naquela manhã, me deu vontade de destruir a droga da coisa.

Queria que tivesse queimado no incêndio".

Matthew tomou um grande gole da sua cerveja e ficou imaginando o ícone, a pintura lascada, os olhos hipnotizadores, tudo envolto em chamas. Escurecendo e se desfazendo em cinzas. Se, cinqüenta anos atrás, tivesse queimado, não haveria razão para a batalha atual. Seu padrinho e seu avô não estariam se enfrentando. E ele mesmo teria sido salvo daquela perturbadora obsessão. No

entanto, quem poderia dizer quantas vidas ele teria beneficiado? Entre o desprezo de Andreas - uma espécie de superstição às avessas - e a reverência pervertida de Fotis, Matthew fora levado a ver apenas os aspectos negativos, que tinham mais a ver com os homens envolvidos do que com a obra. Mesmo o desejo que sentia por ela, seria impuro? Ele a queria, sim, mas apenas para estudar, para sentar-se, em contemplação, diante da calma que ela irradiava.

Outras pessoas deviam sentir a mesma coisa. Por séculos, a Igreja usara o ícone como uma força do bem, sem que nenhuma lenda de morte ou discórdia emergisse em volta dele. Era uma questão de devolvê-lo para as mãos certas.

"Uma história horrível. Eu lamento".

"Só mais uma, daqueles tempos terríveis".

"Houve milhares de execuções, não foi? Sempre que vocês resistiam, eles se vingavam nas pessoas".

"Mas vocês não pararam de lutar por causa disso. O ícone foi só um acaso". Matthew odiava o tom da própria voz. "E, de um jeito ou de outro, vocês precisavam das armas, certo?”

"Ah, claro, as armas foram muito úteis, mais tarde. Para matar nossos próprios conterrâneos".

"O Müller teria fuzilado mais gente, se você não tivesse feito a troca".

"Toda a minha vida", disse Andreas, baixinho, "eu consegui ver através dos homens. Não o tempo todo, mas com tanta freqüência que me acostumei a depender disso. Algum tolo me contava uma mentira e eu via claramente a verdade, como se estivesse escrita na minha frente. Como num filme. Descobri muitos segredos dessa maneira, evitei cometer grandes erros. Mas, em tudo o que diz respeito a este ícone, agi como um cego. Via só uma parte da verdade e minhas decisões sempre estiveram erradas. Em todos os momentos, eu dei o passo na direção errada".

"Papou, você está sendo muito duro com você mesmo".

"Não acho, não. Os sinais estavam lá, um homem mais esperto teria sabido interpretá-los corretamente. Eu sabia o suficiente para manter o Fotis fora da troca, mas cometi um erro tremendo confiando no Kosta. O que custou a vida do meu irmão. Fiz um acordo com o Müller, que qualquer criança saberia que ele não ia cumprir. Mais vinte mortes".

"Você não tinha como salvá-los".

"Fiquei caçando um fantasma por toda Nova York, enquanto o Fotis aprontava bem debaixo do meu nariz, usando você".

"Você não tinha como saber nenhuma dessas coisas. E você não é

responsável pelo que eu fiz. Eu fui o maior idiota de todos".

"Você não tinha as informações necessárias. E você tem uma fraqueza por esta coisa. Neste caso, também, ele viu o que eu não vi. Ele sempre esteve um passo na minha frente. E ainda está".

"Se não estiver morto".

"Eu não contaria com isso".

"Você não acha que era ele naquele carro com o Taki?"

"Eu só tenho relatórios de segunda mão, mas a descrição, a idade presumida, tudo o que me contaram, não bate".

"Eu devia ter ido até lá para identificá-lo. Mas o Sotir me empurrou para dentro do avião, não queria que eu me visse envolvido em nenhuma Investigação".

"Ele tinha razão. Eles poderiam te segurar por semanas".

"Mas, pelo menos, a gente saberia".

"Talvez não, o corpo estava quase irreconhecível. Eu fico feliz que você não tivesse sido obrigado a vê-lo. Eles terão certeza em poucos dias, pela arcada dentária, impressões digitais. Mas não é ele".

Andreas fechou os olhos, perdido em seus próprios pensamentos. Matthew deu outro grande gole.

Ele viu o que eu não vi. O que foi que Fotis viu? O que Andreas imagina que Fotis via? Que Matthew poderia ser coagido, ou inspirado pela fé? Seria verdade? Aquelas suas hesitantes tentativas, as estranhas manifestações de estupor, poderiam ser chamadas de fé? Deveria ter vergonha delas? Sentia-se agora embaraçado ao lembrar de seu pai diante do ícone. O que ele esperara? Que a Nossa Senhora saísse da madeira e, encostando na testa de Alex, proclamasse, Você está curado! Talvez sua única pretensão fosse que o pai sentisse a mesma alegria, o mesmo mistério que seu filho sentira diante da imagem. Que os dois compartilhassem alguma silenciosa comunhão ali mesmo, naquele instante. Ridículo.

"Eu gostaria de saber que diabo fazer agora", exclamou Matthew O velho olhou-o nos olhos pela primeira vez, em muitos minutos.

"Em nenhum momento eu te dissuadi desta caçada. Eu te ajudei em tudo o que pude, certo?"

"Claro. Eu fiquei meio puto com o Sotir, mas ele livrou a minha cara, então eu sou muito grato".

"Então, o que eu tenho de te dizer agora é para largar a mão. Dois homens estão mortos. Outro está no hospital e um outro desaparecido. Essa perseguição

ficou perigosa demais para um prêmio pequeno demais. E, seja como for, o que você faria com o ícone, afinal?”

"Daria para a Igreja grega, como a Ana Kessler pretendia".

"Não é o suficiente. Não é razão para morrer ou colocar em risco a vida de outras pessoas. Ela recebeu o dinheiro dela e está muito mais segura sem a obra. Se ela não mudar de idéia, a história dela vai fazer com que você não seja processado. Não há razão para continuar. Para não falar que as pistas estão todas frias".

"E os russos?”

Andreas suspirou.

"São homens perigosos. Será muito difícil conseguir informações. As maiores possibilidades são de que eles já se livraram do ícone há dias, se é que alguma vez o tiveram".

"O que você está querendo dizer? Se eles não o pegaram, onde é que ele pode estar?”

"Tudo o que eu estou dizendo é que nós andamos subestimando o Fotis". Andreas encarou-o fixamente. "Vejo que eu não te convenci. Isto significa que você não pretende desistir da busca?”

Matthew se sentiu encurralado, depois subitamente irritado, até mesmo furioso, por mais absurdo que fosse. Ele não queria nada além de esquecer todo aquele assunto. Já tinha ficado assustado e até doente por causa dele. Por que aquilo o envolvia tanto que ele nem conseguia falar? Era simples, bastava dizer eu desisto. Era só dizer.

"Mas valia a pena quando você pensou que ia pegar o seu nazista", foi o que Matthew acabou dizendo. "Agora que já não existe nenhum Müller, não compensa mais. É assim que são as coisas, não?”

"Nunca valeu a pena, especialmente para você".

"Você está me perguntando o que eu vou fazer. E você? Você vai desistir?”

"Eu quero descobrir o que aconteceu com o Fotis. Se puder encontrá-lo, terei de convencê-lo a falar comigo sobre alguns velhos assuntos. Percebo agora que esta devia ter sido sempre a minha prioridade". Andreas limpou a garganta. "Quando eu te peço para deixar esta coisa pra lá, eu não falo somente da busca física. Eu gostaria que você esquecesse isso, tirasse da sua mente, do seu coração".

Uma aeromoça passou por eles indo em direção ao bar, alta, loira, seu sorriso profissional substituído por uma aguda consciência da sua boca e olhos, lindos. Fez com que Matthew se lembrasse de Ana.

"A polícia vai descobrir tudo o que os russos sabem, antes de nós", pressionou Andreas. "Foi nesse ponto que eles concentraram seus esforços. Vou fazer perguntas por aí e te informo o que descobrir.

Isso te ajuda? Ou vai te ajudar mais se eu sair de cena? Você tem de pensar no seu pai. Na mulher. São coisas que merecem mais a sua atenção".

Sinais de desespero eram perceptíveis no discurso do velho. Matthew cerrou os pulsos, consciente de que seu avô o observava. Por que não dizer simplesmente?

"O ícone é veneno", murmurou Andreas, rouco de emoção, um tom de voz tão novo nele que acalmou a raiva de Matthew "É como um veneno no seu sangue. Isso já aconteceu muitas vezes; você não é o primeiro. Você tem de se curar dessa doença".

"Preciso ir ao banheiro".

Matthew levantou-se rapidamente e saiu da mesa. Instintivamente, se dirigiu para os fundos do bar, não tendo a menor idéia de onde ficavam os banheiros. Poderia perfeitamente estar indo na direção errada.

Deixar pra lá, largar mão. Palavras mágicas. Por que ele não conseguia pronunciá-las?

19

Esta não foi uma boa idéia, pensou Ana. Aquilo lhe ocorrera no momento em que o homem sugeriu o local, ao telefone, mas era somente agora, de pé na ampla nave semi-obscurecida da catedral, que ela percebia o quanto estava sendo tola. Esses intermediários do submundo eram um bando de excêntricos, sempre preocupados com lugares seguros para seus encontros. Seu avô tinha negociado com muitos deles, talvez até mesmo com este que ela agora aguardava. Essa era a razão pela qual ela estava lá. Mas eles não fariam um negócio, portanto não havia razão para segredos, para este local gótico, fora de mão. Qualquer cafeteria teria sido a mesma coisa.

A Catedral de São João, o Divino, era um lindo lugar. Ninguém esperaria encontrar a maior igreja cristã do mundo - só menor que a Basílica de São Pedro, no Vaticano - em Morningside Heights, entre o Harlem e o Rio Hudson. Num ritmo verdadeiramente medieval, os trabalhos para sua construção, que já duravam cem anos, ainda não tinham sido concluídos e provavelmente nunca seriam. Ana não conseguia imaginar as torres quadradas chegando um dia a ser mais altas que as de Notre Dame, mas mesmo assim o que já tinha sido construído era impressionante. Ela sempre fazia o caminho mais longo, dando a volta para se aproximar da igreja pelo oeste. Ao subir o morro do Riverside Park na Rua 112, a colossal fachada tomava todo seu campo de visão, a luz do sol brilhando na rosácea de mais de quinze metros, e em todas as curvas e adornos, as fileiras de santos em tamanho maior que o natural parecendo pequeninos em comparação com o todo. Poderia ser, como muita gente correta alegava, um desperdício de dinheiro, mas Ana entendia o impulso de construir em escala tão grande, para encantar o olho, tocar a alma com grandiosidade. Era um substituto para a espiritualidade pura que poucos conseguiam atingir com regularidade. Era feita para pessoas como ela.

A ampla nave vazia era grande o suficiente para acolher um exército. Os corredores laterais eram iluminados por centenas de metros quadrados de vitrais e decorados com quadros. Seguindo as instruções, Ana ficou de pé em frente ao Memorial do Holocausto, uma figura esquelética, caída, esticada no chão. Era uma imagem poderosa, mas fantasmagórica e, passados alguns instantes, ela sentiu seu desconforto crescer com o fato de ter de ficar parada ali tanto tempo, como se Del Karos estivesse remoendo os mais tenebrosos rumores sobre o

passado do seu avô, fazendo com que ela olhasse fixamente para uma lembrança de horror. Simples paranóia da parte dela, sem dúvida. Estava frio e Ana se sentia só, mais sozinha do que nunca e isso não era pouco. A vacuidade da igreja servia para ecoar e ampliar a sensação oca que ela sentia dentro de si. Havia, na verdade, algumas outras pessoas no local, mas a vastidão da catedral as apequenava. Ela só via pequenas figuras na distância.

Uma dessas figuras estava vindo do altar na sua direção. Alto, ou sua magreza o fazia parecer assim, com cabelos loiros e curtos e óculos sobre olhos de um azul transparente. Feições suaves e um sorriso confiante que não desapareceu desde o momento em que viu Ana até que se postou na frente dela.

"Senhorita Kessler?”

"Isso mesmo".

"Jan Klee". Estendeu a mão que ela aceitou. Um cumprimento macio, europeu. "Eu trabalho para o Sr. Del Karos, que está esperando a senhorita. Por aqui, se fizer o favor de me acompanhar".

Ela seguiu-o, tentando identificar o sotaque. Tinha de ser holandês, com aquele nome. Ele andava num enganoso passo casual, imprimindo certa velocidade. Ana teve de se apressar para acompanhá-lo.

"Espero que ele não tenha ficado me aguardando. Creio ter chegado na hora".

"A senhorita foi perfeitamente pontual, não se preocupe. O Sr. Del Karos sempre chega cedo. E é muito paciente".

"Isso é muito bom. Eu estou sempre atrasada e sou terrivelmente impaciente".

Jan deu uma risadinha de entendimento.

"Eu também sou assim. Dizem que a paciência vem com a idade. Mas era de se esperar que o contrário fosse mais verdadeiro".

"O que você faz para o Sr. Del Karos?”

"Muitas coisas. Principalmente ajudo-o a ir aos lugares. Ele é muito velho, como a senhorita sabe".

"Sim, claro".

Eles passaram pelo centro da igreja. Bem no alto, ficava o enorme domo, pintado numa cor ferruginosa e sem ornamentos. Ambos pararam e olharam para cima.

"Cinqüenta e quatro metros", comentou Jan, "do chão até o domo".

"Nossa!", exclamou Ana, estupidificada. "Eu não sabia disso. Você deve saber muito sobre este lugar".

"Não. Mas acabei de ler naquele folheto". Ele voltou a caminhar. Ela estava começando a gostar do sujeito. De alguma maneira, se sentia bem em saber que Del Karos tinha um assistente estudioso; fazia com que tudo aquilo parecesse mais normal.

O nome a incomodara desde o momento em que Emil Rosenthal o pronunciara, e ela vinha fazendo o maior esforço de memória para tentar descobrir a razão. Até onde ela soubesse, seu avô não mantinha um diário, mas suas agendas eram cadernos grandes e grossos, com capa de couro, onde ele anotava muitas informações. Ela encontrara a pilha de volumes, poucos dias após a morte dele, numa prateleira do estúdio. Cinqüenta ao todo, numerados e datados. Desde então, ela pretendera dar uma olhada neles mas, até o dia anterior, não tivera tempo. Por puro impulso, fora até o ano de 1984 e imediatamente achara o que estava procurando. O dia 16 de junho estava sublinhado, com os horários de partida e chegada de um vôo da Pan Am para Caracas, um vôo em que seu avô não embarcara por estar doente. Seu pai fora no lugar, em seu próprio jato e, presumivelmente, se encontrara com o homem cujo nome estava escrito embaixo: Roberto Del Karos. Dois dias depois, o jato do seu pai se espatifara contra uma montanha. Os nomes eram semelhantes, mas o que isso queria dizer? Seriam nomes muito comuns?

Eles subiram alguns degraus, entrando na galeria sul, parte do corredor em semicírculo que circundava o coro e o altar, e que dava acesso a sete capelas. Jan parou diante de uma entrada na parede de pedra, à direita deles. Ao contrário das outras, que tinham portões de ferro trabalhado que permitiam a visão dos que passavam em frente, a Capela de São Tiago ficava escondida. Ana olhou para Jan e pensou ver algo desafiador no sorriso dele, uma sombra nos seus olhos que era perceptível apenas de muito perto e ele estava bem ao lado dela naquele momento. Ela respirava rapidamente, o pulso batendo forte. Isso era ridículo, o colecionador estava apenas sendo cuidadoso.

"Logo ali dentro", instruiu Jan, prazerosamente.

Ana entrou pelo arco. A capela era surpreendentemente grande, ampla o suficiente para ser uma pequena igreja, pobre de ornamentos, com exceção das janelas muito trabalhadas e do altar cinzelado na pedra, quatro santos flanqueando uma cruz. Um velho mirrado estava sentado algumas cadeiras à frente, vestindo uma capa de chuva preta e tendo um chapéu cinza no colo. Tinha um rosto redondo, os cabelos completamente brancos e olhos muito azuis, que não tirou do altar nem quando Ana se aproximou. Ela sentou-se, deixando uma cadeira entre os dois. Jan tinha sumido.

"Obrigado por ter vindo, minha querida".

Agora, ele a observava, um mirar tímido, antes de baixar os olhos.

"Obrigada ao senhor. A idéia foi minha".

"Mas eu fiz a senhorita vir até muito longe".

"Não tem problema. Eu adoro este lugar".

"É mesmo? É um pouco extravagante, mas eu também gosto. E tem estes cantos discretos".

"O senhor está se escondendo de alguém?”

"Ah, sim". Ele deu uma risadinha maliciosa. "De muita gente. Isso a surpreende?”

"De jeito nenhum. Eu conheço bem as atribulações que afligem a vida dos colecionadores".

"Claro, a senhorita é colecionadora, como nós. E negociante, também, não?”

Ela teria lhe dito aquilo? Seja como for, Rosenthal poderia ter dito; não era segredo.

"Mas não passo de uma amadora. Em ambos os casos".

"Seu avô era um grande colecionador".

"O senhor conhecia o meu avô?”

"Não muito bem. Fizemos alguns negócios, há muito tempo".

"Seria indelicado perguntar que negócios foram?”

"Não exatamente". Ele estava novamente de olhar baixo, girando o chapéu no colo com suas mãos longas e murchas. "Acontece que negócios são um assunto muito aborrecido. Especialmente os muito antigos, e eu já me esqueci dos detalhes. Se eu não estiver enganado, estamos aqui para falar de negócios mais recentes, não?”

De onde era aquele sotaque? Certamente havia um toque espanhol, mas aquilo cobria outra origem. Ele não parecia espanhol. Ela estava se distraindo.

"Sabe, eu meio que tenho um negócio em mente", respondeu ela. "Uma troca de informações. Não quero parecer mercenária. Gostaria que tudo fosse feito de maneira amigável".

"Não precisa se desculpar. Eu entendi as condições. Devo explicar o meu anseio em pagar tanto pelo seu belo ícone. A senhorita deve me dizer onde acha que a obra está, no momento. Imaginei que trocar histórias sobre seu avô seria somente algo a mais, apenas uma conversa amigável. Estaria errado?”

Ele não era um velho senil e ela tinha de se livrar daquela idéia imediatamente. Ele tinha pensado e se preparado para aquela conversa muito mais do que ela.

"Vamos fazer as coisas de maneira simples", continuou ele, inclinando-se para ela. "Vamos falar um de cada vez, até que não tenhamos mais nada para dizer. Eu começo". Ele voltou a encarar o altar. "Não há nenhuma razão para eu ter oferecido tanto pelo ícone. É um assunto de natureza pessoal. Meu pai também era colecionador e historiador de arte. A arte bizantina era a paixão dele. Ele ouviu e leu tudo o que estava disponível, se bem que muito pouco, sobre a Nossa Senhora de Katarini, e então, entre as guerras, ele esteve na Grécia para vê-la. Não foi fácil. O ícone não ficara no mesmo lugar durante todo este tempo e havia uma porção de cidades que alegava que o ícone delas era o verdadeiro. Talvez acreditassem nisso. Os gregos não são muito cuidadosos no que diz respeito à História. Meu pai subornou um padre e pôde ver o verdadeiro ícone, a genuína Nossa Senhora de Katarini. E ficou tão arrebatado por ela que fez uma oferta de compra para o padre. Acredito que tenha sido uma oferta muito alta, mas não adiantou. O grego não se separaria da obra por dinheiro algum".

"Como se chamava o seu pai?”

"William. Em inglês, seria William. Seja como for, anos depois, eu mesmo fui ver o ícone. Também estava tentando ser colecionador, mas era obrigado a fazer outras coisas para viver. Minha família não era rica, apesar do deleite que meu pai sentia com arte. Eu também me apaixonei pelo trabalho. Era... bem, eu não preciso descrevê-lo para você. A Senhorita teve anos para admirá-lo. Eu a invejo por isso".

"Aparentemente, eu fui menos afetada que a maioria das pessoas. Talvez não tenha examinado o ícone com o devido cuidado e paciência".

"Pode ser, mas, pelo que eu saiba, o efeito é quase imediato. Se me permite a pergunta, a senhorita acredita que Jesus Cristo seja o nosso salvador?”

"Meu Deus, esta é uma pergunta difícil! Não tenho certeza de acreditar, para dizer a verdade. Isto seria necessário para a devida apreciação da obra?”

"Não estamos falando de apreciação, mas de algo muito mais profundo. A capacidade do ícone de emocionar as pessoas, certo? De curar, de confortar, até mesmo de ensinar. Seria necessária a fé? Não, provavelmente não. Não como uma pré-condição, pelo menos, mas é muito improvável que uma pessoa sinta aquele toque do espírito e permaneça a mesma. A conversão caminha ao lado da cura".

Ele tinha um jeito professoral, este tal Del Karos. Não havia o tradicional tom turbulento e evangélico no seu discurso, mas uma reverência emocionada colorira suas últimas palavras. Ana se sentiu isolada, alienada, Como se lhe tivessem negado uma coisa a que todas essas pessoas em volta dela tinham tido

acesso.

"O senhor realmente acredita nisso?”

"Eu acredito na minha experiência. Posso lhe assegurar que não sou um homem dado a pensamentos fantasiosos. Minha vida não foi nada fácil. Vi muita crueldade e meus pecados são grandes".

Meus pecados são grandes disse ele pela segunda vez, como se tivesse se ouvido pela primeira vez. Agora, as mãos agitavam furiosamente o chapéu. Ele tinha perdido um pouco do autocontrole. "Em certa medida, esta crença é um fardo para mim, mas não tenho como fugir. Pelo pouco tempo em que eu segurei o ícone, senti uma calma e um amor que sempre viveram dentro de mim. Eu anseio por sentir isso de novo. Foi por isso que fiz a oferta que fiz".

Ele falara mais do que pretendia, era evidente, e suas palavras foram ditas com uma plangência verdadeira. Ela acreditou no que ele dissera. Mesmo assim, muita coisa não fora dita.

"O senhor sabe como o ícone foi parar nas mãos do meu avô?" Ele deu um sorriso triste.

"A senhorita anseia pelo passado. Eu, pelo futuro. Acho que agora é sua vez de falar".

Ele diria o que ela queria saber se ela conseguisse que ele continuasse a falar. Quanto da verdade ela deveria lhe contar, após o pequeno desabafo dele? Quanto ele já saberia?

"Meu avô tinha suas próprias teorias sobre o ícone", começou ela, sem razão aparente. "Achava que a obra era muito mais antiga do que todos pensavam. Que estivera em Constantinopla no século quarto ou no quinto. Pensava até mesmo que fora a própria Santa Helena quem encomendara sua confecção".

"Verdade?”

Ana esperara descrença ou até mesmo zombaria, mas na verdade suas palavras pareciam ter perturbado o velho. Seus olhos aguados se detiveram nela, já não mais timidamente, e ele parecia imobilizado.

"Suponho que não haja base para isso, acho que é um pouco ridículo", acrescentou ela, rapidamente. "Quero dizer, todas essas antigas pinturas foram destruídas, certo? Pelos incêndios, pelos iconoclastas, ou os turcos, sei lá".

"Indiscutivelmente. Mas eu me pergunto como ele chegou a esta hipótese. A senhorita sabe?”

"Na verdade, não. Ele deve ter lido alguma coisa em algum lugar. Ou talvez tenha percebido alguma coisa no próprio ícone".

"Entendo". Ele se remexia, presa de enorme agitação, mas sua voz

continuava calma. "Ele chegou a chamar algum especialista para examinar a obra?”

"Não que eu saiba. Ele era muito ciumento em relação ao ícone. Poucos de seus amigos o viram. É possível que um deles seja um historiador de arte".

"Mas não houve nenhum exame mais acurado, análise da tinta ou da madeira da moldura, nada assim?”

"Não, nada do tipo, tenho certeza".

"Isto me alivia. Sabe como é, essas pessoas não têm nenhuma reverência pela arte sacra. Algumas vezes, durante os exames, eles danificam irremediavelmente as obras. O seu próprio especialista, o Sr. Spear, também tomou os devidos cuidados, eu imagino".

Novamente, o envolvimento de Matthew não era propriamente um segredo, mas o fato de Del Karos falar nele a deixava desconfortável. Aparentemente, não havia nada naquele encontro que não a perturbasse ligeiramente.

"Ele foi muito cuidadoso. Só olhou para a obra".

"E o que ele pôde te assegurar de útil?”

Nada que seja problema seu, ela quis responder, mas se conteve. Havia mais informações a serem colhidas naquela conversa. O que a deixava mais irritada era não conseguir saber o que ele pretendia descobrir. Ela já não tinha mais o ícone, portanto o que ela poderia saber seria de pouca importância. A não ser que ele achasse que algumas informações continuariam úteis, até mesmo para servir como ameaça, independentemente da posse da obra.

"O Sr. Spear trabalha para o Museu Metropolitan, não para mim. Ele confirmou que a obra é antiga, talvez tão antiga quanto o conjunto de Santa Catarina21. Isso é mais ou menos tudo o que ele me disse".

"Mesmo assim, ele se interessou pessoalmente pela recuperação do ícone, não é verdade?”

"Isso o senhor teria de perguntar diretamente para ele".

"Muito bem. Vamos ao que interessa. Onde está o ícone agora, senhorita Kessler?”

"Eu nunca disse que sabia onde ele estava".

"Então, qual é o seu palpite? Aquele que a senhorita veio até aqui para me dizer".

Ela olhou para o altar, tentando montar, a partir dos fatos esparsos na sua mente, uma resposta que pudesse satisfazê-lo, ao menos parcialmente.

"Existe um homem chamado Dragoumis. Um homem de negócios que era intermediário da parte da Igreja, ou alegou ser".

"Eu sei quem é ele".

"A polícia acredita que ele possa ter roubado o ícone dele mesmo. A máfia russa estava metida na história e agia do lado dele. Ele usou a Igreja para baixar o preço e depois fingiu ser roubado para não ter de devolver o ícone".

Ele anuiu devagar, mas não parecia satisfeito.

"Qualquer pessoa que tivesse lido atentamente os jornais saberia estas coisas. Mas eu agradeço por tê-las confirmado. Algo mais?”

"O ícone pode estar na Grécia, agora".

"Por que a senhorita diz isso?”

"Por que outra razão o Dragoumis teria ido para lá?”

"Posso pensar em inúmeras. Devo inferir, portanto, que a senhorita não tem nenhuma certeza de que o ícone esteja lá?”

Ana se orgulhava de pensar rápido. Mesmo naquele momento, era capaz de pinçar numerosos fragmentos de verdade para sustentar sua asserção, mas ele já os conhecia todos, ela estava certa. Ficou calada. Del Karos deu um tapa na cadeira de madeira, aparentemente desapontado não com ela, mas com o mundo em geral. Ambos olhavam em frente. Um turista corpulento e barbudo entrou na capela pela porta da frente e começou a estudar, cuidadosamente, o altar.

"Diga-me uma coisa", disse Del Karos, finalmente. "Por que a senhorita continua tão interessada no ícone? Afinal, recebeu uma soma polpuda".

"Não estou interessada nele", respondeu ela.

"Acho difícil acreditar nisso. Seria possível que a senhorita descobriu que se separar dele foi mais difícil do que esperava?”

"O senhor acha difícil acreditar porque é obcecado por ele e pensa que todas as outras pessoas também deveriam ser. Isto é um pouco egocêntrico, se me permite dizer". Suas palavras foram mais agressivas do que ela pretendia. Era preciso ir com calma. "Eu não ligo para o ícone, é verdade. Só estou aqui para descobrir algumas coisas sobre o meu avô. Acho que não deixei isso muito claro".

"Nesse caso, estamos ambos decepcionados", disse, enfaticamente, o velho. "E, infelizmente, neste momento, eu não sinto nenhuma disposição de falar com a senhorita sobre seu avô. De qualquer maneira, eu não teria muito a lhe dizer. Então, só me resta desculpar-me novamente por ter feito a senhorita vir tão longe".

Ele a estava dispensando. Sem mais aquela. Como sempre acontecia na sua vida, sempre que ela pressionava demais, sempre que suas perguntas se tornavam incômodas. Esses homens! Seu pai, seu avô, Wallace, o miserável

Paul, seu ex-marido. Até mesmo Matthew Bastava forçá-los um pouco e eles davam para trás, se fechavam, botavam-na para fora e preservavam seus preciosos mistérios.

"Acho que o senhor está sendo um pouco injusto", disse ela tentando controlar sua raiva.

"É?" Ele parecia divertido.

"Tentei ser honesta com o senhor. E o senhor acabou não me dizendo nada de útil. Eu não tenho a informação que o senhor quer, mas sinto que, se trocarmos idéias, podemos nos ajudar mutuamente".

"Então, eu sou egocêntrico e injusto". Ele estava ignorando a abertura que ela dera. "Mais alguma coisa?”

"Sim. Desonesto.”

"E mentiroso, também".

"Não ponha palavras na minha boca".

"E onde a senhorita acha que eu fui desonesto consigo?”

"Em me provocar com estas dicas sobre o meu avô, e depois não me contar nada. Além de ter omitido grande parte daquela história que me contou".

"Isso é ser desonesto? No meu negócio, nós chamamos essa atitude de cuidadosa. E a senhorita também foi muito cuidadosa hoje, apesar de estar sendo bastante descuidada, agora".

"Quando o senhor esteve na Grécia para ver o ícone?”

"O que isso importa?”

"Talvez tenha sido durante a guerra. E talvez o senhor tenha ido para lá sem ser convidado. E

talvez a sua idéia não fosse somente ver a obra".

Ele já não parecia estar se divertindo e ela tinha consciência de ter ido longe demais. Percebera isso antes mesmo de terminar de falar. Ela era dura de cintura. Pegava o jogo rápido, mas era muito impaciente.

"Alguém anda inventando coisas para a senhorita", disse ele, devagar, estudando Ana.

"Não. São apenas deduções que eu mesma fiz". Ela ouvira falar que pensar demais não era bom.

Falar demais sobre o que se pensa era muito pior. "Por que o senhor não me corrige?”

"Diga-me o que lhe contaram, e eu acrescento os detalhes".

"Não me contaram nada. Este é exatamente o problema, entende? Eu fico entendendo tudo errado até que alguém me conte a verdade. Enquanto isso, só

Deus sabe o que me passa pela cabeça".

Ela acertara um ponto fraco. Ele se sentia ameaçado. Era um jogo arriscado e ela tinha de tomar cuidado para não confiar demais nas cartas que tinha. Porque, no final das contas, sua mão era muito fraca.

"A senhorita acha que eu me aproveitei da guerra para ganhar dinheiro, certo? Porque fiz negócios com o seu avo". Ele abaixou a voz quando o barbudo se aproximou deles, mas seu sussurro tinha um tom rouco, desagradável. "Fazer negócios com um ladrão, não faz com que você se transforme num deles. Pode ter certeza de que nós éramos homens muito diferentes".

"O senhor está chamando meu avô de ladrão?”

"Eu já lhe disse que meus pecados são graves, mas eu, ao menos, sei quais são eles. Fui sempre muito franco em minhas ações e tenho minhas crenças, certas ou erradas. Seu avô não acreditava em nada, não tinha escrúpulos, topava qualquer parada. Tudo de cima da sua confortável pose de neutralidade".

"Calminha aí". Uma coisa era ter suspeitas, outra ouvir um estranho atacar o que é seu. "Eu não vim aqui para ouvir seus insultos contra a minha família".

"Não veio, mesmo?" Ele estava, claramente, se preparando para atacar. Seu rosto, enrugado e redondo, estava vermelho. "Mas veio para saber coisas sobre o vovô, não é? É sobre isso que a senhorita esteve me implorando para falar. O que esperava ouvir? Por acaso, a minha opinião sobre ele é uma grande surpresa?”

Jan aparecera na porta dos fundos, seguindo o barbudo a uma distância de dez metros.

"Eu sei que ele esteve envolvido em alguns negócios escusos", respondeu Ana. "E se sentia mal por isso. Mas acreditava realmente que estava salvando obras que, de outra forma, seriam destruídas".

"Criança, você não faz a menor idéia. Os museus não comprariam obras dele e nem as suas, porque sabem que elas não têm procedência legítima. A sua herança é um dinheiro sujo. Você está sentada em cima de tesouros surrupiados. Eu lamento se sou a primeira pessoa a te dizer isto, mas, de alguma forma, não acredito que seja".

Ana estava abalada demais para conseguir pensar claramente. Ela quebrara a casca dele, mas não encontrara o que lhe interessava. O barbudo saiu pela porta da frente e Jan voltou para a dos fundos.

Quando ela voltou a olhar para o rosto de Del Karos a expressão dele já estava novamente plácida.

"Sabe de uma coisa?" - disse ele, num tom completamente diferente, quente, surpreso - "Eu começo a achar que o tolo aqui sou eu, que você é uma garota

muito esperta".

"Não sei o que o senhor está querendo dizer".

"Acho que sabe, sim. Você é uma mulher muito esperta para não saber quem foi o seu avô. Você me provocou deliberadamente, e eu reagi. E agora, talvez, você pense que descobriu alguma coisa. Minha pergunta é a mesma, por quê?"

"A única coisa que eu descobri é que o senhor detesta o meu avô".

"É para você ou para outra pessoa? Vamos lá, fale comigo, não precisa ter medo. Estamos trocando informações, isso é tudo, e está claro que nós dois estivemos escondendo o que sabemos".

Duas mulheres de meia-idade entraram pelos fundos da capela, conversando alegremente, mas a presença delas aliviou muito pouco o crescente pânico de Ana. Não tenha medo. Não havia palavras mais assustadoras do que as que ele acabara de pronunciar.

"Acho que tenho de ir embora".

Ele estendeu a mão e tocou o braço dela.

"Nós dois devemos ir embora. Acho que precisamos de maior privacidade. Pretendo recompensar a sua esperteza com respostas, mas vou querer outras em pagamento".

"Eu tenho mesmo de estar em outro lugar daqui a pouco". Ele segurou o braço dela com delicadeza.

"Senhorita Kessler, eu terei de insistir".

Ela se levantou num pulo. Ele começava a apertar o braço dela, quando ela escapou, arrastando as velhas cadeiras e fugindo pelo arco de pedra mais próximo. Instintivamente, virou à esquerda, em direção à frente da igreja. Não havia perigo de que Del Karos a pegasse, mas ela se lembrava da fria energia e vigilância de Jan. Claro que nada aconteceria ali, com todas aquelas pessoas em volta, mas era difícil ter certeza e ela andava o mais rápido que podia, sem correr. Desceu as escadas até o espaço central vazio, passou pelo palco do coro, fechado com uma corda, em direção ao corredor central da nave. No meio do caminho, foi surpreendida pela súbita aparição do barbudo.

"Senhorita Kessler", disse ele. "Espere".

Ela virou-se e imediatamente viu uma saída lateral ao mesmo tempo em que percebia Jan descendo as escadas, vindo da capela. Ela estava encurralada entre os dois. Começou a correr e sua fuga em direção à luz do sol, do lado de fora era determinada por uma descarga de pura adrenalina.

Uma escada de ferro levava até a entrada de um beco sem saída, sujo e vazio, entre a catedral e a sacristia. No final da escada, ela virou à direita e correu em

direção à estreita faixa de estacionamento que levava à avenida. Não havia ninguém na guarita de segurança - maldição! -, só um jovem de terno parado no meio da pista, fumando um cigarro e de olhos cravados nela. Quantos deles estariam lá? O que estava acontecendo era ridículo, por que diabos ela tivera a idéia de ir até aquele lugar? E sozinha, ainda por cima.

Ela girou o corpo novamente e correu na direção contrária. Cinco turistas asiáticos examinavam, maravilhados, um dos pavões azuis e verdes que passeavam pelo gramado. Câmeras clicavam; uma menininha gritava de prazer. Ana não achava que estaria segura entre eles e continuou em frente. A sua direita, uma escadaria e um caminho largo levavam até uma rua em nível mais baixo que dava na avenida, mas a rua era sinuosa e ela ficaria exposta o tempo todo. Ela arriscou uma olhada para trás e, prontamente, se sentiu uma idiota. O jovem de terno estava abraçando uma mulher e, de mãos dadas, os dois se afastaram.

O pânico a tinha levado para o caminho errado. Um momento depois, Jan apareceu na esquina da sacristia, acenando e sorrindo, como um amigo pedindo que ela esperasse. Confusa, Ana parou. Estava com os nervos à flor da pele, estivera assim desde que chegara. Teria entendido tudo errado? Jan viria pedir desculpas pela impertinência do velho? Estaria fazendo papel de louca? Alvoroçada demais para raciocinar, ela simplesmente se deixou ficar lá, enquanto ele se aproximava.

O barbudo apareceu atrás de Jan, mas não estava acenando nem sorrindo. Veio para cima deles com energia selvagem. Sacudida em seu marasmo, Ana virou-se e começou novamente a correr. A sua frente, no fim do caminho,jardins gradeados dos dois lados, a Escota da Catedral, uma construção de pedra e, entre a escola e os jardins, uma estreita aléia que parecia levar a Morningside Drive. Instintivamente, ela virou à esquerda, correndo pela passagem entre os muros.

Virando a esquina do prédio, ela percebeu seu erro. O relvado entre a escola e os fundos da catedral era protegido por uma cerca de correntes e não dava acesso à rua. Não havia tempo para voltar atrás. Como uma criança, procurou um lugar para se esconder entre os densos matagais. Não, não ia dar certo. Conseguir encurralá-la no canto vazio e escondido do gramado, era exatamente o que eles queriam.

Enfrentá-los em campo aberto era sua melhor opção. Correu de volta pela passagem.

Jan estava encostado no muro de pedra do jardim norte, fumando tranqüilamente. Quando ela se aproximou, ele se desencostou do muro, mas não

fez nenhum movimento em direção a ela.

"Senhorita Kesler, a senhorita vai nos deixar a ambos de língua de fora. Acho que houve um mal-entendido".

Havia espaço suficiente para passar correndo por ele, mas ela sabia, de alguma maneira, que ele seria rápido. Um chapéu de mulher idosa balouçava no jardim. A família asiática tinha ido embora.

"Que mal-entendido? O teu patrão me ameaçou". Ela não conseguiu impedir que sua voz tremesse.

"Ameaçou a senhorita?!" Jan parecia divertido com a idéia. "De quê? Matá-la de tédio? Ele só quer conversar".

"Eu sei. À força, se necessário. Ele tem umas idéias erradas que quer que eu confirme. E não aceita um não como resposta".

"É bem verdade, que ele se tornou uma pessoa meio difícil. Ficou teimoso e suas maneiras são consternadoras. Nós já discutimos sobre isso, eu e ele. Eu lamento que ele a tenha assustado. Não estou querendo desmentir o que a senhorita diz, mas ele não passa de um velhinho inofensivo. Por favor, volte e converse com ele. Tenho certeza de que ele está se sentindo muito mal".

Ele se aproximara dela tão sutilmente que ela nem percebera o movimento. Assustada, ela começou a fazer um semicírculo em volta dele.

"Eu não vou a lugar nenhum com ele".

"Claro que não. Nós só não queremos que a senhorita vá embora com uma má impressão".

Eles andavam paralelamente, agora, de volta por onde tinham vindo. Ana sentiu-se relaxar um pouco.

"Eu vou lá para a rua. Se ele quiser sair até a calçada para se despedir, tudo bem".

"Na calçada está ótimo. Eu vou trazê-lo no carro e vocês podem conversar pela janela".

Jan foi interrompido por uma figura enorme que saiu do jardim e colidiu com ele. O barbudo.

Trocaram palavras, rápidas, baixinho. Os dois fizeram uma pequena dança e Jan girou um dos braços para aparar um golpe. Ouviu-se um som oco e o barbudo caiu de joelhos.

Ana deu um ou dois passos atrás, tentando entender. Não conseguira ver bem os movimentos súbitos e velozes na frente dela. O barbudo agarrou sua mão esquerda com a direita, manchas de sangue escuro se formando na manga da sua jaqueta, e imediatamente o líquido vermelho começou a gotejar entre seus dedos.

No chão, à sua frente, estava uma enorme pistola negra, mais perto dele do que de Jan, que continuava de pé. Por alguns segundos, nenhum dos homens se moveu.

"Senhorita Kessler", disse o homem ajoelhado, sem tirar os olhos do holandês. "Por favor, afaste-se".

As pernas de Ana pesavam como chumbo. Ela ainda tentava entender o que estava acontecendo.

O olhar de Jan continuava plácido, mas ela percebia que ele media a distância até a pistola, o barbudo e ela.

Também via alguns centímetros de uma lâmina saindo de sua mão direita, colada à perna.

"A senhorita certamente percebeu que este homem me atacou", rebateu Jan. "Eu me limitei a me defender".

"Ana", disse o barbudo, apressado. "O Matthew pediu que eu a vigiasse. Faça o que eu digo. Saia de perto de nós".

Ela deu alguns passos atrás. Teve a impressão de que o homem de joelhos, apesar de sentir fortes dores no seu ferimento, não estava concentrado nisso. Que ele tinha caído de joelhos apenas para ficar mais perto da arma. Agora havia um impasse. Nenhum deles podia tentar pegar a arma sem se expor a um golpe do outro, mas nenhum deles recuaria e deixaria a pistola ao alcance do outro. Ana olhou em volta, esperando encontrar um guarda que pusesse fim aquilo.

Então, Jan começou a se afastar, não pela passagem, mas pelo caminho do jardim, a mão no peito, pronta para sacar alguma coisa de dentro do paletó, mas imóvel. O outro aproximou-se da pistola, chegou mesmo a estender a mão, mas igualmente paralisou a ação a meio caminho.

"Senhorita Kessler", disse Jan. "Eu lamento que a conversa tenha terminado desta maneira. Por favor, não se deixe levar por idéias preconcebidas. E tome cuidado com este homem, ele é muito perigoso.

Na verdade, estou disposto a esperar se a senhorita quiser ir embora agora, livremente".

Que gentileza dos dois, tão preocupados com a segurança dela!

"Acho melhor você sair daqui, Jan. Antes que aconteça alguma coisa".

"Muito bem". Ele sorriu para ela. "Não se esqueça de tomar cuidado".

Ele não foi através do jardim, mas seguiu pelo caminho e entrou por um arco no muro de pedra que Ana nem tinha percebido que existia. Desapareceu, Deus sabe para onde.

Instantaneamente, o barbudo ficou de pé e já estava com a pistola nas mãos,

olhando pelo arco e correndo os olhos em volta deles, ignorando a presença de Ana.

"Você está sangrando muito", disse ela.

Ele olhou para o braço ensopado e anuiu.

"Fui um idiota. Não sabia que ele era tão rápido".

"Você estava tentando matá-lo?”

"Não. Isso teria sido fácil, ele só estava preocupado com você. Estava tentando dominá-lo, mas ele é bom no que faz. Tive sorte por ele não ter me matado. Falando nisso, eu sou o Benny. Desculpe-me por toda esta confusão".

Ele ainda mal olhava para ela. Ana percebeu que devia ter medo dele, mas não tinha, talvez por instinto, talvez pela exaustão emocional, não saberia dizer.

"Foi mesmo o Matthew quem te mandou?”

"Não, o avô dele, mas a pedido do Matthew. Eu acho que o garoto está apaixonado por você, ou coisa do tipo".

Ana sentiu-se tonta, depois enjoada. Era o choque, sem dúvida. Estava com vontade de sentar no chão e chorar.

"Melhor irmos andando", aconselhou Benny. "Podemos pegar um táxi na esquina da Rua 100 com a 10".

"Para onde vamos?”

"Primeiro, para um hospital. Depois para algum lugar onde você esteja segura. Você despertou certos interesses escusos".

---

21 Referência ao conjunto formado por São Pedro, a Virgem Maria e Cristo Pantocrator, do século VI, que se encontra no monastério de Santa Catarina, localizado nas proximidades do Monte Sinai (N.T.).

20

A plataforma estava mais vazia do que ele gostaria. Matthew sempre evitava pegar o metrô tarde da noite, mas conseguir um táxi perto da Grand Central se tornara cada vez mais impossível e seus pés o levaram automaticamente para a longa escadaria descendente e pela borboleta. Um número não muito grande de pessoas estava no primeiro nível, saindo dos carros e se dirigindo para a larga passagem que dava na plataforma de Times Square. Ele desceu até a plataforma que levava para o norte, onde não havia quase ninguém. Somente um mendigo enorme, usando um lenço imundo, murmurava, falando sozinho. Ansioso e esgotado, Matthew ficou vagando pelo concreto sujo.

Você tem de se curar.

Nos últimos dias, ele não tinha feito nada a não ser prosseguir em sua incansável caçada. Pensava eventualmente em seu pai e em Ana, mas não o suficiente para distraí-lo. Não verificara os recados da sua secretária eletrônica até voltar da Grécia e ficou estupefato ao ouvir dois recados de sua mãe, reclamando que ele não tinha ligado. Havia um de Ana, também. Ela estava fazendo algumas pesquisas; eles compariam suas descobertas quando ele retornasse. Não havia calor algum no tom dela - fora absolutamente profissional -, mas ele gostou do fato de ela ter ligado. Foi diretamente para a casa dos pais, antes mesmo de passar por seu apartamento e de lá tentou ligar para ela, mas ninguém atendeu.

Achou que seu pai estava com aparência melhor, com o que sua mãe não concordava. Ele estava com o rosto mais rosado e mostrava maior energia, e se sentia bem o suficiente para passar a maior carraspana em Matthew por ter desaparecido. A conversa foi tensa, mas ambos se sentiram melhor ao final dela. Tendo de trabalhar, sem falta, no dia seguinte, Matthew pegou o trem de volta para a cidade, depois do jantar. Seu relógio metabólico, que ainda marcava o horário da Grécia, ainda não se adaptara a Nova York e a exaustão, aliada à viagem e ao estresse emocional, o jogara num estado mental estranho, quase surreal. Seus olhos pesavam, mas seu coração batia acelerado. Uma certa cor, ou o desenho de um rosto, se destacavam no meio dos detalhes embaçados da multidão. Precisava urgentemente dormir.

Um bando de garotos, carregando um enorme três em um que batucava a todo volume, desceu pela escadaria, dançando e xingando o mundo de dentro de

seus jeans caídos na bunda e bonés de beisebol colocados ao contrário, exibindo toda sua animação artificial, típica de jovens bêbados na alta madrugada.

Matthew afastou-se deles. De dentro do túnel, veio o barulho do carro número seis.

Você tem de se curar.

Chegara a pensar que tivesse conseguido. Aqueles olhos fascinantes, que desprendiam mistério, tinham sido deixados em algum lugar do passado, em alguma vida de fantasia pela qual ele passara rapidamente. O ícone não estava na Grécia, ele sabia, mas mesmo assim sentia que o tinha deixado lá. Fazia parte daquela cultura; sua beleza e especificidade não tinham lugar nesta cidade sem história. O passado e o presente se fundiam em Salônica. Em Nova York, o passado fora esmagado, até mesmo o passado pessoal, seu passado. Tinha se perdido, esquecido em alguma esteira de bagagem. Com ele, nada acontecera. Aquela magia não existia.

Sentindo a cabeça girar, ele sentou-se num banco para se recompor. Estes eram pensamentos cansativos, devaneios ilusórios de um cérebro traumatizado. Ele não conseguia captá-los. Estava tentando livrar-se de uma tensão emocional através da sua força de vontade e, nesse estado mental delicado e desguarnecido, quase acreditara ter conseguido. Mas era tudo fogo de artifício, muito latido e pouca mordida, sem nenhum significado. Tudo ficaria mais claro pela manhã.

Olhou para cima e uma figura enorme estava inclinada sobre ele.

"Jesus conhece seus pecados. Você não consegue mentir para ele".

Matthew encolheu-se, prensando sua coluna machucada contra o banco. Olhos vermelhos, enlouquecidos, olhavam através dele e o cheiro do corpo imundo entorpecia seus sentidos. O murmurador se tornara um berrador.

"Você, com certeza, tem razão".

"Seu Pai sabe quando você está mentindo. Ele vê dentro do seu coração".

Um enorme barulho encheu a estação, o trem saindo do túnel. Não havia como passar pelo mendigo evangelista de maneira convencional, então Matthew jogou suas pernas por cima do encosto do banco e cambaleou pelo chão pegajoso da plataforma, em direção à linha amarela. A luz do carro se refletiu nas paredes de azulejos brancos e sujos e o primeiro vagão passou, roncando, por ele. A voz do mendigo bradava de trás.

"Ele me falou sobre você. Você é um dos perdidos. Seus pecados são graves, mas em Jesus tudo é possível. Arrependa-se e venha ao Senhor".

Diversos vagões prateados passaram, janelas riscadas, luzes florescentes, poucas pessoas nos bancos cor de laranja. A composição diminuiu a marcha e o

olhar de Matthew cruzou com os de uma figura, ou talvez apenas um rosto numa das janelas, que desapareceu rapidamente. Olhos grandes de um castanho profundo, assustados ou entristecidos, parte do rosto muito pálido. Estavam ali e imediatamente não estavam mais, mas Matthew sentiu uma corrente elétrica passar por todo seu corpo. Ele já vira aquele rosto, aqueles olhos, em algum lugar. Num sonho, talvez.

O carro parou e a porta se abriu na frente dele. Ele entrou, mas não se sentou, olhando de volta para a plataforma. O gigantesco mendigo continuava ao lado do banco, não mais olhando para Matthew, falando sozinho novamente. De alguma forma, sua loucura conhecida parecia menos ameaçadora do que o rosto na janela, e Matthew já se decidira a sair do vagão quando as portas se fecharam e o trem arrancou.

Teve de se segurar no mastro para não cair.

Não havia ninguém no seu carro e, no seguinte, apenas duas velhas. Matthew agarrou-se ao mastro com força, olhando para a série de janelas das portas que ligavam os vagões, esperando que o rosto espectral reaparecesse. Ou alguma nova ameaça. Naquele momento, estava arrependido de tudo - de todos os acontecimentos e decisões que o tinham afundado até o pescoço nesta caçada cheia de sangue, cada vez mais distante de sua vida enfadonha e confortável. O melhor era voltar a se preocupar unicamente com sua vidinha no museu e uma ou outra namorada complicada. Ele não podia se deixar envolver por esta enervante obsessão, este pânico, esta angustiante paranóia. Não tinha acontecido nada. Ele tinha, talvez, visto um rosto. Tinha sido importunado por um mendigo. E daí? Todos aqueles incidentes só pareciam perturbadores porque ele vira neles significados ocultos.

Algumas outras pessoas também saíram quando ele deixou o carro na Rua 77. Matthew disparou escada acima em direção à rua iluminada pelos postes, como se estivesse sendo perseguido por demônios. A Lexington Avenue, com suas lojas de flores, cafeterias e copiadoras, estava às escuras à uma hora da manhã.

Uma tampa de bueiro meio solta em que pisou, deixou-o estarrecido; um táxi que entrava na Rua 80 quase o atropelou. As ruas laterais, desertas, eram ainda piores. Tinha sido um dia quente, mas ele estava gelado.

Talvez estivesse doente. Na Segunda Avenida, os restaurantes e lanchonetes que funcionavam vinte e quatro horas atraíam mais gente e ele sentiu-se um pouco mais tranqüilo. Ao entrar no seu prédio, deixou cair suas chaves no chão de ladrilhos brancos e pretos, abaixou-se rapidamente, pegou-as, deixou cair de

novo, xingando alto no vestíbulo cheio de eco. Caso seus vizinhos estivessem em casa, teria perturbado seus sonos.

Mal conhecia os outros moradores do prédio. Não havia ninguém a quem pudesse pedir socorro.

Subiu dois lances de escada, abriu a fechadura dupla e entrou na sua microscópica cozinha. Levou alguns segundos para perceber que havia alguma coisa errada. As luzes estavam acesas. Então, ouviu um movimento em algum lugar, um silencioso arrastar de pés, uma tábua do chão rangendo. Estava procurando alguma coisa que pudesse servir de arma, quando ela chamou seu nome.

"Matthew".

Ana apareceu na porta do quarto, com cara de quem estava sentindo a mesma coisa que ele. O

cabelo desalinhado, olheiras enormes nos dois olhos, as roupas amassadas, como se tivesse dormido com elas. Ele a achou linda.

"Como foi que você entrou?”

"O Benny me deixou aqui".

"Benny?”

"O Benny Ezraki. Não vai me dizer que você não conhece o Benny!”

Ele lembrou-se do nome. Um amigo israelense do seu avô, fazia pesquisa de mercado, ou coisa parecida. Antigo agente do Mossad, se é que algum deles tinha mesmo sido alguma coisa.

"Conheço, sim. Mas ele não tem as chaves do meu apartamento".

"Ele tem um enorme molho de chaves que, segundo alega, pode abrir oitenta por cento das portas desta cidade".

"Isto é bem reconfortante. Por que foi que ele te trouxe aqui?”

"Eu me meti numa encrenca". Ela tentou parecer casual, mas sua voz falhou. "Ele achou que eu não devia voltar diretamente para minha casa".

Matthew virou-se rapidamente para trancar as inúteis fechaduras e voltou-se no exato momento em que ela corria para ele, batendo sua testa no queixo dele.

"Desculpe".

"Tudo bem".

Ele a abraçou por alguns minutos, segurando-a com força, os dedos correndo pelas costas dela.

Era estranho sentir-se tão bem, ser capaz de dar conforto no meio de uma situação tão desgraçada. Ele imaginara que nunca mais a abraçaria. Pensara e repensara em todas as explicações, justificativas, pedidos com os quais poderia

voltar a ganhar a confiança dela, mas todos lhe tinham parecido insuficientes, inconvincentes até mesmo para ele. No entanto, lá estava ela. Sem explicações, sem desculpas. O hálito quente no pescoço dele, o aroma do xampu dela.

"Me senti tão idiota", disse ela, para o colarinho dele. "E tão assustada".

"Me conta o que aconteceu".

Ela soltou-se dele, devagar, e sentou-se na mesa da pequena cozinha. Ele ferveu água para fazer um chá que eles não tomaram enquanto ela lhe contava sobre Rosenthal, Del Karos e o encontro na catedral. Quando ele acabou de lhe contar sobre suas desventuras na Grécia, já eram três da manhã. Ele segurou as mãos dela por cima da mesa, tremendo de cansaço.

"Não posso acreditar que você tenha ido atrás daquele cara depois do discurso que você me fez na semana passada".

"Eu pensei que ele fosse apenas um velho colecionador", disse ela. "Não parecia perigoso. E eu achei que pudesse descobrir algumas coisas".

"E descobriu mesmo", riu ele.

"Bem, seja como for, consegui que ele falasse um pouco. Você tem de se lembrar quem é ele.

Depois eu tive de abrir minha bocona, fingir que sabia alguns segredos. Será que eles virão atrás de mim?”

"Duvido muito. Agora, eles já sabem que tem gente te protegendo".

"Talvez eles achem que eu sei onde está o ícone".

"O que o Benny acha?”

"O mesmo que você. Eles estavam a fim de me pegar quando eu dei sopa, mas não vão tentar de novo. Eles só querem o ícone. Eu não consigo me livrar daquela merda, mesmo depois de ter dado quase de presente".

Isso é porque você me deixou entrar na sua vida, ele quase respondeu, mas resolveu pensar melhor. Ficaram em silêncio alguns minutos.

"Então, eles sumiram, não é?", perguntou Ana. "O ícone e o seu padrinho".

"É o que parece. Mas, para dizer a verdade, eu acho que sei onde ele está".

"Sério? Onde? Não! Não me conte!”

"Eu não ia te contar. O que estou tentando fazer é pular fora desta história toda".

Ela acariciou as mãos dele.

"Isto é o que nós dois devemos fazer".

"Estou no maior bagaço".

"É melhor você ir dormir. Agora, eu já posso ir".

"Do que é que você está falando?!”

"Tenho certeza de que é seguro. Você precisa de tempo para pôr sua cabeça em ordem".

"Você não vai a lugar algum. Você não vai sair da minha frente".

"Está bem". Ela sorriu para ele. "Mas eu não sei se vou conseguir dormir. Tenho medo de sonhar com grandalhões correndo atrás de mim".

"Hoje à noite, eu senti que alguém me seguia".

"Quando?”

"Mais cedo. No metrô, no caminho para cá. Mas não se preocupe, não era ninguém. Pura paranóia, mas parecia mesmo que tinha alguém, ou alguma coisa, atrás de mim".

"Esta coisa está acabando com você. Me promete que você vai sair desta história".

"Eu vou", disse ele, num tom que parecia convincente até para ele mesmo. "Vou ter de sair. Não nasci para esse tipo de coisa".

Ela deu a volta na mesa e abraçou-o novamente. "Me promete?”

"Eu prometo a mim mesmo. Quero cair fora, puxar o carro". Ele fechou os olhos. "Só espero que eles nos deixem em paz".

"Pode ter sido ele. Pode muito bem ter sido ele".

Eles tinham saído da lanchonete e ido para o carro para que Benny pudesse fumar. Além disso, de lá tinham uma visão melhor da rua de Matthew. Nem o garoto nem Ana tinham saído, o que Andreas tomava como sinal certo de uma reconciliação.

"Mas você não tem certeza", disse Andreas.

"Como é que eu posso ter certeza?". Benny bateu a porta e imediatamente acendeu um cigarro.

Uma enorme bandagem branca cobria seu braço esquerdo, o que atrapalhava alguns de seus movimentos.

"Eu nunca Vi o cara, só em fotografias. Todos os velhos se parecem".

"Então, por que você acha que pode ser ele?”

"O rosto era muito parecido. E ele é o tipo do sujeito que teria um profissional como o holandês sempre por perto. Por que um simples colecionador precisaria de um capanga desses?”

"Ele não é um simples colecionador. Certamente, é um sujeito perigoso, O que não quer dizer que seja o Müller".

"A Kessler acha que é".

"Por quê?”

"Intuição feminina? Eu não sei; ela estava muito assustada para que eu

pudesse arrancar as coisas dela. Mas, pelo jeito, ele admitiu que já vira o ícone, anos atrás. Mais do que ver. Ela ficou com a impressão de que ele passou um bom tempo com a obra, talvez fosse dono dela. Então, quando ele estava prestes a se livrar dela, ela o acusou de ter roubado o ícone. Só para ver como ele reagia".

"Coisa que, pelo jeito, ela conseguiu".

"Ah, sim. O interesse dele em continuar com a conversa cresceu muito depois disso. Ele conseguiu deixá-la com o cu na mão. Mas, de alguma forma, eu acho que ela conseguiu deixá-lo do mesmo jeito".

"Eu achei que ela nem soubesse da existência do Müller".

"Talvez não soubesse mesmo, pelo menos de nome. Mas ela não é idiota e ouviu rumores. O avô dela conseguiu o ícone de um saque dos nazistas, através de um oficial. Ela não precisava saber o nome para adivinhar que ele poderia ser o cara".

"Claro. E vai e faz uma besteira das grossas como esta de tentar ameaçá-lo com isso!”

"Ela não sabia com o que estava mexendo".

"Ainda bem que você estava lá".

"Ainda bem que você me mandou segui-la. Agora nós podemos ter o Müller nas nossas mãos de novo. Então, todos nós que duvidamos vamos ter de pedir desculpas para você". Benny balançou a cabeça, num gesto de estupefação, chupando seu cigarro. Havia uma sombra nos olhos do grandalhão que deixou Andreas desconfortável.

"Você o teria executado", disse Andreas, mais afirmando que perguntando. "Lá mesmo no meio da igreja. Se você tivesse certeza de que era o Müller".

"E daí? Por que eu deveria me incomodar em ser numa igreja? E, de um jeito ou de outro, aquele lugar mais parece um museu".

"Quer dizer que a resposta é sim".

"Se eu tivesse certeza, por que não? Seria um pouco arriscado. Eu teria de acabar com o holandês também, e tinha um monte de gente em volta. Mas, veja bem, não é sempre que aparece uma oportunidade dessas".

"Esta tua imprudência me perturba. Me deixa incerto se eu devia ter te envolvido".

"Que imprudência?" Benny jogou fumaça na cara do velho. "Até agora, foi tudo combinado.

Vasculhar quartos vazios. Seguir dicas furadas. A única imprudência que eu cometi foi tirar a garota de uma fria".

"Me desculpe, neste caso você deu uma dentro. É que eu me guio pelo que você diz e o que você diz me perturba".

"Não sei por quê. Nós dois sabemos que o cara tem de morrer. Seja como for, não importa, porque eu o deixei escapar e quem garante que o diabo vai me dar uma nova chance?”

"Você não deixou ele escapar, você protegeu a senhorita Kessler. E isso era a coisa certa a fazer.

Agora, você está ferido e, numa briga, eu não presto para grande coisa. E ele tem este guarda-costas. O

negócio ficou muito perigoso".

Benny encarou-o por alguns segundos.

"Você está dizendo que a gente deve desistir?”

"Deixar o caso para as autoridades. É o que eu disse para o Matthew. Nossas chances são pequenas e o prêmio não vale os riscos".

"O prêmio não é o mesmo para nós dois. O seu garoto é um inocente correndo atrás de uma obra que só vai lhe trazer aborrecimentos, quer ele a consiga, quer não. Você tem razão em aconselhá-lo a pular fora. Nosso objetivo é bem mais simples".

"Seu objetivo".

"Está bem, meu objetivo. Simples, direto, perfeitamente justificável, e eu tenho condições de atingi-lo".

"Mas você está com o braço machucado e nós nem sabemos se estamos atrás do homem certo".

"Vá se foder", exclamou Benny, amassando o cigarro no cinzeiro lotado. "Nós já discutimos toda esta merda. Eu me feri fazendo o que você me mandou fazer. Teria sido muito mais fácil simplesmente mandar aqueles dois para o inferno".

"Não vai ser tão fácil da próxima vez. Agora, eles te conhecem".

"A quem você está tentando convencer? A mim, ou a você mesmo? Encontrar o Müller foi idéia sua. Agora que nós estamos perto, você quer dar pra trás? Afinal de contas, de que merda você esteve atrás este tempo todo?”

Devia haver alguma coisa no seu rosto, pensou Andreas, que convidava as pessoas a fazerem esta pergunta. E, não importando quantas vezes ele repassava toda aquela história em sua própria mente, não atinava com a resposta certa. O sonho de descobrir Müller se mantivera vivo dentro dele por cinqüenta anos.

Continuava vivo, como um reflexo inconsciente, como respirar. Mas alguma coisa mudara. Em certas ocasiões, conseguia se lembrar de seu irmão Mikalis,

Mikalis criança, com tamanha clareza que era como se o tivesse visto dias atrás, correndo através da praça na sua direção: olhos negros, braços e pernas compridas, cabelos desgrenhados, a pequena cicatriz na testa, lembrança de uma pedra jogada a esmo pelo próprio Andreas. O selvagem Mikalis dos tempos da guerra, martirizado na igreja, tinha, no entanto, conseguido alcançar a sombria fama de mito. O mesmo valia para todos eles. Stefano, Glykeria, o corajoso Giorgios, o pobre coitado do Kosta - todos os mortos tinham se tornado vagas memórias. Os acontecimentos continuavam claramente impressos na sua mente e ele sabia que eram verdadeiros, mas os personagens eram, agora, fantasmas, como se tanta coragem, traição e angústia, nunca pudessem ter sido a essência de vidas reais. Até mesmo o capitão Elias, aquele assassino desapiedado, parecia não ter substância, era somente um papel que ele desempenhara um dia e depois abandonara. O que afinal era mais ou menos verdade.

O que era real para ele era o corpo de seu filho, castigado pela doença, e a situação perigosa em que seu neto se metera. O jovem Fotis cruel era somente uma sombra; o velho Fotis manipulador - gentil, perverso, desejando desesperadamente viver - era o homem que ele enfrentava agora. Era difícil manter vivo o desejo de vingança por décadas. Quem saberia dizer quando uma palavra, um cheiro, o levaria de volta para aqueles horríveis dias do passado? Ainda acontecia, mas com menos freqüência, e a maior parte do seu tempo e energia eram dirigidos aos vivos, o que era correto. Ele queria proteger essas pessoas do mal, do passado, e do outro, o que parecia uma tarefa impossível, mas meritória e valiosa em si mesma.

"Eu não quero que o garoto se machuque, Benny. E não quero que você se estrepe ainda mais".

"O que você está se esquecendo é que o outro lado não vai deixar barato, não importa o que a gente faça. Eles continuam procurando. O encontro com a garota mostra o quanto eles ficaram arrojados.

Ela não sabe de nada, mas eles estavam a fim de pegá-la simplesmente por causa de uma alusão. Com quem vão tentar agora?”

"Agora, eles sabem que nós estamos de olho. Vão ser mais cautelosos".

"Não conte com isso. Quando se trata deste ícone, esses velhos perdem a cabeça".

Era verdade, claro. Com a morte batendo à porta, eles achavam que não tinham nada a perder e a imortalidade, real ou espiritual, a ganhar. Eram capazes de tudo.

"Então, temos de estar preparados. E pedir proteção policial".

"Nossa melhor chance é nós mesmos cuidarmos do caso".

"Meu amigo", disse Andreas, em tom gentil, mas ainda incerto sobre o que queria dizer, "você tem alguém muito próximo, atualmente? Uma esposa, uma amante?”

"O que tem a ver o cu com as calças?”

"Onde está o seu filho?”

"Em Israel. Com a mãe. Onde todos os bons judeus deviam estar".

"Por que você não está lá com eles?”

"Nós nos divorciamos, faz tempo. Você sabe disso. Seja como for, eu não posso mais morar naquele país. Está cheio de facções e eu ainda sou considerado um sujeito instável. Não consigo nem ir visitar".

"E o garoto vem para cá, de vez em quando?”

"Vem. Mas algumas vezes me visita, outras não. Onde você está querendo chegar, Spyridis? Me provar que estou carente?”

"A família de um homem serve para estabilizá-lo. A gente começa a analisar os riscos em função do que tem a perder. Um homem que acha que não tem nada a perder é uma arma poderosa, mas muito perigosa. Era como eu me sentia quando te procurei, duas semanas atrás. Agora, já não me sinto assim".

Ficaram calados por uns momentos, enquanto Benny fumava seu terceiro Gauloise. Andreas se arrependeu das perguntas pessoais que fizera, do seu tom professoral. Benny já era muito velho para ser tratado daquele jeito. Mas ele fizera aquilo tudo sem intenção, quase sem perceber.

"O que vamos fazer com esses dois?", perguntou o grandalhão, apontando com o queixo na direção do apartamento de Matthew. "Não posso continuar dando uma de babá, tenho coisas mais importantes para fazer".

"A senhorita Kessler deve apresentar queixa sobre o incidente. Isso pode garantir alguma proteção para ela. Pode até ser que a polícia encontre o tal Del Karos".

"Por quê? O cara não fez nada. Quando o capanga dele me cortou, eu estava com uma arma enfiada nas costelas dele".

"Nós podemos pedir que ela não cite o seu nome, se isso te incomoda".

"Por mim, eu não ligo. Sou um investigador licenciado, a arma está registrada. Mas pode pegar mal para vocês todos. Por que diabos a garota vai conversar com compradores depois que já vendeu a obra? Por que o avô de um dos suspeitos colocou um investigador para seguir a namorada do neto? E, de qualquer maneira, eu não contaria com proteção policial. Eles não acham a menor graça nesse tipo de trabalho".

"O Matthew pode ficar na casa do meu filho por uns tempos. A garota pode ir com ele, se quiser.

Lá, eles estariam mais seguros".

"Você vai retornar a ligação daquele teu amigo? O Morrison?”

"Vou.Já era muito tarde quando eu recebi o recado, ontem à noite. Vou ligar hoje de manhã".

"E você me conta se ele descobriu alguma coisa interessante?”

"Pode ser".

Benny soltou uma baforada com raiva.

"Não brinca comigo, Spyridis. ou eu tiro meu time de campo".

"Isso seria uma tragédia".

21

Desta vez, era Morrison quem queria um encontro. Andreas marcou com ele na esquina da Rua 50

com a Quinta Avenida, em frente da Catedral de St. Patrick. Chegando lá, eles andaram na direção leste, para perto de onde Morrison teria sua próxima reunião.

"Como vai o seu filho?”

"Acho que melhorou", respondeu Andreas. "Mas não sei explicar por quê".

"Nem tente. São boas notícias".

"Veremos".

"E como foi a viagem do seu neto para Salônica?

"Robert, por favor, nós já estamos quase chegando".

"Você acha que isto é conversa mole? Ele está metido até o pescoço, meu chapa. Tem dois homens mortos na Grécia e o seu camarada Dragoumis está desaparecido".

"Você está participando da investigação?”

"Não. Mas estou curioso".

"Você está, como dizem, tirando o cu da seringa".

"Pode apostar que sim. Fui eu quem autorizou a saída do seu neto do país. E agora parece que jogaram merda no ventilador. Você não acha que me deve algumas respostas?”

"Quer dizer que você não tem nada para me contar".

"Tenho. Mas eu acredito em trocas. Sou um tipo que acha que é dando que se recebe. Me dê alguma coisa, Andy".

Então, muito bem. Andreas ficou pensando no que dizer.

"O Matthew não estava nem perto do local do acidente. Alguém tentou assassinar o Dragoumis nas montanhas. Pelo menos dois morreram, um deles era sobrinho dele. As autoridades de lá suspeitam do 17 de novembro, o que quer dizer que ninguém vai ser preso. Eu, pelo menos, sou totalmente cético".

"Por quê?”

Eles pararam num farol na Park Avenue. Um mensageiro tatuado, de bicicleta, passou voando pela Rua 50, fez o sinal da cruz, depois pedalou furiosamente, entrando no meio do tráfego, bem na frente de um caminhão de transporte de dinheiro. Andreas achou que a pergunta de Morrison era supérflua.

"O sobrinho foi baleado com uma quarenta e cinco e havia uma motocicleta, características típicas do 17. Mas o Dragoumis é um alvo muito velho e sem a menor importância para eles. Além do que, tudo aconteceu muito longe de Atenas".

"Você suspeita de quem?”

"De todo mundo. O Fotis está cheio de inimigos. Seja como for, você deve saber mais do que eu, então por que não me conta de uma vez?”

"Não sei tanto assim", alegou Morrison, enquanto atravessavam a avenida. "Eles identificaram o segundo homem. Já tinha cumprido longas penas de prisão por tudo quanto é crime, de extorsão à venda de armas. Estava tão desfigurado que, no começo, eles pensaram que fosse o seu amigo. Agora, acham que o chapéu e os cigarros foram uma espécie de cartão de visitas do Dragoumis, para fazer com que a pessoa, ou pessoas, que ordenou a operação soubesse que ele se safou".

"Como foi que o Fotis fugiu do local?”

"Não se sabe. Mas eles acharam um carro abandonado perto de um pequeno aeroporto em Kozani".

"Ele está de volta aqui", afirmou Andreas, muito seguro.

"Pode ser. Mas eu imaginei que ele fosse sumir do mapa".

"E vai, mas voltou para cá, antes. Eu vou te dizer uma coisa, Robert, eu não acredito que o ícone tenha saído de Nova York".

"Nesse ponto, acho que você tem razão".

"Ah, muito bem, então, vamos às suas informações".

"O Departamento de Polícia de Nova York andou investigando os empregados do Dragoumis, especialmente aquele que sumiu depois do roubo. Anton Marcus, aliás, Marchevsky. Eles o pegaram no Aeroporto Kennedy antes de ontem à noite. Passaporte luso, levando dez mil dólares em dinheiro vivo. Mas o cara é durão, não abriu o bico. Só que tem um cara para quem ele trabalhou, um tal Vasili Karov, atacadista de bebidas, da máfia russa. Aparentemente, o Dragoumis contrata a maioria dos seus capangas com o Karov e existem dúvidas sobre se eles continuam ou não sob as ordens do Karov. Está me entendendo?”

"Ainda não fiquei gagá".

"Bem, seja como for, eles acham que o Karov pode estar metido nessa história. Eles já tinham espremido o cara uma vez, mas não conseguiram nada. Desta vez, disseram que o Anton tinha cantado, o que era o maior papo furado, mas eles deviam ter uns bons palpites na manga. Oito horas e dois advogados

depois, ele faz um acordo e conta tudo. Não é muito diferente do que o que você adivinhou. O Dragoumis e o Karov bolaram o plano. O outro russo não era para ser baleado, mas ninguém lhe contou sobre a armação e ele armou o maior salseiro. O ícone foi reservado para o Dragoumis. Os russos ficariam com outras três obras que foram levadas no mesmo roubo. Acontece que, segundo o Karov, o Dragoumis passou a perna nele, e deixou o ícone errado para ele roubar. Seja como for, o Karov alega ter sido esta a razão para ele tentar enganar o grego e vender o ícone trocado para um novo comprador".

"Você não acredita nisso".

"Por que o Dragoumis se daria ao trabalho de armar tudo isso só para roubar o ícone errado? E

por que o Karov se importa, se o ícone verdadeiro, segundo o acordo, não ia ficar com ele? Ele está arranjando uma desculpa para ter traído o seu amigo".

"Qual era o nome do novo comprador?”

"Del Rios? Uma coisa assim. Provavelmente, um nome falso. Os tiras estão atrás dele".

"O Karov disse quanto ele pagou?”

"Cento e cinqüenta, me parece".

Não o suficiente. Por mais que o russo tivesse deturpado as coisas, havia alguma verdade ali. Del Karos - certamente o nome que Morrison não conseguira se lembrar - estava disposto a pagar um milhão e meio para Ana Kessler. A não ser que fosse uma besta quadrada, Karov não aceitaria muito menos.

"Quando aconteceu este negócio?”

"Quatro dias atrás".

Antes de Del Karos ter tentado encurralar Ana. Mas aquela tentativa deixava claro que ele ainda estava à caça do ícone. Tinha comprado o falso, sabendo que era falso. Por quê? Para fazer Fotis baixar a guarda? Portanto, Fotis ainda estava com o ícone, sempre estivera com ele. Disso, Andreas tinha certeza.

Eles atravessaram a Segunda Avenida e andaram algum tempo sem falar. O velho sabia que aquele era o momento de passar as informações que tinha sobre Del Karos e as deduções que tirara sobre Dragoumis. Revelar os últimos pedacinhos das coisas que sabia e sair de uma vez daquela história. Mesmo assim, hesitou. Morrison parou e pôs a mão no seu ombro.

"Mais uma coisa. Um tal Felix Martin voou de Newark para a Cidade do México, cinco dias atrás. Cidadão argentino. Provavelmente, isso não quer dizer nada. Só em Buenos Aires, deve ter uns cem sujeitos com este nome, mas é um

dos apelidos que o seu alemão costumava usar. Então, pensei em te contar".

Andreas não disse nada. Ele não quisera acreditar em Benny no dia anterior e, mesmo agora, gostaria de ser o tipo de homem que acredita em coincidências. Morrison voltou a caminhar e Andreas o seguiu. Saíram na Primeira Avenida com a brilhante luz da tarde iluminando o edifício branco e preto das Nações Unidas e um enorme cargueiro cinzento navegando pelo East River.

"Tem um excelente restaurante grego a um quarteirão daqui. Um dia destes, a gente vai lá, juntos.

E então, Andy, você tem mais alguma dica para mim? Você está com cara de quem anda matutando alguma coisa".

"Estou tentando juntar as peças".

"Se conseguir, me avisa. Tenho de correr".

"Obrigado, Robert. Te mantenho informado".

... trazido da Terra Santa por Helena, a mãe de Constantino. No manto, havia manchas de sangue sagrado, dos ferimentos do Nosso Salvador quando foi deitado nos braços da mãe, morto, mas devendo ressuscitar em breve. Uma parte do manto, contendo estas manchas, foi cortada e selada entre dois painéis de cipreste. Com eles, Matthias, um monge do Studium, criou a imagem da Virgem Maria como ela lhe apareceu numa visão, para que todos olhassem a obra e soubessem que aquela era a verdadeira face da Mãe de Deus. A imagem foi colocada na Igreja de Blachernae, acima do escrínio de prata que continha o próprio manto, e ali realizou inúmeros milagres, especialmente na cura dos doentes da família e dos seguidores do Imperador. Em tempos de necessidade, a imagem era retirada da igreja e levada em procissão ao redor das muralhas para instilar coragem nos corações dos defensores da cidade...

Quando, naquele dia amaldiçoado do ano do Nosso Senhor de 1453, os turcos infiéis, beneficiando-se do cansaço dos defensores e da falta de fé de seus aliados, tomaram a grande cidade de Constantinopla, a Igreja de Blachernae foi profanada e os objetos sagrados que continha foram destruídos.

Foi então que um monge de nome Lazarus arriscou a vida para entrar na igreja e pegar a Nossa Senhora, criada por Matthias, de sua moldura dourada, pendurada na parede. Protegido pelo poder da Virgem, Lazarus atravessou o fogo e a devastação e saiu da prostrada cidade de Constantinopla, levando a imagem sagrada para o Ocidente. Desde então, ele tem sido visto através das terras do Império desaparecido por muitos

anos a mais do que os da vida de um ser humano normal, preservado pela Virgem lá de cima para a proteção da Presença Viva aqui embaixo e, por onde quer que tenha passado, os doentes foram curados e os de espírito perturbado se pacificaram. Alguns dizem que ele foi para Tessalônica, outros alegam que foi para Ioannina, em Épiros, mas até hoje ninguém sabe com certeza qual foi o destino da imagem de Nossa Senhora.

Ioannes dobrou as páginas, cuidadosamente, e colocou-as dentro do envelope. Elas lhe abririam o caminho, era preciso que acreditasse nisso. No princípio, era o verbo. Em que direção estas palavras de Theodoros empurrariam o rapaz, ele não tinha como saber, mas alguma coisa tinha de ser feita. Agora, uma voz separara-se das outras e ficara cada vez mais inexorável a necessidade de uma ação decisiva. Ele decidira submeter-se a esta voz.

Depois de estudar o mapa, ele pegou o metrô de Nova Jersey, perdeu-se nos túneis e praças brilhantes embaixo da Estação Pensilvânia, mas finalmente encontrou a plataforma para o carro número 1, que o levou até Columbus Circle. De lá, caminhou em diagonal pelo Central Park, em direção ao seu destino.

Também se perdeu naquele caminho, com suas alamedas e ruas tortuosas, mas não se importou muito. O

parque, naquele começo de maio, estava vivo com seus narcisos amarelo-pastel, suas tulipas vermelhas acabadas de brotar, as florações brancas e violetas das macieiras, as cerejeiras arroxeadas. Ele não sabia que aquele lugar podia ser tão bonito. E entendeu que devia apreciá-lo, mesmo agora, especialmente agora, nestas horas de perturbação. Era sempre assim, momentos de grande beleza acompanhavam os tempos de escuridão da alma. Era um presente a não ser ignorado nem desprezado e Ioannes respirou fundo, sorrindo para tudo o que o rodeava.

Ele dispensara Jimmy, seu inútil investigador, e deixara de atender os telefonemas do bispo Makarios. Não tinha sequer respondido um recado que recebera do secretário do Sínodo Sagrado de Atenas.

Eles tinham criado a maior confusão. Todos os envolvidos no assunto tinham pensado exclusivamente em si mesmos - elaborado planos discutíveis, medíocres e mal-intencionados. Era preciso uma visão mais ampla, e Ioannes tinha uma vaga idéia do que devia fazer, se bem que não fizesse a menor idéia de como fazê-lo.

Sabia apenas que o rapaz era a chave de tudo.

A larga escadaria do museu estava, como de hábito, coalhada de estudantes, turistas, mendigos, todo mundo fumando, tomando refrigerante, aproveitando o

dia. Ioannes passou por eles, entrou pela porta principal, atravessou o grande hall e chegou até uma pequena alcova que ele descobrira em sua última visita.

O elevador ficava nos fundos. Era necessário ter uma chave ou um cartão para operá-lo, então o padre simplesmente esperou do lado da porta, como se ali fosse precisamente o lugar em que ele deveria estar. Dez minutos depois, uma mulher apareceu ao lado dele, magra, de meia-idade, usando óculos e um crachá pendurado no pescoço, onde se lia: Carol Voss. Sorriu para Ioannes.

"O senhor sabe que este é um elevador de uso privativo dos funcionários?"

"Sei". Ele sabia que um verdadeiro mundo de corredores e salas existia atrás, embaixo e entre o que um visitante comum podia ver. Como numa catedral ou num monastério. O santuário secreto. "Venho ver um dos curadores".

"Eles deveriam descer até aqui para acompanhá-lo. Com quem o senhor vai se encontrar?"

"Com Matthew Spear".

"Ah, o Matthew é amigo meu. Trabalhamos no mesmo departamento. Mas, eu lamento dizer que ele não está aqui, hoje. Para dizer a verdade, eu nem sei quando ele vai voltar".

"É mesmo? Que pena. A senhora disse que é amiga dele?"

"Sou, sim".

Ele tinha dispensado toda ajuda, se livrado de todos os investigadores. Não podia esperar conseguir, sozinho, encontrar o rapaz. Estava à mercê de um desígnio superior. Haveria um propósito em tudo que viesse a acontecer. A voz falou-lhe baixinho, mas com firmeza: confie nela. Ioannes colocou a mão no bolso e tirou o envelope, estendendo-o para ela.

"A senhora entregaria isto a ele quando o vir, se faz favor?"

"Mas, claro, não vejo por que não". Ela pegou o envelope.

"É extremamente importante que ele o receba. O quanto antes. E também fundamental que ninguém, além do Matthew, veja este envelope. Rogo para que a senhora tenha entendido".

Como ele, ela era uma alma calma e sentiu, na imobilidade dele, a sua urgência.

"Prometo manter a privacidade deste assunto, mas não sei quando verei o Matthew".

"Tenho confiança de que ele, brevemente, voltará para cá. Coloco minhas esperanças nisto e na senhora. Que Deus a abençoe". Ele virou-se e se afastou antes que ela pudesse responder, mas tinha causado a impressão desejada. Ela não era o tipo de mulher que se furtaria a cumprir a tarefa que ele lhe confiara.

O céu, acima da avenida, ficara esquisito. Ao sul, ainda azul, mas nuvens negras toldavam o norte.

Ioannes não sabia para que lado as nuvens se moviam, e que tempo a noite traria. Mas não era muito importante. Ele iria pelo parque novamente, curtiria a doçura do lugar enquanto ainda podia, antes que a terrível missão o requisitasse novamente.

Havia alguma coisa de comovente intimidade e, ao mesmo tempo, de enlouquecedoramente claustrofóbico no seu cativeiro forçado com a família dele. O pai dele estava doente, se bem que menos gravemente do que ela esperara, e era ainda um homem bonito, de maneira mais rudimentar que Matthew.

Ficava no seu estúdio, lendo ou dormindo, recebendo alguma visita ocasional. Quando eles tinham chegado, na noite anterior, a mãe deixara Ana sozinha, mas passara todo o dia seguinte com ela. Tentando alimentá-la a cada hora e meia. Perguntando toda a sorte de perguntas sobre Matthew; como se Ana fosse sua esposa ou uma namorada de longa data, e não alguém que conhecera seu filho apenas algumas semanas atrás, alguém que sentia que já pudesse amá-lo sem nem ao menos conhecê-lo direito.

"Ela gosta de você", dissera Matthew, quando se encontraram a sós por um momento, sua mãe tendo ido às compras, seu pai dormindo.

"É por isso que ela está sempre de cara fechada quando fala comigo?”

"É o jeito dela. Ela gosta de falar com você".

"Ela está me usando para arrancar informações sobre o que está acontecendo".

"Não se preocupe. No fundo, ela não quer saber".

"De qualquer maneira, que diferença faz se ela gosta de mim?”

"Nenhuma, mas ela gosta. Confie em mim".

"Você acha que eu estaria sentada aqui, na cozinha dos seus pais, depois de tudo o que aconteceu, se não confiasse em você?”

Ele encostou seus lábios nos dela e o corpo dela reagiu imediatamente, apesar de tudo o que tinham feito nas últimas duas noites. Mal conseguiam subir as escadas e chegar ao quarto de hóspedes, seu velho quarto. Havia alguma coisa de vagamente proibido em fazer aquilo no meio da tarde, na casa da sua família, com seu pai dormindo no andar de baixo. Ela entendia perfeitamente que, em meio à luxúria, havia muito de uma busca por alívio, descanso e conforto, mas isso não fazia com que o sexo fosse menos intenso ou satisfatório.

Matthew dormiu minutos depois de terem acabado, ainda se refazendo das

horas que passara acordado. Ana esperou um pouco, olhando para o peito dele, que subia e descia, acariciando seu braço e sentindo o cheiro dele. Uma amiga sua, Edith, insistia em que não tinha nada a ver com belos rostos, inteligência e todo o resto; a atração se dava pelo cheiro. Ana se perguntava se não seria verdade. Algum tempo depois, arrastou-se para fora da cama e foi até sua mochila buscar seus cigarros e isqueiro. Sentada no peitoril, abriu a janela alguns centímetros, acendeu um cigarro, soprou a fumaça para fora, no ar frio e tentou colocar a cabeça em ordem.

Do que ela realmente estava precisando era de um ou dois dias sozinha, longe de todo mundo, incluindo Matthew, para pensar em tudo aquilo. Eles tinham se prometido esquecer o negócio do ícone, mas alguns detalhes continuavam a apoquentá-la. O nome no diário, as dicas de Del Karos, o medo dele sobre o que ela sabia, o que fez com que ele dissesse mais do que pretendia. Oito anos antes, durante uma das suas doenças, seu avô tinha murmurado, semiconsciente, que fora responsável pela morte do filho. Aquilo não era uma grande novidade e ela tentara acalmá-lo, mas ele estivera inconsolável. "Era para ter sido eu", ele insistira, vezes sem conta. Como se a morte não tivesse sido casual, como se alguém devesse morrer. Ela considerara aquilo um complexo de culpa exacerbado pelo delírio da febre, mas, como os detalhes que descobrira recentemente, a lembrança permanecera com ela.

O que fazer? Poderia tentar arrumar um outro encontro com Del Karos, mas isso seria completa loucura e ele certamente não se deixaria apanhar de calças curtas. Poderia deixar barato, torcer para que ele fosse preso e para que a verdade aparecesse de alguma outra maneira. Estaria preparada para qualquer verdade que fosse revelada? Não seria melhor que ele simplesmente desaparecesse de novo e tudo continuasse envolto em mistério?

"O que você está fazendo?", perguntou Matthew, da cama. A voz dele estava mais acordada do que ela esperava.

"Ah, só me deixando ficar louca".

"Você deveria deixar que eu fizesse esta parte".

"Eu já era louca muito antes de te conhecer, querido".

"Por que você não volta para cá?”

Na verdade, por que não? Mesmo assim, continuou sentada no mesmo lugar mais alguns minutos, acabando de fumar, pensando agora sobre ela e Matthew e se o que fosse que houvesse entre os dois sobreviveria depois das violentas emoções da presente crise. Ainda gostariam um do outro quando toda aquela excitação terminasse, quando a vida cotidiana, monótona e enfadonha,

retornasse? Quando o ícone já estivesse no seu lugar de direito e eles o esquecessem? Estaria ela realmente a fim de descobrir também esta verdade? Melhor aproveitar enquanto durasse. Ana jogou a bituca para fora, fechou a janela, levantou-se e foi ao encontro dele.

22

O hospital de Queens não era tão esplêndido quanto o de Manhattan. Mais velho, lúgubre e até mesmo mais desorganizado, se isso é possível. Andreas subiu ao oitavo andar num elevador cujo solo rangia assustadoramente. Ao seu lado, uma enfermeira jamaicana, com cara de completa exaustão, parecia não notar nada.

Seus pensamentos tinham se tornado confusos, novamente. As notícias de Morrison ecoavam na sua mente, testando sua força de vontade. Era fácil dizer a si mesmo que nada mudara, que aquela visita era apenas uma última recaída, um ato necessário para purgar sua consciência e satisfazer sua curiosidade. Fácil dizer, mas difícil se convencer. A coisa mais importante era não mais envolver Benny nem Matthew A isto, ele estava determinado.

O corredor, de um verde-acinzentado, estava impregnado do universal e inconfundível cheiro de doença. Ar viciado, urina, detergente; tinha gravadas na memória as centenas de visitas que fizera para homens agora mortos. Andreas encontrou o quarto com facilidade. Ouvira dizer que, nos primeiros dias, houvera um policial vigiando a porta, mas desde que o paciente melhorara o suficiente para ser interrogado, a providência se tornara desnecessária. O que estava sendo protegido era a informação, não a sua vida.

Quando Andreas entrou, Nicholas olhou para ele, com um rosto pálido e magro, os olhos esbugalhados de preocupação. Andreas percebeu que o ferido poderia ainda não saber exatamente o que acontecera e que sua visita, provavelmente, não seria bem-vinda.

"Paz, Nicky", disse ele, em russo, sentando-se numa cadeira ao lado da cama. O doente mexeu-se debaixo dos lençóis, mas o soro, preso à sua veia, dificultava seus movimentos. Através do leve roupão azul do hospital, via-se uma grossa bandagem no seu peito. Alguém tinha colocado um vaso de tulipas amarelas na mesinha de cabeceira. Um biombo, que corria pelo meio do quarto, separava sua cama da que ficava ao lado da janela, onde outro paciente assistia a um programa de auditório na televisão. Nicholas anuiu, mas não disse nada.

"Estou aqui por conta própria", disse Andreas, em inglês. "Queria saber como você vai".

"Estou vivo". A voz era pouco mais que um sussurro.

"Certo. Meu neto é, em parte, responsável por isso". Nicholas olhou para ele,

não entendendo. "O Matthew. Ele foi ver o padrinho naquela manhã e te encontrou, sangrando no chão. Ficou segurando uma toalha no teu ferimento até que a ambulância chegasse. Ninguém te contou?”

"A polícia só faz perguntas. Não me conta nada".

"Ninguém veio te visitar? Nem um dos homens que participou da armação do Fotis veio ver como você estava?”

"O Phillip, sabe? Aquele que dirige o restaurante. Só ele".

"Foi ele quem trouxe as flores?”

"Não". Nicholas deu um leve sorriso. "Foi a minha namorada".

"Ótimo. É bom saber que você não está sozinho".

"A esta hora, ela está trabalhando. Mas depois, vai passar por aqui".

"Eu não vou demorar".

Nicholas limpou a garganta e voltou a se ajeitar na cama, evidentemente ainda sentindo dor.

"Eu não sabia disso que você me contou sobre o Matthew. Fico agradecido".

"Ele está enrolado. A polícia está pegando no pé dele. Acham que ele pode ter tido alguma coisa a ver com o roubo".

"Prenderam o seu neto?”

"Não. Eles não têm nada de concreto contra o Matthew. Mas, com o desaparecimento do Fotis, eles podem se sentir frustrados e decidir jogar a culpa em outra pessoa".

"Não entendo. A minha namorada me contou que eles já prenderam o Antton e o Karov. Por que iriam atrás de mais alguém?”

"Ora, vamos lá, Nicky; nós dois sabemos que tem muito mais coisa nesta história. E a polícia também sabe. O Fotis meteu o Karov nesta tramóia. Estavam todos envolvidos, o Anton, o Karov e o Dragoumis. Todos menos você. Você bancou o bobo, foi escolhido. para tomar um tiro".

Nicholas fez uma carranca e agarrou um pedaço do lençol com seu punho fechado.

"Todos, não é? E por que não o seu neto, também? Ou você?”

Andreas anuiu diplomaticamente.

"Não te culpo por suspeitar de mim. Você sabe muito bem que eu e o Fotis temos nossas diferenças a resolver. Talvez ache que eu tenho algum plano. Mas, certamente, você sabe que o Matthew não tem nada a ver com isso.

"Eu não sei de nada. Como posso saber de alguma coisa, deitado aqui?”

"Você sabe quem atirou em você?”

"Eles estavam de máscaras. Não dava para ver".

"Bravosou!22", riu Andreas, zombeteiro. "Eles tentam te matar e você continua protegendo os caras, mantendo os segredos deles. Foi para isso que você foi treinado, não é? Para guardar segredos. Você é um bom soldado, Nicky. É isso que vão dizer no teu enterro. Foi um bom soldado, um instrumento muito útil. Sempre mantinha os segredos".

"Vá pro inferno".

"Ainda bem que você tem a mulher para te prantear".

"Afinal de contas, o que te interessa tudo isso?”

"Já te disse. O rapaz".

"Certo, bem, o teu rapaz estava com o Dragoumis o tempo todo, falando sobre aquele ícone.

Então, talvez a polícia esteja certa e talvez eu deva dizer isso para eles".

Andreas inclinou-se para a frente e baixou a voz. "O Fotis usou o garoto. Como usou você, como me usou uma dúzia de vezes. É o que ele faz. Você sabe disso. Foi-se o tempo de ficar defendendo o sujeito, você tem de pensar em você. Todos eles te traíram. Você é o único amigo que te resta, a não ser que decida confiar em mim, mesmo que só um pouquinho".

"Tá pensando que eu sou trouxa? Eu estou cuidando de mim. Não estou a fim de proteger ninguém, só quero continuar vivo, nada mais".

"Só que o teu silêncio não te protege. Você não fez nada de errado e mesmo assim eles tentaram te matar. Agora, estão foragidos. O Dragoumis está escondido. O Karov está preso sob custódia e fecharam o negócio dele".

"Alguém vai substituí-lo. Você não sabe como são as coisas onde eu moro. Se eu testemunhar contra qualquer um deles, ninguém vai me perdoar".

"Não sei, não, O Karov fez um acordo e você não precisa testemunhar nada. E eu não acho que alguém vá te culpar se você prejudicar o Anton, afinal o cara atirou em você. Mas, esquece isso. Eu não estou te pedindo para testemunhar contra ninguém".

"Então, o que é que você quer?”

"Uma coisa muito simples. Eu quero saber qual era a jogada do Fotis, antes de você colocá-lo no avião, naquela manhã. Qualquer coisa que você possa me dizer. Viu? Não é uma pergunta muito perigosa".

"Só falar com você já é perigoso".

"Bem, é um pouco tarde para você se proteger disso. Foi você que o levou para o aeroporto, não foi?”

Nicholas ficou estudando-o, cuidadosamente.

"Foi. Era eu quem o levava para todos os lugares. O Anton guia mal pra

caralho".

"De manhã bem cedinho".

"Antes do amanhecer. O vôo era às sete e meia, a gente saiu de casa às quatro. eu já contei isso para a polícia".

"Eu não sou da polícia, Nicky. Por que tão cedo? Nessa hora, não leva mais de vinte minutos para se chegar ao aeroporto".

"Ele gosta de chegar cedo nos lugares".

"Ele levava muita bagagem? Algum pacote grande?”

"Não, só um pacotinho e uma maleta".

Andreas calou-se, olhando fixamente para o ferido. Decidiu perguntar de novo.

"Por que tão cedo?”

"Eu já te disse".

"Vocês passaram em algum lugar, antes. Pararam em algum lugar no caminho do aeroporto".

O russo ficou mais agitado. Como não sabia mentir, Nicholas só podia escolher entre não contar nada ou dizer a verdade e, claramente, não gostava de suas opções.

"Fomos até a cidade. Até Manhattan".

"Fazer o quê?”

"Ele tem alguns apartamentos. Alguns amigos ficam lá às vezes, ou ele usa para receber pessoas que não querem ir até o Queens. Paramos num deles. Ele tinha de deixar alguma coisa lá".

"O quê?”

"Uma pintura que tinha vendido. Um abstrato. Ele ia deixar no apartamento para o comprador pegar depois".

"De que tamanho?”

"E eu sei lá? Grande o bastante para me quebrar as costas quando tive de subir as escadas com ele.

Talvez um metro quadrado, ou um pouco mais".

"E você esteve com ele o tempo todo? No apartamento?”

"Não, ele tinha de fazer umas ligações, sei lá, não me lembro. Eu voltei para o carro".

"Entendi. E, me diz uma coisa, onde fica esse apartamento?”

Como o velho já previra, era desta pergunta que Nicholas estava fugindo. Ele não se recusou a responder, imediatamente, mas ficou calado um longo tempo, olhando para a porta. Andreas sabia que se a enfermeira ou a namorada

chegasse, aquilo seria o fim da conversa.

"Nicky o Matthew quer devolver o ícone para a Grécia, para a Igreja. É só isso que ele quer. E eu só quero ajudá-lo. Ele te fez um grande favor. Os outros te largaram lá para morrer, você não lhes deve nada. O teu silêncio não te ajuda em nada. E você pode nos ajudar. E ajudar a Igreja. Qual dos dois lados você escolhe?”

"Vá se foder", murmurou o russo. "Você fala igualzinho ao Dragoumis. Eu não acredito em nenhum de vocês dois. Mas, por causa do garoto, por causa do Matthew, eu vou te contar. Rua 28, perto da Terceira Avenida. O prédio cinza, na esquina noroeste. Terceiro andar, nos fundos. Não me lembro do número".

"Obrigado".

"Por favor, agora vá embora. Não quero que você esteja aqui quando a garota chegar".

"Claro. Você contou à polícia sobre o apartamento?”

"Não".

"Por que não?”

"Não sei. Alguma coisa me dizia para não falar sobre isso".

"Sou muito grato, Nicky, e vou merecer a tua confiança. Melhoras, garotão".

"Nós nem deveríamos estar aqui. Deveríamos ter saído do país, ontem".

A voz de Van Meer tinha o tom calmo e sossegado de sempre, como se para ele nada realmente importasse, mas o fato de ter repetido sua opinião duas vezes nas últimas vinte e quatro horas revelava sua desaprovação. Del Karos não temia que Jan desse para trás, mas tinha de fazer alguma coisa para apaziguá-lo, para acalmar a consciência profissional do seu assecla. Jan se julgava alguém que fazia as coisas de acordo com o regulamento, mas Del Karos o conhecia melhor. Desde a sua adolescência violenta em Amsterdã, o holandês vivia no meio do caos. O polimento profissional fora adquirido depois, e era um verniz muito fino.

"Não há nenhum perigo imediato".

"Você não tem como saber", insistiu Jan, olhando pelo pára-brisa para toda a extensão da rua.

"Não sabe que recursos eles têm. E temos de pensar na polícia, também".

"Eles vão procurar o Del Karos. Não vão me encontrar, não com este nome".

"Não foi muito prudente se encontrar com aquela mulher".

"Já discutimos isso".

Ele queria ser mico de circo se fosse aceitar uma bronca de Van Meer, mas também chegara à conclusão de que o negócio com a mulher fora muito mal transado. Ela sabia algumas coisas, certo, mas não onde estava o ícone, então

que diabos importava o resto? Ele continuava a cometer erros com aquela família, deixando que a raiva que sentia contra o velho, que o roubara, confundisse seu pensamento. Fizera a mesma coisa com o filho, Richard,o pai da garota, quando ele viera para Caracas no lugar do velho. O banqueiro tinha um bom olho e percebeu facilmente a armação: sabia que o ícone que oferecia era falso, que o que estava na parede do seu pai era, de fato, o autêntico. Del Karos não queria, no final das contas, tapear ninguém, queria apenas ter o velho Kessler nas suas garras. O fato de o filho ter vindo no lugar dele arruinou seu plano, e as condições estabelecidas para o encontro tornavam impossível pegar Richard como refém.

Frustrado, Del Karos fizera, na época, a mesma coisa que fez, tantos anos depois, com a filha.

Zombara do banqueiro, xingara seu pai e deixara vazar dicas sobre a obra. Mas não conseguira nem enfurecê-lo, nem arrancar nada dele. A única coisa que conseguira foi fornecer peças que o filho poderia juntar, formando um quadro que seria melhor que não conhecesse. Depois do encontro, Del Karos entrou em pânico e teve de pedir um grande favor. Na época, achou necessário - o banqueiro sabia demais -, mas agora Del Karos não podia mentir para si mesmo, como fizera então. Tinha, naquele momento, perdido temporariamente as esperanças de conseguir o ícone, e o que fez visava unicamente punir o velho Kessler.

Um ato de pura crueldade. Já era ruim o suficiente ter perdido tempo e energia daquela maneira. Repetir o mesmo erro com a garota, duas décadas depois, seria imperdoável.

"Nós já discutimos isso duas vezes", repetiu ele. "Ela pediu o encontro. Eu não podia descartar a possibilidade de que ela soubesse alguma coisa útil".

"A chave é o Spear", insistiu Jan. "É ele quem é íntimo do Dragoumis".

"E onde ele está?”

"Você esperava que eu entrasse no trem e os seguisse? A mulher me conhece e não há como fugir de um trem. Foi por isso que eu resolvi seguir este aqui". Ele indicou, com a cabeça, um hotel no fim do quarteirão.

"Você tem certeza de que ele não percebeu? Ele é bom, você sabe".

"Se ele é tão bom assim, eu não posso ter certeza. Mas acho que não sacou".

"Ele saiu hoje de manhã?”

"Sim. Por algumas horas".

"Por que você não o seguiu?”

"Eu esperei você chegar, como tínhamos combinado".

"Mas ele está lá dentro, agora?”

"A não ser que tenha uma saída para a ruazinha, pela cozinha".

"Pode ter".

Jan fez seu sorriso mais condescendente.

"Não posso estar em todos os lugares ao mesmo tempo. Talvez fosse bom você deixar de ser mão-de-vaca e contratar mais gente. Ou então, se render à razão. Ele sempre usou a entrada da frente. Você se preocupa demais com as coisas erradas".

Com grande dificuldade, Del Karos segurou a língua. Com a formação que tinha, era completamente inaceitável permitir que alguém lhe dirigisse a palavra naquele tom, mas Jan não conhecia as sutilezas que regem a relação entre empregador e empregado. E o velho não podia deixar de admitir que sua ansiedade o estivesse impedindo de dar o melhor de si.

"Vamos esperar que você tenha razão. Ele é nossa última pista".

A paranóia era uma condição normal de qualquer pessoa que estivesse naquele tipo de jogo há muito tempo, e Andreas não era imune. O homem que descera do carro parado em fila dupla, cinqüenta metros atrás do local onde o táxi o deixara, podia não ser ninguém. No entanto, a paranóia podia salvar a vida de um homem, então o velho passou pela porta que deveria entrar e seguiu em frente contornando a esquina da Terceira Avenida.

Um bairro estranho. Restaurantes da Índia, comida barata, pelo menos um albergue evidente. Não era nem a melhor nem a pior área da cidade, apenas um lugar de passagem - um bom bairro para se esconder. Andreas atravessou a avenida num impulso e depois olhou para trás, como se verificando uma placa de rua. O homem que saíra do carro também entrara na Terceira Avenida, mas seguiu seu caminho, sem olhar para trás.

Andreas desceu pela Rua 29 até a Segunda Avenida enquanto a luz ficava cada vez mais baixa, perdendo tempo, mas querendo se certificar. O fato de estar mais vulnerável do que de costume - sem Benny, sem uma arma - alimentava suas suspeitas. A melhor coisa a fazer era voltar para seu hotel, mas o tempo era precioso e ele já viera até ali. Não queria ser derrotado pelo medo irracional. Encontre-o, Alekos lhe ordenara, e tire-o da vida do Matthew. Entrando na 27, dirigiu-se de volta para a Terceira Avenida, andou pelo quarteirão no sentido norte e atravessou a 28 até o prédio cinza pelo qual passara anteriormente.

O carro parado em fila dupla desaparecera. Andreas ainda não se resolvera sobre o que fazer, quando um homem saiu do edifício: ligeiramente curvado, usando enormes costeletas e chupando um cigarro com força.

Quando jogou a bituca fora e começou a empurrar as latas plásticas de lixo para colocá-las em linha, Andreas tomou como um sinal e sabia que tinha o seu homem.

"Desculpe-me, senhor".

"O que é?" O sujeito mostrou imediatamente suas suspeitas.

"Eu tenho de ver um apartamento aqui".

"Não tem nada vago. Está tudo alugado".

"Eu sei. Tenho de ver um apartamento que já está alugado. É parte de uma investigação".

O homem se endireitou, mas isso não adiantou muito.

"Ah, é? E quem diabos é você?”

Andreas sabia que um oficial de polícia mostraria, no ato, suas credenciais. Mas o homem parecia ser contornável, bastava encontrar o caminho.

"Fica no terceiro andar, o apartamento dos fundos. O sujeito que aluga é um conterrâneo, vem do mesmo país que eu". Andreas meteu a mão no bolso para pegar sua velha identidade de estrangeiro. Era um documento que impressionava, do tamanho de um passaporte, com capa de couro gravada a ouro e uma foto de dez anos atrás com um enorme carimbo em cima. Ele deixou o rude zelador examiná-lo por um longo tempo, contando que o homem não entendesse grego. "O Fotis Dragoumis. Ele está sendo investigado pelo meu governo".

"E eu com isso? Você não está no seu país. Aqui, você precisa de um mandado, emitido por um juiz".

"Estamos conseguindo um. Mas é um processo muito lento nesta cidade, e eu preciso andar depressa. É muito importante".

"Para você. Para mim, não é". O homem enxugou os lábios na manga da camisa e acendeu outro cigarro. "Volte quando tiver um mandado". Soprou a fumaça na cara de Andreas e voltou ao seu trabalho.

"Se esperar, posso perder uma oportunidade. E você, também".

"Oportunidade de que?”

"De descolar uma graninha".

As palavras tiveram efeito imediato e o corcunda empurrou suas latas, distraidamente.

"Quanta grana?”

"Você quer discutir isso aqui fora?”

Entraram num vestíbulo, mas o corcunda não queria abrir a porta de dentro. Andreas estava perfeitamente consciente de que suas costas, viradas para a porta

exterior de vidro, estavam expostas, e imediatamente puxou sua carteira. Pegou cinco notas de vinte dólares, mas hesitou.

"Você tem as chaves do apartamento, não tem?”

O homem deu de ombros.

"Tem ou não tem?" O tom de voz de Andreas já era mais agressivo.

"Eu não devia, mas sabe como é, esses miseráveis inquilinos que não aparecem nunca. Como é que eu posso verificar um vazamento, se não tiver como entrar na porra do apartamento?”

"Sei como é". Andreas deu o dinheiro para ele. Por um longo tempo, o corcunda não tirou os olhos do chão de lajotas. O velho deu-lhe mais cinco notas de vinte.

"Você não vai me tirar nada de lá, certo?", insistiu o zelador. "Só vai dar uma olhada, não é?”

"Isso mesmo". Se encontrasse alguma coisa que valesse a pena levar, ele pensaria no problema.

O apartamento era pequeno. Só dois espaços, o segundo um quarto com uma velha escrivaninha e uma cama estreita que, claramente, nunca era usada. O outro era maior e tinha uma pintura grande em cada parede, uma paisagem e três abstratos. Uma embalagem de papelão, grande e fina, estava encostada no sofá.

Uma das extremidades estava aberta, com plástico bolha saindo pela borda. Andreas teve de gastar mais cinqüenta dólares para convencer o corcunda a esperar no corredor. Então, foi imediatamente para ver o que continha. Era um abstrato verde e azul, do tamanho da caixa e ainda embrulhado. Enfiando sua mão dentro, até onde dava, Andreas tentou sentir o que havia atrás da tela, onde a moldura deixaria espaço mais que suficiente para esconder algum objeto fino e plano. Nada. No entanto, uma boa parte do plástico bolha parecia ter sido puxada para fora. Teria o Cobra pegado o ícone só no último dia? Teria confiado que ele estaria seguro por toda uma semana, simplesmente embrulhado numa caixa de papelão no meio da sala?

Sabendo, como tinha de saber, que o corcunda não era confiável? Não parecia coisa do Fotis.

Andreas circunvagou o olhar pela sala, examinando as paredes, o chão e o teto na luz mortiça que vinha das pequenas janelas empoeiradas. Onde mais? Verificou o pequeno armário, que continha apenas cabides de arame, tentando descobrir algum fundo falso. Agachou-se penosamente, ficando de joelhos para olhar embaixo do sofá, tirou as almofadas, abriu todos os armários da minúscula cozinha, sentindo-se cada vez mais idiota. Em poucos minutos, o corcunda ia

botá-lo para fora. Alguma coisa ali estava errada, ligeiramente fora do padrão, e ele descobriria o que, se tivesse tempo. Poltrona, mesa de café, sofá, armário, pinturas.

As pinturas. A paisagem não combinava com os abstratos. O que não queria dizer nada, pois Fotis colecionava os dois. Era menor que os outros quadros. Menor, mas com uma moldura grande, funda, que deixava a tela alguns centímetros afastada da parede. Subiu em cima do sofá, equilibrando-se com dificuldade nas almofadas macias, e tirou o quadro da parede. Desceu do sofá e olhou por trás. Tinha tanta certeza do sucesso que o espaço vazio deixou-o confuso. Era exatamente do tamanho certo. Ele podia até ver os locais onde a parte interna da moldura fora raspada contra alguma coisa. Tinha estado lá. Alguma coisa tinha estado lá, e o que poderia ser senão o ícone?

Andreas pendurou a paisagem de volta. Sentiu-se esgotado e sentou-se. Pensou em dormir ali mesmo; encostar a cabeça naquelas almofadas macias e deixar-se tomar pelo esquecimento. Novamente, Fotis deixava-o de mãos vazias. Novamente, ele tinha sido lento demais. Nunca seria capaz de pegar o Cobra.

O corcunda falou com alguém no corredor e Andreas lutou para se pôr de pé. Rapidamente, ergueu cada uma das outras pinturas alguns centímetros, apenas o suficiente para ver que não havia nada atrás, e então dirigiu-se para a porta. Ocorreu-lhe, no último momento, que ele devia ter desrespeitado as instruções do zelador e trancado as portas.

Um homem loiro, com expressão jovem, usando uma jaqueta de couro e óculos escuros, entrou no apartamento, sorrindo, O mesmo homem que parecia tê-lo seguido. E muito provavelmente, concluiu Andreas com pânico resignado, o holandês que ferira Benny. Não havia como sair dali sem passar por ele, e o homem parecia ser ágil e rápido.

"Sr. Spyridis, lamento que estejamos atrasados. Provavelmente, o senhor já examinou o local, mas eu peço desculpas e solicito sua indulgência se tivermos de fazer tudo de novo. Por favor, vire-se".

Andreas conseguiu facilmente desviar a mão que tentava pegar seu ombro, mas foi lento demais para aparar o punho que acertou seu estômago. Não foi um soco forte, ou ele teria acabado no chão, esparramado como um peixe morto. Na verdade, a suavidade do golpe era quase um insulto, na medida certa para um velho, mas suficiente para deixá-lo de joelhos, tossindo. Manchas negras dançavam na frente dos seus olhos, enquanto as mãos experientes do outro vasculhavam suas roupas buscando uma arma que não havia.

"Vejo que o senhor é muito confiante", murmurou o loiro, endireitando-se.

Puxou Andreas delicadamente, colocando-o de pé. "Por favor, me escute. Não me custaria nada machucá-lo. E eu conheço as suas habilidades, então estarei preparado para qualquer coisa que o senhor faça. Sente-se e recupere o fôlego".

Levou alguns momentos, depois de ter-se sentado, para Andreas perceber que mais alguém tinha entrado no apartamento. Um homem ainda mais velho que ele, trajando um sobretudo pesado como o dele.

Lábios finos e olhos azuis protuberantes. Era em momentos como aquele que o tempo se comprimia, os anos caíam como pele morta, a idade não era mais que carcaças enrugadas que cobriam os jovens que tinham sido e, de certa forma, ainda eram. Não importava que ele tivesse visto este homem de perto apenas três ou quatro vezes, cinqüenta e seis anos atrás. Andreas reconheceu Müller instantaneamente. O velho alemão olhava para ele, sem nenhuma expressão no rosto.

"Del Karos", disse Andreas, sem saber por quê.

"Se prefere assim", respondeu o velho, numa voz diferente da que Andreas se lembrava, com o sotaque alterado pelo tempo e pelas viagens.

"Espero que o Jan não tenha sido muito duro com você".

Andreas pensou em dizer alguma coisa maliciosa, mas a falta de fôlego o impediu. Sabia que o pavor viria a seguir, assim que se recuperasse do choque, mas esperava manter a cabeça fria e uma atitude calma. Tinha plena consciência de que o holandês poderia abatê-lo facilmente e provavelmente faria isso no final. Andreas estava com medo, não da dor, mas de passar vergonha. Seu melhor amigo, agora, era o silêncio. Não deveria nem provocar nem tentar agradar com lisonjas, mas esperar por uma oportunidade, pelo momento propício.

Jan vasculhou o apartamento rapidamente, verificando todos os locais que Andreas já tinha investigado, pedindo licença ao passar perto dele para tirar a paisagem da parede. Então, ele e Müller examinaram o interior da moldura por uns minutos.

"Esteve aqui", disse o alemão, olhando para Andreas. "Onde estará agora?”

Os dois rostos com expressões de expectativa deixaram-no irracionalmente irritado.

"Que diabos eu estaria fazendo aqui se soubesse?”

O alemão anuiu, concordando.

"Pensei que você pudesse estar metido na armação, você e o Dragoumis, mas agora já entendi o que aconteceu. Ele te traiu de novo, não foi?”

O idiota não tinha entendido nada, percebeu Andreas, mas ótimo, ele que

seguisse aquela linha de raciocínio.

"Mesmo assim", continuou Müller, "você deve conhecê-lo melhor que ninguém. Provavelmente, você pode adivinhar o que ele vai fazer em seguida e onde ele está agora".

Andreas balançou a cabeça, não se comprometendo. O Müller que pensasse o que quisesse e fizesse o que lhe desse na telha. Müller. Era inacreditável que ele estivesse ali, de pé, bem na frente dele. De alguma maneira, não parecia ser verdade.

"E, se você não puder, continuou o alemão, "então, talvez o seu neto. Talvez seja ele quem saiba.

Pode ser que o menino e a namorada não tenham te contado alguns segredos. O que você acha? Ainda não tem nada a dizer? Por que será que eu acredito que vocês três juntos podem juntar todas as peças?”

Cuidado agora, pensou Andreas. Este era justamente o terreno onde ele temia pisar. Não mostrar nada. Jan sussurrou algumas palavras.

"Certo", concordou Müller. "Hora de partir. Não vamos conseguir mais nada aqui. Você vem conosco, Capitão. Vamos lhe dar algum tempo para decidir qual a melhor forma de nos ajudar".

Não havia nada a fazer, a não ser acompanhá-los. Teria, pelo menos, a vantagem de saber onde eles estavam. O holandês ajudou-o a pôr-se de pé, novamente. Depois, colocou-se atrás dele. Müller foi o primeiro a dirigir-se para a porta.

"Tome cuidado com aquele zelador", disse Andreas. "O cara é um ladrão".

Jan riu.

---

22 Em grego no original. Em português, "Parabéns!" (N.T.).

23

"Temos que conversar, Sr. Spear. Matthew. Não podemos esperar mais". Ana já argumentara com todas as forças recomendando que ele não fosse para a cidade. Até mesmo seus pais, que sabiam pouco do que estava acontecendo, tentaram proibi-lo. Mas seu trabalho não iria esperar para sempre. Nevins, o chefe do seu departamento, tinha mostrado enorme paciência com as contínuas ausências de Matthew, mas o consultor jurídico queria uma reunião para discutir o negócio do ícone, na qual uma suspensão poderia perfeitamente ser resolvida. Ele prometeu a Ana que iria diretamente do trem para o museu, ficaria lá o dia inteiro e voltaria o mais cedo possível. Mas, depois de ler as páginas que Carol deixara em sua escrivaninha, sua mente já não conseguia se concentrar no trabalho, e os olhares estranhos e as perguntas curiosas de seus colegas finalmente o fizeram sair de sua sala e refugiar-se na relativa calma da ala islâmica. Ali, diante do azul brilhante do mihrab iraniano que cobria toda a parede, o padre o encontrou.

"Padre John".

"Me chame de Ioannes, por favor. Você me disse que era grego".

A luz refletida pelos milhares de azulejos turquesas dava ao rosto do homem uma palidez doentia.

Não havia nenhum sorriso desta vez, apenas uma extrema preocupação e uma esforçada tentativa de disfarçá-la.

"É verdade, eu disse", confessou Matthew. "Nem sei por quê. Sou americano, é lógico.

Alguém lhe disse para me encontrar aqui?”

"Um dos seus colegas. Não se aborreça, as pessoas contam tudo para um padre. Pelo jeito, você vem sempre para esta sala. Posso entender por quê. É muito bonita".

"E sossegada. Lamento que as salas bizantinas ainda não estejam prontas. Por enquanto, temos de passar por cima das fronteiras e religiões".

"Os ortodoxos e os muçulmanos têm muita coisa em comum. Só um tolo não percebe isso. Você leu o material que eu te deixei?”

"Li".

"E?”

"Eu decidi não me meter mais nesse assunto. É perigoso demais para

amadores. Algumas pessoas já se feriram".

"Algumas pessoas foram mortas. E outras ainda morrerão".

"Talvez não haja nada que eu possa fazer a respeito. Só corro o risco de me tornar uma delas. O

senhor também, padre. Esses sujeitos não se importam com quem eles machucam. Outros padres já morreram, antes".

"Não estou preocupado com isso. E não estou pedindo que você se exponha a nenhum perigo, só quero que fale comigo. Você sabe onde está o seu padrinho, agora?"

"Não".

Ioannes o encarou por longos momentos. Apesar da absoluta verdade do que dissera, o olhar do padre o deixava desconfortável.

"Não tem idéia?"

"Olha, o que o senhor pensa que pode fazer? Acha que pode proteger o ícone? Acha que pode levá-lo de volta para a Grécia, sem ser interceptado? Acredita mesmo que a sua Igreja corrupta possa protegê-lo?"

A expressão calma não se alterou diante das palavras duras.

"Não tenho respostas certas para estas perguntas, mas meus receios são semelhantes aos seus. É por isso que eu acho necessária uma solução mais permanente. Vamos continuar discutindo o assunto aqui, ou devemos ir para algum lugar mais privativo?"

Matthew olhou em volta e não viu nada. Alguma coisa nas palavras do padre o tinha abalado, e ele sabia que precisava continuar com a conversa. Onde? Que cafeteria seria silenciosa e reservada o suficiente?

Restaria algum lugar seguro?

"Tenho de terminar algumas coisas. Depois, vamos conversar".

Matthew passou mais meia hora terminando um memorando de compra e revendo a crescente pilha de relatórios e recados telefônicos que teria de responder no dia seguinte. A maquete em papelão das novas salas bizantinas estava sobre uma mesa bem na frente da porta, do lado de fora da sua pequena e mal arejada sala e ele, ao passar, olhou para o projeto. Seu mais brilhante trabalho naquele museu; as obras já tinham sido iniciadas nos espaços ao lado e diretamente embaixo da grande escadaria. Mas, ele já não conseguia se concentrar naquilo. Já não conseguia nem ao menos disfarçar. Quando saiu, Nevins lançou-lhe um olhar significativo. Certamente seria despedido.

O padre John passeava pelo amplo hall da ala medieval quando Matthew veio até ele. Não fez nenhuma pergunta enquanto Matthew o levava, através das

ruas movimentadas de Yorkville, até seu apartamento. O rapaz não conseguira pensar em nenhum local mais apropriado e lá ele poderia, no mínimo, se trancar e ter um telefone à mão. Tinha decorado os números dos telefones de Andreas e Benny.

Surpreendentemente, o padre aceitou uma cerveja, que bebeu lentamente, num copo de iogurte.

Matthew deixou as cortinas fechadas e acendeu uma pequena vela para minimizar a luz que alguém poderia ver através das janelas. Isso criou uma atmosfera mais lúgubre do que desejaria.

"Então, você está convencido?" O padre Ioannes fez um gesto indicando as páginas espalhadas sobre a mesa da cozinha. "É o mesmo ícone?”

"Não diria que estou convencido. Mas é bem possível".

"E isso não significa nada para você?”

"Não muda a natureza da obra ou a finalidade para a qual foi criada. Curar. Engendrar fé. Presumo que isso explique por que as pessoas que conhecem a gênese do ícone estão dispostas a matar por ele. É

excepcionalmente antigo e construído sobre um artefato ainda mais antigo e incomensuravelmente precioso".

"O pedaço do manto".

"Empapado com o sangue de Cristo".

O silencioso assombro nas palavras, ditas por um velho sacerdote atrás de uma vela bruxuleante, primeiro assustou, depois aborreceu Matthew.

"Se o senhor resolver acreditar nisso".

"Por que não acreditar?”

"Porque existem inúmeras asserções de coisas assim, pedaços da verdadeira cruz, ossos de dedos de santos, a coroa de espinhos, a espada de Longinus".

"Indiscutivelmente, a maioria é falsa. E, muito provavelmente, muitas são verdadeiras. O ícone tem um poder; você mesmo sentiu. Este poder vem de algum lugar".

"Da fé", insistiu Matthew, "não é verdade? A imagem inspira a fé e o poder é dado por Deus. Por si só, o ícone não tem poder nenhum. Não mais do que o crânio de São Pedro ou o osso do polegar de São Paulo. Segundo me parece, a sua gente teve uma grande briga sobre este assunto há mil anos. Iconoclasmo.

A destruição das imagens. Eu não concordo com eles, mas eles tinham razão em parte e forçaram uma distinção. Proskynesis, o tipo de veneração que se pode ter diante de uma imagem, contra a latreia, a verdadeira adoração, que se reserva unicamente a Deus. É assim?”

Ioannes colocou seu copo na mesa.

"Você não precisava me dar uma aula. Eu entendo o seu ponto, mas o seu raciocínio é falso. Claro que um ícone é somente madeira e tinta, inútil em si mesmo. Não se pode comparar uma coisa dessas com o sangue do Senhor. Nem mesmo os ossos de um santo podem ser comparados. Atravessa-se uma linha divisória quando se trata da própria substância de Cristo. Não há nada mais precioso, nada mais poderoso".

"Erro meu. Mas, por que acreditar que seja genuíno? Existem pelo menos dois ícones famosos por sua associação com o manto que a Virgem Maria vestia, ambos desaparecidos. Este aqui não parece casar com o que eu li sobre os outros, então, o que temos aqui? Um terceiro, cuja existência era desconhecida?”

"Era conhecida. O fragmento de Theodoros que eu te deixei. O conhecimento foi perdido".

"Por que Theodoros, o Cego, conhecia essa história e ninguém mais? Por que isso não aparece em nenhum outro lugar?”

"Não se conhece muita coisa sobre essa época. Freqüentemente, temos de nos ater a uma única fonte".

"E, por falar nisso, por que eu nunca tinha lido esta passagem, se li todo Theodoros?”

"Ela não aparece nas traduções normais. Foi encontrada, oitenta anos atrás, numa cópia muito antiga de um manuscrito, em algum lugar da Europa Central, Viena, se não me engano. Por um homem chamado Müller. Poucos anos depois, ele foi para a Grécia para se apossar do ícone, mas não conseguiu. O

padre com quem ele tentou negociar suspeitou dos seus motivos e contou suas preocupações para outros aldeões, inclusive para um coroinha muito curioso e com pouco respeito pela propriedade alheia. O garoto roubou os papéis do Müller e deu-os para o padre, que os escondeu num monastério próximo. O filho deste Müller, que se tornou oficial nazista, também tinha uma cópia dos papéis e sabia o que eles diziam. Mais tarde, ele também foi para a Grécia. Acho que esta história você já conhece".

Matthew assentiu. O padre sabia tudo o que ele sabia, e muito mais.

"E o senhor leu estes papéis no monastério?”

"Sim".

"Muito bem. Vamos presumir que o Theodoros tenha escrito a verdade, até onde ele a conhecia.

Que este pedaço do manto esteja realmente dentro do ícone. Ainda teremos de acreditar que o que Helena trouxe de Jerusalém é o manto da Virgem Maria.

Existe aí um lapso de mais de trezentos anos. Quem esteve de posse do manto todo esse tempo? Quem poderá autenticá-lo? Quem, tendo ficado com ele tanto tempo, estaria disposto a cedê-lo para a mãe de um imperador pagão?”

"Os árabes. Eles não ligam para o manto".

"Por que estaria com eles?”

"Eles estavam com a cruz, e a deram para ela".

"Se o senhor acreditar nessa história".

A vela bruxuleou furiosamente e Matthew percebeu que era a sua respiração que provocava aquilo.

Ioannes fixou os olhos na chama tremeluzente e jogou as mãos para o alto, num gesto de rendição.

"Estamos andando em círculos. Essa discussão começa a parecer uma outra, mais básica. O homem que crê na razão exige provas em troca de sua crença. O homem de Deus pode, também, acreditar na razão, mas sabe que ela só o leva até certo ponto, que ele terá de dar um passo a mais, entrar no desconhecido. Ele usa sua mente para guiá-lo, até que chega a esse ponto inefável, a porta do mistério. Nesse momento, ele começa a pensar com o coração, indo em frente ou voltando atrás. Você é um homem que crê na razão. Ótimo. Mas, diga-me, quando você esteve diante daquela imagem, quando tocou a madeira, não sentiu um poder diferente? Diga a verdade".

Matthew tinha quase reprimido a hipnótica experiência de ter estado diante do ícone. Uma parte era devida à arte - os olhos tristes, as sombras envolventes -, mas com a imagem tão danificada quanto estava, o valor artístico por si só não era suficiente para explicar sua reação. E, quando vira a obra pela primeira vez, não sabia nada sobre o manto e a sua história.

"Eu senti alguma coisa. É difícil descrever, ou dizer o que significava".

"Nem precisa tentar. Eu também senti".

"O senhor viu o ícone?”

"Sim, eu o conheço muito bem".

"Como?”

"Eu cresci na vila em que ele estava. Exatamente como o seu Papou, mas eu era muito mais novo que ele".

"Então, o senhor o conheceu".

"Acho que eu já te disse isso. Não muito bem, ele foi para Atenas "Acho que eu já te disse isso.

Não muito bem, ele foi para Atenas quando eu ainda era um menino e só voltou para se juntar aos guerrilheiros quando os alemães chegaram. Para dizer a

verdade, eu nem me lembro de tê-lo encontrado até a manhã em que ele pegou a mim e ao meu irmão na capela abandonada".

"Meu Deus!", exclamou Matthew; entendendo imediatamente. "O senhor é irmão do Kosta".

"Então, você conhece esta história".

"Eu sei o que o meu avô me contou".

"Eu gostaria de saber o que ele disse. Por favor".

"Seu pai pôs fogo na igreja e roubou o ícone. O Kosta matou o Mikalis, o padre, quando ele tentou impedir. Depois, o seu pai mandou o senhor e o seu irmão se esconderem na capela enquanto ele... eu não sei o que ele pretendia fazer. Fazer uma troca com o ícone ou guardá-lo para vender quando a poeira baixasse. Ele contou ao meu avô onde encontrar o senhor quando percebeu que, mais cedo ou mais tarde, o meu padrinho ia arrancar a verdade dele. Presumindo que o Andreas fosse poupar a sua vida. O Fotis matou o seu pai. Meu avô encontrou a capela, matou seu irmão e recuperou o ícone".

O padre ficou calado enquanto Matthew falava, suas mãos grandes agarrando o tampo da mesa.

Ocorreu a Matthew que o velho poderia estar ouvindo algumas destas coisas pela primeira vez.

"Eu não sei", começou Ioannes, lentamente, "sobre todas estas coisas que você me contou.

Passaram-se anos antes que eu ouvisse a história completa e mesmo assim, sempre apenas pequenos fragmentos de diferentes pessoas. O incêndio na igreja foi um mistério. Ninguém sabia com certeza quem tinha começado. Muitos diziam que foram os alemães. Outros acusavam os andartes. O nome do seu avô esteve na boca de muita gente, também".

"O ateu. É lógico que jogariam a culpa nele".

"Sem dúvida. E eu não posso excluir a possibilidade de que seu avô tenha contado a verdade, que o meu pai foi o responsável. Eu era muito criança para entender o que estava acontecendo. Eu me lembro de ter atirado no seu avô com aquela enorme pistola, rezando para matá-lo e, ao meu irmão. Com dez anos, eu mal conseguia levantar aquela pistola. O seu avô era como um fantasma. Dizia-se que ele podia desaparecer no ar e eu acreditava que ele pudesse mesmo. Desapareceu da encosta pedregosa e, de repente, estava entrando pela porta, do tamanho de um gigante, um anjo vingador. Deve ter-me dado um soco. Eu não me lembro. Só me lembro quando acordei. Eles estavam discutindo, um xingando o outro quando o Andreas deu um passo à frente e deu um tiro na

cabeça do Kosta. Simplesmente, deu um tiro nele".

"Deve ter sido horrível assistir a tudo aquilo".

O padre anuiu vigorosamente.

"Eu já tinha visto os alemães matarem pessoas, gente que eu conhecia. E eu sabia da existência dos comunistas, dos contrabandistas do mercado negro, como o meu pai, dos colaboradores, então eu sabia que minha própria gente matava um ao outro, mas nunca tinha visto. Ver o meu irmão morrer foi, sim, foi horrível, mas foi estranho, também. Eu tinha sido atingido na cabeça e estava meio tonto, me sentindo doente, então, no começo, não sabia se era de verdade. E o Kosta tinha se queimado horrivelmente no incêndio. Estava desfigurado, morrendo de dor. Não sei se ele queria continuar vivendo daquele jeito. Eu acredito que o seu avô fez uma coisa misericordiosa. Talvez tenha feito de propósito. O que não me impediu de odiá-lo, por muitos anos".

"É espantoso que o seu irmão tenha conseguido chegar à capela, no estado em que estava. O

senhor deve tê-lo carregado até lá".

"Não, eu não podia encostar nele por causa das queimaduras. Mas ele se apoiou em mim com uma das mãos e tinha um bastão enorme, como um cajado, na outra. Gemia a cada passo. Devíamos ter formado uma visão e tanto. Algum profeta louco e seu discípulo. Mas eu acho que ninguém nos viu e eu levava o ícone debaixo do braço, cuidadosamente embalado. Era um pacote meio desajeitado e eu tive de carregá-lo por horas, mas parecia não pesar nada. Era a carga mais leve que se pode imaginar. Eu me lembro de tê-lo desembrulhado na pequena mesa do altar da capela, logo depois de acender uma vela, de ver aqueles olhos e de cair vítima daquele encanto. Foi aí que eu senti a força dele. Muito maior do que eu sonhava poder existir, quase tão grande que um homem não conseguia nem experimentar. Fiquei maravilhado, até mesmo apavorado. Foi um bom preparo para o que viria a seguir".

"O Andreas te levou para o monastério?”

"Engraçado, não? O ateu foi o instrumento que fez com que eu descobrisse a minha fé. Ele devia ter-me matado, era a coisa mais sensata a fazer. Talvez não tenha acabado comigo por causa do acordo com o meu pai".

"Talvez simplesmente não fosse capaz de uma coisa dessas".

"É, foi o que eu achei depois, quando pensei melhor no assunto. Mas para mim é um prazer saber que meu pai negociou para salvar a minha vida. É muito difícil desprezar um pai, mas, no meu caso, o mais difícil seria não desprezar. O ícone o enlouqueceu. Ele era o coroinha que roubou os papéis do velho Müller, e

se lembrava do que estava escrito neles. Eu o ouvi falar sobre isso com o meu irmão, mas a lembrança disso só me voltou quando eu mesmo li aquelas páginas. Ele destruiu a minha família e se destruiu a si mesmo. Esta informação de que ele tenha rogado pela minha vida antes de morrer, é um presente para mim.

Eu te agradeço muito por ela".

"E o senhor ficou no monastério", disse Matthew, um pouco surpreso e sentindo uma estranha ansiedade. "Tornou-se padre mesmo depois de tudo o que viu".

"O que me restava fazer depois de tudo o que eu tinha visto? Enlouquecer ou encontrar Deus. Eu ainda era jovem o suficiente para acreditar que havia um propósito maior por trás do horror que testemunhara. Tinha perdido minha mãe no ano anterior, e depois meu pai e meu irmão, juntos. Minhas irmãs estavam casadas e tinham ido embora, não havia nada em que eu pudesse me apoiar. Minha alma estava desolada, mas meu coração e minha mente estavam abertos. Eu estava pronto para receber a Palavra.

Tive muita sorte. Alguns anos mais e eu teria me transformado num cínico cruel. Teria virado minhas costas para Cristo, como o seu avô fez, como muitos jovens fizeram durante aqueles anos. Quando minha irmã me encontrou no monastério, dois anos depois, eu não queria sair dali. Estava na minha casa".

"Mas o senhor saiu. Eu não sei qual é a sua posição na Igreja, mas seu inglês é fluente e o senhor é encarregado de missões importantes. Esta não é a vida de um monge".

"Mais condizente com um político ou um espião, certo? Posso te garantir que eu não nasci para esse tipo de coisa. Mas tive sorte até com o meu mentor. Um monastério pode ser um lugar difícil para um menino viver, mas o abade era um homem gentil, e seu avô deve ter-lhe contado a minha história. Não haveria outra razão para ele me aceitar. Ele percebeu imediatamente que eu não estava preparado para os rigores da disciplina religiosa, e me ensinou lentamente, com extrema paciência. Aprendi inglês, um pouco de francês e, quando fiquei mais velho, me permitiram até mesmo ler alguma filosofia religiosa. Os ortodoxos sempre enfatizaram a importância do ascetismo e da oração, acima do conhecimento. Meu abade era mais cosmopolita e sabia que a vida no monastério era meramente um local de passagem para ele. Talvez sentisse que isso fosse verdade para mim, também. Ou pode ser que eu lhe dê crédito demais. Talvez ele simplesmente precisasse de um protegido e ali estava eu, inteligente e jovem bastante para ser modelado segundo os seus propósitos".

"O que aconteceu com ele?”

"Agora, já está morto, mas fez carreira na hierarquia da Igreja, chegando até o Sínodo Sagrado.

Acho que ele esperava que, com o tempo, eu o substituísse, mas eu era muito sonhador e muito pouco político. Outro dos protegidos dele foi colocado no cargo e é a este homem que eu sirvo, agora".

"O homem que te mandou para cá".

A expressão do padre se turvou e ele desviou os olhos de Matthew.

"Ele me mandou para cá, sim, porque eu era capaz de identificar o ícone e porque eu já fizera alguns trabalhos aqui, antes. Mas o Tomas e o seu padrinho estavam na nossa frente e aconteceram mais assassinatos".

"Mais? O senhor quer dizer além daqueles durante a guerra, ou houve outros depois da guerra?”

"Quero dizer, desde que o ícone existe", murmurou Ioannes. "O ícone carrega morte em sua esteira. Já não sabemos mais como lidar com uma peça tão preciosa. Ela nos assoberba, nos domina, deixa-nos dominados pelo desejo de possuí-la. Nesses dias todos que passei procurando por ela, procurando por você, tive tempo para pensar. Eu acredito que tudo o que acontece, mesmo as coisas mais terríveis, acontece por uma razão. Me foi dado este tempo para que eu aprendesse as lições do meu próprio espírito. Minha missão já não é mais a mesma da qual fui encarregado. Eu ouvi vozes".

O tom de estupefação retornara. O padre tinha duas personalidades - de homem do mundo e de crente arrebatado - e elas estavam começando a se alternar com rapidez assustadora. De repente, Matthew começou a se perguntar se Ioannes não estaria um pouco desequilibrado.

"O que disseram essas vozes?”

"Muitas coisas. Que devem ser interpretadas".

"Mas o senhor chegou a alguma conclusão?”

"Não uma conclusão absoluta. De qualquer maneira, não é uma coisa que você gostaria de ouvir".

"Conte-me, padre". Mas, mesmo enquanto falava, Matthew percebeu que já sabia o que o padre ia dizer.

"Eu acredito piamente que esta guerra vá continuar, os assassinatos vão continuar, enquanto o ícone existir para tentar os fracos. E a maioria de nós é composta de criaturas fracas. Ele foi criado para uma outra época; não pode continuar existindo na nossa. É muito poderoso para uma sociedade moderna, descrente como a nossa. Tem de ser devolvido para o poder que inspirou a sua criação".

"O senhor está dizendo que ele tem de ser destruído".

"Exatamente".

Ambos ficaram calados enquanto a idéia tomava substância entre eles, uma ponte ou uma barreira.

Matthew gostaria de se manter racional, de questionar as afirmativas do padre com frio desprendimento, mas era impossível. A idéia era monstruosa, até mesmo sacrílega.

"Eu creio", começou o rapaz, lentamente, "que o senhor está se esquecendo de todo o bem associado ao ícone, e dando muito valor a uns velhos gananciosos. O senhor não está considerando todas as curas milagrosas, reportadas através dos anos. E mesmo que, afinal, tudo não passe da influência da mente sobre o corpo, será que não deveríamos respeitar o objeto que tem o poder de inspirar uma coisa dessas?”

"Não há dúvidas de que as curas ocorreram. Na minha juventude, eu vi mulheres serem curadas de artrite e um cego voltar a ver com um único toque. Eram almas descrentes, gente pobre, que sempre foram os favoritos de Cristo, e o contato deles com o ícone foi breve. Compare esses casos com os poucos que tiveram a obra em seu poder por longos períodos de tempo. O Ali Pasha, o Müller, o Kessler. Almas cobiçosas, que podem ter vivido vidas longas, mas não felizes. Passaram anos competindo, sofreram doenças, viram seus entes queridos morrerem cedo. E veja todos aqueles que tentaram possuí-lo, como acabaram sempre sofrendo, de uma maneira ou de outra. Meu pai e meu irmão são o caso típico. Veja as vidas que o ícone usou e distorceu. Seu próprio padrinho. Veja o que a obra começou a fazer com você".

"Não me inclua neste grupo, padre. Tenho tentado sair dessa história".

"E está indo bem, mas eu me pergunto se você tem chance de conseguir. O Müller e o Dragoumis se afastaram do ícone por anos, numa determinada época, mas foram como que arrastados de volta para ele.

Eu preciso de alguém como você, que já experimentou o poder do ícone, para ser meu aliado neste caso, para me entender. O ícone carrega a morte com ele".

"Como isso pode ser verdade, se ele contém o sangue de Cristo?”

"Onde está a contradição?", perguntou o padre. "Cristo esteve cercado de morte. A morte perseguiu todos os seus seguidores, com exceção dos tímidos e, desde então, milhões morreram em Seu nome. A promessa de Cristo é a salvação da alma, não uma vida longa na terra".

Matthew tentou engendrar uma resposta, mas sua mente estava tomada de

medo e hesitação, e ele não conseguia atinar com nenhuma resposta lógica. O pensamento do padre estava equivocado. Não só equivocado, mas perigosamente simplista, um produto, sem dúvida, das suas próprias experiências brutais.

Compreensível, mas de alguma forma, ele teria de aprumar Ioannes, antes que ele fizesse alguma coisa precipitada.

O telefone tocou, dando um susto nos dois. Matthew achava que já era tarde da noite, mas o relógio dizia que não, mesmo que lá fora tudo já estivesse escuro. A vela tinha acabado, era feita apenas para curtas emergências. Ele sabia que deveria deixar o telefone tocar, mas uma urgência incontrolável fez com que fosse até o balcão e atendesse.

"Alô".

"Sr. Spear, fico muito satisfeito de ter, finalmente, encontrado o senhor em casa". Era uma voz de velho, que ele não conhecia, e Matthew sentiu, instantaneamente, que cometera um erro em atender. "Temos muito pouco tempo, de maneira que vou diretamente ao assunto. Seu avô está conosco e é fundamental que o senhor converse comigo sobre o ícone. Eu entendo que o seu conhecimento sobre o atual paradeiro da obra possa ser um pouco impreciso, mas sou obrigado a insistir que o senhor me conte tudo o que sabe. O senhor entendeu?”

"Meu avô". Que diabos era aquilo? Uma ameaça, sem dúvida, mas vinda de quem?

"Sim, o Andreas está conosco. Estamos nos dando às mil maravilhas, mas o senhor sabe, essas coisas não costumam durar".

"Ouça. Quem é você?" Não, aquela era uma pergunta idiota. "Ponha o Andreas na linha".

"Claro. Mas por pouco tempo".

"Paidemou". A voz do velho estava sonolenta. "Não faça nada. eu já expliquei para estes príncipes que você não sabe nada, mas os dois são mais teimosos que uma mula. Diga...".

"Bem", a primeira voz voltou ao telefone, "isto não foi muito construtivo, mas pelo menos o senhor sabe que ele está conosco e está bem. Agora, Sr. Spear, eu não posso ficar muito tempo neste telefone. Por favor, fale comigo".

"Eu não sei o que dizer". Que confusão. Eles estavam mesmo com o velho. Seriam os mesmos que tinham perseguido Fotis e Ana? Ele apertou o fone nas mãos. "Nós deveríamos nos falar pessoalmente, não deveríamos? Em algum lugar público. Com o meu avô junto".

"Um encontro será uma excelente idéia, assim que eu me convencer que o

senhor tem algo a nos dar. Mas, antes, o senhor precisa me convencer disso".

"Por que eu diria alguma coisa pelo telefone? Vamos fazer uma troca, certo?”

"Isso depende do valor da informação. O senhor sabe onde está o seu padrinho, neste momento?”

"Tenho um excelente palpite. Sei que isso não é suficiente. Deixe-me verificar e eu entro em contato amanhã".

"Ele está nas proximidades de Nova York?”

"Se meu palpite estiver certo. Como posso entrar em contato com o senhor?”

"Não pode. Eu ligo amanhã".

"Eu não estarei aqui. Anote o número do meu celular".

Matthew passou o número lentamente, os algarismos dançando em seu cérebro aterrorizado.

"Muito bem. Não seria necessário recomendar, mas mesmo assim eu o faço, que o senhor não deve incluir nenhuma autoridade nem ninguém mais na busca que realizar. Tenho certeza de que o senhor entende".

"Olhe, na verdade, o meu avô não está envolvido em nada disso. Meu padrinho e eu o arrastamos para dentro da história. Portanto, vá com calma com ele".

"Não tenho nenhuma vontade de pressionar. Até amanhã, Sr. Spear".

Quando Matthew desligou o telefone, o padre John olhava para ele, com compreensão.

"Você sabe quem é?”

"Não. Pode ser o tal Del Karos. Um colecionador da América do Sul que tentou agarrar a Ana Kessier, poucos dias atrás. Mas pode ser outra pessoa".

"Você devia chamar a polícia imediatamente".

"Eu sei que devia. Mas ele deixou claro que, se eu fizesse isso, machucaria Andreas".

"Coisa que eles podem fazer, de um jeito ou de outro".

"Eu sei. Tenho de tentar uma coisa. Preciso falar com uma pessoa". Ele lutou para reconstruir um mapa na sua cabeça, as ruas do nordeste de Westchester, aquela viagem de um dia, com Robin, para tentar encontrar a casa de Fotis. A afirmação do Cobra, negando que tivesse comprado a propriedade que cobiçara por tantos meses, não fora convincente, nem mesmo naquele dia no parque; e, semanas depois, sozinho no seu quarto de hotel em Salônica, Matthew adivinhara a razão daquela negativa. Mas, seria capaz de encontrar a casa novamente, sem a ajuda de Robin? Não de noite, mas a primeira coisa a fazer na manhã seguinte, seria tentar.

"Deixe-me ajudá-lo", pediu o padre, ansioso.

Matthew encarou-o.

"Como? Se for o tipo de ajuda da qual o senhor estava falando ainda há pouco, eu acho que posso passar sem eia, padre".

"E quem mais pode te ajudar? Tudo o que eu disse antes foi com a única intenção de te convencer sobre as coisas em que acredito. Não vou forçar a barra. Quero que sejamos aliados".

Matthew suspirou fundo. Deus sabia o quanto ele precisava de amigos. Ana tinha de ser mantida fora da história. Ele gostaria de ter Benny com ele quando fosse enfrentar Del Karos, mas na conversa com Fotis, Benny seria apenas uma pedra no sapato. Portanto, o padre maluco era tudo o que lhe sobrava. De uma estranha maneira, parecia apropriado.

24

O calor do vapor o acordou. O quarto estava escuro, a cortina da janela do lado oeste semiaberta, e a luz laranja atravessava as inúmeras árvores da casa de estuque branco do outro lado da encosta. Durante os longos minutos necessários para que ele atingisse o estado de plena consciência Fotis foi regalado com esta visão calma e plácida do amanhecer, os contornos de ramos florescendo contra a luz do sol, o céu mudando-se de cinza em azul, o som real ou imaginário do canto de pássaros. O amanhecer é uma coisa primeva e ele poderia estar em centenas de lugares diferentes ou ser centenas de outros homens. Poderia ser jovem.

Então, a dor começou. Radiando da parte baixa das costas, subindo pela espinha, alcançando os ombros e pulsando pelas pernas. O agudo desconforto interrompeu seu devaneio e fez com que ele voltasse a saber quem era, com suas limitações. A coloração da luz, do lado de fora, deixou de ser uma manifestação de beleza e se tornou uma maneira de determinar que eram seis e quarenta e cinco, sem necessidade de consultar o relógio do criado-mudo. Ele apoiou os punhos contra o colchão e ajeitou-se numa posição mais ereta. Não tinha forças para mais nada no momento e, pegando o travesseiro entre seus joelhos, colocou-o nas suas costas arruinadas, reclinando-se na cabeceira da cama. Os tubos silvaram novamente, balançando o assoalho, e a válvula do aquecedor ao lado da cama começou a assobiar. O calor que saía dali o tinha confundido. Não era inverno e sim primavera, o começo de maio. Mas, naquele lugar, as noites ainda eram bastante frias e ele tinha acertado o termostato antes de se deitar. Seus ossos já não suportavam nenhuma espécie de frio.

Nesses momentos, pensando num banho quente, nos comprimidos a serem tomados depois do café da manhã, no drinque após o almoço, a dor parecia ser suportável. Mas quando chegasse o momento em que ele não pudesse mais disfarçar a agonia com esses meios tão simples, sabia que seus dias começariam em pânico e terminariam em desespero. Talvez nunca chegasse a esse ponto. Até aquele momento, a degeneração avançara bem lentamente. Talvez fosse levado embora por alguma coisa mais dramática, antes que a doença o reduzisse a um fantasma decrépito e lamentoso. Ou talvez a Nossa Senhora o salvasse. Ele não podia vê-la, mas sentia sua presença no quarto. Isso mesmo, sentia sua presença. A mesma sensação de calor, de envolvimento e bem-estar que se apossara dele

quando Tomas chegara com o pacote há quase duas semanas. Exatamente o mesmo sentimento que, há sessenta anos, sentira no corpo e na alma e que o impressionara até a medula, quando Andreas lhe mostrara o ícone pela primeira vez. Desde então, nunca mais fora o mesmo homem. Certas preocupações, certas necessidades comandaram sua vida dali em diante.

Andreas dera-lhe um extraordinário presente com aquela exibição particular na igreja vazia, iluminada apenas por velas. Mas, num outro sentido, tinha perturbado o espírito de Fotis, desorganizado sua vida, e o pior era que o próprio Andreas não se sentia nem um pouco emocionado com a obra. O ícone não passava de uma curiosidade que ele mostrava ao amigo com prazer, mas que não lhe dizia nada. Tanto amor por seus homens, e depois por sua mulher e filhos, mas um coração de pedra para seu Deus. Andreas. Eles nunca escolheram ser amigos, nem mesmo naqueles tempos, mas não importava; estavam indissoluvelmente ligados.

Fotis remexeu-se na cama, arrancado de seus pensamentos. Sentira alguém aos pés da sua cama, mas não, não havia ninguém. Nem inimigo, nem amigo. Estava completamente sozinho na mansão e tinha de se esforçar para evitar pensar nas inúmeras maneiras pelas quais um velho doente poderia morrer, solitário, numa casa. Até mesmo sair da cama era perigoso. O chuveiro seria um risco imenso. Talvez fosse melhor não arriscar. A casa era aquecida. Ele poderia se vestir, comer alguma coisa e ver como se sentia depois.

Foi um longo processo. Já não havia ninguém para ajudá-lo. Roula morrera antes que ele perdesse a força que precisaria receber dela. Era muito doloroso pensar neles juntos agora, nos anos de felicidade que poderiam ter tido. E as crianças, que ela tão desesperadamente quisera, mas Deus determinara de forma diferente. A jovem criatura que se seguira lhe fora menos que inútil; somente linda, para que servia isso? Ela esperara tornar-se sua esposa, mas ele a mandara embora, grato pela lição que recebera sobre vaidade, pronto a nunca mais repetir o erro. Sua sobrinha pertencia a Alekos, que o detestava. Os homens dependiam mais dele, mas ele os perdera todos. Phillip dirigia o restaurante e mantinha-se distante, conforme o que fora combinado entre eles. Nicholas estava no hospital, o infiel Anton fugira. Taki, agora, estava morto, o único filho da sua irmã. Fechou os olhos, tentando fechar a mente para a angústia e a culpa que o assaltavam.

Era imperativo resistir. Se ele não amenizasse o ímpeto da maré de arrependimento imediatamente, o passado o cobriria com a fúria de uma onda e todos os mortos girariam em torno dele numa dança macabra. Marko,

estrangulado num beco, olhando com olhos inchados, deitado na maca do agente funerário; Roula cuspindo seus últimos bafos de sangue, o jovem padre, queimado e sangrando, contorcendo-se aos seus pés na cripta escura. Todos eles com alguma queixa contra ele. E ele, Fotis, velho, alquebrado, morto de medo como uma criança, amaldiçoado e, mesmo assim, ainda ali. Noventa anos de vida e querendo mais. Ridículo. Repugnante. Quase cambaleou, tomado por um ódio sem-fim por si mesmo, ao deixar cair a malha que estava tentando vestir e desabar sentado na cama, novamente.

Olhar para a Nossa Senhora. Esta era a única maneira de sair daquela enrascada. Era por causa do ícone que havia toda aquela dor e preocupação. Ele girou o corpo na cama e lá estava ela. A luz ainda não era forte o suficiente para iluminá-la corretamente, mas já preenchera o quarto com um brilho quente e alaranjado que ressaltava os pontos mais brilhantes da superfície da obra. A região superior, dourada, e as partes amareladas, onde a tinta perdera a cor, criavam um contraste com o manto marrom, com as longas mãos escuras e os enormes olhos se transformavam no fulcro da pintura. Aqueles olhos prenderam o velho com sua carícia hipnótica, misericordiosa e ele não pôde deixar de sentir que, mesmo naquele ponto, onde a tinta permanecera incólume, não fora a mão do pintor que criara. A arte fora tornada inútil e estes portais se abriam diretamente para o coração da madeira. Suas escuras profundezas falavam de um tempo muito além da breve vida do artista, no inacessível e sagrado cerne do original. Ela era a primeira, anterior até mesmo ao Filho. Era a fonte, a vida. Dentro da madeira, estavam os dois. As vestimentas dela, o sangue dele, as lágrimas dela.

Não havia como um homem não se tornar pequenino diante de tal maravilha. Fotis deu boas-vindas à pequenez, seus pecados encolhendo na medida da insignificância da sua vida, das vidas que ajudara, prejudicara, eliminara. Pó. Um homem tinha de viver muito tempo para sentir aquilo, para entender a lição como ele a entendia agora, e não havia como ensiná-la aos outros. Seria necessário ter o poder transformador de uma clareza súbita, de fogo, emprestada pelo Senhor para poucos afortunados. Cristo amava os pecadores. Então, ainda havia esperança.

O tempo perdia o sentido em face de tal contemplação, mas um homem continuava sendo um homem, oprimido por necessidades. A fome trouxe o Cobra de volta do jardim das delícias para seu quarto solitário, agora totalmente iluminado pela luz da manhã. Não fazia idéia de quanto tempo transcorrera, e forçou-se a ficar de pé, enfiou-se no paletó cinza e desceu para a cozinha. Só

após ter tomado seu café e sua aveia, ele se permitiu pensar novamente na sua situação. Não era nada invejável. Entre a compra e o suborno de Tomas, ele gastara quase tudo o que tinha para conseguir o ícone. Mantê-lo, e ao mesmo tempo encontrar meios de subsistência, não seria tarefa fácil. Tinha algum dinheiro e contas numeradas em três países. A casa fora comprada em nome de Phillip e ele não contara a ninguém sobre ela, a não ser para o garoto, aparentemente. Por que tinha contado para ele? Necessidade de compartilhar seu prazer com alguém? Um simples deslize causado pela idade? A razão não importa, o que estava feito, estava feito. Mais tarde, ele dissera a Matthew que a compra não fora efetivada e o garoto não sabia a exata localização da casa, não é verdade? Perturbador não ter certeza desses detalhes. Em todo caso, Andreas poderia descobrir o que o pequeno Matthew sabia e deduzir o resto. Outras pessoas também estariam investigando, mesmo que o retorno de Fotis tivesse sido feito em segredo. A casa não poderia ser considerada segura. Ele já se deixara ficar por lá três dias, recuperando as forças. Era preciso encontrar um novo lugar para ficar por alguns dias antes de se decidir por um novo endereço, mais definitivo. Algum lugar quente. Talvez o México.

Fotis olhou pela janela da cozinha para o estreito vale que se situava a oeste. Semanas antes, tinha resolvido que era por ali o acesso mais fácil a casa e decidira instalar sensores de movimento por toda sua extensão, mas não tomara nenhuma providência a respeito. Na verdade, a folhagem do matagal não era suficiente para fornecer uma boa cobertura, mas seus olhos já não eram os mesmos e ele certamente não veria um homem a longa distância. Uma pessoa experiente poderia chegar até a casa sem ser vista, mas não poderia entrar sem ser ouvida.

Entre a cozinha e as escadas dos fundos, ficava a despensa, reformada para servir de sala de segurança. O alarme da casa era controlado de lá, e poderia ser ajustado para fazer um enorme barulhão, típico de tais engenhocas, ou um baixo bip, combinado com uma luz piscante, que mostrava o ponto exato da invasão no painel ali instalado, ou no outro, do seu quarto. Quando estava em casa, era este segundo dispositivo que Fotis usava. Por que perturbar os vizinhos? Era preferível surpreender os visitantes indesejados. Instalara também oito monitores de vídeo, alimentados por câmeras espalhadas pela casa e pelo gramado circundante. Era pouco, mas sem ter alguém para vigiá-las constantemente, todo o monitoramento era inútil, de uma maneira ou de outra. Ele simplesmente não previra perder todo o seu pessoal. O piloto, capitão Herakles, não poderia ser contratado para um serviço tão desprezível. O jovem motorista do Peugeot

poderia servir, mas não seria inteiramente confiável e, em função disso, agora descansava nas profundezas do Adriático. Só aquilo já o obrigara a pagar o triplo para Herakles. Tantos aborrecimentos.

Já estava quase saindo da sala, quando viu um movimento no monitor que cobria o portão. Um carro escuro passou entre os dois pilares de pedra e seguiu subindo lentamente pela entrada da casa. Fotis observou, sem piscar, quando o carro desaparecia da primeira tela para surgir, logo em seguida, no monitor da porta de entrada. Parecia ser o mesmo carro que ele vira Matthew dirigindo em duas ocasiões anteriores.

Quem mais, entre os homens que o estariam perseguindo, ousaria entrar diretamente na sua propriedade? A não ser que fosse uma manobra de diversão. Com a mente perfeitamente atenta, observando todos os monitores, Fotis agachou-se para abrir a porta de um gabinete cinza de onde tirou uma pequena bolsa.

Dentro, havia uma pequena pistola preta, uma velha Walther, que ganhara de um amigo do M16. Funcionava perfeitamente e tinha o tamanho e o peso certos para sua mão trêmula. Carregou-a com um pente e colocou outro no bolso do paletó. Naquele momento, não se preocupou em pensar na falta de sentido de uma troca de tiros. Não tinha grandes chances de vencer e, mesmo que conseguisse, teria de enfrentar as autoridades.

Mas, era um homem de sorte, e com a sobrevivência viriam as possibilidades. Lutaria até o fim.

As telas não mostraram mais nenhum movimento. Nada nos bosques. Ninguém na pequena encosta atrás da casa. O carro ficou parado, em silêncio, por alguns minutos, antes que Matthew abrisse a porta e descesse. Maldito garoto, por que viera? Quem estava no carro com ele? Certamente, não era Andreas, que jamais permitiria uma operação tão idiota. Seu afilhado dirigiu-se para a porta da frente e Fotis teve de engolir um pânico crescente. Por que Matthew? Mas, pensando bem, quem mais seria? Ele, em nenhuma hipótese, queria ferir o garoto, mas quem saberia dizer que espécie de jogo decisivo estava sendo jogado naquele momento? Poderia simplesmente se recusar a abrir a porta. O rapaz seria ousado o suficiente para forçá-la? E poderia Fotis permitir que ele fosse embora, agora que descobrira seu esconderijo? Ele manuseou as contas de jade no seu bolso. O instinto falou mais alto. Desativando o alarme da porta de entrada, sem ter nenhum plano em mente, Fotis foi enfrentar o afilhado.

O sorriso pregado no rosto do seu padrinho foi uma surpresa, mas Matthew percebeu que não deveria ser. O que se poderia esperar da parte do Cobra a não

ser qualquer reação contrária à expectativa? O

sorriso não escondia a fadiga e a preocupação que marcavam a boca e os olhos, a agitação nervosa que parecia retorcer todo seu corpo. A doença e as exigências de toda aquela tramóia estavam claramente matando Fotis.

"Excelente, meu garoto. Você tem de me contar como me descobriu, mas entre, por favor, entre".

Que mais ele poderia fazer? O padre não lhe garantia verdadeira proteção, apenas uma ilusão, e esta ilusão se sustentava melhor deixando um espaço físico entre eles. Matthew sabia que Ioannes não tinha a menor intenção de sumir com o carro ou de telefonar para alguém caso as coisas corressem mal; mas Fotis não sabia disso. Só depois de ter entrado, ele viu a pistola na mão do seu padrinho, mas não havia nada de estranho nisso. Tratava-se de uma criatura que estava sendo caçada, e Matthew, nas últimas semanas, já vira tantas armas que elas já não o assustavam mais.

"Quem está no carro?”

"Um amigo. Um padre, na verdade".

"Ele sabe o que está acontecendo?”

"Sabe uma parte".

"Ele não vai entrar?”

"Não".

O velho pareceu satisfeito com a resposta. Fechou e trancou a porta, dirigiu-se para as escadas, fez uma pausa e depois começou a galgá-las. A indecisão e ausência de cortesia, tão contrárias aos hábitos bajulatórios do padrinho, foram o suficiente para perturbar Matthew, mas ao mesmo tempo, ele sentia o saboroso gostinho de enxergar através da máscara. Não havia mais nada a fazer a não ser seguir o velho, tomando o cuidado de antes, silenciosamente, destravar a porta. A casa lembrava muitas outras que ele conhecia naquela área, de pedra e madeira, teto de ardósia, e maior do que parecia ser, vista de fora. As paredes internas eram pintadas de creme, repletas de estantes de livros e estavam decoradas por um grande número de paisagens impressionistas e obras de arte religiosa que, anteriormente, tinham estado guardadas nos cofres de Fotis. O calor era infernal e Matthew tirou o paletó, ao subir as escadas.

"Devo ter sido mais específico do que me lembrava sobre a localização da casa", comentou Fotis.

"Eu diria que você estaria mais interessado em saber as razões pelas quais eu estou aqui".

Fotis girou o corpo no topo da escada, seus olhos esbugalhados parecendo

comicamente enlouquecidos. A luz advinda de uma janela alta iluminou uma ferida feia e amarelada na sua têmpora esquerda.

"Por quê? Por que mais? Entre nós não há segredos. Temos fome das mesmas coisas, só espero que você entenda que minha necessidade é maior".

O velho saiu correndo corredor adentro e Matthew só conseguiu gritar às suas costas.

"Você entendeu tudo errado, Theio. Não tem nada a ver. Me ouça".

Seguindo seu padrinho, Matthew entrou num quarto grande perto dos fundos da casa. Os cobertores ainda estavam amarrotados sobre a cama enorme. A luz entrava pelas três janelas. Um telefone e um estranho console estavam em cima da velha escrivaninha de carvalho e seu padrinho estava sentado na poltrona de couro num canto, olhando fixamente para o console. Recostado ali, num aparador em cima de uma lareira apagada, estava o ícone. Era menor do que Matthew se lembrava. Na verdade, parecia diminuído sob todos os pontos de vista, não merecedor de todo o sangue e sofrimento que causara. Os olhos, aparentemente, reconheciam esta verdade. Tinham perdido sua atração magnética, sua promessa de revelação de mistérios no devido tempo, e agora pareciam apenas desesperançados. Perversamente, Matthew sentiu que esta nova visão da obra começava a fazer crescer nele um sentimento de proteção quase tão forte quanto a paixão por revelação que vinha substituir. Tomou consciência do profundo efeito que as circunstâncias reinantes quando via o ícone estavam tendo sobre suas reações. A presença de Ana provocara uma espécie de luxúria sagrada, a de seu pai um medo profundo e uma intensa necessidade de cura. E agora, esta tristeza tão apropriada. Seria por causa de Fotis? O ícone não seria mais que um condutor?

"Ele ainda te hipnotiza", comentou Fotis.

"Não", respondeu Matthew, mas não era inteiramente verdade. Só que, agora, a atração era diferente.

"Entenda bem, minha criança, eu não vou viver muito tempo mais. Quando eu me for, ele será seu, mas preciso ficar ao lado dele para morrer bem. Não me resta outra esperança. Se você tivesse visto as coisas que eu vi, não tentaria me negar isso "As coisas que você viu? Ou as coisas que você fez?”

"Quem mais sabe que você está aqui?”

Ele não ia cair na esparrela do velho: já tinha visto aquele filme antes.

"Eles estão com o Andreas".

"Quem está com ele?”

"Não tenho certeza. Acho que é este tal de Del Karos. Ele tentou pegar a Ana

Kessler, alguns dias atrás. Tenho certeza absoluta que ele tinha um acordo com os russos para se apoderar do ícone".

Fotis anuiu. "Você tem certeza que eles estão com o Andreas?”

"Eu falei com ele".

"E o que ele disse? Literalmente".

"Não muita coisa. Acho que estava drogado. Me disse para não fazer nada e se referiu aos "dois", então acho que são só duas pessoas que estão com ele".

"Ótimo. Isso é tudo?”

"Ele os chamou de "príncipes’. Achei que estivesse sendo sarcástico".

Potis ficou olhando para o rapaz por longos momentos. Matthew sabia que estava sendo estudado, mas permaneceu calmo, consciente de não estar escondendo nada. "Eles vão me ligar em breve", pressionou ele. "Esperam receber informações sobre a localização do ícone".

"Não te ocorreu que isso possa ser um golpe do seu avô?”

"O quê!? Você acha que ele armou o próprio seqüestro?”

Fotis anuiu, ainda encarando-o fixamente. Matthew chegou a conjecturar a possibilidade, um sinal seguro de quão profundamente a paranóia dos últimos dias tinha se arraigado nele.

"Não. Ele me quer fora desta história a todo custo, você nem faz idéia. Não ia armar uma situação que me faria vir atrás de você, sozinho. Você tem de saber disso".

"Talvez vocês estejam juntos nesta".

"Isso não faz sentido pela mesma razão. Você só está pensando alto, nem mesmo acredita no que está dizendo".

"Talvez".

"Temos de ajudá-lo".

"Claro que temos". Mas não havia nenhum entusiasmo nas palavras de Fotis. Ele simplesmente ficou estático, sem piscar, não mais encarando Matthew, mas armando outra arapuca, ganhando tempo.

"Então, o que quer dizer "príncipes"?”

"O Príncipe", começou Fotis, lentamente, "era como eu e o seu avô chamávamos o oficial alemão sobre o qual eu lhe falei. Algumas vezes o chamávamos de Paxá porque ele gostava de viver bem, de se cercar de tesouros roubados. Foi com ele que o Andreas fez o negócio que tirou a Nossa Senhora da Grécia".

"O Müller. O nazista que ele vem caçando estes anos todos".

"Ele mesmo".

"O Del Karos é o Müller".

"Pode ser".

"O que ele pretendeu ao me contar isso?”

"Apenas que nós deveríamos saber. Ou talvez como um aviso de que estamos tratando com alguém muito mais perigoso do que imaginávamos. Ele continua um sujeito leal, este teu avo".

"Certo, e como vamos recompensá-lo por esta lealdade?”

"Eu não tenho como ajudá-lo. Mal posso proteger a mim mesmo".

"Você tem o ícone. A vida do Andreas vale mais".

"A vida dele já está perdida. Você não contou para ele, ou para eles, sobre este lugar?”

"Claro que não".

"Então, eles não podem conseguir nada dele. Dá para entender? Ele usou sua última oportunidade para nos alertar. Se você lhes der a informação agora, ele morre do mesmo jeito e, muito provavelmente, eu e você, também. E eles pegam a Nossa Senhora. O Andreas se tornaria o instrumento da nossa morte. Você acha que é isso que ele quer? Você acha que ele quer dar ao Müller a chance de enganá-lo de novo? Nem pensar. Eles só ganham este jogo se conseguirem o ícone. Nós podemos impedir que isso aconteça. Você tem de me ajudar".

"Sei de alguém que pode nos ajudar. Ele foi do Mossad, é um amigo do Andreas. Nós não podemos desistir, temos de tentar salvar o Andreas".

"Você não entendeu nada".

A fúria balançou a já abalada estrutura de Fotis e a mão que segurava a pistola mexeu-se na sua coxa. Um som abafado levou os dois pares de olhos para o tampo da escrivaninha onde uma luz vermelha piscava no console. Fotis deu um pulo e aproximou-se da mesa.

"Talvez o seu padre tenha ficado curioso? Não. Não é a porta da frente, é nos fundos, nos fundos...".

Girou o corpo e apontou a pistola para a cabeça de Matthew. A linguagem corporal foi tão ameaçadora que Matthew se viu de mãos para cima, dando dois passos para trás.

"Theio!”

"Quem você trouxe para cá? Me diga a verdade!”

"Ninguém. Só o padre".

Fotis baixou a arma, falando mais baixo ao passar por Matthew.

"Não, nada disso, você os trouxe. Talvez sem querer, mas eles te seguiram".

Recuperando-se parcialmente, Matthew seguiu seu padrinho para fora do

quarto, com as pernas bambas. Fotis virou-se para ele e, colocando um dedo sobre os lábios, seguiu pelo corredor, não por onde tinham vindo, mas na direção oposta, entrando num outro corredor menor. No topo de uma escada estreita e íngreme, ele fez um gesto para Matthew ficar parado e começou a descer. Em segundos, tinha desaparecido numa curva e Matthew ficou lá, mudo e abandonado, olhando para o ponto onde seu padrinho desaparecera. O que fazer agora? Quem estaria lá embaixo? Deveria ir procurar Ioannes? A indecisão o deixou sem ação e, no que pareceu ser um minuto mais tarde, ouviu um som abafado vindo de baixo. Então, Fotis reapareceu. O Cobra teve de fazer um esforço para subir as escadas, mas a mão que colocou no ombro de Matthew era forte. Aproximou a boca do ouvido do afilhado.

"Deu para ouvir, mas não para ver. Tem mais alguém na porta de entrada, agora. Vamos defender o segundo andar, não deixar que eles entrem. Você sabe usar isto?”

Fotis segurava uma enorme pistola. Hesitantemente, Matthew assentiu. Seu padrinho carregou o primeiro pente tão silenciosamente quanto possível, depois colocou a arma na mão de Matthew.

"Aperte o gatilho com força. Fique aqui e atire em qualquer pessoa que tente subir esta escada".

Posicionou Matthew colado à parede, sacou a Walther de dentro da sua malha e se dirigiu para a frente da casa. Matthew ficou estático. O medo de seja o que for que estivesse para acontecer lutava contra a raiva que sentia pelos acontecimentos terem atropelado suas intenções, mas ele não tirou os olhos da escada.

Não queria se distrair com os próprios pensamentos, mas sua mente se recusava a parar. Se fosse Del Karos ou seu capanga lá embaixo, ele teria de agir sem a menor hesitação, como Fotis instruíra. Mas, e se fosse outra pessoa? O FBI, ou Benny, ou mesmo Ioannes? Se perdesse tempo em identificar o homem, teria tempo de agir? Seria capaz de olhar um estranho nos olhos e puxar o gatilho?

Ou será que aquilo não seria, mais uma vez, alguma espécie de jogo que Fotis estava fazendo com ele? Deu alguns passos atrás, até a curva do corredor, para se certificar de que o velho malandro não estivesse fugindo pela porta da frente levando o ícone com ele. Um leve barulho vindo de baixo fez com que ele voltasse ao seu posto. Então, ao ouvir o tiroteio que irrompia na frente da casa, não pôde pensar em mais nada.

25

Jan não gostava nem um pouquinho do plano, mas eles tinham poucas opções. Tinham drogado Spyridis, mas ele dissera pouco e, claramente, não sabia onde estava Dragoumis. O garoto era a melhor chance deles. Agarrá-lo teria sido o melhor plano, mas Müller pesara o tom das palavras do rapaz e concluíra que ele não tinha certeza sobre o paradeiro do padrinho. No entanto, se lhe dessem rédea solta, poderia encontrá-lo. Caso Jan tentasse pegar tanto Matthew quanto o padre, as coisas poderiam correr mal, até mesmo com a morte do garoto e, mesmo que tudo desse certo, para apenas dois homens, três reféns seriam difíceis de manter. Um já era bastante complicado. O melhor plano seria Van Meer seguir o garoto.

O holandês ficou aborrecido, o mais próximo que chegava de ficar furioso. Vigiara o apartamento de Matthew por dias a fio, e surpreendera-se com o fato de Matthew ser tão idiota a ponto de voltar para lá.

Deixe-me pegar o menino, ele insistira com Müller, ele está logo ali, dando sopa. Não teve jeito e, no fim, ele foi obrigado a seguir o plano, que se revelou tão difícil quanto previsto. Müller guiava o carro alugado com Jan ao seu lado, mas tiveram de agir rápido quando perceberam que Matthew pegara emprestado o carro de um amigo e estava a ponto de desaparecer. Jan assumiu o volante e conseguiu manter a trilha por todo o caminho para fora da cidade, pelo Bronx River Parkway, e através das estradas vicinais sinuosas do nordeste de Westchester. Jan era bom naquilo e o garoto não tinha experiência, mas, numa distância tão longa, era bem possível que Matthew percebesse que estava sendo seguido. O que significava que eles podiam estar sendo atraídos para uma emboscada.

Müller olhou para Sryridis no banco de trás, ainda inconsciente com o efeito da última injeção.

Receberia uma nova dose quando o carro parasse e, muito provavelmente, não mais acordaria neste mundo.

Os pulsos do grego estavam atados com uma corda que Jan sempre carregava exatamente para isso, e um cobertor fora jogado no colo dele para esconder suas mãos. Müller voltou a olhar para a estrada e percebeu que perdera de vista o carro de Spear.

"Onde é que ele se meteu?”

"Acabou de entrar ali, naquele portão, no muro de pedra".

"Então, por que você está passando reto?”

Jan olhou para ele com expressão de leve enfado.

"Você acha que nós devíamos entrar atrás dele? Ver se eles nos oferecem uns drinques?”

Continuaram em frente por uns cem metros, mas só viram árvores e muro, até que a propriedade acabava. Jan fez a curva e voltou, passando novamente pelo portão até chegar a uma encosta que contornava os fundos, estacionando no meio do matagal. Fez um sinal para Müller, indicando seu celular, ligado na opção walkie-talkie, e saiu do carro.

"Me dá um tempo para entrar. Depois, você entra pela frente, como planejamos".

"Certo, certo".

"Uns dez minutos deve dar. Lembre-se de que existe a possibilidade de que eu não possa falar, depois de entrar na casa".

"Já repassamos tudo isso. Vá de uma vez".

"Não fique impaciente. Estamos bem perto, agora".

Müller, irritado, sentiu que não era preciso responder e Jan se meteu no meio dos carvalhos e nogueiras, desaparecendo como se fosse um fantasma. O alemão respirou fundo e deslizou para o banco do motorista. Deixou que cinco minutos se passassem antes de engatar a marcha, olhar para os dois lados da estrada vazia e arrancar lentamente. Jan tinha razão - maldito seja, mesmo assim! -, não havia necessidade de pressa, nada de entrar em pânico. Estavam fechando o cerco. Não era hora de cometer erros estúpidos.

Ao fazer a curva e começar a subir a encosta, o muro de pedra apareceu novamente, velho e coberto de musgo e, uns trinta metros adiante, surgiram os pilares, um de cada lado do caminho. Ele estacionou no acostamento de grama, tirou seu celular e preparou-se para esperar a chamada de Jan, dando mais uma olhada em Spyridis. O grego tinha se mexido ou fora apenas conseqüência do movimento do carro? Müller olhou para a estrada, para as árvores, para o muro. Então, percebeu a minicâmera instalada num dos pilares, apontada diretamente para ele.

Puta que o pariu, ele devia ter visto antes; certamente havia câmeras espalhadas por toda parte. Por puro instinto, engatou a marcha e entrou no longo caminho de pedregulhos que levava à casa. Por que dar ao Dragoumis mais tempo para pensar? Com sorte, só haveria o velho grego para enfrentá-los. O celular, no banco ao seu lado, emitiu sons de estática, indicando que Jan estava

dentro da casa, mas não podia falar.

Müller sentiu seu coração bater descompassadamente e inspirou bem fundo o ar viciado de dentro do carro.

Estacionou no ângulo mais oblíquo possível em relação às janelas da casa, então pulou fora do veículo e correu para a porta da frente.

Não havia ninguém no carro de Spear, o que significava que ele e o padre deveriam estar dentro da casa. Muller ignorou a inevitável câmera instalada ao lado da porta e experimentou a maçaneta de cobre.

Estava destrancada. Ou Jan tinha trabalhado muito depressa, ou era uma armadilha muito óbvia. Sacou a arma de dentro do casaco e abriu a porta com sua mão livre. No primeiro momento, não aconteceu nada.

Ele podia ver um lindo tapete oriental, azul e vermelho, na base da escadaria e portas em arco que abriam para salas iluminadas pelo sol, em ambos os lados do hall. Müller entrou rapidamente, correndo em direção da escada. O primeiro estampido o assustou, mas, no momento do segundo, ele já estava no chão, rolando para o lado, seu instinto mais forte que a idade. Houve pelo menos um baque bem claro de balas atingindo a madeira. Deu um encontrão na perna pesada de alguma coisa e colocou-se de joelhos, batendo com a cabeça contra os fundos de uma enorme mesa de jantar. Através de sua visão nublada, percebeu que estava na sala de jantar - fora da linha de tiro, pensou.

Verificou se tinha algum ferimento, mas parecia estar ileso. Os tiros tinham vindo do alto das escadas. Dragoumis - se era ele mesmo - quisera que ele entrasse alguns metros dentro da casa antes de atirar, mas sua pontaria fora péssima. O alemão balançou a cabeça enquanto sua visão melhorava. Tinha tido sorte. Agora estava com os joelhos esfolados e tinha um galo na cabeça e não havia como subir aquelas escadas. Não importava; estava dentro da casa. Deu uma olhada através do hall. Havia uma enorme sala de visitas, iluminada pela luz que vinha de portas francesas, e decorada com poltronas estofadas, um sofá branco e uma mesa de vidro sobre um espesso tapete. A visão lhe lembrava a sala de uma casa que ele tivera, um lugar onde quase chegara a ser feliz. Não era hora de pensar naquilo. Havia uma porta nos fundos da sala de jantar, ao lado de uma grande arca de vidro. Numa casa como aquela tinha de haver uma escada nos fundos. Ele tinha de encontrá-la e encontrar Jan. Müller levantou-se lentamente, sentindo dores, e se dirigiu para a porta estreita.

A cozinha era grande e sombria, apesar das paredes brancas e das cortinas azuis, e havia um leve cheiro de gás no ar. Na pia, havia uma tigela e uma caneca. Além da porta por onde entrara, Müller viu mais duas. A da esquerda

parecia mais promissora, mas, mal ele tinha acabado de pensar nisso, um estrondo veio daquela direção. Uma arma de calibre maior do que a que disparara na frente, portanto havia dois homens no andar de cima. Onde estava Jan? Se o holandês tivesse sido abatido, era o fim de tudo, e ele teria sorte de sair dali com vida. Sorte. Provavelmente não era a palavra certa. Só havia uma escapatória para um homem da sua idade. Ele não ia sair dali sem o ícone, não importavam as conseqüências. Forçou-se a ir na direção de onde partira o tiro.

Um corredor curto levava para uma pequena sala cheia de armários e monitores branco e preto.

Ele viu os carros estacionados na frente da casa, diversos ângulos dos jardins vazios, a escada da porta de entrada, o padre andando de um lado para outro, na lateral da casa. Não havia cobertura do interior da casa.

Um instante depois, ergueu os olhos e viu Van Meer de pé, ao seu lado. Jan sorriu.

"Você perdeu seu chapéu".

"Foi", sussurrou Müller, reprimindo o choque por ter sido surpreendido com tanta facilidade.

"Deve ter caído por aí. O que foi aquele tiro?”

"Coisa de amador. Passou a mais de meio metro de mim, mas tem alguém lá em cima".

"E na frente, também".

Jan anuiu. "Nossa posição não é lá essas coisas. Dois contra dois e eles estão com o andar de cima.

A coisa certa a fazer é cair fora".

"Impossível. Nós não vamos perder esta chance".

Jan anuiu de novo, já esperando aquela resposta. Tinha os olhos colados na porta da cozinha, por sobre os ombros do alemão e, enquanto falavam, fazia leves movimentos de cabeça, tentando perceber qualquer som espúrio. Havia momentos em que Van Meer parecia ser pura máquina, puro cálculo, mas Müller podia ver que seu instinto de jogador fora despertado. Agora, ele não desistiria mais.

"Conto com um bônus bem compensador", disse Jan.

"Fechado. As escadas da frente são compridas e retas. Não servem".

"A dos fundos, faz uma curva. Uns quatro metros do pé até onde está o homem".

"Então, é por lá".

"Espere aqui".

Müller odiava seres inferiores que ousavam falar com ele em tom de ordem, mas estava se acostumando com aquele sujeito e ficou vigiando a entrada para a escada enquanto Jan rastejava pela cozinha. Voltou, minutos depois, com um monte de panos de prato, amarrados juntos, cheirando alguma coisa. Líquido de limpeza, provavelmente. Na outra mão, tinha uma toalha molhada. Moveram-se cautelosamente até a escada, subindo juntos pelos estreitos degraus. Jan puxou um isqueiro de prata do bolso e acendeu-o, fazendo um sinal de cabeça para Müller. O velho escorregou pela parede oposta, consciente do buraco, do tamanho de um punho, no gesso a quase um metro de distância. Antes de contornar a curva, esticou sua trêmula mão esquerda e disparou três rajadas rápidas, fazendo um tremendo barulho no espaço exíguo, depois saiu da frente. Jan pulou para o espaço aberto e jogou sua tocha acesa escada acima.

O ar se encheu do cheiro acre de fumaça. Poriam fogo na casa inteira?, pensou Müller, ainda tremendo. Seria medo ou ansiedade? Quando fora a última vez que se sentira tão nervoso, tão frágil? Jan olhava para ele com aquela maldita expressão impassível. De cima veio o barulho de alguém pisando forte na tocha incandescente. Agachado, Jan passou metade do corpo pela curva, atirou duas vezes e pulou de volta.

Ouviu-se o som de um ruído surdo e metálico no topo das escadas. O holandês voltou a se inclinar e deu um salto, saindo de vista. Muller respirou fundo e seguiu-o, pegando a toalha molhada no caminho.

A dois degraus do topo, uma nove milímetros estava jogada no chão e havia uma nódoa de sangue num canto da parede.Jan encostou-se no corredor enfumaçado, olhando para os dois lados. Müller jogou a toalha molhada sobre a tocha, pisando em cima. O chão estava chamuscado, mas não havia chama em lugar algum. Via-se buracos de balas por todo lado.

"Você acertou nele", sussurrou Müller.

"Na mão", disse Jan. "Do Spear. Ele está por perto".

"Mas desarmado".

Desarmado, ferido, certamente apavorado. Mentalmente, o alemão eliminou o garoto. Agora restava somente o Dragoumis e as chances estavam novamente a favor deles. O ícone estava lá, em algum lugar do segundo andar, ou o grego não teria abandonado o primeiro sem lutar. O corredor onde eles estavam se conectava com outro, uns quatro metros à frente, onde uma curva à direita os levaria para a frente da casa. Van Meer deu uma olhada pelo canto.

"E?", perguntou Muller.

"Nada. Um monte de portas".

"Dá para ver o topo da escada da frente?”

"Dá".

"Ótimo. Então o grego não pode bloquear a passagem sem se expor a tomar um tiro daqui. Dê a volta por trás e venha pela frente. Vamos entrar pelos dois lados".

"O Spear está por aqui, em algum lugar".

"Esquece o garoto. O que importa é o Dragoumis".

O holandês fez uma expressão de dúvida, mas acabou assentindo, desceu pelo curto corredor e desapareceu silenciosamente pela escada dos fundos. Müller foi até o canto e deu uma olhada, vendo apenas o que Jan descrevera. Era isso aí. Estavam prestes a matar o assunto. As casas vizinhas eram provavelmente muito distantes para que os estampidos fossem ouvidos e Dragoumis jamais chamaria a polícia. Tinham ele nas mãos, a não ser que cometessem algum erro crasso. Como ficar sem munição. Quantos tiros tinha dado?

Somente três, tinha quase certeza. Enfiou a mão no bolso para pegar um pente novo e, em vez disso, tirou de lá um pequeno estojo de couro. A seringa e o narcótico. Esquecera-se de aplicar uma nova injeção em Spyridis, antes de sair do carro. Provavelmente, isso não queria dizer nada; o homem estava desacordado e, além disso, amarrado. Mas, esses erros refletiam um estado mental. Ele tinha de se concentrar. Tinha de fazer tudo da forma mais perfeita se quisesse terminar aquele dia vivo. Nenhum erro mais. Seja como Jan, disse ele para suas mãos trêmulas. Uma máquina, até que aquele negócio terminasse.

O Nissan prateado de Benny veio pela rampa a toda velocidade, mal parando para Ana entrar e, em menos de um minuto, eles já estavam de volta na auto-estrada. A primeira coisa que ela tinha feito fora chamar Benny. O recado de Matthew tinha deixado poucas pistas; ele só queria que ela soubesse o que ele pretendia fazer para o caso de alguma coisa dar errada. No entanto, ele já tinha contado a ela sobre a pesquisa que fizera para encontrar a nova casa de seu padrinho, com sua velha namorada que crescera naquela região. Robin era a chave. Benny foi diretamente para o apartamento de Matthew e vasculhou-o, tentando encontrar uma agenda de endereços, o que não foi difícil. É fato conhecido que os homens são relapsos quando se trata de anotar coisas em agendas, mas Benny encontrara o número telefônico de uma tal Robin Sprague, e Ana o convencera que o melhor seria deixar que ela mesma telefonasse.

Era cedo e ela pegou a garota se aprontando para ir trabalhar. Houve o esperado aborrecimento e resistência e Ana teve de lançar mão de muitas

informações pessoais sobre Matthew para provar que tinha uma ligação próxima com ele. Então disse para Robin que ele estava em perigo - alguma coisa envolvendo seu padrinho. Robin conhecia Fotis e não teve nenhuma dificuldade em acreditar. Nos meses que tinham transcorrido ela esquecera parte dos detalhes, mas tentou reconstruir, o melhor que pôde, o caminho para a casa. Ana resolveu não contar a Benny o que descobrira e isso o obrigou a pegá-la no caminho coisa que, em função do atraso, o deixou furioso. Você está pondo a vida de Matthew em perigo, urrou ele, mas ela alegou que o desvio era pequeno e o assunto sério demais para que ela fizesse concessões. Acalmou os pais de Matthew dizendo-lhes que ia vê-lo, o que era verdade, garantiu ela. Então saiu correndo morro abaixo até a Fennimore Road e, algumas centenas de metros depois, estava na saída da Bronx River Parkway.

"Viu só? Nenhum problema", disse Ana, enquanto Benny pisava fundo no acelerador.

"O problema vai aparecer já, já. E ponha o cinto de segurança que eu vou meter o pé na tabua".

"Você acha mesmo que eles o seguiram?”

"É o que eu faria. Agora me diga para onde nós vamos".

Eles passaram pelo reservatório de Kensico e entraram em estradas vicinais mais sinuosas. Seria um passeio a ser curtido numa outra ocasião, lagos, bosques, paisagens deslumbrantes, mas Ana estava trêmula de tensão, checando cada placa e cada detalhe da vaga descrição de Robin, tentando não pensar que dependia exclusivamente dela tomar as decisões corretas a cada bifurcação. Não muito tempo depois, passaram por uma encosta coberta de bosques e logo após encontraram um muro de pedra com um portão ladeado por pilares. Ana mal pôde divisar o telhado de ardósia atrás do espesso matagal.

"É aqui, esta é a casa".

"Tem certeza?”

"Até onde dá para ter certeza, Benny. Mas a distância era, mais ou menos, esta".

Benny fez o contorno, saindo do campo de visão da casa e, voltando para um bosque, estacionou num local onde a grama amassada indicava que outro veículo estivera ali, recentemente.

"Fica aqui", ordenou ele, colocando Ana atrás do volante e fazendo com que ela se encolhesse no banco. "Mantenha os olhos na estrada e nos bosques e, se acontecer qualquer coisa estranha, dá o fora imediatamente. Não fale com ninguém e, por nada deste mundo, saia do carro". Deu um tapinha no ombro

dela. "Você fez bem em me chamar". E sumiu no meio do mato.

Ela esperou cinco minutos, depois foi atrás. Estava apavorada, mas qualquer coisa seria melhor do que ficar sentada naquele carro, imaginando o que poderia estar acontecendo dentro da casa. E estava furiosa, uma raiva que há dias, lenta, mas inexoravelmente, vinha crescendo dentro dela. A imagem do rosto enrugado, com expressão afetada, de Del Karos vinha-lhe à mente a toda hora, zombando dela. As árvores ainda não estavam completamente cobertas de folhas, mas os troncos finos estavam plantados tão próximos que ela não conseguia ver muito à frente. Cerca de trinta metros adiante, ela passou por uma abertura numa cerca de arame farpado. Atrás de um pequeno conjunto de pinheiros, havia uma valeta que, uma vez ultrapassada, dava vista para a casa, uns cem metros adiante. Subitamente, ouviu uma série de disparos vindos de dentro da casa, e tremeu violentamente. Era de se esperar, mas quem estava atirando em quem?

Ana foi por trás dos pinheiros até a entrada da casa. Havia dois carros estacionados na frente e a porta estava semiaberta. Ela se moveu rapidamente, fazendo uma curva larga que lhe permitiria, se necessário, usar os veículos como cobertura. Ao correr de um carro para outro, notou uma figura deitada no banco de trás do Marquis preto. Um velho vestindo uma capa de chuva, com um cobertor no colo e um chapéu de feltro cobrindo os olhos. A cabeça estava derreada no banco. Estaria morto? Ela tentou a maçaneta prateada e a porta se abriu. Pulou para dentro do carro.

Ana vira Andreas somente uma vez, mas, assim que ergueu o chapéu, reconheceu-o imediatamente. Nariz reto e olhos afundados. Dois dias antes, parecia jovem demais para ser o avô de Matthew, mas naquele momento parecia extremamente velho. Seus olhos escuros abriram-se lentamente, tentando entender o que se passava, mas voltaram a se fechar. Estava doente, ferido ou drogado. Ela puxou o cobertor e viu que ele estava com as mãos amarradas, os dedos brancos em função da falta de circulação.

Não havia ferimentos aparentes.

Ela precisava entrar na casa e encontrar Matthew, mas não achava que pudesse deixar Andreas sozinho. No chão do carro havia uma garrafa de água gaseificada e Ana pegou-a, abriu a tampa e derramou algumas gotas nos lábios secos de Andreas. Ele lambeu a água e tossiu.

"Sr. Spyridis, tente acordar".

Ela umedeceu as mãos na água gelada passando-as em ambos os lados do rosto dele, o que provocou murmúrios lamentosos. Sacudiu-o cuidadosamente,

depois com mais vigor. Então, molhando novamente as mãos, deu tapas em seu rosto, o que fez com que ele fechasse os punhos e por pouco não acertasse um violento soco no queixo dela. Ela recuou.

"Sr. Spyridis, tente me escutar. Sou a Ana, a Ana do Matthew O Matthew está dentro da casa. Está entendendo?"

Ele agora olhava para ela, confuso e cheio de suspeitas, mas quase acordado.

"O Matthew está dentro da casa", repetiu ela. "E o Benny também. Houve um tiroteio. O quê? O que o senhor disse?”

"Onde está o Müller?", tartamudeou ele.

"Quem?"

"O Del Karos".

"Não tenho certeza. Foi ele quem trouxe o senhor aqui? O Jan está com ele?”

"Está".

"O senhor consegue se levantar?”

Andreas fez um sinal de dúvida. Ela deu a volta no carro e puxou-o para fora pela porta que dava para a casa. Ele não conseguiu se equilibrar sozinho e caiu em cima do veículo. Nessas condições, para que diabos ele servia? Ela ficou cada vez mais impaciente, tentando entender o que ele dizia.

"O que é?”

"Armas", ele conseguiu dizer.

"Eu não tenho".

O velho suspirou e, piscando forte, começou a aspirar grandes golfadas do ar frio da primavera.

"Procure no carro", ordenou ele.

Mas não havia nada, nenhuma arma debaixo do banco ou no porta-luvas, nenhuma chave para abrir o porta-malas. Ana gastou alguns minutos para desatar o nó das cordas que prendiam os pulsos de Andreas, sentindo que o pânico fazia seu caminho de volta, penetrando fundo no seu desprendimento emocional.

Andreas massageou as mãos agora livres e olhou para a porta de entrada semiaberta.

"Espere aqui", murmurou ele, e depois foi em direção à casa, cambaleando, parecendo um bêbado ridículo. Ela quase o deixou continuar, mas depois correu até ele, enfiando o próprio ombro debaixo do seu braço esquerdo para apoiá-lo e assim eles, decididos, entraram porta adentro até serem abruptamente detidos.

Ioannes estava de pé atrás de uma barreira de loureiros nos fundos da casa e viu o homem troncudo enfiar-se resolutamente pela porta de trás. Ele vira o homem sair do meio do mato e mover-se rapidamente pelo gramado, olhando

para todos os lados, mas, mesmo assim, não vendo o padre. Outros homens tinham entrado pela porta da frente, minutos atrás, no momento em que Ioannes saíra do carro para esticar as pernas, e ele achara melhor afastar-se. Quantos estavam dentro da casa naquele momento e quem eram, não havia como dizer, mas havia, pelo menos, duas facções, já que estavam trocando tiros. Ou ninguém o tinha visto ainda, ou ninguém se importava com a presença dele. Afinal de contas, não passava de um padre.

Era muito provável que o garoto já estivesse morto, pensou Ioannes, tristemente. Estes eram homens perigosos e o jovem Matthew era um inocente. Suas chances em meio àquele tiroteio mortal não eram muito boas. Tudo estava acontecendo de novo, ainda mais uma vez. Ioannes teria de encontrar seu próprio caminho. O mais silenciosamente possível, seguiu o grandalhão para dentro da casa.

Imediatamente, mesmo antes de cruzar a porta da cozinha, ouviu mais dois tiros, estampidos bem altos, à sua direita. O grandalhão barbudo voltou para a cozinha vindo daquela direção, olhando para frente e para trás, a cabeça rápida como a de um pássaro, uma enorme pistola nas mãos. Encarou Ioannes por um curto instante, depois desviou o olhar. Virou-se num salto e correu através da cozinha, entrando numa outra porta que dava para a sala de jantar.

Ioannes cismou se porventura não teria se tornado invisível aos seus inimigos. Isto já acontecera antes, em momentos de grande necessidade, e poderia ser uma confirmação da premência e importância da sua missão. Tal poder não era concedido sem razão evidente, certamente não apenas para preservar a vida de um padre fraco e pecador. Não, ele tinha sido levado para este lugar, de maneira sobremaneira inesperada, por algum propósito. Era um instrumento. Todos eles não passavam de instrumentos, pobres cegos idiotas.

Sua mente e espírito, unidos, começaram a entoar uma doce harmonia. Seus pés o levaram, atravessando a cozinha, até o enorme fogão. O ar recendia a gás e ele notou que uma das bocas estava aberta. Esse tipo de desleixo ofendia seu senso de ordem. A voz ecoou na sua cabeça no momento em que ele estendia a mão para o controle e ele fez uma pausa para absorver a mensagem. Apenas um momento, não mais, o pensamento é um destruidor da ação. Girou o botão, abrindo ainda mais o gás, sem acender o fogo. Então, torceu também os outros três botões e as quatro bocas começaram a despejar maior quantidade de gás invisível no ambiente. Esperou cerca de um minuto até que o cheiro se tornasse forte demais, então recuou. Seria suficiente? Deu a volta. Meteu a mão atrás do fogão e puxou com força o cano que lhe parecia ser o condutor de gás,

afrouxando-o - estaria silvando? -, mas não deixando que se soltasse. Tirou o braço.

Na pia, havia uma garrafa grande de líquido de limpeza industrial que Ioannes despejou pelo chão e pelos balcões. O odor nocivo agora fazia com que ele se sentisse tonto. E agora? Por puro impulso, entrou na sala de jantar, seguindo o caminho do barbudo.

O homem estava ajoelhado atrás da comprida mesa de jantar, olhando fixamente para o hall à sua frente. Era evidente que ele estivera estático naquela posição por alguns minutos, ouvindo, esperando. Tinha de ser avisado do que estava para acontecer, e Ioannes deu um passo à frente, o chão rangendo sob seus pés.

O grandalhão virou-se imediatamente, o dedo na frente dos lábios, agitando ferozmente a arma, gesticulando para que o padre voltasse para a cozinha.

O ar explodiu com o som de tiros. O sangue irrompeu através do paletó do grandalhão e Ioannes dobrou-se, sentindo um baque no estômago. Caíram juntos, o barbudo girando sobre si mesmo para disparar contra uma figura magra que aparecera no hall.

Ao cair no chão, o padre percebeu que tinha sido atingido e esperou que a dor começasse. Virou para o lado, olhando para seu infeliz companheiro. O grandalhão conseguiu colocar-se numa posição sentada, encostado na parede, sangrando copiosamente, a camisa e o paletó vermelhos. Estava furioso.

"Filho de uma grandessíssima puta!", cuspiu ele, remexendo na camisa com uma mão e levantando a pistola com a outra. Disparou mais duas vezes, arrancando pedaços de gesso da parede oposta. "Que se foda tudo!" Olhou para seu peito ensangüentado, depois para Ioannes, balançando a cabeça. "Padrecada de merda!”

Ioannes tentou estender uma mão consoladora, mas a chegada da dor o impediu. Um longo estremecimento sacudiu o corpo do barbudo e seus olhos se fixaram num ponto distante. A pistola caiu da sua mão direita. "Padrecada de merda!", murmurou de novo e então se enrijeceu.

Tudo ficou silencioso mais uma vez. Do centro do diafragma de Ioannes, uma onda de latejante desconforto se alastrou tomando seu corpo todo, e ele teve de morder o lábio para combater a sensação álgica, respirando em curtas golfadas. O teste era sempre mais difícil do que se esperava, ele lembrou a si mesmo, mas o pensamento consolava pouco. Conseguiu agora estender a mão e envolver o tornozelo do homem cuja morte acabara de provocar. Dê repouso junto aos seus santos, Senhor, para este teu servo... ele não sabia o nome do

homem, nem ao menos se era cristão, mas o assunto seria resolvido numa esfera mais alta. Muito ferido para poder continuar a prantear, ele direcionou sua mente para a tarefa a cumprir. Tudo acontecia com um propósito. A ferida substituíra sua agitação, retirando a possibilidade de escapar, e obrigando sua mente a concentrar-se na dor. Lentamente, excruciantemente, Ioannes ergueu-se apoiado nos cotovelos e arrastou seu corpo desmantelado de volta para a cozinha.

O cheiro de gás era intenso; não tão forte quanto ele gostaria, mas ele estava no nível do chão. Um armário com gavetas ficava ao lado do fogão e ele se arrastou até lá, notando o rastro de sangue que deixava no assoalho. Tossiu, sentindo gosto de ferro. Seus membros estavam pesados demais, mas ele conseguiu abrir as gavetas procurando por uma coisa. Não havia muito tempo. O homem que atirara nele era provavelmente o mesmo que o grandalhão enfrentara no corredor de trás. Ambos tinham dado a volta na casa para emboscar o outro, e o magricela vencera a parada por causa da interferência de Ioannes. Agora, ele daria a volta novamente e daria de cara com o padre ensangüentado, esparramado no chão. Muito bem, sem problema, mas antes disso, Ioannes tinha de encontrar o que precisava.

"Padre, perdoe-me", disse uma voz brejeira, vinda do corredor de trás. "O senhor não deveria ter ficado tão perto dele. Foi um acidente".

Acidentes não existiam, pensou Ioannes, sua mão encontrando, finalmente, a caixa de papelão que ele procurava. Uma completa calma invadiu-o, uma aguda sensação de euforia causada pelas imensas possibilidades à sua frente. A exalação era tão forte que ele mal conseguia se manter consciente.

"Tenho um grande respeito pelos padres", continuou o homem, agora mais perto. "O meu tio, o senhor sabe...". Subitamente, o sujeito sentiu o cheiro e correu através da cozinha na direção do fogão.

Ioannes viu o cabelo loiro e o rosto alongado, no exato momento em que os frios olhos azuis o detectaram deitado em frente do armário. A mão do homem estava no primeiro botão, desligando-o, mas seus olhos se esbugalharam quando viram o que o padre segurava.

"Não", berrou o holandês.

"Eu te perdoo", disse Ioannes, riscando o fósforo.

26

O som abafado da explosão atingiu Matthew através das frias lajotas do chão do banheiro. Ele estava deitado lá com uma toalha ensopada de sangue em volta da mão direita, um suor melado cobrindo seu rosto e pescoço, as pernas tremendo descontroladamente. Medo ou choque, ele não sabia qual dos dois.

Ouvira vozes sussurradas vindas do corredor e, por vezes, conseguia divisar sombras em movimento pela fresta debaixo da porta fechada. Eles o encontrariam. Isto parecia certo, e ele morreria como um animal ferido, estrebuchando naquele chão. Era um pensamento doentio, mas ele não conseguia imaginar nenhuma espécie de plano.

O estrondo que veio de baixo encheu-o de perversa esperança. Era possível que tivesse sido causado pelos próprios atacantes, mas, tendo ocorrido no térreo, com que finalidade? O mais provável é que alguém mais entrara na briga e alguma engenhoca explodira prematuramente. Matthew não fazia idéia, mas tinha uma certeza: quanto mais caos. Melhor. Esperou alguns minutos para ver o que aconteceria em seguida. Não houve mais nenhum som no corredor, mas o cheiro da fumaça começou a se fazer sentir. Ele precisava dar o fora dali. Com sua mão boa, Matthew abriu, cautelosamente, a porta do banheiro. Poucos centímetros, depois um tanto mais. Nada, ainda. Finalmente, colocou-se de joelhos. Rolos de fumaça negra subiam pela escada dos fundos, atingindo o teto, e dava para ouvir o som do crepitar das chamas no andar de baixo. Rastejar com sua mão ferida era difícil, mas os vapores venenosos obrigavam-no a manter-se ao nível do chão. O mais rápido que pôde, Matthew arrastou-se até a curva do corredor e, colado à parede, até o quarto de Fotis.

Lá dentro, dois homens lutavam, jogados no tapete. O que estava em cima, usando um terno cinza, devia ser Müller. Desferia socos furiosos na cabeça de Fotis, mas não parecia ter força suficiente para causar grandes danos. A Walther estava meio-escondida debaixo da cama. Não havia sinal da arma de Müller.

Matthew deduziu que eles deviam ter-se encontrado subitamente na porta, trocando socos antes que qualquer um tivesse tido tempo de disparar. Sentiu, mais do que viu, que havia mais alguém no quarto, mas resolveu, momentaneamente, ignorar o fato.

Cambaleando, pôs-se de pé e tentou empurrar Müller usando unicamente sua mão esquerda, mas uma forte tontura e uma violenta náusea, obrigaram-no a cair

novamente sobre os joelhos. Fotis mordeu a mão de Müller e o alemão berrou, dando um soco, com muita força, na cabeça do grego. Fotis afrouxou e Müller livrou-se dele, apoiando-se no seu rosto para tentar se levantar no instante em que Matthew acertava um soco no seu queixo. A fumaça, cada vez mais densa, cobria o teto. A luz que vinha das janelas já era fraca e o ar pesava.

Matthew olhou para o lado e a outra figura estava lá, coberta pelas sombras. O homem queimado, de pé, ao lado do ícone. Formavam um par, o homem chamuscado e a Virgem arruinada, envoltos num estranho halo. Os mesmo olhos, a mesma cor nos mantos; pareciam peças que se encaixavam. O homem fazia as vezes de João Batista, o terceiro membro da trinca, do lado direito. Maria estava à esquerda, com Cristo, o objeto da veneração deles, invisível, suspenso no ar entre eles. Claro que não era real. Uma ilusão formada pela fumaça e pela luz, a alucinação de uma mente alterada, de um espírito perturbado. De fato, quando ele tentou olhar fixamente para a figura, ela pareceu perder a substância. Foi somente quando o olhar ansioso de Matthew fixou-se no ícone que o homem voltou a se corporificar, forte, com olhos enormes, solene, esperando. Havia uma escolha a fazer. Muitos antes já tinham enfrentado este dilema. Os três homens que, naquele momento, se encontravam naquele quarto, encaravam o mesmo desafio.

Müller estava de joelhos aos pés da cama. Tinha recuperado sua pistola e, tossindo furiosamente, procurava alguma coisa no paletó, talvez munição. Fotis balançava a cabeça, tentando levantar-se. Matthew observava os dois, atento a tudo. O ar estava cada vez mais venenoso e ele precisava tomar uma providência imediata. O ícone pareceu falar. Matthew conseguiu ficar parcialmente de pé e imaginou que pudesse cruzar o quarto,jogar Müller no chão, agarrar o ícone e sair correndo porta afora. Seria até fácil, mas seus pés não o obedeciam. O homem queimado olhava para ele. Não expressava nenhum juízo, nenhum propósito de ajudá-lo. Matthew lembrou-se das palavras de Ioannes. O poder do ícone era muito forte, alterava vontades e intenções. Por que ele viera a esta casa? Lembre-se. Para salvar uma vida. Não para se apossar do ícone, mas para tentar salvar uma vida.

No meio da confusão, a toalha tinha se soltado e a palma da sua mão direita sangrava abundantemente pelo orifício da bala. Matthew ignorou o fato, curvou-se profundamente sobre o tapete sujo para respirar uma última golfada de ar menos contaminado, e começou a tentar colocar seu padrinho, que se debatia, nos ombros.

"Que diabos você está tentando fazer?", protestou o Cobra.

Com as pernas bambas pelo esforço, Mathew conseguiu erguer-se e sua cabeça foi imediatamente coberta pela fumaça. Sentiu os socos fracos nas costas, as pernas envelhecidas pedalando o ar.

"Não, não, não eu, garoto. A Nossa Senhora. Salve a Nossa Senhora".

Matthew arrastou-se para fora do quarto, sem olhar para trás. O fogo já atingira a parte dos fundos do segundo andar e a visibilidade era mínima. Conseguiu encontrar o corrimão - não caindo por cima dele por puro milagre - e seguiu-o até o topo da escada da frente. Não importa quem ou o que estivesse lá embaixo, não podia ser pior do que o inferno daquele andar de cima. Fotis estava frenético.

"Seu imbecil. Volte para pegar a Nossa Senhora. Que diabo de merda você pensa que está fazendo?”

Escolhendo os vivos, pensou Matthew, ao começar a descer.

Andreas tinha feito uma longa e distante viagem até o momento em que a garota o acordou.

Visitou alguns lugares que não conhecia, outros de que se lembrava muito bem. A cripta no subterrâneo da igreja, a criança Mikalis olhando para ele com olhos de ancião. A linda Glykeria sorrindo enquanto eles passeavam pelas ruas do vilarejo. Garotos misturando barro e palha com os pés, para fazer os tijolos com que reconstruiriam suas casas queimadas. A varanda do seu velho apartamentos com Maria, jovem e morena, e Alekos brincando com soldadinhos de chumbo aos pés deles, o aroma doce da resina ao cair de uma noite de verão em Atenas. Voltou à capela na encosta do morro, com Kosta e Ioannes e, desta vez, percebeu uma coisa nova, uma coisa da qual tinha de se lembrar para contar a Matthew. Foi até a casa bem guardada de Müller, ao amanhecer; reviu a expressão do alemão ao prometer que não haveria execuções. No fim da manhã, sentou-se debaixo das velhas macieiras retorcidas, comendo pão, exausto pelo trabalho noturno, e ouviu o ordenado ruído de vinte rifles sendo engatilhados. O pão caindo da sua mão, a consciência de que tinha sido traído. Tudo revivido, desta vez com menos intensidade, sentiu o horror transformar-se em fúria, a fúria em tristeza, a tristeza em determinação. Viu o túmulo recém-cavado, a cruz de madeira no interior da Argentina, o fim da viagem.

A raiva se fora. Em meio aos seus sonhos, não conseguia mantê-la viva. O espectro loiro que entrara no apartamento de Fotis tinha os olhos iguais aos de Müller, mas, fora isso, era uma pálida imitação.

Um velho cansado, desesperançado. Andreas não conseguia forças para odiar

nem para perdoar; o sujeito era simplesmente patético. Seria preferível que morresse, mas Andreas duvidava que seria ele a matá-lo. Na verdade, antes que Ana Kessler o acordasse, ele não tinha esperanças de voltar a ver o mundo consciente.

No entanto, como fora doloroso voltar! Nos seus sonhos, estivera leve como uma brisa, capaz de ver e entender pela primeira vez acontecimentos que tinham ficado velados pelo medo, pela raiva, pela tristeza, pela luxúria. Sentira que fazia a separação entre o que importava e as preocupações menores. Como era difícil voltar ao mundo, a este corpo frágil e doentio, a esta mente fraca e indolente. Cada ferida, cada cicatriz, cada ofensa ao seu corpo e espírito através dos setenta e cinco anos de vida, tinha sido reapresentada a ele no espaço de poucos momentos. Esse brutal acúmulo de experiências constituía sua vida, e vinha mais pela frente.

Mas a Ana do Matthew era bonita e a beleza era uma coisa pela qual sempre valia a pena acordar.

A Ana do Matthew, era assim que ela chamara a si própria depois que ele quase arrancara a cabeça dela. A água fria que ela lhe jogara na cara fora eficiente, mas, naquela circunstância, lhe parecera cruel. Ele estava surpreso por continuar vivo. Não tinha idéia do paradeiro de Müller, mas parecia lógico que ele estivesse dentro da casa, com Matthew, Fotis, e Deus sabe quem mais. Andreas simplesmente fora em frente, como que carregando o próprio corpo nas costas, e não tentara se livrar da mulher quando ela lhe ofereceu o ombro como apoio.

O som da explosão dentro da casa fez com que eles parassem. Esperaram um momento antes de continuar, para ver o que viria em seguida. Quando nada aconteceu, dirigiram-se para a porta da frente de onde, agora, começava a sair fumaça.

À esquerda, havia uma sala de visitas muito bem decorada. À frente, uma escada levava ao corredor do segundo andar, que já começava a ficar tomado pela fumaça. Dos fundos do hall, pelo teto, espalhando-se por todas as salas do primeiro andar, também vinham rolos de fumaça. À direita, viam-se chamas saindo pela porta dos fundos da sala de jantar revestida de lambris de madeira escura. Uma figura ensangüentada estava encostada na parede, perto das portas francesas. Ana viu-a no mesmo instante em que Andreas.

"É o Benny", exclamou ela, correndo para ele.

"Abaixe-se", ordenou Andreas. "Mantenha-se abaixo da fumaça".

Ela abaixou-se e rastejou o resto do caminho. Muito bem, deixe ela olhar

para o Benny; a rigidez do corpo já informara a Andreas que seu amigo estava morto, mas ele afastou o pensamento. Foi na direção contrária, até a sala de visitas e, meio andando, meio se arrastando por cima do tapete oriental, cruzou-a chegando à porta que levava ao estúdio. O local estava tomado pela fumaça preta e não havia sinal de atividade lá dentro, somente o som do crepitar das chamas. Qualquer pessoa que estivesse nos fundos da casa já teria sido atingida pelo fogo e ele não estava em condições de ajudar. Voltou para o hall de entrada, o cheiro pungente já começando a lhe irritar as narinas. Onde estava Matthew? Seus olhos perscrutaram o topo da escada. Lá em cima, o ar estaria ainda pior, mas não havia nenhum outro lugar onde procurar. Ele poderia agüentar alguns minutos e, de maneira alguma, poderia encarar Alekos caso voltasse sem Matthew.

Ana estava, agora, tentando arrastar Benny através da sala de jantar.

"Ana", gritou ele. "Deixa ele aí e saia da casa!”

Ela pareceu não ouvir e ele percebeu que ir buscá-la significaria perder a chance de chegar ao segundo andar. Resolveu confiar no instinto de sobrevivência dela e começou a subir as escadas, pisando cautelosamente em cada degrau, consciente de que seria muito fácil, na sua presente condição, rolar escada abaixo. No meio do caminho, Andreas estacou subitamente quando uma estranha figura emergia de dentro da fumaceira lá em cima. Curvado sobre si mesmo, movendo-se com extremo cuidado, vinha Matthew, com Fotis nos ombros, xingando e chutando. O jovem parou a poucos metros do seu avô.

"Papou! Graças a Deus!”

"Vá em frente! Saia da casa!”

"Não suba aqui em cima".

"Não, não. Vai. Se manda logo!”

"Andreou", berrou Fotis, o rosto afogueado, os olhos inflamados, tentando agarrar seu velho camarada, ao passar por ele. "Pegue a Nossa Senhora. O Mikalis faria tudo para salvá-la. No quarto. O Príncipe está lá". O resto das suas palavras se perdeu num emaranhado de tossidas doloridas, enquanto Matthew, com uma das mãos sangrando abundantemente, descia as escadas.

Andreas olhou para cima, para o fervilhante turbilhão de fumaça. Deixa pra lá. Deixa que o fogo faça seu trabalho. Não há como sair pelos fundos. Para o diabo com tudo isso. Neste exato momento, ouviu-se uma outra tossida cortante no andar de cima e outra figura saiu de dentro da fumaceira. Duas pernas com uma forma achatada em cima delas, mãos pálidas agarrando as bordas. Aqueles olhos que Andreas não vira a mais de cinqüenta anos; escuros, olhos

amendoados sobre folhas douradas, um pedaço de manto marrom, balançando para frente e para trás, vindo na sua direção, uma pintura com pernas. Só gradualmente deu para entrever o rosto de Müller acima da moldura, os olhos azuis semicerrados, acabando de ver Andreas embaixo. Parou, mas não havia para onde ir, a não ser continuar em frente. O alemão estava quase paralisado de tanto tossir, mas uma de suas mãos desapareceu dentro do paletó e voltou portando uma pistola. Os olhos azuis encararam Andreas, gelados. Ouviu-se um tiro e Andreas encolheu-se.

Mas o disparo viera de trás, não de cima, e um buraco abriu-se no ícone, logo acima dos olhos da Mãe de Deus. Müller rodopiou violentamente para trás e caiu atravessado no topo da escada, imediatamente engolido pela fumaça, o ícone desaparecendo com ele. Andreas virou-se e viu Ana no hall, ambas as mãos segurando a pistola calibre 45 de Benny, olhos esbugalhados, não acreditando no que acabara de fazer.

Voltou a olhar para cima, mas não se via nada. Subitamente, seus pulmões já não mais conseguiam aspirar o ar, só o calor, e ele desceu as escadas o mais rapidamente possível. Ana segurou-o no pé da escada, largando a pistola. Tinha lágrimas no rosto coberto de fuligem e sua expressão era selvagem.

"O Matthew".

"Já está lá fora".

"O Benny está morto".

"Eu sei, minha criança. Temos de sair daqui".

"Não podemos deixá-lo aqui dentro".

"Não tem outro jeito. Depressa, vamos".

Saíram como tinham entrado, curvados, cambaleando, apoiados um no outro, deixando aquela casa moribunda.

Fotis estava deitado num canto de grama úmida na lateral da entrada de carros. Andreas sentou-se ao lado dele e Ana passou correndo por eles indo até onde Matthew estava ajoelhado no chão de pedregulhos, arfando e cuspindo. O corpo do Cobra estava relaxado, toda a tensão desaparecera, como se a corda que o mantinha de pé tivesse sido cortada. Somente pelos olhos, que não paravam de piscar, descobria-se que havia alguém vivo lá dentro. Seu cabelo tinha manchas de cinzas, sua têmpora esquerda estava sangrando, e sua cabeça estava coberta de escoriações. Os membros magros e frágeis, o rosto esquálido eram os mesmos que ele tinha no turbulento jantar de poucas semanas atrás, mas a energia vibrante que os animara na ocasião tinha praticamente desaparecido. Não estava somente velho, estava desgastado, morrendo. Poderia ser amanhã, pensou

Andreas, ou dentro de alguns meses, mas seria em breve.

"Bem", murmurou Fotis.

"Foi-se".

Os olhos fecharam-se por alguns instantes, depois voltaram a se abrir, dirigidos para o céu.

"Você o matou?”

"Não", respondeu Andreas, surpreso. "Foi a garota".

"A garota?" Fossem outras as circunstâncias e Fotis teria gargalhado. Naquele momento, o máximo que conseguiu foi dar uma risadinha.

Atrás deles, ouviu-se um violento troar, janelas estilhaçaram e chamas surgiram pelos batentes vazios. Em pouco tempo, a casa seria inteiramente consumida. Não sobraria nada a não ser o muro de pedra. De onde estavam, os dois velhos podiam sentir o calor.

"Vocês me mataram, também", continuou Fotis. "Todos vocês. Vocês me tiraram o que eu precisava para viver. Para quê? Para alimentar este fogo? Era melhor que ele fosse destruído do que ficar em meu poder?" Havia amargura nas suas palavras, mas pouca ênfase. "Vocês me mataram".

A ladainha cansou Andreas. Não esperava que seu amigo adquirisse sabedoria ou mesmo paz tão perto do fim, mas, ainda assim, ficou triste. Era uma pintura, nada mais. Pigmento aplicado sobre madeira, não um coração vivo, um espírito imutável, uma alma. Ele próprio a segurara e sabia. Eles eram todos loucos.

"Você está morrendo por dentro, Fotis. Ninguém pode te ajudar".

"Você pode me ajudar. Pode terminar o trabalho. Foi você quem me mostrou o ícone, fez com que ele fosse necessário na minha vida. Depois, você o tirou de mim, duas vezes. Eu não entendo por que você teve todo esse trabalho para me destruir, mas, pelo menos, acabe logo com isso".

Andreas olhou para os dois jovens. Ana estava tentando amarrar a mão de Matthew com seu lenço de cabeça.

"Mande-os irem embora", sussurrou Fotis, "para que eles não vejam. Depois, ponha o meu corpo dentro da casa, no meio do fogo. Não sou corajoso o suficiente para fazer isso sozinho, Andreou. Você tem de me ajudar".

"Não".

"E se eu te disser que matei o miserável do teu irmão?”

"Eu não acreditaria".

"Então, eu o deixei morrer. Eu estava na cripta, esperando por aquele gordo do Mavroudas".

"Mas, em vez disso, ele saiu pelo meio do incêndio. Então, o plano era seu".

"Você já sabia disso".

"Inclusive o incêndio na igreja".

"Não, isso foi idéia do Mavroudas".

"Mas você ajudou. Você concordou. Senão você não esperaria que ele usasse a cripta para escapar".

"Muito bem, então. Eu pus fogo na igreja do teu irmão. Eu o vi descer as escadas e cair aos meus pés, sangrando. E não fiz nada. Deixei-o lá, morrendo. O que é que um irmão faz com um cara que fez isso?”

"Não havia nada que você pudesse fazer. Os ferimentos eram muito sérios. Foi uma tremenda maldade deixá-lo lá daquele jeito, mas você não o matou. Seus pecados já são pesados o suficiente, você não precisa inventar mais".

"Andreou". O tom de voz de Fotis era de súplica. "Morrer de câncer é horrível. E eu tenho tido sonhos. Tenho medo de fazer o que é preciso. Você tem de me ajudar".

Nada do que Andreas acabara de descobrir o surpreendera, mas ele se sentiu profundamente abalado. Ele nunca quis que aquilo fosse verdade, tinha enterrado tudo no fundo do seu coração, aguilhoado à caça de Müller, como um meio de afastá-lo da verdade. Sua conexão com Fotis não sobreviveria a essa novidade. Ele já tinha perdido seu amigo. E não podia imaginar uma sentença pior do que aquela que a natureza já decretara. Não lhe restava nada a fazer.

"Minha vingança pelo que você fez ao Mikalis", disse ele, pegando no ombro de seu velho amigo pela última vez, ao se levantar, "é deixar você continuar vivendo".

Andreas foi lentamente até onde estavam os jovens, hesitando em invadir a intimidade deles, mas precisando lhes falar. Já se ouviam sirenes, mas ainda distantes. Um fragmento de seu sonho, ou lembrança, ou seja lá o que tivesse sido, voltou subitamente à sua mente. Uma coisa sobre a qual não pensava há mais de cinqüenta anos. Viu o ícone ao lado da mesa, perto de Kosta, o espaço entre os dois painéis cavado com alguma ferramenta. E então, depois de ter atirado no garoto, notou pequenos retalhos em cima da mesa, pedaços de tecido bege, finos como papel. E lhe ocorreu que fora um destes que Kosta colocara na boca para engolir junto com o vinho, O último sacramento. Ele tinha de contar isso ao Matthew, algum dia. Ou talvez, na verdade, não fizesse nada disso.

Ouviu-se outro estrondo e parte do telhado ruiu, arremessando punhados de faíscas vermelhas para o ar. Andreas ficou olhando, atentamente. Nada poderia

ter sobrevivido lá dentro, mas mesmo assim, ele examinou cuidadosamente as cinzas tentando identificar os ossos de Müller. O ícone não seria mais do que pó. Não haveria nenhuma prova da sua destruição. Eles teriam de confiar na lógica. Teriam de aceitar, baseados na fé.

Epílogo

Verão de 2000

Épiros, Grécia

A igreja de Katarini fora construída sobre as ruínas da sua incendiada predecessora e, se olhasse cuidadosamente, Matthew seria capaz de identificar os pontos onde as pedras antigas encontravam as novas.

Ele já estivera nesta vila e nesta igreja anteriormente, mas há muitos anos, e nunca conhecedor das memórias desenterradas por seu avô, ou com a imagem da Nossa Senhora tão clara em sua mente. De acordo com o padre, a nova construção copiava fielmente a original destruída, e Matthew tentava, com todo o empenho, imaginar o passado ainda presente naquele lugar que era os dois, ao mesmo tempo. Seria esta a janela pela qual o andarte Capitão Elias olhara procurando sinais do seu irmão? Seria este o mesmo piso de pedra que esfolara os joelhos de sua piedosa bisavó enquanto ela rezava, e sua mãe antes dela, e assim também por gerações e gerações? Seria este o pedaço de muro atrás do altar onde a Nossa Senhora estivera escondida por três anos? E depois, roubada, resgatada do incêndio, apenas para, no final, ser consumida pelo mesmo fogo?

Seria o fogo seu destino desde tempos imemoriais? Matthew não acreditava piamente na fé mas, atualmente, estava adiando seus julgamentos em muitos assuntos correlatos a este.

A igreja era grande para o tamanho do vilarejo, mas menor do que a sua imaginação tinha sonhado e suficientemente decorada com a usual variedade de apetrechos modernos para impedir sua tentativa de conjurar a História. O padre acionou um interruptor atrás dele e os candelabros luminosos, presentes em todas as igrejas gregas de hoje, espantaram qualquer sombra fantasmagórica. As imagens no iconóstase -

João, selvagem e esquálido; Maria, gentil e triste; Cristo, vestido com o manto branco e a mitra de um bispo - estavam habilmente retratados, mas sem nenhuma antiguidade ou mistério inerente a eles. A nave estava tomada por bancos de igreja sem nenhum adorno, no mesmo lugar onde, tempos atrás, eles eram bem poucos, somente para os velhos; o resto da comunidade ficava de pé, algumas vezes por horas a fio, balançando meio-adormecida aos seus pés,

entorpecida pelo incenso e pela cantilena dos sacerdotes. Havia um enorme relógio na torre da igreja, doado por um homem de negócios americano - erradicado pelos aldeões, forçado a se esconder nos morros e cavernas, ou lá embaixo, na cripta.

O padre fez um aceno. Matthew seguiu-o por uma abertura, contornando o altar onde uma estreita passagem dava acesso às câmaras internas. Na parede desta passagem, quase invisível, havia uma porta.

"Quer descer lá embaixo?", perguntou o Padre Isodoros.

Matthew colocou sua mão espalmada na porta de madeira. "Quero, sim".

Ele voltou-se e olhou para onde seu pai estava, de pé, ao lado do altar. O cabelo de Alex voltara a adquirir a tonalidade prateada, coisa que continuava surpreendendo Matthew cada vez que olhava para ele.

Sim, a fragilidade tinha desaparecido, e seu pai tinha a postura ereta e o andar decidido que tinham sido características suas antes da doença. Ele estava tentando se interessar pela igreja por causa de Matthew, mas ficava sempre olhando para o relógio, como se tivesse um compromisso em algum outro lugar.

"Pai, nós vamos até a cripta. Você vem?".

Alex balançou a cabeça.

"Não. Eu já estive lá embaixo, anos atrás, foi o suficiente. Divirta-se. Eu vou procurar a sua mãe".

"Ela não vai conseguir se perder numa vila deste tamanho".

"Não a subestime".

O padre destravou a porta, acendeu uma lanterna elétrica que estava pendurada num prego do lado de dentro, e começou a descer os estreitos degraus. Uma correnteza de ar frio bateu no rosto de Matthew, trazendo um odor forte de terra, como o de um depósito de material de jardinagem. Ele respirou fundo e seguiu o padre.

Tinham enterrado Fotis num cemitério na periferia de Ioannina. O velho tinha feito os arranjos anos antes, então a logística não foi complicada para Matthew Spear, seu executor. Em determinado momento, pareceu que somente Matthew, sua mãe e o padre estariam no enterro mas, no último momento, Alex concordara em comparecer e Andreas viera de Atenas. Mas ele não os acompanhou até a vila. Há anos não voltava para Katarini e não tinha intenção de rever o lugar. Era agora um ateniense e era lá que morreria.

Ana quisera acompanhar Matthew - ou ao menos se oferecera para isto, um gesto significativo. O incêndio, os assassinatos, toda a história envolvendo o ícone a traumatizara profundamente, e ela precisava passar algumas semanas

longe de tudo o que se relacionasse com a obra, inclusive Matthew. Mesmo depois de terem voltado a se ver, Del Karos, Benny Ezraki e a Nossa Senhora de Katarini eram assuntos proibidos.

A morte de Fotis abrira alguma coisa em Matthew, aliviara-o de uma carga. Como conseqüência disto, ou de sua intensa terapia, Ana também parecia começar a sair de sua angústia. Apesar disto, Matthew hesitara em aceitar a sua oferta. Talvez intuindo que ele também precisasse ficar uns tempos sozinho, ela fez planos para ir para Roma com sua amiga Edith. Agora, ele sentia muita saudade e se perguntava se não teria cometido um erro.

Os últimos degraus estavam muito desgastados, brilhantes pela passagem de milhares de pessoas.

Esta era a velha igreja. O Padre Isidoros caminhava devagar, erguendo a lanterna de tanto em tanto.

Matthew podia sentir a concisão da câmera, o teto baixo, as passagens estreitas. Tanta História espremida naquele espaço diminuto. Havia menos ossos expostos do que ele esperava. A maioria estava escondida nos compartimentos e talvez alguns tivessem sido levados para outro lugar. Será que alguém ainda usava o ossuário? No canto dos fundos da câmera, o padre parou e olhou para Matthew.

"Aqui. Este lugar aqui, é a sua família".

O jovem deu uma olhada nas prateleiras, mas quase não havia nenhum osso para se ver e os que havia pareciam exatamente iguais a qualquer outro. A conformidade da morte. No entanto, aqueles restos amarelados eram seus antepassados, almas que talvez seu avô tivesse conhecido em vida, não muito tempo atrás.

"Ali", continuou Isidoros, apontando para um ponto no chão, "foi onde seu tio-avô Mikalis morreu".

Matthew ajoelhou-se no local e tocou o chão empoeirado, sentindo seu toque, como se ainda pudesse haver um ponto quente no chão, onde o sangue tinha corrido. Nada. Se ele sentia alguma presença lá embaixo era espraiada por todo o lugar ao mesmo tempo, no ar, e não num local específico. Mesmo assim, ficou ajoelhado naquele lugar triste por muitos minutos, até que o padre saísse, deixando-o entregue à sua meditação. Como sempre, não conseguia rezar e, atualmente, a oração lhe parecia ainda menos necessária.

Não tinha nada a pedir, apenas uma última tarefa a cumprir.

Tirou do bolso as contas de jade, o komboloi que passara tantas horas entre os dedos do seu padrinho. Que preocupações teria absorvido, que segredos? Que

penitência podia fazer agora para um homem amaldiçoado por sua própria consciência antes que a morte o levasse? O que era a vida de um padre na gigantesca escala dos pecados de Fotis? Mikalis o tinha perdoado, ou não, em seus últimos momentos, e nada que Matthew pudesse fazer agora importaria. Ele suspirou. Uma fé tão evanescente não podia ser considerada fé. Moveu as contas entre os dedos e pensou em seu avô. Para Andreas? Poderia ser para ele?

Mas não, o velho não se importaria, o gesto não lhe diria nada.

Uma recordação, então. Como flores numa sepultura. Isto teria que ser suficiente. Sem a luz da lanterna do padre, sozinho na escuridão, Matthew colocou as contas no chão de pedra e levantou-se. Foi acometido por uma ligeira tontura e inclinou-se sobre os receptáculos de seus antepassados para se equilibrar. O ar lá embaixo era muito rarefeito para os vivos; tinha que sair. Dirigiu-se de volta para a entrada, dando uma nova olhada na câmara, fixando-a na sua mente. Perguntou-se se voltaria um dia ou se aquela seria a última vez que um Spyridis visitaria aquele espaço ancestral. Caso a conexão terminasse com ele, isto teria alguma importância? Certamente, não para os mortos.

O padre estava esperando por ele na escada e eles subiram. Saindo da cripta, a construção moderna da igreja impressionou Matthew mais fortemente. A Nossa Senhora nunca poderia voltar para aquele lugar; já não fazia mais parte daquilo. A lembrança do ícone desaparecido abriu aquele escaninho profundo e doloroso dentro dele, como já acontecera centenas de vezes nos últimos três meses. Mas, a cada vez com menor intensidade. Respirando fundo, conseguiu se estabilizar e virando-se, escondeu o rosto do padre. Ele prantearia aquela perda por muito tempo, pelo resto da vida, mas talvez o Padre Ioannes estivesse certo.

Talvez não houvesse lugar para uma obra sagrada num mundo tão descrente. A não ser num monastério.

Sim, havia uma resposta. Meteora, o Monte Atos, Santa Catarina no Sinai.(1) O mundo ainda não conhecia os tesouros escondidos nestes lugares. A Nossa Senhora de Katarini estaria perfeitamente segura. Por que ele e o Padre Ioannes não pensaram nisto quando discutiram seu destino? Agora, pouco importava.

Quando eles chegaram ao pátio, o sol da tarde já se escondera atrás das montanhas e Matthew podia sentir o calor do dia se dissipando, o vento frio do fim da tarde vindo rapidamente, como costumava fazer neste local alto. Ana lhe dera o número do telefone do hotel dela em Roma. Não esperava que ele ligasse, na verdade, insistira com ele para que não o fizesse. Mas lhe dera o número. Palavras não eram confiáveis, eram falsas. Era o rosto que falava a verdade. Os olhos nunca mentiam, para quem soubesse lê-los. Ele lembrou-se da expressão

dela no dia em que a vira e a última vez. O que ela estava pedindo a ele?

Uma luz alaranjada banhou o topo de um morro distante, chamado Adelphos, o irmão menor das montanhas que ficavam atrás dele. Ele teria gostado de escalar aquele morro junto com seu avô, mas agora teria que fazê-lo sozinho. Descobrir as cavernas, talvez deixar crescer a barba e mudar de nome, viver como um andarte ou um eremita maluco. Matthew sorriu de seu próprio pensamento. Ele iria escalar aquele morro, mas não naquele dia, não naquele momento. Agora, precisava encontrar um telefone.



---

(1) Meteora - região da Grécia onde se localizam monastérios no alto de penhascos quase inacessíveis - no passado, monges e suprimentos subiam em cestas suspensas por cordas - e cercados por cavernas de eremitas. Monte Atos - local onde fica o mais importante monastério da Grécia. Santa Catarina -

monastério localizado nas proximidades do Monte Sinai, onde o Senhor apareceu a Moisés. (N.T).


DIGITAL
Source
iciados em Livros
seu grupo de compartilhamento de ebooks


epub
2014